



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marise Lemos Ribeiro

A performatividade acadêmica dos estudantes usuários da biblioteca escolar: um estudo de caso num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Marise Lemos Ribeiro

**A performatividade acadêmica dos estudantes
usuários da biblioteca escolar: um estudo
de caso num Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Educação
Área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas
Educativas

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Leonor Maria de Lima Torres

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho acadêmico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus por guiar os meus passos me dando forças e sabedoria para prosseguir, Ele é o alfa e o ômega, o princípio e o fim do conhecimento.

Minha gratidão à Professora Doutora Leonor Torres, orientadora desta dissertação, pela sabedoria, atenção, serenidade e sobretudo pela sua paciência no acompanhamento deste trabalho.

Expresso uma profunda gratidão a minha família: Zezinho, Marcello, Jéssica e Davi meu netinho querido, que me incentivam, cooperam e fortalecem o meu ânimo.

Ao meu querido e amado esposo, José Ribeiro, que sempre colaborou e esteve disponível para me ouvir ao longo de todo o meu percurso acadêmico.

À Jéssica e Jheyson pelo apoio, disponibilidade e gentileza de fazer as transcrições.

À minha mãe Maria Rosa e as minhas irmãs Marluce e Marilda pela ajuda e compreensão a mim conferida.

À bibliotecária e amiga Maria Ilza pela colaboração na construção deste trabalho.

Ao amigo Luís Mateus, pelo apoio prestado no decorrer da pesquisa.

À amiga Guadalupe Segunda pela assistência prestada.

Aos colegas de turma pela troca valorosa de conhecimento. Em especial aos amigos Halisson Leonardo, meu parceiro nos trabalhos, e Gabriela Cabral que sempre colaborou comigo me dando força para prosseguir.

Ao Instituto Federal por possibilitar realização deste mestrado.

Aos servidores e alunos do Campus pelo convívio harmonioso, em especial aos estudantes que contribuíram na realização deste estudo.

Enfim, a todos que me auxiliaram com uma palavra amiga e que direta ou indiretamente contribuíram para essa vitória.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta ética da Universidade do Minho.

Performatividade acadêmica dos estudantes usuários da biblioteca escolar: um estudo de caso num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do nordeste Brasileiro

RESUMO

As bibliotecas estão sendo obrigadas a se reinventarem à medida que o conteúdo se torna mais acessível via Internet, assim, o papel dessas bibliotecas se torna menos ligado a guarda dos livros e mais voltado a conectar leitores e construir conhecimentos, o que de certo modo se aproxima e potencializa a performance dos alunos. Este estudo tem como objetivo geral investigar a performatividade frente ao número de empréstimo domiciliar realizado numa biblioteca do Instituto Federal do Rio Grande do Norte e, como específicos, identificar o desempenho dos estudantes perante o empréstimo domiciliar; conhecer o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes que utilizam efetivamente a biblioteca e verificar as motivações dos estudantes quanto ao uso da biblioteca. Para alcançar os objetivos fez-se uso de uma pesquisa de caráter exploratório para aprofundar o tema, alinhada a uma abordagem de cariz qualitativo, com recurso ao método do estudo de caso e às técnicas da análise documental e da entrevista biográfica, tendo em vista a construção de retratos sociológicos de alunos frequentadores da biblioteca. Quanto aos resultados obtidos, foi possível constatar que: i) a situação socioeconômica dos alunos, de forma geral, apresenta complexidade por suas inúmeras determinações e variáveis e que o rendimento acadêmico dos educandos investigados está acima da média exigida pela organização didática da instituição; ii) os alunos que mais requisitam livros apresentam alto desempenho acadêmico; iii) os estudantes mais performáticos fazem uso da biblioteca para realizarem pesquisa, fomentarem trabalhos acadêmicos e leituras como lazer. Por fim, sugere-se, que este estudo seja ampliado no futuro com o intuito de abranger um quantitativo maior de estudantes na perspectiva de aprofundar mais esta temática.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Educação. Escola. Excelência acadêmica. Performatividade acadêmica.

Academic performativity of students users of the school library: a case study in a Federal Institute of Education, Science and Technology of northeastern Brazil

ABSTRACT

As content becomes more accessible through the Internet, libraries are being forced to reinvent themselves, so, the role of these libraries becomes less about bookkeeping and more about connecting readers and building knowledge, which is somewhat approximates and improves student performance. This study aims to investigate the performativity regarding the number of home loans made in a library of the Federal Institute of Rio Grande do Norte and, as specifics, to identify students' performance regarding home loans; to know the socioeconomic and cultural profile of the students that effectively use the library and to verify the motivations of the students regarding the use of the library. To achieve the objectives, an exploratory research was used to deepen the theme, aligned with a qualitative approach, using the case study method and the techniques of documentary analysis and biographical interview, in view of the construction of sociological portraits of students attending the library. Regarding the results obtained, it was found that: i) the socioeconomic situation of students, in general, presents complexity due to its numerous determinations and variables and that the academic performance of the students investigated is above the average required by the didactic organization of the institution; ii) students who order the most books have high academic performance; iii) the most performing students make use of the library to conduct research, foster academic work and read as leisure. Finally, it is suggested that this study be expanded in the future in order to include a larger number of students in order to further deepen this theme.

Keywords: Academic excellence. Academic performativity. Education. School. School library.

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|-----|
| AGRADECIMENTOS | iii |
| RESUMO | v |
| ABSTRACT | vi |
| ÍNDICE GERAL | vii |
| ÍNDICE DE FIGURAS E GRÁFICOS | x |
| ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS | xi |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| Capítulo I - DEMOCRATIZAÇÃO E PERFORMATIVIDADE ACADÊMICA NO SISTEMA PÚBLICO DE ENSINO | 7 |
| 1. Os mandatos da democratização e da excelência no sistema público de ensino | 8 |
| 1.1. Democratização no ensino público de ensino brasileiro | 9 |
| 1.2. Gestão escolar democrática | 15 |
| 1.3. A excelência acadêmica no sistema público de ensino | 23 |
| 2. A construção da excelência acadêmica: fatores políticos, sociais, culturais e organizacionais | 29 |
| 2.1. No campo da política | 30 |
| 2.2. No campo da cultura | 34 |
| 2.3. Fatores associados à excelência escolar | 39 |
| Capítulo II - O PAPEL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES NA PROMOÇÃO DO DESEMPENHO ESCOLAR | 51 |
| 1. Concepções de biblioteca escolar: objetivos e funções | 52 |
| 2. Importância da biblioteca na organização escolar | 56 |
| 3. O perfil do bibliotecário e articulação com a direção da instituição | 62 |
| 4. Importância das bibliotecas na construção da excelência escolar | 67 |
| Capítulo III - PERCURSO METODOLÓGICO | 71 |
| 1. Construção do conhecimento científico | 72 |
| 2. Abordagem metodológica | 74 |
| 3. Delineamento da investigação e técnicas de recolha de dados | 75 |
| 4. O caso em estudo: O IF e a biblioteca escolar | 77 |

| | |
|--|------------|
| 4.1. Campus P | 79 |
| 4.2. A biblioteca | 81 |
| 5. Procedimento de recolha de dados | 82 |
| 5.1. Universo e amostra | 83 |
| 5.2. Instrumentos de recolha | 86 |
| 5.2.1 Análise Documental | 86 |
| 5.2.2. Entrevista | 87 |
| Capítulo IV - O DESEMPENHO ACADÉMICO DOS ESTUDANTES USUÁRIOS | |
| DA BIBLIOTECA: EXPLORANDO AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES | 90 |
| 1. Perfil sociográfico dos estudantes usuários da biblioteca escolar: tendências e regularidades | 91 |
| 1.1. Condições econômicas e sociais das famílias | 93 |
| 1.2. Condições culturais: escolaridade dos pais | 96 |
| 1.3. Desempenho acadêmico dos estudantes | 97 |
| 1.4. Natureza e tipo de uso da biblioteca | 99 |
| 2. Retrato sociológico de três estudantes com elevado desempenho | 102 |
| 2.1. O contexto social e familiar | 106 |
| 2.2. O contexto escolar e acadêmico | 110 |
| 2.3. O papel da biblioteca escolar | 116 |
| 2.4. Expectativas face ao futuro | 117 |
| 3. A importância da biblioteca escolar no percurso acadêmico dos estudantes: percepções | 120 |
| 3.1. A socialização no espaço da biblioteca | 122 |
| 3.2. As práticas de leitura | 124 |
| 3.3 As recomendações dos professores | 126 |
| CONCLUSÃO | 128 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 132 |
| APÊNDICES | |
| Apêndice 1 – Roteiro da entrevista | |
| Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido | |
| Apêndice 3 – Entrevistas transcritas | |

ANEXOS

Anexo 1 – Carta de anuência

Anexo 2 – Declaração de uso do nome da instituição

ÍNDICE DE FIGURAS

| | | |
|-------------------|--|----|
| Figura 1 - | Organização da Educação Nacional | 10 |
| Figura 2 - | Resultados PISA/BRASIL 2015 | 27 |
| Figura 3 - | Avaliações da Educação Básica coordenadas pelo INEP/SAEB | 32 |
| Figura 4 - | Visão geral da estratégia sistêmica | 42 |
| Figura 5 - | Diferentes concepções da competência em informação | 64 |
| Figura 6 - | Ambiente de atuação | 79 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | | |
|---------------------|---|-----|
| Gráfico 1 - | Total de alunos do Campus P ano 2018 | 80 |
| Gráfico 2 - | Local residência dos estudantes | 93 |
| Gráfico 3 - | Responsável financeiro dos estudantes | 94 |
| Gráfico 4 - | Vulnerabilidade social dos estudantes | 95 |
| Gráfico 5 - | Nível de instrução da família dos estudantes | 96 |
| Gráfico 6 - | Índice de rendimento acadêmico dos estudantes | 97 |
| Gráfico 7 - | Rendimento acadêmico dos estudantes | 98 |
| Gráfico 8 - | Livros de literatura mais emprestados | 101 |
| Gráfico 9 - | Títulos mais emprestados | 101 |
| Gráfico 10 - | Desempenho por etapa do E1 | 113 |
| Gráfico 11 - | Desempenho por etapa do E2 | 114 |
| Gráfico 12 - | Desempenho por etapa do E10 | 114 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | | |
|-------------------|--|-----|
| Quadro 1 - | Estudantes do ensino médio que mais emprestaram livros 2017/2018 . | 94 |
| Quadro 2 - | Perfil sociográfico dos estudantes participantes da pesquisa | 102 |
| Quadro 3 - | Condições de empréstimo domiciliar | 110 |

ÍNDICE DE SIGLAS OU ABREVIATURAS

| | |
|--------|---|
| BE | Biblioteca Escolar |
| BID | Banco Interamericano de Desenvolvimento |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CF | Constituição Federal |
| CONSED | Conselho Nacional de Secretários de Educação |
| CONSUP | Conselho Superior |
| DCN | Diretrizes Curriculares Nacionais |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| HQ | História em Quadrinhos |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ID | Indicador de Desempenho |
| IFLA | International Federation of Library Associations and Institutions |
| IF | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia |
| INEP | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional |
| MEC | Ministério da Educação |
| OCDE | Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico |
| OPNE | Observatório do Plano Nacional de Educação |
| PCN | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PISA | Programa Internacional de Avaliação de Alunos |
| PNE | Plano Nacional de Educação |
| PPP | Projeto Político Pedagógico |
| RFEPCT | Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica |
| SAEB | Sistema de Avaliação da Educação Básica |
| SIBi | Sistema Integrado de Bibliotecas |
| TIC | Tecnologias de Informação e Comunicação |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |

INTRODUÇÃO

Sendo a biblioteca considerada como um ambiente de educação formal, conhecer os sujeitos frequentadores dos seus espaços e saber quais as influências que estes têm para frequentá-la, constitui-se numa estratégia para averiguar se está cumprindo com seu papel socioformador e se tem influenciado o sucesso escolar e o desenvolvimento educativo e cultural dos seus usuários. A partir disso, este trabalho tem como objetivo investigar a performatividade acadêmica dos estudantes frente ao número de empréstimo domiciliar, realizado na Biblioteca de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, bem como conhecer o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes que utilizam, efetivamente, a biblioteca, e verificar as suas motivações quanto ao uso deste espaço.

As bibliotecas percorreram, desde seu primórdio, várias etapas que contribuíram para a formação de seu prestígio e de sua função social, passando a ser consideradas, na contemporaneidade, como espaço de influência do desempenho acadêmico e agregadora de capital cultural dos estudantes. Ao serem planejadas, assumem diversas finalidades, dentre as quais Souto (2014) evidencia as funções de: *preservação* - impulsionam organizar, gerir e conservar os documentos e informações; *disseminação* - além de preservarem documentos e informações, as bibliotecas executam atividades com o objetivo de difundir o conhecimento; *interação* - as bibliotecas cuidam da preservação e da disseminação e, também, executam atividades que motivam a interação social; e *aprendizagem* - além de realizarem ações dirigidas para a preservação, a disseminação e a interação, desenvolvem, também, serviços direcionados à aprendizagem. Sob a perspectiva da função de aprendizagem, o apoderamento da informação, pelo usuário, decorre em acentuada proporção.

O processo de ensino-aprendizagem constitui um desenvolvimento contínuo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades específicas como referenciais à compreensão da informação e da sua abrangência, em busca da fluência e das capacidades necessárias à geração do conhecimento novo e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e das comunidades ao longo da vida (Belluzzo, 2004).

De acordo com Giddens (2013, p. 998) “a ênfase na aprendizagem ao longo da vida representa uma mudança já observada nas próprias escolas, particularmente no número crescente de oportunidades de aprendizagem fora do espaço físico da sala de aula”. Ele considera que as experiências de vida das pessoas dependem, em grande medida, do modo como a sua categoria é classificada, ou seja, como

está relacionada com a classe social, trazendo a seguinte ponderação: “refletindo sobre a sua própria história de vida, até que ponto sente que a sua identidade foi determinada pelo passado social da sua família?” (Giddens, 2013, p. 503)

Na história do registro e disseminação da informação, as bibliotecas - como organização de educação formal - têm um papel fundamental no desenvolvimento cultural da sociedade, por oferecerem acesso às informações acumuladas pela humanidade. À medida que novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) foram sendo desenvolvidas, as bibliotecas foram incorporando-as, de forma a aperfeiçoarem o processamento e a difusão da informação. Atualmente, as bibliotecas perderam a visão conceitual retrógrada de serem meros repositórios de livros e passaram a desempenhar um papel democrático e estratégico de atender às necessidades informativas de seus usuários. Destacam-se como espaço onde se podem realizar processos investigativos, de busca e uso de informações. Para tanto, disponibilizam várias mídias, recursos tecnológicos, fontes de informações e ferramentas de recuperação de informação.

Por conseguinte, são organizadas para integrarem-se com a sala de aula, tendo como objetivo apoiar o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento do currículo escolar. Funcionam assim, como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial, desenvolver e fomentar a leitura e a informação. Poderão servir, também, como suporte para a comunidade em suas necessidades. Sua função é de agente educacional que objetiva atender o ensino, a pesquisa e a extensão.

Outro fator determinante para o bom desempenho de uma biblioteca é o índice de utilização da coleção em relação aos seus usuários efetivos, sendo importante demonstrativo de capacidade como indicador o empréstimo domiciliar, por ser um indicador-chave de desempenho para os processos de gestão. Nesta pesquisa, constitui-se como elemento propulsor na busca do conhecimento ao objetivo proposto: em que medida a performatividade acadêmica do usuário está intimamente ligada ao serviço de empréstimo domiciliar na Biblioteca? Será que o número de empréstimos realizados promove o melhor desempenho dos estudantes? O capital cultural dos estudantes tem relação com a sua frequência à biblioteca? Qual o perfil sociográfico dos usuários da biblioteca? A biblioteca tem desenvolvido, nos estudantes, competências para aprendizagem ao longo da vida? Quem são os estudantes mais performativos e quais

suas origens sociais? Ante essas indagações e pela ausência de estudos latos sobre a temática, justifica-se a necessidade de compreensão mais acurada do objeto.

Verifica-se, portanto, que discutir a performatividade é primordial neste estudo. De acordo com Torres e Palhares (2016, p. 617), “a problemática da excelência acadêmica constitui uma linha de pesquisa recente e ainda pouco diversificada nas formas de abordagem.” Atrelar o coeficiente de busca de livros na biblioteca, bem como a quantidade de livros lidos ao rendimento acadêmico, apresenta um caminho a ser explorado.

Cabe ressaltar que o fato de atuar como bibliotecária de um Instituto Federal e de ter como objeto de estudo os estudantes usuários da biblioteca em que trabalho, evidencia a implicação pessoal, profissional e acadêmica desta investigadora com o objeto de estudo. Essa condição traz, em si, desafios teóricos e metodológicos, na medida que esta pesquisa deve-se pautar na busca de compreender a biblioteca como espaço de influência ao desempenho acadêmico, bem como averiguar a influência do capital cultural dos estudantes com o uso da biblioteca.

Diante do problema estudado, optou-se pelo método sociológico intensivo, por analisar um caso em particular: o caso dos estudantes que utilizam a biblioteca do Campus P. Para tanto, realiza-se uma pesquisa de campo, de caráter exploratório e enquadrada no paradigma qualitativo. Consoante os objetivos propostos, serão realizadas uma pesquisa bibliográfica do fenômeno em estudo, uma pesquisa documental e uma pesquisa de campo com aplicação de instrumentos de coleta de dados por meio de entrevistas aos estudantes, utilizando-se a estratégia de recolha de dados por meio da análise documental e da técnica de entrevistas biográficas semiestruturadas em profundidade (retratos sociológicos). Para o tratamento dos dados, utilizar-se-á a análise de conteúdo e a interpretação do que se perceber na construção dos retratos sociológicos.

Assim, a biblioteca tem a missão de oferecer apoio ao processo de ensino-aprendizagem, visando aprimorar, cada vez mais, os produtos e serviços com o objetivo de atingir um patamar de excelência no suporte informacional e disseminação do conhecimento à comunidade acadêmica e à sociedade, proporcionando atendimento de qualidade condizente com os anseios da comunidade interna e externa.

A estrutura deste estudo, além desta introdução, apresenta quatro capítulos: no primeiro, problematizando a performatividade acadêmica, apresenta-se uma sistematização dos mandatos da democratização e da excelência acadêmica no sistema público de ensino, discorrendo sobre a gestão democrática e seu aparato legal, bem como as implicações no cotidiano escolar. Por sua vez, considerando o dilema que o sistema público de ensino, especialmente o gestor escolar, enfrenta para harmonizar o processo de democratização e da excelência acadêmica, tal como, o desafio de manter a qualidade e equidade na educação para todos, aponta-se os fatores que influenciam a construção da excelência acadêmica e como eles afetam no desempenho dos estudantes, especificando os fatores externos e internos ao espaço-escolar, com ênfase nas condições sociais e culturais das famílias e na qualidade dos ambientes de aprendizagens, distinguindo a biblioteca e infraestrutura da escola.

No segundo capítulo, retrata-se o papel das bibliotecas escolares na promoção do desempenho acadêmico, apresentando suas concepções, objetivos e funções. Destaca-se a importância da biblioteca no tratamento da informação, na construção do conhecimento e como agente educacional participante do processo de ensino-aprendizagem. No escopo do manifesto da Biblioteca Escolar (BE), diz-se que a missão da BE é exercer o processo de ensino-aprendizagem, apresentando como pontos fundamentais para o êxito dos serviços: a informação, a educação e cultura. No que se refere à consecução dos objetivos propostos a uma biblioteca, é mister que, para serem alcançados, faz-se necessário que ela esteja sob a direção de um bibliotecário, profissional participante do corpo técnico da escola, imbuído no planejamento pedagógico e articulado com a gestão da escola.

O terceiro capítulo traz a metodologia e os percursos seguidos pela concepção desta pesquisa. O método de pesquisa escolhido é o intensivo, pois detém-se a analisar um caso em particular: o caso dos estudantes que utilizam a biblioteca do Campus P. A pesquisa tem caráter exploratório e inscreve-se no paradigma qualitativo, utilizando-se como estratégia de recolha de dados, a análise documental e as entrevistas biográficas semiestruturadas, como aproximação aos retratos sociológicos (Lahire, 2004). Para tratamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo. A investigação ocorre na Biblioteca de um campus específico de um IF e tem como sujeitos da pesquisa 15 Usuários, estudantes do ensino médio, que mais solicitam empréstimo de livros na biblioteca, no período de 18 meses, entre os anos 2017/2018.

No quarto capítulo, intitulado “o desempenho acadêmico dos estudantes usuários da biblioteca: explorando as percepções dos estudantes”, procedeu-se à análise e interpretação dos resultados da investigação. Por fim, nas conclusões, destacam-se os principais resultados no que diz respeito à temática em questão.

CAPÍTULO I

DEMOCRATIZAÇÃO E PERFORMATIVIDADE ACADÊMICA NO SISTEMA PÚBLICO DE ENSINO

1. Os mandatos da democratização e da excelência no sistema público de ensino

As reformas dos sistemas educativos ocorridas nos últimos 30 anos na Europa e no continente americano foram influenciadas pela globalização e pelo neoliberalismo. Libâneo afirma que:

“no mundo todo estão sendo implantadas reformas educacionais para adequar o sistema de ensino às mudanças da economia e da sociedade. Uma das palavras-chave é qualidade. Qualidade da escola refere-se tanto a atributos ou características da sua organização e funcionamento quanto ao grau de excelência baseado numa escala valorativa (a qualidade desta escola é ruim, medíocre, boa e excelente)”. (Libâneo, 2015, p. 61).

O discurso neoliberal surge atacando duramente o Estado de Bem-estar, que teria reduzido a capacidade de poupança e investimentos do setor privado. Acusa, ainda, o Estado de inflacionar a economia por meio de suas políticas sociais e desviar investimentos de setores produtivos para os improdutivo. Conforme essa ideologia, os gastos em serviços sociais aumentam consideravelmente o trabalho improdutivo e criam assalariados dependentes do excedente gerado pelos setores produtivos, burocráticos, com estabilidade no emprego, o que, conseqüentemente, acarreta a falta de competitividade. Defende a pouca intervenção do governo no mercado de trabalho, a política de privatização de empresas estatais, a livre circulação de capitais internacionais, a ênfase na globalização, a abertura da economia para a entrada de multinacionais, a adoção de medidas contra o protecionismo econômico, a diminuição dos impostos e tributos excessivos, etc. (Afonso, 1999, 2007; Libâneo, Oliveira & Toschi, 2012; Libâneo, 2015). No tocante a esses fenômenos de transição, de ocorrência globalizada, Libâneo (2015) expressa que:

“as instituições escolares vêm sendo pressionadas a repensar seu papel diante das transformações que caracterizam o acelerado processo de integração e reestruturação capitalista mundial. De fato, o novo paradigma econômico, os avanços científicos e tecnológicos, a reestruturação do sistema de produção e as mudanças no mundo do conhecimento, afetam a organização do trabalho e o perfil dos trabalhadores, repercutindo na qualificação do profissional e, por consequência, nos sistemas de ensino e nas escolas.” (Libâneo, 2015, p. 43).

A tese da qualidade total da educação preconizada dentro da escola, que tem bases no neoliberalismo, apresenta uma gestão focada no individualismo e nos resultados, desconsiderando pontos relevantes como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e a inclusão social. Esse modelo de gestão empresarial tem sido questionado com a exigência da democratização do acesso e da permanência de todos na escola, que deve ser pública e democrática, permitindo a participação dos diversos segmentos que compõem a comunidade escolar (Melo, 2000).

1.1. A democratização do sistema de ensino público brasileiro

É lícito supor que a gestão democrática do ensino público brasileiro, mesmo estando contemplada na legislação via Constituição Federal(CF) (Brasil/Senado Federal, 2016) e na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional nº 9394/96 (LDB) (Brasil/Congresso Nacional, 1996), é insuficiente para garantir a qualidade social da educação, pois a verdadeira educação democrática se efetiva com a participação de todos os cidadãos, respeitando as diferenças.

Relativo ao direito dos cidadãos de ter acesso à educação, a CF esclarece no artigo 205: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (Brasil/Senado Federal, 2016). Está expresso no artigo 208, da mesma constituição, que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

"I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um; VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde." (Brasil/Senado Federal, 2016, p. 124)

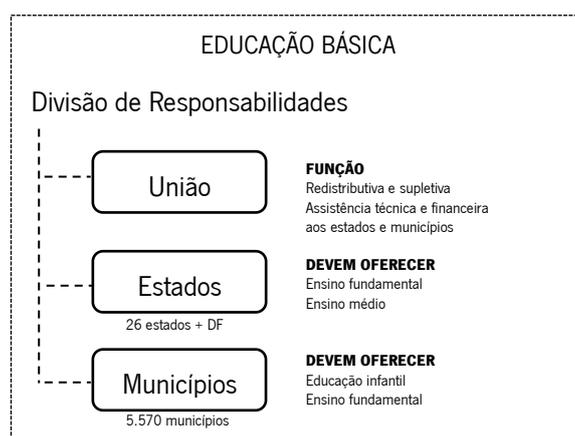
Destaca também, no 1º ao 3º parágrafos, que o acesso ao ensino obrigatório é gratuito, é direito público subjetivo; o não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público, ou sua oferta irregular, importa

responsabilidade da autoridade competente; e compete ao poder público, recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola. (Brasil/Senado Federal, 2016). Libâneo esclarece que a “escola deve transformar o paradigma e começar pela gestão transformando encargos coletivos, dando acesso a participação de todos. A gestão democrática da escola e dos sistemas é um dos princípios constitucionais do ensino público”. (Libâneo, 2001, p. 16).

Por sua vez, a LDB institui as principais regras que devem ser seguidas pelo sistema educacional do país. É aplicada tanto para a rede pública de ensino como para a rede privada. Estabelece, também, como esta deve estar organizada, quais são os órgãos administrativos responsáveis, quais são os níveis e modalidades de ensino, entre outros aspectos, em que se define e se regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição.

De acordo com a LDB, a educação básica está dividida em: ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio e, em seu artigo 21, também compõe a educação escolar o ensino superior. Ainda conforme essa Lei, Título IV (organização da educação nacional), artigos do 8º ao 20º, as instituições públicas e privadas estão a cargo da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, como mostra a figura 1.

Figura 1 – Organização da Educação Nacional



Fonte: Adaptado de Brasil/Congresso Nacional/Senado Federal (1996, 2016)

Essa ilustração vem reforçar o teor do art. 211, parágrafo 1º da CF:

“a União organizará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a

garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios”. (Brasil/Senado Federal, 2016).

Isso posto, pode-se inferir que a gradativa e ampliada participação, de todos, depende da adoção de políticas públicas radicalmente democráticas e da afirmação de instrumentos que assegurem essa efetiva participação. É indispensável, por exemplo, que sejam banidas as práticas clientelistas, paternalistas e autoritárias que reforçam relações de submissão/dominação e impedem a autonomia e a participação dos cidadãos (Melo, 2000). Constata-se que um dos problemas que mais oprime o Brasil, é a má qualidade da educação e a grande discrepância entre escolas públicas e privadas, e, por isso, esses são temas frequentes de projetos de lei e discussões em audiências públicas. Assim, as políticas públicas voltadas à educação estão no centro do debate, que buscam medidas capazes de melhorar a qualidade do sistema de ensino público, atitudes que, em geral, se transformam em projetos com o objetivo de beneficiar a qualidade das escolas públicas e o desempenho acadêmico.

Enfaticamente, as instituições escolares precisam levar em consideração alguns pontos, para alcançar a realização de seus objetivos específicos, tais como: prover condições, meios e todos os recursos necessários ao ótimo funcionamento da escola e do trabalho em sala de aula; promover o envolvimento das pessoas no trabalho, por meio da participação, e fazer a avaliação e o acompanhamento dessa participação; e garantir a realização da aprendizagem para todos os alunos (Libâneo, Oliveira & Toschi, 2009).

De acordo com Libâneo:

“na concepção democrático-participativa, argumenta-se em favor da necessidade de se combinar a ênfase nas relações humanas e na participação nas decisões com ações efetivas para se atingir com êxito os objetivos específicos da escola. Para isso, valoriza os elementos internos do processo organizacional – o planejamento, a organização, a direção, a avaliação – uma vez que não basta a tomada de decisões, é preciso que elas sejam postas em prática em função de prover as melhores condições para viabilizar os processos de ensino e aprendizagem”. (Libâneo, 2013, p.106).

Seguindo essa linha de pensamento, o coletivo escolar, por ser heterogêneo, lida com vários desafios que estimulam a própria escola a organizar-se para resolver os problemas relativos ao trabalho que

produz. Nesse sentido, o grande revés da escola atual é vencer a tarefa de estimular, manter e avaliar o trabalho coletivo dos seus vários segmentos. Consequentemente, a gestão das escolas, por sua vez, substituiu o eixo da democratização pelo discurso administrativo-economicista. Dessa forma, pode-se dizer que essa tendência busca não a qualidade do ensino, mas, sobretudo, a qualidade do gerenciamento da escola, em suas diversas áreas de atuação, além de enfatizar o controle dos processos escolares. Jamil Cury (2000, p. 59), quando fala dos conselhos de educação e gestão dos sistemas educativos, conclui que: “é na relação com os estabelecimentos de ensino que se verá o grau de diálogo com os administradores dos sistemas e seus respectivos órgãos normativos poderão traduzir a gestão democrática como forma de participação.”

Portanto, mesmo com uma legislação propícia, no Brasil, a escola pública parece longe de atingir os objetivos dos mandatos democráticos, principalmente pelas descontinuidades administrativas, marcadas pela rotatividade dos gestores escolares. Na escola pública, estadual e municipal, consoante Libâneo,

“falta uma política nacional de administração e gestão do ensino, os recursos financeiros são insuficientes e mal-empregados, as escolas funcionam precariamente por falta de recursos materiais e didáticos, os professores são mal remunerados, [...]. O sistema escolar é usado para fins eleitoreiros e político-partidário”. (Libâneo, 2013, p. 34-35).

Essas ações são estimuladas pelos governantes quando não promovem a unicidade das escolas, ao contrário, dissociam a atuação política da atuação pedagógica e reforçam a cultura do individualismo e da competitividade. A exemplo disso, é que desde 1998, o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e seus parceiros, vêm realizando o Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar, que visa estimular a melhoria dos processos de gestão, em busca de um objetivo maior: garantir educação de qualidade, direito fundamental de todos os estudantes. Esse prêmio reforça uma estratégia de mobilização, que envolve toda a comunidade escolar na avaliação e melhoria de ações, processos e práticas de gestão comprometida com o sucesso dos alunos. Ele apresenta como objetivos: reconhecer e valorizar iniciativas inovadoras e bem-sucedidas de gestão escolar; proporcionar às escolas um instrumento básico de autoavaliação e reflexão sobre processos e práticas de gestão; e promover o desenvolvimento de cultura de autoavaliação e planejamento para a melhoria do desempenho das escolas.

O referido prêmio está aberto à participação de todas as escolas de ensino regular das redes públicas estaduais, municipais e/ou conveniadas, com mais de cem alunos matriculados na educação básica: educação infantil, ensino fundamental e/ou ensino médio. As escolas participantes apresentam dossiês, nos quais constam o cadastro da unidade de ensino, justificativa da candidatura da instituição ao prêmio e quatro dimensões para avaliação: Gestão Pedagógica: análise de resultados educacionais; Gestão pedagógica: planejamento de ações pedagógicas; Gestão participativa: processos coletivos de decisões e ações; Gestão de Infraestrutura: administração de serviços e recursos - além de indicadores de qualidade, plano de melhoria da gestão escolar e relatório de como acontece o processo de gestão com todos os segmentos da escola. A fragilidade desta ação se concretiza por acentuar o demérito, tomando como demonstrativo a edição 2015, na qual, das 7.810 escolas inscritas, 27 foram vencedoras por cada Estado e Distrito Federal, 5 foram finalistas e 1 foi eleita Escola Referência Brasil. (CONSED, 2019a, 2019b).

Outra premiação atrativa é Professores do Brasil, criada em 2005. O prêmio consiste na seleção e na premiação de práticas pedagógicas desenvolvidas por professores das escolas públicas e das instituições educacionais comunitárias, filantrópicas e confessionais, conveniadas aos sistemas públicos de ensino, em uma das etapas da educação básica que, comprovadamente, tenham tido êxito, considerando as diretrizes, metas e estratégias propostas no PNE (Plano Nacional de Educação), bem como os direitos e objetivos de aprendizagem da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Em 2019, esse prêmio conta com cinco temas especiais: Esporte como estratégia de aprendizagem; Uso de tecnologias de informação e comunicação no processo de inovação educacional; Educação empreendedora; Criação e produção de linguagens de mídia por professores e estudantes no ensino fundamental e médio; e Aprendizagem Criativa. Este evento é organizado pelo Ministério da Educação (MEC) e instituições parceiras.

Além dessas duas amostras, pode-se constatar várias outras ações que fomentam a meritocracia na educação brasileira, a saber: Prêmio calouro destaque; Prêmio Nacional de Educação Empreendedora; Prêmio nacional por incentivo à leitura; Prêmio nacional para projetos de escolas públicas; Prêmio Nacional de Educação Fiscal; Prêmio Nacional de Educação em Direitos Humanos; Criadores do Futuro; Respostas para o Amanhã; Prêmio Educador Nota 10; Prêmio Professor Transformador; etc.

Contudo, para a corrida não configurar-se tão injusta, foram criadas as ações afirmativas na tentativa de minimizar as desigualdades sociais, com argumento de que a raça/etnia são construções sociais e os

processos de discriminação estão fortemente presentes no enredo social. Convém ressaltar que a instituição dessa meritocracia justa apresenta dualidades: por um lado, se observa que a discriminação e desigualdade estão relacionadas, mas uma não pode ser reduzida à outra, pois, medidas universalistas não rompem os mecanismos de exclusão. Por outra via, argumenta-se que existe uma só nação, as situações de discriminação são localizadas e contextuais, as diferenças se reduzem às vulnerabilidades sociais, promovendo discriminação e, diversamente, atentam contra o mérito individual, e, nesse caso, as medidas universalistas são mais eficazes. (Torres, 2012). Torres, na sua pesquisa sobre políticas públicas para ações afirmativas, atenta para a especificidade do modelo a ser seguido no Brasil, esclarecendo que:

“a afirmação se funda na notória miscigenação da sociedade brasileira, na ausência de uma discriminação institucional, e na existência de outros fatores que conduziram a uma desigualdade social, tais como a distribuição de renda e a distância educacional entre a rede pública e a privada”. (Torres, 2012, p. 66).

Infere-se, portanto, que a educação no Brasil está aquém de se homogeneizar ao escalão mundial. Mecanismos têm sido implantados por via das políticas, dos programas e dos projetos, bem como pelas reformas educativas, que apesar de influenciadas pela globalização, possibilitam às crianças e aos jovens acesso e permanência na escola. Denota-se também, que a educação pública brasileira é heterogênea, as salas de aula têm estudantes de realidades sociais, econômicas e culturais diversas, e essas diferenças são equacionadas, nas escolas Federais, em detrimento das Estaduais e Municipais. A escola pública democrática propicia um ensino de qualidade, considerando a individualidade de cada estudante. Zabala, espanhol especialista em psicologia da educação, esclarece que nos processos de aprendizagens deve-se ter atenção à diversidade, utilizando uma “forma de ensinar adequada às necessidades do aluno. Segundo as características de cada um dos meninos e meninas” estabelecendo tipos de atividades que constitua desafios alcançáveis, mas estigante e, depois, lhes oferecer “a ajuda necessária para superá-lo”. (Zabala, 1998, p. 35).

Citando caso análogo destes mecanismos, o decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007 (Brasil, 2007), que dispõe sobre a execução do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica, apresenta no artigo 2º, as diretrizes norteadoras

da participação da União no compromisso “pela realização direta, quando couber, ou, nos demais casos, pelo incentivo e apoio à implementação, por Municípios, Distrito Federal, Estados e respectivos sistemas de ensino”. Essas diretivas estão pautadas em 28 incisos, descrevendo-se o III e XIV, respectivamente, em: "acompanhar cada aluno da rede individualmente, mediante registro da sua frequência e do seu desempenho em avaliações, que devem ser realizadas periodicamente"; e "valorizar o mérito do trabalhador da educação, representado pelo desempenho eficiente no trabalho, dedicação, assiduidade, pontualidade, responsabilidade, realização de projetos e trabalhos especializados, cursos de atualização e desenvolvimento profissional". (Brasil, 2007, p.5).

Assim, o desempenho, que se busca em um sistema de ensino, é uma medida de habilidades do aluno, expressadas no que aprendeu ao longo do processo de formação. Como já foi explicitado anteriormente, um aluno com bom desempenho na escola pública é aquele que consegue atingir notas mais elevadas nas avaliações. Isso não significa que sejam excelentes ou a escola tenha uma gestão democrática instituída. De acordo com Libâneo, Oliveira e Toschi, (2009, p. 315) “os objetivos da instituição escolar contemplam a aprendizagem escolar, a formação para a cidadania, e a de valores e atitudes. O sistema de organização e de gestão da escola é o conjunto de ações, recursos, meios e procedimentos que propiciam as condições para alcançar esses objetivos”. Talvez seja essa a dificuldade enfrentada pela escola pública, a ineficiência de possibilitar, didático, pedagógica e administrativamente, a participação de todos os envolvidos na vida escolar, no objetivo da escola o ensino.

1.2. Gestão escolar democrática

O processo de democratização do ensino é fundamental para que haja qualidade na aprendizagem, porém, em uma sociedade fortemente marcada por desigualdades econômicas e sociais, as relações estabelecidas entre as classes ou grupos sociais são normalmente permeadas de conflitos. E estes dificultam o processo de democratização da gestão educacional, “a própria discussão sobre gestão democrática da educação se insere na luta pela democratização da sociedade” (Melo, 2000, p. 244). Em geral, as classes dominantes, detentoras dos poderes políticos e econômicos, buscam assegurar sua posição hegemônica e assim permanecer, por meio da apropriação das estruturas do Estado, fazendo com que este opere a serviço de seus interesses, ou seja, a gestão das instituições públicas passa a ser, como se fosse das instituições privadas, a favor de determinados grupos e em detrimento de outros,

geralmente daquela parcela maior da população, desprovida de meios econômicos. No entendimento de Afonso

“de acordo com a opção neoliberal mais ortodoxa, os bens educativos públicos deveriam passar a integrar o conjunto dos bens *mercadorizáveis*, ou seja, os bens sujeitos à liberdade da oferta e da procura – pretendendo, assim, quebrar a vinculação histórica e democraticamente estabelecida entre educação como direito e bem coletivo e a obrigação do Estado democrático prover e assegurar a universalidade dessa mesma educação (pelo menos a educação básica)”. (Afonso, 2007, p. 15)

Por essa razão, o Estado geralmente apresenta resistências à participação mais ampla e forte das camadas da população não detentoras dos poderes político e econômico. A construção da democracia no Brasil tem uma trajetória que evidencia, com clareza, essas relações. Para que se possa refletir sobre a gestão educacional no contexto político-social brasileiro, há que se observar, também, os traços característicos do autoritarismo de outrora na democracia brasileira, os quais dificultam o processo de democratização da gestão educacional.

Calha expressar que o Brasil é um país de dimensões continentais, que apresenta uma distribuição de renda desigual. Essa desigualdade se manifesta nas esferas sociais, econômicas e educativas. Por décadas, a maioria dos brasileiros sequer tinha acesso à escola, quiçá a uma educação de qualidade. A escola, que deveria ser um espaço incluyente, servia como agente de exclusão. Ela assumia diversas funções, no sentido de atender aos interesses do capital. De um lado, preparava os profissionais altamente especializados para assumirem os papéis reservados pela gerência científica no comando do processo produtivo. Do outro, na defesa da pseudouniversalização da educação formal, passava para classe trabalhadora um saber elementar e superficial, de modo a impedir-lhe o acesso ao saber culto e científico como arma de luta para uma efetiva participação na sociedade.

Nesse sentido, percebe-se que a qualidade da educação nas escolas públicas apresenta consideráveis dificuldades. Nessa perspectiva, Losif (2007) anui que os problemas vão desde a educação infantil, uma vez que nem todas as crianças frequentam a escola, até ao ensino superior, esclarecendo que a condição socioeconômica influencia diretamente nos níveis de escolaridade. A referida autora exprime que:

"Quanto mais pobre, mais difícil é para o aluno terminar o Ensino Fundamental, ingressar no Ensino Médio e, muito menos, ingressar numa universidade pública gratuita. Nossa educação pública para

os pobres tem se limitado apenas ao nível da Educação Básica, pois a educação pública de Ensino Superior sempre foi extremamente elitista, sendo muito mais acessível aos alunos oriundos de famílias com maior poder aquisitivo, que fizeram sua Educação Básica em escolas privadas e, geralmente, de melhor qualidade." (Iosif, 2007, p. 62)

A realidade brasileira, em relação à educação, apresenta algumas dimensões semelhantes a Portugal. Vivenciamos inúmeras problemáticas no tocante aos processos educativos. Por exemplo, os dois países permaneceram por longos períodos sob regimes autoritários (Lima, 2014). No Brasil, à luz do regime ditatorial, a escola era para poucos, e o conceito de cidadania era refutado. A partir da Constituição Federal de 1988, pode-se dizer que o país avançou substancialmente nas conquistas em prol do direito à educação, tendo em vista o reconhecimento expresso da educação como um direito público subjetivo. Dentre os vários aspectos propagados no texto constitucional, ressalta-se o Inciso VI do artigo 206, o qual estabelece a gestão democrática no ensino público como princípio de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; gratuidade do ensino público; valorização dos profissionais da educação escolar; gestão democrática do ensino público, na forma da lei; garantia de padrão de qualidade (Brasil/Senado Federal, 2016).

A LDB no artigo 3º, inciso VIII, também trata, nos seus princípios, sobre a gestão democrática do ensino. No artigo 14, da mesma lei, está estabelecido que:

“os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes”. (Brasil/Congresso Nacional, 1996).

No entanto, a LDB apresentou-se insuficiente na formação e unificação do Sistema Nacional de Educação, ao contrário, manteve a possibilidade de fragmentação e concorrência na organização do sistema educacional, dificultando a criação de um projeto único, coerente e orgânico para a educação do país.

A organização dos sistemas de ensino sempre esteve vinculada ao contexto político-econômico e, nomeadamente, às demandas do capital. Assim, pode-se perceber que as políticas educacionais para o Ensino Médio, por exemplo, correspondem às determinações presentes na relação entre capital e trabalho. Neste sentido, Kuenzer afirma:

“a história do Ensino Médio no Brasil revela as dificuldades típicas de um nível de ensino que, por ser intermediário, precisa dar respostas à ambiguidade gerada pela necessidade de ser ao mesmo tempo, terminal e propedêutico. Embora tendo na dualidade estrutural a sua categoria fundante, as diversas concepções que vão se sucedendo ao longo do tempo refletem a correlação de funções dominantes em cada época, a partir da etapa do desenvolvimento das forças produtivas”. (Kuenzer, 2000, p. 13).

Logo, a gestão escolar democrática é um princípio estabelecido pela Constituição vigente e pela LDB, embora não concretizada, em todos os contextos da prática. Paro (2000) a descreve como utópica, não obstante considera que pode vir a existir: “A democracia só se efetiva por atos e relações que se dão no nível da realidade concreta.” (Paro, 2000, p. 18). Lima (2018) apresenta várias dificuldades sobre o assunto:

i) a escola é uma instituição tradicionalmente resistente à democracia, somente “pela prática da participação democrática que se constrói a democracia” (Lima, 2005, p.76);

ii) o processo de democratização política e a gestão democrática da escola legalmente estabelecida não garantem a concretização da gestão democrática no espaço escolar, as leis, hoje, não pretendem assegurar os direitos dos cidadãos e sim aos grupos privados;

iii) a democratização política é necessária, mas insuficiente para realizar a democratização da escola, as políticas de governo compartilham gestão, mas, sem intenção de democratizar a gestão; e

iv) A gestão democrática das escolas necessita de tempo para se consolidar, uma vez que provém de um processo histórico de organização que busca romper com os traços do autoritarismo, demandando “políticas públicas coerentes e com continuidade” (Lima, 2018, p. 19). O autor enfatiza, ainda, que:

“a democracia encerra uma dimensão claramente educativa e [...] também uma didática própria, baseada no exercício continuado da participação ativa, do diálogo e do debate entre posições distintas ou em conflito. E por isso se compreende quão difícil é democratizar a educação e remover das escolas os principais obstáculos políticos, organizacionais, de governo e de gestão, de relações de

poder, de teorias e de objetivos educacionais que as vêm impedindo, [...] de se afirmarem como organizações educativas democráticas.” (Lima, 2018, p. 26)

Cabe frisar que, no âmbito das políticas educativas, há um distanciamento significativo em relação ao que se escreve e o que se faz, ou seja, o estabelecido no contexto de influência, quando a política ainda está sendo pensada, no contexto da produção do texto, quando os textos ainda estão sendo escritos, podendo divergir da ação, no contexto da prática, que envolve a atuação e interpretação dos atores. As políticas educativas são construções que se desenvolvem nos vários contextos da ação política, onde acontecem os enfrentamentos de interesses, os entendimentos, as alianças, os conflitos, exclusões, enfim, há vencidos e vencedores. Pode-se concluir, então, que as políticas são interpretadas e materializadas de diferentes e variadas formas (Mainardes & Marcondes, 2009). Paulo Freire afirma que “é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”. (Freire, 2017, p. 63).

Assim, a concepção de gestão democrática pressupõe a construção de uma cultura de participação da comunidade escolar, para favorecer a formação plena do estudante. Estabelece como princípios, entre outros: o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; valorização do profissional da educação escolar; transparência da gestão; descentralização financeira; igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Freire, outrora, já dizia:

“é preciso e até urgente que a escola vá se tornando em espaço escolar acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade.” (Freire, [1993] p. 89).

Seguindo a ideia de Paulo Freire, os espaços educacionais precisam ser geridos de forma a efetuar a participação, a transparência e a democracia. Pode-se configurar como mecanismos de efetivação da gestão democrática, PPP a eleição para diretor, as colegialidades, a participação da comunidade, interna e externa, a organização de grêmios estudantis, e o Conselho de Classe. A atuação e o envolvimento das pessoas, enquanto sujeitos na condução das ações, é apenas uma possibilidade, não uma garantia. Especialmente em sociedades com fortes marcas tradicionalistas, sem uma cultura desenvolvida de cooperação social, é muito difícil conseguir-se que os indivíduos não deleguem a outros aquilo que faz parte de sua obrigação, enquanto sujeito participe da ação coletiva. (Paro, 1996).

Portanto, a real participação acontece via as instâncias colegiadas, espaços onde os diferentes componentes da comunidade se organizam, tais como: o conselho escolar, composto por representantes da comunidade interna e externa, que tem funções consultivas, deliberativas, fiscalizadora, mobilizadora e pedagógica; associação de pais, mestres e funcionários, órgãos de representação dos pais e profissionais da escola, que têm o objetivo de integrar a comunidade; o grêmio estudantil, organização sem fins lucrativos, que representa o interesse dos estudantes com enfoque de cidadania, cultura, educação desportiva e social; e o conselho de classe, composto por professores, pedagogos e direção, podendo ter a participação de estudantes e pais, tendo a finalidade de acompanhar sistematicamente a avaliação dos estudantes e de todo o processo de ensino-aprendizagem, por meio de análise e diagnóstico das possíveis interferências nesse processo, a fim de reorientar de forma coletiva as ações para aprendizagem e sucesso dos estudantes.

Nesse sentido, compete à equipe gestora, fazer uso da gestão democrática como princípio de trabalho, fortalecendo a ação da colegialidade de forma ética e o comprometimento com PPP, do estabelecimento de ensino. Cabe também, a essa equipe, a elaboração e estruturação de um plano de ação democrático articulado com o PPP, no qual toda a organização escolar seja amplamente discutida. Nas palavras de Veiga:

“o projeto político-pedagógico busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sócio-político e com os interesses reais e coletivos da população majoritária. [...] Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. Pedagógico, no sentido de se definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade.” (Veiga, 2001, p. 13).

Indubitavelmente, o PPP é uma forma de organização de trabalho da escola que facilita a busca de melhoria de qualidade do ensino. Essa organização se dá em dois níveis: na escola como um todo que envolve sua relação com os contextos sociais imediatos e na sala de aula, incluindo as ações do professor na dinâmica com seus alunos. Será por meio desses níveis, que vai assegurar o tipo de formação que deve ser desenvolvida com qualidade na instituição escolar. Esse deve ser desenvolvido por meio de um planejamento participativo, determinado no calendário escolar, ou definido pela comunidade,

democraticamente, garantindo o acesso aos direitos, conhecimento e exercício de seus deveres, fazendo de todos coparticipantes e coautores do processo educacional.

Enfocando o pensamento de Luck (2006), infere-se que, uma forma mais adequada de se conceituar gestão democrática na escola, é entendê-la como um processo mobilizador de competências e de energia de pessoas coletivamente organizadas, a fim de que, por meio da sua participação ativa e competente, suscitem a realização dos objetivos da escola, propostos pelo PPP, de modo fatural. Em suma, a escola necessita consolidar sua autonomia e partilhar suas ações com a comunidade na qual está inserida, buscando soluções adequadas às necessidades do seu cotidiano, visando, como citado anteriormente, diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz. (Freire, 2017).

Face ao exposto, a legislação enfatiza que um princípio fundamental para gestão democrática é o respeito pelos sujeitos envolvidos no processo educativo, ou seja, a participação de forma efetiva como base da gestão democrática. Todos devem estar envolvidos, tanto a comunidade interna quanto a externa (Paro, 2008). Corroborando com essa ideia, Libâneo (2015, p. 117) afirma que “vivendo a prática da participação nos órgãos deliberativos da escola, os pais, os professores, os alunos vão aprendendo a sentir-se responsáveis pelas decisões que os afetam num âmbito mais amplo da sociedade”.

Fica demonstrado então, que a gestão democrática da educação tem o dever de não discriminar e de eliminar a exclusão, oferecendo a todos oportunidade de aprendizagem e experiências educativas, a partir da necessidade individual de cada um, criando o ambiente próprio à superação dos desafios individuais e coletivos. O slogan “igualdade de oportunidade para todos” é incluyente, se considerar que pessoas diferentes, com dificuldades e experiências distintas, precisam alcançar de fato os mesmos patamares de educação de qualidade. Este fato é corroborado por Lima (2005) quando infere que:

“não parece, pois, possível continuar a insistir em processos democráticos elitistas e formalistas, nem simplesmente na ideia de uma cultura nacional comum e homogênea, a partir da qual se modela um sistema educativo apenas baseado na igualdade de oportunidades, mas em tensão permanente com o reconhecimento das diferenças”. (Lima, 2005, p. 75).

Dessa forma, pode-se entender que é decidindo empiricamente que se aprende a participar. Freire (1991, p. 35) defendia a participação de toda a comunidade escolar, enfatizando que “mudar a cara da escola pública implica também ouvir meninos e meninas, sociedades de bairro, pais, mães, diretoras,

delegados de ensino, professoras, supervisoras, comunidade científica, zeladores, merendeiras”, visando maior integração nas decisões.

É preciso acentuar que, o fim da gestão democrática e das ações educativas, incluem também, a construção da cidadania plural, a capacidade de conviver com o novo e com todos os desafios resultantes destes atos. Magalhães e Stoer (2002) quando falam, nos seus estudos sobre a educação portuguesa, da crise e consolidação vivenciada pela escola de massa, esclarecem que:

“a emergência na escola da cultura da “performance” assume características contraditórias: no preciso momento em que se torna clara a necessidade de materializar uma política de efectiva igualdade de oportunidades, uma nova narrativa elitista emerge, exigindo a defesa do templo da excelência”. (Magalhães & Stoer, 2002, p. 69).

Similarmente, Sousa, em seus estudos sobre performatividade e subjetividade na gestão escolar, compreende que:

“Na gestão da escola, a performatividade atua de forma a configurar novas subjetividades, impregnando o indivíduo de novos conceitos, crenças e comportamentos, adequados às demandas dos mercados. Os dispositivos de performatividade são parte integrante da máquina de produção de subjetividade [...]”. (Sousa, 2016, p.31-32).

No campo da educação, a escola, mormente, tem papel fundamental a desempenhar. É necessário e possível caminhar no sentido da democratização do Estado, por meio da democratização da escola, substituindo seu conteúdo e sua concepção, alicerçada em valores e interesses de determinados grupos, pelos valores e interesses dos seus discentes. Criando na educação, uma esfera pública que possibilite à sociedade discutir e influenciar na construção de mecanismos e de espaços de participação, transformando a escola pública em lugar propício à apropriação do saber e à educação cidadã, rompendo com as tradições de seletividade social. Isso se viabiliza por meio da criação de uma escola verdadeiramente pública, a serviço da construção e da reconstrução do conhecimento, da conquista e do exercício da cidadania, contribuindo para o estabelecimento de uma cultura democrática. (Lima, 2014; Libâneo, Oliveira & Toschi, 2009).

Assim, para um melhor entendimento da visão de democratização, democracia e participação na escola pública, enfocaremos na próxima seção, a sua relação com a excelência acadêmica.

1.3 A excelência acadêmica no sistema público de ensino

Cabe esclarecer que a escola vivencia, na atualidade, o impasse de saber harmonizar a democratização e a excelência. Nesta linha de pensamento, Torres e Palhares discorrem sobre escolas portuguesas:

"constata-se a presença de uma tensão entre dois objetivos relativamente inconciliáveis: a democratização dos processos (a igualdade de oportunidades, a inclusão e a justiça social) e a qualidade dos resultados (o mérito, o desempenho escolar e a excelência acadêmica). Esta tensão de tipo *mais/melhor* apresenta, contudo, *nuances*, tónicas e desequilíbrios variáveis consoante os contextos histórico-sociais". (Torres & Palhares, 2014, p. 1)

Entende-se que o desafio enfrentado pelas organizações escolares é desmedido. Por um lado, têm a responsabilidade de promover uma educação democrática, ofertando educação de qualidade para todos com excelência, respeitando o indivíduo com suas diferenças e limitações, tratando os discentes como agentes de sua própria aprendizagem, ou seja, têm o compromisso de garantir a igualdade de oportunidades, a inclusão e a justiça social nos variados contextos, caracterizados pela diversidade cultural e social dos estudantes que a buscam. E por outro, concomitantemente, sofrem pressão para apresentar bons resultados (o mérito, o desempenho escolar e a excelência acadêmica) (Torres, 2011; 2013; Quaresma, 2015). Essa busca por resultados, de certa forma, descaracteriza o processo da construção histórica da educação como um bem público, um direito social e que, como tal, não pode ser regulada como mercadoria, produto ou resultado passível de mensuração.

Com base na atual estrutura socioeducativa em que está inserida, a educação brasileira passa por grave crise de identidade e eficiência. Apresenta baixo desempenho, que se reflete nas altas taxas de repetências e evasão/abandono escolar, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação (INEP), (2015a; 2018; 2019). Uma das consequências da taxa de reprovação alta é a distorção idade-série. Após sucessivas reprovações, alguns alunos apresentam idade muito avançada do que deveriam ter para a série que frequentam (IBGE, 2016). Sobre esta questão, Losif (2007) conclui que o direito à educação no Brasil, permanece comprometido, considerando

que a qualidade da Educação Básica, na maioria das escolas públicas é desvantajosa. Complementa, também, em seus estudos que:

"Os dados de analfabetismo, de repetência, de defasagem idade-série são resultados de uma história de exclusão, que se caracteriza com maior vigor junto aos grupos sociais mais pobres e com menor poder de mobilização. [...] essa situação mantém uma relação estreita com etnias, classe sociais e desigualdade social". (Iosif, 2007, p. 82).

Embora os fatores que causam um melhor desempenho escolar estejam relacionados à gestão escolar, escolas maiores, escolas urbanas e escolas privadas tendem a apresentar resultados melhores de desempenho e de eficiência. (INEP, 2018). Portanto, é missão da gestão assegurar uma educação de qualidade para todos, considerando que a qualidade na educação é promover acesso ao conhecimento, ao desenvolvimento das capacidades cognitivas e ao atendimento especializado quando necessário.

Neste contexto, Torres discorre que:

"nas escolas de perfil elitista, a preocupação com a produção da excelência acadêmica concentra o olhar do gestor para soluções pedagógicas consideradas indutoras da qualidade do ensino: a constituição das turmas, a instituição de prêmios escolares, o controle da indisciplina, o reforço da componente formal do ensino, entre outros aspectos." (Torres, 2011, p.103).

Na excelência acadêmica, percebe-se que a distinção do mérito pode favorecer as desigualdades e a competitividade, tanto entre alunos quanto entre os professores (Lima, 2017). Ainda em consonância com Lima, há um contexto mais global, político e social que induz a essa competitividade, um contexto em que o discurso da qualidade e da excelência foi introduzido por via da nova gestão pública, da reforma do Estado e dos orçamentos competitivos, ou seja, quem tem melhores resultados recebe mais verbas, e, nesse caso, a competitividade está relacionada a desempenho alcançado.

Enquanto isso, a nova gestão pública produz a inserção do gerencialismo na educação, fomentando de acordo com Silva e Carvalho:

"uma gestão voltada para a busca da eficiência e da eficácia mensurada por meio de resultados alcançados em avaliações de caráter geral sustentadas nos chamados testes padronizados. Essa

perspectiva gerencial conduz a gestão da educação e a busca da qualidade no campo educativo para os limites de uma perspectiva reducionista dos processos educativos, não dialogada com a formação integral do indivíduo, voltada para a construção e exercício da cidadania e da autonomia." (Silva & Carvalho, 2014, p. 235)

Assim, o sistema meritocrático não se destina apenas a premiar o mérito daqueles que são bem-sucedidos e que ficam convencidos do seu merecimento, mas, destacar simultaneamente e inversamente os menos excelentes, convencendo-os do seu fracasso como uma incapacidade ou falta de esforço. O reconhecimento do mérito é importante para os que são premiados, contudo, a maioria sofre o demérito (Lima, 2017). Há alunos excelentes que se esforçam pouco e alunos medianos que se empenham sobremaneira para atingirem bons resultados. Na competição meritocrática escolar, as regras são iguais para todos, desconsiderando, os condicionantes impeditivos de uma partida equalizada em termos culturais, sociais, econômicos, etc. Quando discorre sobre essa temática, Souza (2019, p. 91) expõe que as desigualdades são fomentadas pelo desconhecimento sobre o que seja classe social, "sem a ideia de classe e o desvelamento das injustiças que ela produz desde o berço, temos a legitimação perfeita para o engodo da meritocracia individual do indivíduo competitivo". Dessa forma, a concorrência é admissível, pois estimula os protagonistas a empreenderem mais e melhor, por outro lado, a competitividade exacerbada é contrária à educação humana, uma vez que a escola eficaz combate a desigualdade e busca melhores resultados, criando ambientes propícios a essas práticas.

Contudo, ao ter um olhar apurado na palavra meritocracia, que significa governar por e para as desigualdades, reconhece-se as diferenças e os talentos via a gestão das escolas, premiando os alunos que se esforçam e aqueles que têm melhores resultados (notas). Fica patente que os alunos considerados excelentes são os que obtêm as maiores notas.

Por tudo isso, abordar a questão da performatividade acadêmica numa escola pública moderna, universal, laica, gratuita, obrigatória, com cariz democrático, que vem conquistando avanços significativos, sobretudo no que diz respeito ao acesso, qualidade e equidade, no contexto econômico, sociopolítico e ideológico, com o qual mantém relações recíprocas, nos remete a inúmeras reflexões sobre a concretude das ações educativas. Refletir sobre democracia, democratização, gestão democrática e performatividade acadêmica numa escola pública brasileira de ensino fundamental e médio, induz à compreensão de algumas terminologias pouco elucidadas.

No que tange ao termo performatividade, tem origem nas palavras do inglês *perform* e *performance*, que significam desempenho. Na língua portuguesa, inexistente uma definição precisa do termo, assim como na espanhola. O conceito do termo performativo, que deu origem à expressão performatividade, foi introduzido pelo filósofo J. L. Austin, em seu trabalho sobre atos de fala (Abbagnano, 2007; Neveu, 2007). Para Ball, a performatividade é:

“uma tecnologia, uma cultura e um método de regulamentação que emprega julgamentos, comparações e demonstrações como meios de controle, atrito e mudança. Os desempenhos de sujeitos individuais ou de organizações servem de parâmetros de produtividade ou de resultado, ou servem ainda como demonstrações de “qualidade” ou “momentos” de promoção ou inspeção.” (Ball, 2005, p. 543).

Ainda, no que se refere à performatividade acadêmica, ou seja, aos percursos escolares de excelência, é importante considerar que “a cultura performativa está longe de se apresentar de forma homogênea e uniforme” (Torres & Palhares, 2016, p. 617). Percebe-se que um aluno com bom desempenho acadêmico é aquele que expressa suas habilidades acadêmicas, obtendo excelentes notas ao longo do seu processo formativo. Porém, diversos fatores podem afetar esse desempenho acadêmico. Ter mau desempenho difere de não ter competência, a exemplo de: em muitos aspectos, as notas atribuídas pelo professor tem caráter subjetivo; os exames nacionais padronizam todos os alunos com os mesmos parâmetros; cada indivíduo pode apresentar comportamentos, hábitos e interesses específicos por esta ou aquela disciplina e/ou atividade, etc.

Todavia, performatividade não condiz com a visão democrática, uma vez que a competição exacerbada é um inimigo da democracia. Para Lima, a:

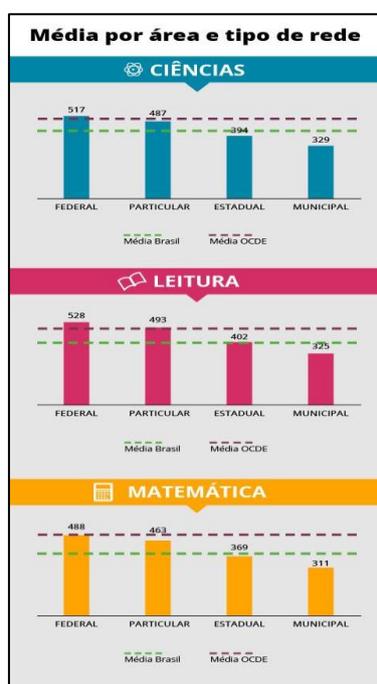
“performatividade competitiva de feição utilitarista e mercantilista revela-se, no limite, um princípio contrário a uma educação humanista e crítica, orientada para a solidariedade e o bem comum, colocando toda a pressão na adaptação individual, na adequação e no ajustamento em termos dos conhecimentos, das qualificações e, agora, das «competências» que se exigem”. (Lima, 2005, p. 84).

De forma a concretizar a busca por maior eficiência, dispositivos de controle e regulamentação foram implantados pelas políticas públicas da gestão da escola (Ball, 2002; Sousa, 2016). Sousa enfatiza que

"a performatividade congrega um conjunto de dispositivos de controle e regulação que atuam sobre os indivíduos e na forma como eles veem a instituição [...]" (Sousa, 2016, p.12).

Neste contexto, tem-se os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Programme for International Student Assessment) (PISA), em que a avaliação realizada com alunos brasileiros, em 2016, contou com uma amostra de 23.141 estudantes, de 841 escolas, que representa uma cobertura de 73% dos estudantes de 15 anos. Conforme a figura 2, as escolas das redes federais e particulares apresentam os melhores resultados no universo brasileiro.

Figura 2 - Resultados PISA/BRASIL 2015



Fonte: Brasil/MEC (2016); Scachetti, Pascoal e Ferreira (2016)

Fica demonstrado, por meio dessa figura, que as escolas mais performáticas e os alunos mais excelentes são os da rede de ensino federal e privado. Tal fato, aufer, que nesses segmentos, a performatividade se mostra singular, com a desqualificação da maioria das escolas públicas estaduais e municipais pela avaliação dos alunos.

Isso posto, pode-se deduzir que a situação socioeconômica, ainda interfere, sobremaneira, na educação e no rendimento dos alunos (Bourdieu, 2007c, 2008b; Bourdieu & Passeron, 1992, 2009). Nesse sentido, Iosifi (2007) quando trata da qualidade da escola pública, esclarece que:

"apesar das recentes políticas de acesso à educação, do Programa Bolsa Escola e outros programas sociais vinculados à educação, que têm procurado de modo focalizado resolver o problema da pobreza material, ainda é enorme o número de crianças que ingressam, mas que não conseguem aprender e permanecer na escola, dando continuidade aos seus interesses escusos do Estado neoliberal em manter a situação de pobreza política de grande parte da população, que precisa continuar agindo como massa de manobra. Sem ter acesso ao saber elaborado e ao conhecimento científico, fica mais difícil para essa parcela da população exigir seus direitos enquanto cidadãos e competir igualmente no mercado de trabalho com a outra parcela da população, aquela que frequentou as melhores escolas e que teve acesso ao conhecimento, aquela cuja escola lhes ensinou a aprender e a pensar e que, por isso, terão melhores condições de vida que os demais, que só foram à escola para produzir e seguir instruções, geralmente, de um professor ultrapassado e pouco comprometido com a mudança social". (Iosifi, 2007, p. 96-97)

Partindo dessa inferência, presume-se que as crianças e jovens que frequentam as escolas públicas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio são de classe baixa, ou seja, pessoas que, por vezes, vivem em situação de vulnerabilidade social. (Silva, 2016)

Por sua vez, Gadotti debate a qualidade da educação na perspectiva de uma nova abordagem e esclarece:

"Quando a escola pública era para poucos, era boa só para esses poucos. Agora que é de todos, principalmente para os mais pobres, ela precisa ser apropriada para esse novo público, ela deve ser de qualidade sociocultural. Isso significa investir nas condições que possibilitam essa nova qualidade que inclui transporte, saúde, alimentação, vestuário, cultura, esporte e lazer. Não basta matricular os pobres na escola (inclusão). [...] É preciso matricular o projeto de vida desses novos alunos numa perspectiva ética, estética e ecopedagógica. A educação integral precisa visar à qualidade sociocultural da educação, que é sinônimo de qualidade integral". (Gadotti, 2013, p. 4)

Ainda de acordo com Gadotti (2013), a qualidade da educação necessita ser tratada sistemicamente, desde os anos iniciais (creche) ao pós-doutoramento, considerando que ações isoladas não contribuem para o aprimoramento da educação.

No Brasil, a distinção de excelência acadêmica faz parte da dinâmica das escolas e está diretamente ligada à avaliação. Ela ocorre na educação fundamental, no ensino médio e no ensino superior. No ensino fundamental e médio, destaca-se a do setor privado, ocorrendo o inverso no ensino superior. No entanto, nos rankings nacionais de educação, algumas escolas públicas, notadamente as Federais, aparecem nas primeiras posições entre as privadas. A excelência acadêmica brasileira, quando comparada à realidade mundial, apresenta níveis baixos, principalmente na rede pública de ensino. (Brasil/MEC, 2016).

Assim, torna-se imprescindível ressaltar que a excelência acadêmica difere de perfeição, e esta está associada à eficiência e à eficácia acadêmica, tanto da instituição quanto dos estudantes, uma vez que ambos visam obter os melhores desempenhos. De acordo com Torres e Palhares (2016, p. 617), “a problemática da excelência acadêmica constitui uma linha de pesquisa recente e ainda pouco diversificada nas formas de abordagem”. Portanto, abordaremos a seguir, fatores que contribuem para a construção da excelência acadêmica.

2. A construção da excelência acadêmica: fatores políticos, sociais, culturais e organizacionais

A busca pela excelência acadêmica tem sido uma exigência na contemporaneidade, nomeadamente no espaço educativo, que tem sofrido influências do capital e, cada vez mais, tem apresentado a eficácia mercadológica da educação como um princípio estruturante das políticas educativas. De acordo com Dale

“as numerosas combinações possíveis de financiamento, fornecimento e regulação tornam possível a ampla série de mecanismo de ‘mercado’ e ‘mesclas’ da economia da política social que produz a heterogeneidade e complexidade dos ‘mercados’ educacionais que aparentemente estão a proliferar por todo o mundo Ocidental” (Dale, 1997, p. 139).

Desse modo, a articulação da educação com o sistema produtivo está intrinsecamente ligada à questão social e político-ideológica. Tal afirmativa apoia-se no fato de perceber-se o sistema econômico como a instância infraestrutural da sociedade verdadeiramente determinante, porém articulada dialeticamente com o nível superestrutural. Isso significa dizer que a base econômica não pode ser entendida como algo isolado e abstrato. No sistema produtivo se estabelecem relações sociais concretas em consequência da existência das classes fundamentais da sociedade. No modo de produção capitalista, portanto, as

relações econômicas não são apenas técnicas, mas principalmente relações de classes, cuja essência é o antagonismo e a luta que se trava entre essas mesmas classes. Segundo D'Ambrosio (2011, p. 84) “as grandes transformações políticas e econômicas que resultaram das revoluções americanas e francesas causaram profundas mudanças nos sistemas educacionais”.

2.1 No campo da política

A educação articula-se necessariamente com as esferas políticas e ideológicas na medida em que veicula por todo o corpo social, os valores estabelecidos pela classe hegemônica, visando à formação das futuras gerações, de acordo com seus valores e a preservação da sociedade. Portanto, para se entender as proposições evidenciadas para as políticas públicas educacionais, é imprescindível que se estabeleça uma ligação com as mudanças ocorridas no contexto econômico mundial. No Brasil, alguns pesquisadores têm demonstrado a inviabilidade de se estudar as políticas públicas educacionais, dissociando-as da prática social capitalista (Frigoto & Ciavata, 2003; Kuenzer, Garcia & Calazans, 2011). Acentuando essa ideia, Almeida retrata que:

“a educação formal, organizada sob a forma de política pública, é, portanto, uma das maneiras instituídas de internalização dos valores hegemônicos na sociedade capitalista e que, a partir das lutas sociais – em especial da classe trabalhadora pelo reconhecimento de seus direitos sociais –, tornou-se também condição importante para os processos de produção de uma consciência própria, autônoma, dessa própria classe e de suas frações”. (Almeida, 2015, p. 35).

O principal desafio do Brasil, na atualidade, é garantir uma educação de qualidade para todos, sobretudo porque a legislação garante a toda criança e jovem ter acesso à educação de qualidade. Ademais, a educação é vista como uma política estruturante para garantir outros direitos sociais, econômicos, de renda etc. Contudo, no momento que todos estão na escola, ela experimenta um vasto processo de desorganização, visto que os educadores não estão preparados para lidarem com tanta heterogeneidade. Se exige performance dos docentes e alunos, mas os custos políticos são escassos e ainda se convive com a barreira cultural da não valorização do desempenho para performance acadêmica. Compreende-se que a excelência acadêmica é um atributo importante, porém, precisa estar atrelada à equidade.

À luz dos estudos realizados por Torres e Palhares sobre a excelência da escola pública portuguesa, fica demonstrado que:

“Num contexto cada vez mais marcado pelos princípios da *nova gestão pública*, as orientações educativas com vista à produção de resultados mensuráveis sucedem-se e multiplicam-se em vários espaços e tempos sociais e educacionais, e sob a égide e impulso de diversas instâncias de regulação nacionais e internacionais”. (Torres, Palhares & Afonso, 2018, p. 6).

Outro aspecto a ser considerado quando se fala em um bom desempenho acadêmico, é como comprovar se um sistema de notas pode avaliar realmente o aluno, seja no Brasil ou em qualquer país do mundo. Será que as condições socioeconômicas e culturais precisam ser consideradas? Os exames nacionais padronizados surgem para determinar o desempenho dos candidatos, com a utilização de mesmos critérios, mesmas matérias e mesmo nível de exigência para os alunos que se inscrevem. De acordo com Miranda et al. (2015, p. 181) "a performance de um estudante sofre influência de inúmeras variáveis, dificilmente poderia ser estabelecida uma medida exata do seu desempenho".

A cultura de avaliações institucionalizadas tem se fortalecido nos últimos anos, contudo não se avalia apenas o aprendizado dos alunos em sala de aula, mas, os sistemas educacionais e o conjunto de escolas, em virtude da ênfase dada à globalização e à relação entre a educação e o desenvolvimento econômico. Libâneo explica que:

“com a globalização da economia e a acelerada revolução tecnológica, as organizações financeiras internacionais voltaram-se para o planejamento das políticas educacionais dos países a fim de ajustá-las às exigências da produção, do consumo, dos mercados, da competitividade. Por isso, faz-se cada vez mais necessária a distinção entre a avaliação do aproveitamento dos alunos e a avaliação institucional, ou seja, entre a avaliação feita pelos professores e a avaliação da eficácia dos sistemas de ensino e do conjunto de escolas”. (Libâneo, 2015, p. 197-198).

Nesta perspectiva, as avaliações nacionais com parâmetros bem definidos, é peça fundamental do modelo mercantil, pois, segundo Araújo, Leite e Andriola, “os mecanismos de gestão e avaliação dos resultados escolares estão sendo desenvolvidos a fim de mensurar o progresso relativo e absoluto do sistema educacional, atestar a eficácia ou o fracasso das ações escolares, bem como priorizar e redirecionar investimentos públicos”. (Araújo, Leite & Andriola, 2019, p. 305).

A política implantada no âmbito educacional brasileiro é norteada por leis que estabelecem padrões curriculares, criação de sistemas de avaliação e descentralização das ações governamentais. O sistema de ensino é descentralizado, e, no nível federal, se discute e define políticas amplas para todo o país com a participação dos diferentes entes estaduais e municipais. Além de ser descentralizado tem distribuição de atribuições.

Nesse sentido, a avaliação educacional, em grandes proporções, mostrou-se fundamental para levantar informações, “monitorar, acompanhar e redirecionar as tomadas de decisões que focalizam a eficiência e a eficácia da educação nacional” (Araújo, Leite & Andriola, 2019, p. 306). Visando “[...] consolidar um sistema educacional capaz de concretizar o direito à educação em sua integralidade, dissolvendo as barreiras para o acesso e a permanência, reduzindo as desigualdades [...]” (INEP, 2015a, p. 9), o Plano Nacional de Educação (PNE) (decênio 2014-2024), através da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, em sua meta 19, objetiva:

“assegurar condições, no prazo de 2 (dois) anos, para a efetivação da gestão democrática da educação, associada a critérios técnicos de mérito e desempenho e à consulta pública à comunidade escolar, no âmbito das escolas públicas, prevendo recursos e apoio técnico da União para tanto” (Brasil, 2014).

Atualmente, os estudantes brasileiros participam de vários tipos de avaliações standardizadas como demonstrado na figura 3.

Figura 3 - Avaliações da Educação Básica coordenadas pelo INEP/SAEB

| |
|---|
| Nacionais: <ul style="list-style-type: none">• Avaliação da Alfabetização Infantil (Provinha Brasil)• Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB):<ul style="list-style-type: none">• Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB)• Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc/Prova Brasil)• Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) |
| Internacionais: <ul style="list-style-type: none">• Estudos regionais comparados – (LLECE)• Programme for International Student Assessment - (PISA) |

Fonte: Brasil/MEC (2016)

Trazendo à tona que esta investigação visa compreender a performatividade acadêmica do aluno do ensino médio, ater-se-á ao estudo proposto pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), por tratar-se de uma pesquisa em larga escala, que aplicada, afere conhecimentos e habilidades dos estudantes de 15 anos em leitura, matemática e ciências, contrastando com resultados do desempenho de alunos dos países membros da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico (OCDE), além de 35 países/economias parceiras. A participação do Brasil no PISA é hoje considerada fundamental, entretanto, quando foi consensualizada, em 1999, era considerada um suicídio político, pois se previa que o país ocuparia posições insatisfatórias. Em certo sentido, estavam certos, pois apesar do Brasil estar melhorando no ranking, ainda ocupa colocações insuficientes, comparando os resultados com os de outros países. Isso se dá por ter iniciado com resultados muito baixos, estando ainda aquém do ideal.

O país sofre com diversas desigualdades, nomeadamente, econômicas, sociais, raciais, de gênero e, também, desigualdades educativas e de aprendizagem (IBGE, 2016; Souza, 2019). Os estudos de Pierre Bourdieu evidenciam que os indivíduos ocupam posições distintas na sociedade e dispõem de capital em padrões diversificados, dificultando a competição de uns com os outros (Bourdieu, 1989, 2007a, 2008a; Campos, 2016). Nesse caso, não se trata apenas de questões econômicas, porém similarmente simbólicas. Em geral, essas desigualdades influenciam o grau de mobilidade social e de mobilidade intergeracional (Giddens, 2013; Ribeiro, 2012; Souza, 2019). De acordo com a síntese de indicadores sociais:

"os indicadores de atraso escolar no Brasil, como a taxa de distorção idade-série e a taxa de frequência escolar líquida, refletem índices elevados de reprovação, levando em conta os padrões internacionais, e estão relacionados ao abandono escolar de uma parcela significativa de jovens que não concluiu a educação básica obrigatória. Essa situação representa um custo elevado ao sistema de ensino brasileiro e tem como consequência o aumento das desigualdades educacionais na medida em que penaliza de forma mais intensa os estudantes mais vulneráveis". (IBGE, 2016, não paginado)

Sob essa perspectiva, a educação não é uma prática social neutra, acabada e determinada mecanicamente. Ela é o fruto de um processo histórico-dialético que a torna enraizada politicamente e, sobretudo, contraditória. Sua principal contradição evidencia-se quando o saber sistematizado, cujo domínio exclusivo deveria, em tese, ser da classe que detém o poder político e econômico, torna-se

acessível às classes populares. Em tal aspecto, reside as duas faces da educação que, na sociedade capitalista, encontra na escola um espaço possível para suas manifestações.

2.2 No campo da cultura

A escola é uma instituição onde se deve praticar a arte de educar de forma orientada e que garanta uma constante ação construtiva do ser humano, não só ao nível da aquisição gradual de conhecimentos, mas, também, na qualidade da formação, da sua personalidade e do desenvolvimento do espírito crítico. Ela não pode ser neutra, ao contrário, é imprescindível que seja um lugar para as lutas democráticas. Ainda não deixou de ser um espaço de reprodução social, mas pode ser um espaço de mobilização social. É um dos espaços em que tensões e contradições, que se relacionam com as dificuldades das sociedades contemporâneas, poderão ser vividas e provavelmente resolvidas. Cabe acentuar que a escola sempre foi uma entre todas as instâncias de socialização, e, outrossim, é uma instituição ao serviço do poder. De acordo com Libâneo

“[...] é um lugar de compartilhamento de valores e de aprender conhecimentos, desenvolver capacidades intelectuais, sociais, afetivas, éticas, estéticas. Mas é também um lugar de formação de competências para participação na vida social, econômica e cultural”. (Libâneo, 2013, p. 117).

Progressivamente, os programas curriculares visam a aplicação de estratégias de ensino que promovam a aquisição de competências transversais, perspectivas e valores por parte do aluno, contribuindo para a construção da sua personalidade, o que o torna um ser humano capaz de atuar e responder pronta e eficazmente a todos os estímulos da sociedade (Perrenoud, 2001). É preciso acentuar que, atualmente, a necessidade de uma formação acadêmica exigente assume extrema relevância, não só na aquisição de uma profissão, mas, também, na integração social. Em conformidade com Giddens, “a educação veio proporcionar as capacidades de literacia e cálculo que asseguravam o acesso ao universo dos meios de comunicação social impressos” (Giddens, 2013, p. 992).

No que se refere à integração social, pode-se inferir que os seres humanos são por natureza sociais. Em sociedade, os indivíduos tecem sua realidade em um procedimento constante de interação e mudança dos meios dos quais fazem parte. Porém, é na cultura que se encontram os componentes que viabilizam a compreensão da realidade social e da disposição de cada pessoa.

A sociologia dispõe de inúmeras teorias para a análise do elo entre indivíduo e sociedade. Dentre os estudiosos, sobressaem os autores clássicos da sociologia: Karl Marx (1818-1883); Émile Durkheim (1858-1917); Max Weber (1864-1920); e os contemporâneos Norbert Elias (1897-1990) e Pierre Bourdieu (1930-2002). De acordo com Marx e Engels (1999, p. 7) "nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais", enquanto Durkheim pensava como verdadeira a premissa que:

"[...] cada sociedade considerada em momento determinado de seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos de modo geralmente irresistível. É uma ilusão acreditar que podemos educar nossos filhos como queremos. Há costumes com relação aos quais somos obrigados a nos conformar; se os desrespeitarmos, muito gravemente eles se vingarão em nossos filhos. Estes, uma vez adultos, não estarão em estado de viver no meio de seus contemporâneos, com os quais não encontrarão harmonia. [...] Quando se estuda historicamente a maneira pela qual se formaram e se desenvolveram os sistemas de educação, percebe-se que eles dependem da religião, da organização política, grau de desenvolvimento das ciências, do estado das indústrias, etc. Separados de todas essas causas, históricas, tornam-se incompreensíveis". (Filloux, 2010, p. 43-44).

Entretanto, para Weber (2008), as pessoas elegem as ações e atitudes, em conformidade com a cultura e a sociedade em que vivem, de modo que as convivências sociais aconteçam em um sentido de mutualidade por parte dos outros. Assim, "a relação social consiste[...] inteiramente na probabilidade de que os indivíduos comportar-se-ão de uma maneira significativamente determinável. É completamente irrelevante o porquê de tal probabilidade, mas onde ela existe pode-se encontrar uma relação social". (Weber, 2008, p. 45). Em suma, para Weber, o indivíduo e a aceção de suas ações são os fundamentos da sociedade.

Quanto à teoria de Elias (1994), em seu livro "a sociedade dos indivíduos", ele infere que é nas relações sociais e mediante elas, que os sujeitos adquirem atributos humanos (falar, pensar, amar etc.). Nessa mesma tessitura, esclarece que:

"Toda sociedade grande e complexa tem, na verdade, as duas qualidades: é muito firme e muito elástica. Em seu interior, constantemente se abre um espaço para as decisões individuais. Apresentam-se oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas. Aparecem encruzilhadas em

que as pessoas têm de fazer escolhas, e de suas escolhas, conforme sua posição social, pode depender seu destino pessoal imediato, ou o de uma família inteira, ou ainda, em certas situações, de nações inteiras ou de grupos dentro delas. Pode depender de suas escolhas que a resolução completa das tensões existentes ocorra na geração atual ou somente na seguinte. Delas pode depender a determinação de qual das pessoas ou grupos em confronto, dentro de um sistema particular de tensões, se tornará o executor das transformações para as quais as tensões estão impelindo, e de que lado e em que lugar se localizarão os centros das novas formas de integração rumo às quais se deslocam as mais antigas, em virtude, sempre, de suas tensões. Mas as oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela". (Elias, 1994, p. 48).

Outro conceito discutido por Elias (1994) é o de *habitus*, em que ele o define como um saber assimilado pelo indivíduo em sociedade. No ideário de Bourdieu (2008b), o *habitus* implica uma estrutura social e uma trajetória individual, constituído por meio das instâncias de socialização dos sujeitos, especialmente a família e a escola. O *habitus* é um "sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes" (Bourdieu, 2007a, p. 191). Em linhas gerais, expressa que não deve existir separação entre o indivíduo e a sociedade, ao contrário, existe uma relação dialética entre o agente social e a sociedade. Nas palavras de Bourdieu,

"os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas - o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro". (Bourdieu, 2008b, p. 22).

Observa-se que o distanciamento cultural entre as gerações está, cada vez mais, acentuado. Hoje, as gerações mais recentes denotam competências contrárias às dos pais, haja vista sofrerem todo tipo de influências externas à família. O mundo está cada vez mais globalizado, dinâmico, rápido e tecnológico.

A escola tradicional foi substituída por uma escola heterogênea, tendo ficado inconcebível ter uma escola pautada em transmissão de conhecimentos historicamente repassados. Nesse contexto, o que se faz nos processos educativos precisa ser adaptado às demandas das sociedades contemporâneas e ao interesse dos estudantes. Torres, em seus estudos sobre a problemática das culturas escolares explica que:

“a “cultura escolar” pretende recobrir um cenário marcado pela hegemonia de uma lógica da “integração” e, como tal, desencadeadora de configurações culturais “integradoras”, directamente redutíveis às grandes estruturas englobantes. Sobressaem, desta imagem, comportamentos convergentes e reprodutivos da ordem prescritiva, condutas fiéis às estruturas e “regras formais”, enfim, um quadro de valores, de crenças, de ideologias estabilizadas e colectivamente partilhadas pelos actores escolares. Tal cenário, tem o condão de fazer sobressair as dimensões culturais historicamente institucionalizadas nas organizações escolares, sob a forma de ritos, rituais, cerimónias legitimadoras da acção educativa, e, por isso, relativamente comuns, generalizáveis ou ainda observáveis na regulação do funcionamento de todas as escolas”. (Torres, 2005, p. 446).

A cultura imprimida na escola pública brasileira tem dificultado o avanço da educação e das aprendizagens. Partindo da premissa que a escola deve preparar o aluno para vida e para viver largamente, precisa-se minimamente de ter competências para buscar o conhecimento concreto que tem sido exigido internacionalmente. Tem-se que pensar que a educação pública é um grande instrumento para se reduzir as desigualdades sociais, promover a mobilidade, visando minimizar a vulnerabilidade. Consoante com as ideias desenvolvidas por Kroef sobre escola como polo cultural:

"a identidade cultural entre a comunidade e as ações pedagógicas ressignifica a escola contribuindo para a consolidação da responsabilidade pela garantia da aprendizagem. Além dos mecanismos de participação, que possibilitam que os diferentes sujeitos envolvidos com a escola articulem suas energias na busca da aprendizagem dos alunos [...]". (Kroef, 2017, p. 17-18)

Com efeito, a cultura no âmbito escolar tem que estar focada no aprendizado, em detrimento ao hábito de objetivar, apenas, "passar de ano". Alguns pais se esforçam para colocar seus filhos em escolas privadas, pois desacreditam no modelo da educação pública vigente. No entanto, como já foi dito antes, "a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a

colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". (Brasil, 2016).

Nessa perspectiva, Muzzeti, Suficier e Manzan, explicitam que:

"a propensão que uma família tem de investir na escolarização de seus filhos e filhas depende, entre outros fatores, do peso relativo do capital cultural no conjunto do patrimônio e do ethos adquiridos pela mesma. Define-se ethos como o futuro escolar apreendido como possível para os filhos e as filhas, ou seja, as probabilidades de êxito escolar objetivamente determinadas que diferem segundo as condições de existência das frações de classe de cada grupo de agentes". (Muzzeti; Suficier & Manzan, 2015, p. 194-195)

Entretanto, estudos relatam que, por sua vez, algumas famílias apresentam incapacidade de se envolver como parte estruturante fundamental no processo educativo dos filhos, talvez, por falta de conhecimento de cidadania, por não ter representação do processo escolar ou por falta de disponibilidade, devido à carga de trabalho. Em geral, a escola só chama os pais para informar as transgressões cometidas pelos seus filhos (Oliveira & Marinho-Araújo, 2010; Silva 2015; Leite 2015; Setton et al., 2017). Corroborando com essa temática, Leite (2015), em sua pesquisa sobre a relação entre a família e a escola com vista à erradicação do fracasso escolar, apresenta como conclusão que:

"A não participação familiar na vida escolar dos filhos é vista nas escolas como um entrave para o sucesso da aprendizagem, porém, neste estudo, comprovou-se que os pais dos alunos que são coparticipativos do processo ensino-aprendizagem e esses têm acompanhado o desenvolvimento de seus filhos na escola, através de uma participação ativa nas atividades, buscando ajuda, indo à escola quando necessário, sendo assíduos nas reuniões, procurando os professores e se envolvendo de forma mais direta, assim têm conseguido melhor desempenho no processo educativo dos filhos. [...] A partir desse estudo, foi possível verificar que o fracasso escolar é um problema que atinge uma grande camada da população brasileira, sendo que se busca superá-lo através da parceria família e escola". (Leite, 2015, p.110).

Bourdieu (2008a) destaca, também, que tanto a influência do capital cultural quanto o investimento educacional contribuem na obtenção do sucesso escolar, na perspectiva familiar em que os pais estão

sempre à procura da melhor escola, melhores professores, melhores turmas, e os melhores resultados, vislumbrando uma vida acadêmica e profissional exitosa para os seus filhos.

Com relação à escola e ao capital cultural das famílias, Bourdieu exprime que:

"A diversificação oficial (em ramificações) ou oficiosa (em estabelecimentos ou classes escolares sutilmente hierarquizados, por exemplo com o estudo dos idiomas), contribui para recriar um princípio, especialmente dissimulado, de diferenciação: os alunos oriundos de boas famílias receberam da família o senso do investimento, assim como os exemplos e os conselhos capazes de sustentá-lo em caso de incerteza, e estão assim em condição de investir na hora certa e no lugar certo, neste caso nas ramificações apropriadas, nas escolas certas, etc.; enquanto os oriundos de famílias pobres, [...] na maioria dos casos abandonados a si mesmos já desde o primário, e obrigados a entregar suas escolhas à instituição escolar, ou ao acaso, para encontrar seu caminho, num universo cada vez mais complexo, e por isso votados a errar a hora e o lugar no investimento do seu reduzido capital cultural". (Bourdieu, 2008a, p. 484-485).

A escola se apresenta como um espaço democrático onde o conhecimento é transmitido igualmente a todos os estudantes. Bourdieu observou que o ensino não é transmitido do mesmo jeito para todos como a escola mostra. Segundo ele, os alunos provenientes das classes favorecidas trazem como herança o capital cultural. A cultura são os valores e ideais que orientam, organizam e dão personalidade a um grupo social. Por outro lado, o conceito de capital cultural é proveniente de uma representação criada por Pierre Bourdieu, visando explicar como a cultura em uma sociedade estratificada se transforma em uma moeda que as classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças. A escola, ao não levar em conta o capital cultural de alunos vindos de diferentes meios sociais, ajuda a manter essas diferenças e estratificar a sociedade.

2.3 Fatores associados à excelência escolar

Instituir excelência acadêmica no sistema educacional brasileiro, tem se mostrado um empreendimento árduo. O problema consiste, principalmente, na extensão do território e na complexidade da sociedade. O bom desempenho, deve ser problematizado quanto ao contexto individual, cultural e escolar do aluno, reconhecendo os obstáculos à aprendizagem, decorrentes dos fatores externos e internos da escola e do próprio sistema educacional. Nessa seção, focar-se-á, especialmente, os fatores externos à escola que

influem na excelência acadêmica, destacando: influências políticas, condições econômicas, sociais e culturais das famílias. E como fatores internos: organização pedagógica, liderança escolar, qualidade dos professores, ambiente de aprendizagem e infraestrutura. Cabe ressaltar que alguns desses fatores já foram abordados anteriormente.

Estudos recentes diagnosticaram que as políticas educacionais brasileiras enfrentam o dilema de não conseguirem possibilitar educação de qualidade para todos, e isso se deve a desafios de natureza técnica e política (Todos pela educação, 2018a, 2018b, 2018c). Com relação a esses desafios, apreendem que:

"Políticas educacionais essenciais para a aprendizagem já consolidadas pela literatura não estão presentes em muitas das redes de ensino. Há frágil estrutura de gestão e implementação da política educacional em todos os níveis da federação. Falta uma estratégia nacional sistêmica que seja capaz de articular União, Estados e Municípios em torno de um projeto comum e que consiga promover alto grau de coerência entre as políticas educacionais adotadas. Há baixo incentivo dos governantes para atuarem politicamente pela educação e efetivamente buscarem melhorias na aprendizagem dos alunos (o que inclusive, explica parte importante dos desafios de natureza técnica)" (Todos pela educação, 2018a, p.6).

Nesse documento, se explicita de forma mais efetiva o que seja desafio técnico, enfatizando que "política educacional é política pública", acrescentando que, em conformidade com a literatura nacional, os fatores internos necessitam ser observados, destacando que "as experiências de sucesso apontam, para de fato impactar a aprendizagem, o esforço da política educacional precisa se concentrar naquilo que ocorre dentro da sala de aula. Ou seja: o foco deve estar na prática pedagógica dos professores e no fortalecimento da relação professor-aluno". (Todos pela educação, 2018a, p. 29).

De modo similar, considera que existem fatores externos à escola que apresentam grande relevância nos resultados educacionais e, no entanto, não são contemplados adequadamente pela política pública, distinguindo especificamente:

"a participação das famílias na educação de seus filhos; o atendimento intersetorial das crianças na primeira infância (além daquela promovida pela educação infantil); e a provisão de ações de atenção especial a situações de risco na infância, adolescência e juventude, como a pobreza, a violência e a gravidez precoce". (Todos pela educação, 2018a, p. 29).

Quanto aos desafios políticos, pode-se resumir que é "o baixo incentivo dos governantes para atuarem politicamente pela educação e efetivamente buscarem melhorias na aprendizagem dos alunos" (Todos pela educação, 2018a, p. 30). A atuação política com objetivos concretos de alcançar a excelência educativa e de aprendizagem estão atrelados a pontos como:

"a blindagem da gestão educacional em relação a clientelismos, seja em nível federal, estadual ou municipal; a estruturação de equipes de alta qualidade técnica; a decisão de dar continuidade às políticas de sucesso iniciadas por gestões anteriores; o compromisso com a implantação de ações respaldadas pelas evidências e pelo conhecimento acumulado; a força política para enfrentar eventuais resistências a processos de mudança". (Todos pela educação, 2018a, p. 30).

Para melhor compreensão, compete explicar que "Todos Pela Educação" é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos e suprapartidária, fundada em 2006, que tem como missão impulsionar a qualidade e a equidade da educação básica no Brasil, vislumbrando contribuir para o avanço das políticas públicas educacionais. Apesar de revelar fragilidades inerentes à educação brasileira, essa organização também tem contribuído para melhoria da educação, se espelhando em casos de sucesso, o que culminou no documento "Educação já", e, dessa forma, ressaltando que:

"É importante dizer que muitas das propostas específicas em cada temática se inspiram em experiências de êxito verificadas em estados e municípios brasileiros. Já não temos apenas algumas ilhas de excelência, como era a realidade na década passada. Hoje temos avanços em escala muito maior, de forma contínua e com redução da desigualdade. [...] A qualidade da Educação é determinante para o crescimento do País, com distribuição de renda. Apenas cuidando da escola pública e dos nossos alunos e alunas é que seremos capazes de dar oportunidades a todos os brasileiros e brasileiras, rompendo o ciclo histórico de exclusão e desigualdade do Brasil". (Todos pela educação, 2018b, sem paginação).

Em suma, apresenta inicialmente um diagnóstico detalhado, seguido de uma proposta de estratégia nacional para educação básica, onde aponta visão de futuro, princípios orientadores, visão sistêmica de diretrizes de médio e longo prazos e três eixos: 1. fatores intraescolares; 2. viabilizadores em nível de sistema; e 3. fatores extraescolares. A figura 4 demonstra a visão geral da estratégia sistêmica e seus três eixos.

Figura 4 - Visão geral da estratégia sistêmica



Fonte: Todos pela educação (2018a, p. 36)

Em consonância com Setton et al. (2017) observa-se, em estudos desenvolvidos no Brasil e em Portugal, que as influências políticas residem basicamente na tentativa de minimizar as desigualdades, sejam elas sociais, culturais ou estruturais. Validando esse entendimento, Vasconcelos, em sua tese "ensaios sobre poder público na educação", elucida que:

"A garantia de padrão mínimo de qualidade e condições de igualdade de acesso e permanência na escola constituem princípios basilares da política educacional brasileira. Ressalta-se a contribuição política e social deste estudo ao ressaltar as desigualdades de infraestrutura existentes entre as escolas. Assim, fica transparente a necessidade de políticas públicas que visem a diminuir as discrepâncias e promover condições escolares mínimas para que a aprendizagem possa ocorrer em um ambiente escolar mais favorável". (Vasconcelos, 2019, p.19).

Face ao exposto, presume-se que os investimentos públicos em educação e a infraestrutura são variáveis próximas fundamentais que influenciam a excelência acadêmica. A maioria dos municípios brasileiros não dão conta de manter a infraestrutura escolar por falta de recursos financeiros para manutenção das instalações. Para Vasconcelos, a tríade "infraestrutura escolar, investimentos públicos em educação e desempenho educacional, constantemente encabeça a discussão sobre os principais problemas educacionais brasileiros". (Vasconcelos, 2019, p.15).

Nesse sentido, acredita-se que:

"as políticas públicas de educação brasileira interferem diretamente na organização das escolas. Um

redirecionamento causado pelas mudanças de governo, a carência de incentivos na área da educação, as políticas públicas de contratação de pessoal, entre outros, são fatores externos que atingem diretamente o desempenho escolar" (Soares, 2002, p. 15).

Além disso, fatores socioculturais também são relevantes, como afirmam Torres e Palhares: “as condições sócio culturais dos alunos constituem um fator-chave na determinação dos percursos escolares de excelência” (2016, p. 622). Corroborando com esse entendimento Souza afirma que as classes sociais são formadas na família, são reproduzidas no tempo e transmitidas afetivamente pelos pais aos filhos, enfatizando que:

"O sucesso escolar dependerá, por exemplo, da transferência efetiva, aos filhos, de disciplina, pensamento prospectivo – ou seja, a capacidade de renúncia no presente em nome do futuro – e capacidade de concentração. Sem isso, os filhos se tornam no máximo analfabetos funcionais. Esse “patrimônio de disposições” para o comportamento prático, que é um privilégio de classe entre nós, vai esclarecer tanto a ocupação quanto a renda diferencial mais tarde. Como cada classe social tem um tipo de socialização familiar específica, é nela que as diferenças entre as classes têm que ser encontradas e ser objetivo de reflexão". (Souza, 2019, p. 94).

Bourdieu (2007b) apresenta em seus estudos, que as famílias buscam transmitir seus conhecimentos e mais especificamente o capital cultural, se apropriando de inúmeros métodos, inclusive os educativos. Seguindo ainda o raciocínio de Bourdieu, há uma relação entre o sucesso escolar, o capital cultural herdado e a instituição escolar em que se investe o futuro dos filhos, em que ele denota:

“pelo fato de que o sucesso escolar depende, principalmente, do capital cultural herdado e da propensão a investir no sistema escolar – e de que, para determinado indivíduo ou grupo, esta será tanto maior quanto mais dependentes estiverem dela para manter ou melhorar sua posição social –, compreende-se que a parcela dos estudantes oriundos das frações mais ricas em capital cultural será tanto maior em uma instituição escolar quanto mais elevada ela estiver na hierarquia propriamente escolar das instituições de ensino”. (Bourdieu, 2007a, p. 112-113).

Por sua vez, Lahire expõe em seus estudos sobre o sucesso escolar em ambientes populares, que:

"a presença objetiva de um capital cultural familiar só tem sentido se esse capital cultural for colocado em condições que tornem possível sua "transmissão". Ora, nem sempre isso acontece. As pessoas que têm as disposições culturais susceptíveis de ajudar a criança e, mais amplamente, de socializá-

la num sentido harmonioso do ponto de vista escolar nem sempre têm tempo e oportunidade de produzir efeitos de socialização. Nem sempre conseguem construir os dispositivos familiares que possibilitariam "transmitir" alguns de seus conhecimentos ou algumas de suas disposições escolarmente rentáveis, de maneira regular, contínua, sistemática. É por essa razão que, com capital cultural equivalente, dois contextos familiares podem produzir situações escolares muito diferentes na medida em que o rendimento escolar desses capitais culturais depende muito das configurações familiares de conjunto. Podemos dizer, lembrando uma frase célebre, que a herança cultural nem sempre chega a encontrar as condições adequadas para que o herdeiro herde". (Lahire, 1997, p. 338)

De acordo com Bourdieu (2007a, p. 67), "as diferenças de capital cultural marcam as diferenças entre as classes". O citado autor também afirma que: "o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do capital social – também herdado – e que pode ser colocado a seu serviço". (Bourdieu, 2007c, p. 74).

No tocante aos aspectos internos que influenciam diretamente a excelência acadêmica escolar, ou seja, aqueles que fazem parte da instituição, aponta-se como mais significativos: a qualidade dos professores, formação da equipe pedagógica, ambientes de aprendizagem, infraestrutura e fornecimentos dos recursos.

Conforme os dados publicados no Observatório do Plano Nacional de Educação (OPNE), em 2017, o Brasil tinha 2.192.224 professores na Educação Básica (Brasil, 2019). O PNE é uma lei que estabelece diretrizes, metas e estratégias para os próximos dez anos da Educação brasileira. O atual documento apresenta um conjunto de metas e estratégias que contemplam todos os níveis, modalidades e etapas educacionais, além de estabelecer diretrizes para a profissão docente, a implantação da gestão democrática e o financiamento do ensino, bem como, traça estratégias específicas para a redução da desigualdade e inclusão de minorias. Um dos maiores desafios da Educação brasileira tange à formação de professores. Consoante Ramos (2013),

"apenas 2% dos jovens querem seguir a carreira docente, e sobram razões para isso: salários injustos, ausência de planos de carreira, o descaso ou a pouca prioridade dada aos cursos de licenciatura pelas universidades – normalmente, tratadas como os "primos pobres" dos bacharelados – e as

difíceis condições de trabalho nas escolas e, muitas vezes, no entorno delas. Assim, não surpreende o desinteresse dos jovens brasileiros em seguir essa carreira tão importante para qualquer país que deseja ter um futuro sólido e saudável". (Ramos, 2013, 94).

Infere-se, portanto, que para se fomentar uma educação de excelência no Brasil, é condição *sine qua non* valorizar, capacitar e remunerar adequadamente todos os docentes. No entanto, Gomes, Nunes e Pádua atestam que:

" as condições de trabalho extrapolam a questão salarial e envolvem também a oferta de estrutura física adequada, recursos materiais e equipamentos. Embora se constituam como fatores de natureza objetiva, influenciam o modo de ser e estar na docência, mostrando que aspectos externos ao indivíduo referentes às condições concretas de exercício da profissão" (Gomes, Nunes & Pádua. 2019, p. 281).

Apesar de estar previsto na CF, no artigo 206, que o ensino será administrado seguindo o princípio de "valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas" e continua apresentando como cânone o "piso salarial profissional **nacional** para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal" (Brasil/Senado Federal, 2016, p. 123, grifo nosso), contudo, os debates sobre a valorização e equidade salarial docente são frequentes e relevantes em todo o território nacional. Cabe aos governantes efetuar medidas para a educação, capazes de nortear as práticas educativas, de modo a conduzi-la à excelência da qualidade do ensino nas escolas brasileiras. As boas práticas docentes estão, estreitamente, ligadas à evolução da Educação. Há de convir que o progresso da educação é vital para o país, considerando que ainda dispõe de "uma escola do século 19, um professor do século 20, mas um aluno do século 21" (Ramos, 2013, p. 95). Os resultados educacionais apresentam expressivas desigualdades, e entre os Estados eles são alargados (INEP, 2015b, 2019). É imprescindível coibir as desigualdades regionais, haja vista, essas também estarem relacionadas à grande variação nos salários dos professores nos Estados brasileiros.

Complementando, Soares (2002) revela que:

"A política de contratação de professores, através do sistema de designações, produziu uma situação em que o quadro docente das escolas públicas é extremamente instável. Deve se considerar que a

mudança anual de boa parte dos professores, além da demora para a contratação das substituições, dificulta ou, até mesmo, impossibilita a formação de uma equipe, o que afeta diretamente a eficácia escolar" (p. 20-21).

Face ao exposto, convém balizar que a maioria das escolas públicas padecem por falta de recursos. Essa situação compromete a prática docente, pois faltam ambientes adequados para a aprendizagem do aluno, impossibilitando a utilização de estratégias metodológicas que viabilizem o processo de ensinar e de aprender. Ou seja, o processo de mediação de ensino-aprendizagem fica comprometido, prejudicando a qualidade do ensino e, conseqüentemente, o êxito acadêmico. Para contribuir com a excelência acadêmica, na escola pública, o professor carece de condições financeiras e materiais que permitam o desenvolvimento de um trabalho de excelência (Gomes, Nunes & Pádua. 2019).

Outro aspecto que pode influenciar significativamente a excelência acadêmica, é a formação da equipe multidisciplinar, visto que a atuação dos profissionais de educação necessita ser contumaz e articulada (Miranda et al., 2015). Sob esta perspectiva, Lahire, quando questionado como deveria ser a estrutura escolar para atender a demanda de instruir e educar, assinala que:

"Em termos objetivos, seria importante que cada escola tivesse uma equipe pedagógica com psicólogos e tutores para acompanhar os estudantes. O ideal é que fosse reduzido o número de alunos por classe. Não é culpa dos professores se o Estado não investe para criar essa estrutura. Ao contrário, o que vemos normalmente é o governo reduzir o número de professores, suprimir classes e equipes pedagógicas. Um desastre" (Lahire, 2015).

De forma a demonstrar essa realidade, em 2002, Jane Wreford, consultora e especialista da Comissão de Auditoria da Inglaterra, a pedido do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, visitou durante um mês, escolas públicas de São Paulo. Neste período, teve a oportunidade de observar e constatar vários indicadores críticos e insatisfatórios, tais como: falta de preparo dos professores da rede pública para motivar a participação dos alunos; a burocracia estatal do ensino prejudicando todo o sistema educacional; a escassez de materiais didáticos, em que pesa a falta de bibliotecas adequadas em quase todas as escolas. Sobre a infraestrutura das escolas, foi notado que: "muitos prédios acomodam salas de aula de todos os níveis. A tarefa do professor é dificultada pela falta de ventilação no calor e o amplo uso de concreto polido, que aumenta o barulho. O estilo das escolas estaduais é deprimente, obscuro e utilitário. Abundam barras e correntes". (Wreford, 2003, p. 4). A consultora menciona que os alunos da

educação básica enfrentam uma série de dificuldades relacionadas à baixa qualidade do ensino, nomeadamente ao relativo à leitura e escrita. Enfatiza que "em muitos casos, os próprios professores não dão o devido valor aos livros e outros materiais impressos, como mapas, gráficos ou meios de comunicação" (p. 2).

Partindo do exemplo apontado, percebe-se que investir em ambientes de aprendizagem, empodera a escola na trilha da excelência acadêmica. Por um lado, os espaços escolares são locais designados para a realização de atividades compostas por objetos, materiais didáticos e mobiliários. Por outro, os ambientes de aprendizagem mostram-se como a junção entre espaço físico e a convivência das pessoas nos espaços: "O espaço revela a concepção de ensino e aprendizagem da escola, mostra o perfil de quem a frequenta, porque os espaços se tornam ambientes à medida que as interações e ações vão acontecendo" (Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante, 2016, p.7).

A exemplo de espaços escolares, pode-se arrolar: salas de aulas; pátio de recreio; laboratório; biblioteca; ginásio poliesportivo (quadras); núcleo de apoio educativo (apoio pedagógico); serviço psicológico; assistência estudantil; etc. Todos os espaços são fundamentais à excelência de uma escola. Dessa forma, configura-se mais um desafio a ser vencido pelos governantes e gestores brasileiros, tal como estruturar todas as escolas públicas, tornando-as ambientes dignos e propícios a educar cidadãos. Visto que a biblioteca está imbricada nesse estudo, detalhar-se-á um pouco da sua influência na excelência acadêmica, a exemplo do que se segue.

O principal atributo influenciador está na missão da biblioteca que é "informar educando". Considerando que, ao longo desta investigação se discorre sobre a BE e sua importância, propõe-se exprimir um conceito extensivo, abordado por uma das principais estudiosas brasileiras sobre bibliotecas escolares, a seguir apresentado:

"Biblioteca escolar é o centro dinâmico de informação escolar, que permeia o seu contexto e o processo de ensino-aprendizagem, interagindo com a sala de aula. A partir do perfil de interesses dos usuários, dispõe de recursos informacionais adequados (bibliográficos e multimeios) providos de rigorosos critérios de seleção, dando acesso ao pluralismo de ideias e saberes. Favorece o desenvolvimento curricular, conta com mecanismo de alerta e divulgação de livros para a leitura recreativa, formativa e a pesquisa escolar, sempre sob a orientação de mediadores capacitados para funções referenciais e informativas. Estimula a criatividade, a construção de conhecimentos; dá

suporte à capacitação de professores, à educação permanente, à qualificação do ensino. Contribui para a formação integral do indivíduo, capacitando-o a viver em um mundo em constante evolução" (Antunes, 1998, p. 171).

Portanto, fica claro que a biblioteca é um tipo de organização imprescindível para constituição da excelência acadêmica. De acordo com Macedo, é mais que isso (2005, p. 176), "trata-se de um projeto institucional, em contínuo desenvolvimento, por inúmeros tipos de programas que levam o estudante ao imaginário, à sensibilidade, à diversidade cultural, ao lazer bem dirigido por meio de vivências interiores e experiências estudantis".

Nesse sentido, o texto constitucional apresenta, como princípio, em seu artigo 206, dentre outros, a "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber e garantia de padrão de qualidade" (Brasil, 2016, p. 123). Esta redação mostra a extensão da responsabilidade do poder público com a educação de todos os brasileiros, pois, além de garantir a educação para todos, também, é função das políticas públicas avaliar e ajudar a melhorar a qualidade do ensino do país.

Isso faz supor que, a biblioteca, além de ser espaço de ensino-aprendizagem, espaço cultural, espaço de incentivo à leitura, disseminadora de informações, dinamizadora de rotinas e incentivadora da participação e criatividade dos usuários, pode, também, favorecer vantagem competitiva para as instituições de ensino, ou seja, as escolas que têm bibliotecas bem estruturadas, articuladas com o PPP, atuando em sintonia com a sala de aula, e alinhadas à missão institucional, conseguem se distinguir. (Almeida, 2015; Nascimento 2014; Macedo, 2005).

Nesse contexto, cabe ressaltar que a estrutura física disponibilizada para realização das atividades de aprendizagem, necessita estar apta ao incentivo, à investigação e à criatividade, despertando o interesse dos alunos a obter bons resultados (Colares et al., 2009). Observa-se, atualmente, que a direção da escola está mais focada nos resultados, na produção, com a lógica produtivista, em detrimento de como os resultados são construídos. Assim, uma investigação realizada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), destaca que os alunos apresentam bom desempenho quando estudam em escolas que oferecem boa infraestrutura. Os resultados da pesquisa imprimem várias conclusões sobre as dificuldades das escolas públicas e rurais, ressaltando que:

"al estudiar las relaciones entre infraestructura escolar y resultados académicos en las pruebas de SERCE se observa que los factores que están más alta y significativamente asociados con los aprendizajes son la presencia de espacios de apoyo a la docencia (bibliotecas, laboratorios de ciencias y salas de computo), la conexión a servicios públicos de electricidad y telefonía y la existencia de agua potable, desagüe y baños en número adecuado. En las escuelas urbanas, además de los anteriores, la presencia de áreas de uso múltiple (gimnasio y/o auditorio) y de espacios para enfermería o servicios psicopedagógicos están asociados con mejores aprendizajes de los estudiantes". (Duarte, Gargiulo & Moreno, 2011, p. 25).

Desse modo, infere-se como principais fatores associados ao desempenho acadêmico: a escola em conjunto com os docentes, a família e o aluno, atualmente, há dificuldades de se ponderar qual o mais significativo, mas, fica evidenciado que a escola ocupa um posto proeminente. Ou seja, o bom desempenho escolar dos estudantes começa na sala de aula, perpassa pelo currículo, depende do comprometimento e capacitação adequada dos docentes - "docente de qualidade" para alunos "de qualidade" (Bourdieu, 1992, p. 148), envolvimento da equipe multidisciplinar e participação efetiva dos pais na formação dos seus filhos (Miranda et al., 2015; Fagundes, Luce & Espinar, 2014). Sobre o desempenho acadêmico como indicador de qualidade da transição ensino médio-educação superior, Fagundes, Luce e Espinar (2014) consideram em seus estudos que:

"A importância das variáveis ambientais sempre foi reconhecida, ainda quando não analisada, pois estas fazem referência aos modelos estruturais e estáticos dos contextos familiar, institucional e social e a seus aspectos dinâmicos. [...] os estudantes trazem consigo uma variedade de atributos (sexo e capacidade), origem familiar (status social, expectativas familiares) e experiências pré-universitárias (sucesso no Ensino Médio e/ou em outros estudos prévios). Todos esses fatores, juntos ou separados, influem no desempenho acadêmico do estudante. Contudo, ainda não foi encontrado estudo, cujo modelo compreendesse exclusivamente a perspectiva de análise sociológica." (p. 642).

Em suma, as expectativas elevadas, as atividades de casa, o uso da biblioteca, as atitudes dos professores nas aulas, os reconhecimentos e repreensões, a apresentação dos trabalhos dos educandos, as oportunidades para a responsabilização e participação dos alunos (Lahire, 2014), relacionam-se com a performatividade acadêmica de cada estudante e com a excelência acadêmica.

Segundo Cortê e Bandeira (2011, p. 8) a BE é "um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito de leitura". Por esses requisitos, nunca será independente, por natureza, representando as diretrizes da escola. Para Farias e Vitorino é:

"vista como um espaço de expressão e aprendizado, e se tiver seu potencial devidamente explorado pode-se tornar mediadora no aprendizado, com vistas à competência informacional. A participação do bibliotecário escolar nas atividades educacionais e seu envolvimento no planejamento curricular favorecem o desenvolvimento de habilidades no aluno que, por sua vez, aprende a aprender" (2009, p. 13).

A contemporaneidade conduz toda a comunidade escolar a novos percursos, em que a biblioteca faz parte deste contexto, pois o espaço de produção desta sociedade é um conjunto de meios, mais especificamente um conjunto de informações. (Souto, 2014). Por isso, no período escolar, se torna inconcebível o exercício do processo de ensino-aprendizagem sem uma biblioteca para oferecer serviços de informação aos alunos.

CAPÍTULO II

O PAPEL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES NA PROMOÇÃO DO

DESEMPENHO ESCOLAR

1. Concepções de biblioteca escolar: objetivos e funções

A biblioteca, de modo geral, é considerada um espaço cultural e tem um papel relevante no processo educativo. Isso se deve ao fato de ter como preceito preliminar o armazenamento, a organização e a difusão da informação/conhecimento para disponibilizar aos seus usuários.

Na história do registro e disseminação da informação, as bibliotecas têm um papel fundamental no desenvolvimento cultural da sociedade, por oferecerem acesso às informações acumuladas pela humanidade. Um marco considerado primordial para a evolução das bibliotecas e a definição do seu papel como disseminadora da informação, foi a invenção da imprensa (sec. XV).

A biblioteca é a mais antiga e frequente instituição identificada com a cultura. Desde que o homem passou a registrar o conhecimento, ela existiu, colecionando e ordenando tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos e papéis impressos. Está presente na história e nas tradições, destacando-se em Alexandria, nos tempos de Cristo, e proliferando nos interiores dos mosteiros medievais como repositório do saber humano. Foi peça importante no projeto luso de colonização por meio da catequese (Milanesi, 2003).

À medida que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) foram sendo desenvolvidas, as bibliotecas foram incorporando-as, de forma a aperfeiçoar o processamento e a difusão da informação. Seguindo o raciocínio de Milanesi (2003), o desenvolvimento das TIC trouxe para o campo da disseminação do conhecimento, possibilidades que ameaçam a existência dos livros e bibliotecas. Contudo, se as bibliotecas entenderem a sua função na perspectiva de agregar os recursos tecnológicos para irem além do seu objetivo tradicional (informar), alcançarão espaços de destaque na sociedade.

Nesse contexto, desde meados do século XX, tem ocorrido no Brasil mudanças de paradigma em relação às bibliotecas: elas estão deixando a visão conceitual retrógrada de meros repositórios de livros e passando a desempenhar um papel democrático e estratégico de atender às necessidades informativas de seus usuários. Destacam-se como espaços onde se podem realizar processos investigativos, de busca e uso de informações. Para tanto, disponibilizam várias mídias, recursos tecnológicos, fontes de informações e ferramentas de recuperação de informação.

Nesse sentido, Dudziak (2001), outrora, apontava que a solução para um novo conceito de biblioteca, mais adequado às mudanças ocorridas e consonante com o letramento informacional, é sua transformação de organização taylorista em organização aprendente. Dudziak afirma em relação à competência em informação, que:

“as bibliotecas enfrentam o desafio de se transformarem, de repositório de informações e prestadoras de serviços, em organizações provocadoras de mudanças nas instituições em que atuam. Para se constituírem em organizações aprendentes e espaços de expressão, têm de buscar sua própria revolução, adotando práticas de inovação organizacional”. (Dudziak, 2003, p. 33).

Assim, as bibliotecas sejam, escolar, especializada, universitária ou nacional, contribuem, sobremaneira, para o processo de ensino-aprendizagem. No que diz respeito à BE, foco de nosso estudo, ela é concebida como centro ativo de aprendizagem, uma vez que deve facilitar o acesso a materiais educativos. Dentro de uma concepção tradicional, sua função é reunir e organizar a sua coleção bibliográfica. Em uma concepção mais contemporânea, sua função é integradora entre obra/usuário, permitindo assim, uma função de comunicação. Ao contribuir para uma ação educativa, enfoca-se a formação do leitor e de pesquisa, haja vista o vasto manancial de informação e os instrumentos atualmente disponíveis.

Segundo a International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), cujas regras são seguidas no Brasil, “a biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios”. (IFLA, 2000, p. 1).

Por conseguinte, são organizadas para integrarem-se com a sala de aula, tendo como objetivo apoiar o processo ensino-aprendizagem e o desenvolvimento do currículo escolar. Funcionam como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação. Poderão servir, também, como suporte para a comunidade em suas necessidades. Sua função é de agente educacional. Dentro das novas concepções adotadas para o ensino médio, elas objetivam atender o ensino, a pesquisa e a extensão. Ressaltando o papel de agente educacional, pode-se dizer que a biblioteca é uma alternativa de inclusão social e se configura como um ambiente democrático, tendo a informação como uma ferramenta importante para a conscientização dos direitos e deveres de cada cidadão como membro da sociedade.

Na Lei nº 12.244, de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no Brasil, é considerada BE “a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (Brasil, 2010).

Campello et al. (2003, p. 30) afirmam que:

“[...] a coleção da biblioteca [escolar] não é um conjunto de materiais reunidos aleatoriamente e sem nenhum propósito. Para constituir um recurso didático eficiente, o acervo da biblioteca tem que ser formado e desenvolvido com critério, levando-se em conta o projeto pedagógico da escola e o contexto em que esta se insere”.

Reiteram, também, que a biblioteca reflete de maneira clara o papel que lhe é destinado pela instituição mantenedora. “Se desempenhar uma função educativa preponderante na escola, por exemplo, [...] então a biblioteca será um espaço amplo, com instalações confortáveis.” (Campello et al., 2003, p. 47–48). O planejamento do espaço físico deve ser feito em função do acervo e do uso que se pretende fazer dele (Campello et al., 2003).

Em conformidade com o Manifesto da BE (2000), no âmbito do ensino-aprendizagem

“a biblioteca escolar (BE) propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis”. (IFLA/UNESCO, 2000, p. 1).

Segundo o mesmo manifesto, os objetivos da BE, no que tange ao desenvolvimento da leitura, das competências em informação, do ensino- aprendizagem e da cultura, são de acordo com a (IFLA/UNESCO (2000, p.3):

"Apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola; desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida; oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento; apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para

utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos; prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões; organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade; trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola; proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia; promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor".

A BE é uma unidade de informação ligada necessariamente a uma instituição de ensino pré-escolar, fundamental e/ou médio e tem como referência para suas atividades, o projeto pedagógico da instituição na qual está inserida. Seu objetivo é atender os interesses de leitura e informação da sua comunidade de usuários, a qual é composta, principalmente, por alunos, professores e funcionários da instituição de ensino. Porém, pode, também, ampliar suas atividades para atender os familiares de alunos e a comunidade externa.

Para que a BE exerça o papel de incentivar a leitura e disseminar informação, três elementos são primordiais: um acervo bem selecionado e atualizado, considerando todo tipo de suporte de informação; um ambiente físico adequado e acolhedor; e o bibliotecário responsável pela gestão do conhecimento, pelas ações administrativas, atuante como mediador de informação e produção cultural. Convém ressaltar que a questão do acervo precisa ser entendida na perspectiva da função pedagógica inerente a esse tipo de instituição. A coleção de acervo em uma BE constitui a base para a aprendizagem argumentadora e crítica e, no que se refere à competência informacional, representa o espaço para o desenvolvimento de habilidades de localização, seleção, interpretação e uso da informação, essenciais para se viver numa sociedade de pluralidade de informação (Campello et al., 2003).

Fica demonstrado, então, que a BE é um lugar de estudo e construção de conhecimento, com a função de colaborar com a dinâmica da escola, despertar o interesse intelectual, favorecer o progresso cultural e incentivar a formação do hábito de leitura. (Cortê & Bandeira, 2011). Além do incentivo na consecução do hábito de leitura, destaca-se o papel da biblioteca no apoio à pesquisa escolar. A curiosidade e a inquietação diante da realidade são intensificadas por meio da pesquisa escolar, onde o aluno, do ensino médio, individual ou coletivamente, elabora inquéritos e analisa respostas, construindo e reconstruindo conhecimentos via um processo autônomo.

Campello, em seus estudos sobre pesquisa orientada, relata que:

“a pesquisa escolar é uma estratégia didática que pressupõe o envolvimento ativo do estudante na construção de seu conhecimento, utilizando várias fontes de informação. Durante esse processo o aluno tem a oportunidade de aprender e desenvolver habilidades de busca e uso de informação, ponto em que a participação do bibliotecário é fundamental.” (Campello, 2009, p. 41-42).

No tocante, ainda, à pesquisa em BE, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) apontam a importância desse tipo de atividade para o desenvolvimento educacional-ético-social do educando, incluindo a contribuição na participação social por meio do desenvolvimento de projetos contextualizados e interdisciplinares/articuladores de saberes, proporcionando, dessa forma, um maior significado para os estudantes. A pesquisa, por sua vez, tem como princípio pedagógico propiciar a participação do discente, tanto na prática pedagógica quanto na colaboração para o relacionamento entre a escola e a comunidade. (Brasil/MEC, 2013). Geralmente, entende-se que um trabalho integrador conjuntamente com professores, pesquisadores e profissionais da informação, no contexto de uma biblioteca, proporciona um uso mais otimizado da informação e do conhecimento.

2. Importância da biblioteca na organização escolar

De acordo com a LDB, (Brasil/Congresso Nacional, 1996), é a escola, com todas as suas dependências - salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório - que constituem os espaços formais de educação. Neste estudo, denotar-se-á a BE como espaço de ensino e aprendizagem.

Em geral, a biblioteca tem como objetivos, ser capaz de dar apoio ao ensino, à pesquisa e extensão, contudo, não participa efetivamente dessas ações. Dudziak esclarece que:

“a consonância entre as atividades desenvolvidas pela biblioteca e os programas de ensino, pesquisa e extensão implementados pelas instituições educacionais é o fator que determina seu real sentido. Essa consonância é alcançada por meio do entendimento das estruturas curriculares, bem como a interação com a comunidade e a integração ao modelo político-educacional almejado pela instituição. A clareza com relação aos objetivos e atividades pertinentes à biblioteca, como serviço de informação

que é, dentro de sua comunidade também é fator determinante nessa integração”. (Dudziak, 2003, p. 33).

Versando sobre a importância da BE, Cortê e Bandeira (2011, p. 6) apontam que “a BE serve de suporte aos programas educacionais, atuando como um centro dinâmico, participando, em todos os níveis e momentos, do processo de desenvolvimento curricular e funcionando como laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional”.

Campelo et al. (2003, p. 7), por sua vez, esclarecem que “a biblioteca escolar, mais do que um estoque de conhecimentos, pode constituir-se em um espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea”. É justificável que nessa instituição educativa, a mediação entre acervo/usuário seja feita a partir de um trabalho integrado de educadores e educandos. Cabe ressaltar, que o trabalho de equipe nesse espaço é fundamental para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa, seja ela, escolar ou científica.

A partir da LDB, foram formados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino médio, que redistribuíram o trabalho da comunidade educacional do país, passando a ser interdisciplinares. Os mesmos propõem “a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização” (Brasil/MEC, 2000), contribuindo de forma efetiva para que os educandos construam conhecimentos e desenvolvam autonomia intelectual.

A nova LDB, em resumo (Brasil/Congresso Nacional, 1996), vem estabelecer um novo panorama para o ensino médio, unindo numa mesma modalidade, finalidades antes dissociadas, para ofertar, de forma articulada, uma educação equilibrada, com funções equivalentes para todos os estudantes:

- a formação da pessoa, de maneira a desenvolver valores e competências necessárias à integração de seu projeto individual ao projeto da sociedade em que se situa;
- o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- a preparação e orientação básica para a sua integração ao mundo do trabalho, com as competências que garantam seu aprimoramento profissional e permitam acompanhar as mudanças que caracterizam a produção no nosso tempo;

→ o desenvolvimento das competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudos.

Nesse contexto, a BE tem a incumbência de oferecer apoio ao processo de ensino-aprendizagem e colaborar em prol do desenvolvimento intelectual dos alunos, professores e demais funcionários da Instituição. Portanto, é de suma importância que a missão esteja regulamentada em consonância com a da escola, comprovando seu compromisso de apoio ao processo educacional. Os regulamentos, regimentos e políticas funcionam como instrumentos legais aprovados pela gestão da escola, onde são estabelecidos objetivos, produtos e serviços, normas de utilização do acervo, horário de funcionamento, direitos e deveres dos usuários e regras de utilização dos equipamentos e espaço físico para um bom funcionamento da BE.

Por sua vez, para que a biblioteca tenha sua dimensão pedagógica instituída, se faz necessário articular a colaboração dos professores, bibliotecários e equipe técnico-pedagógica, através de ações de coordenação, cooperação, instrução integrada e, sobretudo, por meio do currículo integrado, ou seja, as atividades da biblioteca devem ser integradas ao currículo da escola. Neste caso, Campello afirma que: “o bibliotecário interage com todos os professores, participa do planejamento curricular, envolve-se com a direção da escola, para garantir não só recursos para o desenvolvimento das atividades, mas também um clima propício para o trabalho colaborativo.” (Campello, 2012, p. 87).

Dudziak (2001), quando discorre sobre a biblioteca e a *information literacy*, afirma que a conformidade entre as atividades desenvolvidas pela biblioteca e os programas de ensino, pesquisa e extensão implementados pelas instituições educacionais, é o fator que determina seu real sentido. Essa consonância é alcançada por meio do entendimento das estruturas curriculares, bem como a interação com a comunidade e a integração ao PPP pela instituição.

Para conduzir de forma dinâmica as ações administrativas da biblioteca, Cortê e Bandeira defendem que:

“é preciso que o gerente conheça com profundidade a estrutura organizacional que administra, os objetivos, missão e visão de futuro da biblioteca, aonde ela quer chegar como instituição, que serviços deseja prestar, a que comunidade atender, de que recursos dispõe, em termos orçamentários e

financeiros, espaço físico e a composição de sua equipe de trabalho, habilidades e capacidade de cada profissional”. (Cortê & Bandeira, 2011, p 35.)

Quanto aos serviços prestados na BE, cabe ressaltar que esses necessitam ser avaliados e mensurados estatisticamente, pois permitirá avaliar e medir o real funcionamento e a qualidade dos serviços ofertados, bem como: mapear e conhecer os usuários, identificando os que mais utilizam a biblioteca; acompanhar o crescimento comparando a anos anteriores; identificar os assuntos mais consultados; apontar os livros mais emprestados; indicar os horários mais frequentados pelos usuários; e mostrar os serviços mais procurados. A avaliação de desempenho, por outro lado, compara os dados e os combina entre si, e leva em conta a avaliação dos usuários, além de comparar os dados com as metas da biblioteca. O professor e bibliotecário Edgardo Alberto Stubbs, em seus estudos sobre Indicadores de Desempenho (ID), conclui que:

“Una biblioteca tiene variadas razones para medir su desempeño; por razones políticas, incluyendo compromisos vinculados con las políticas nacionales de información de un país, responsabilidad ante quienes apoyan política y financieramente el funcionamiento y desarrollo de la biblioteca, para mostrar los resultados de los logros y mejoras obtenidas a los usuarios y a la comunidad en general, como ayuda en la toma de decisiones y como herramienta de gestión”. (Stubbs, 2004, p. 151).

Segundo Lancaster (1996, p.1), “uma avaliação é feita não como um exercício intelectual, mas para reunir dados úteis para atividades destinadas a solucionar problemas ou tomar decisões”. E ao considerar a biblioteca como “uma interface entre os recursos de informação disponíveis e a comunidade de usuários a ser servida”, enfatiza que qualquer avaliação deve medir o bom desempenho dessa interação.

As diretrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares (versão de 2002, publicada, em Portugal, em 2006) aponta que os indicadores-chave de desempenho podem ser instrumentos úteis para a monitorização e avaliação do desenvolvimento dos objetivos da biblioteca, sejam eles: relativos à utilização, aos recursos, aos recursos humanos, aos qualitativos, aos financeiros e aos comparativos. A gestão deve monitorizar, de forma continuada, o desempenho dos serviços, de modo a assegurar que as estratégias atinjam os objetivos definidos.

Outro fator determinante para o bom desempenho de uma biblioteca é o índice de utilização da coleção em relação aos seus usuários efetivos. Este importante demonstrativo de capacidade é o indicador empréstimo domiciliar, por ser um indicador-chave de desempenho para os processos de gestão.

Em suma, a biblioteca tem a missão de oferecer apoio ao processo de ensino-aprendizagem, visando aprimorar, cada vez mais, os produtos e serviços com o objetivo de atingir um patamar de excelência no suporte informacional e disseminação do conhecimento à comunidade acadêmica e à sociedade, proporcionando atendimento de qualidade condizente com os anseios da comunidade interna e externa. Na condição de ser parte integrante de uma sociedade em constantes transformações e de atuar na instância da formação humana, assume o compromisso de prestar serviço de qualidade na gestão e disseminação da informação, promovendo a aquisição do conhecimento através de informações precisas e atualizadas. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que “a busca e o uso da informação fazem parte da atividade social e humana por meio da qual a informação torna-se útil para um indivíduo ou grupo.” (Choo, 2003, p. 118). Convém ressaltar que as bibliotecas têm a responsabilidade de procurar conhecer seus usuários efetivos com vistas a agregar usuários potenciais.

Sendo a biblioteca considerada um ambiente informacional de nossa sociedade, conhecê-la passa a ser, portanto, conhecer a realidade do mundo contemporâneo: a abundância de informações, a variedade de suportes, a necessidade de descobrir suas necessidades informacionais e como satisfazê-las. Por esta razão, é importante possibilitar que os alunos/usuários apreendam seu ambiente e nele desenvolvam atividades que contemplem suas possíveis necessidades informativas ou recreativas.

Face ao exposto, percebe-se para que os usuários da biblioteca sejam bem-sucedidos na busca da informação e ideias, cabe um esforço de mediação formativa, com vistas a capacitá-los, para localizar, selecionar e usar a informação, preparando-os para serem independentes (Kuhthau, 2006; Dudziak, 2001). Para se conhecer o comportamento informacional do usuário de biblioteca, são realizados estudos de usos e usuários da informação, temática de fundamental importância na área da biblioteconomia, que tem sido objeto de estudo tanto em âmbito nacional como internacional. O processo de criação de conhecimento prevê que o indivíduo seja autônomo na busca da informação para sua construção. Além disso, ele também deve ser autônomo para identificar o que sabe, as lacunas de conhecimento que existem e o que falta e, ainda, onde e como encontrar a informação para complementar a produção de conhecimento.

Ao dizer-se que a biblioteca coopera para a formação do homem, indivíduo e cidadão, infere-se que, efetivamente deverá operar e cooperar conjuntamente com a escola. De acordo com as impressões apresentadas por Neves (2011), isoladamente resulta em compromisso difícil de ser atingido. No entanto, a referida autora relata que:

"[...] o que tem se observado, nos últimos decênios, é que, cada vez mais, a escola está assumindo, mesmo sem condições materiais para tal, o compromisso da educação básica, compreendendo esta, não somente o ensino formal, mas também as práticas educativas que deveriam ser cultivadas pela família. Esta situação concorre para que o uso diversificado de recursos e procedimentos pedagógicos, alicerçados devidamente por políticas sociais, educacionais e culturais mediante o esforço planejado de dirigentes políticos e educacionais, se torne cada vez mais necessário, a fim de assegurar o sucesso do projeto educacional do país". (Neves, 2011, p.31)

Dessa forma, consoante o pensamento de Neves (2011), constitui-se como fator imprescindível para se ascender a este sucesso, a atuação conjunta da educação e da biblioteconomia, uma vez que ambas disponham de condições essenciais para o desenvolvimento de sua prática cultural-pedagógica.

Percebe-se por tudo que foi exposto, e à luz da quinta lei da biblioteconomia ou princípio de Ranganathan (2009), que a biblioteca é um organismo em crescimento – o bibliotecário deve controlar esse crescimento, verificando qual a informação que está sendo usada, através de estatísticas da consulta e empréstimo. Toda essa dinâmica exige que a biblioteca esteja sempre aprendendo e se atualizando.

É pertinente dizer que a biblioteca como instituição aprendente, precisa empreender esforços no planejamento de suas ações, atrelados ao planejamento estratégico da gestão da escola, visando otimizar o tempo e permitir que vários planos sejam administrados simultaneamente, à proporção que possibilita o acompanhamento do desempenho e a avaliação de resultados, e desse modo, tirar proveito de oportunidades, aprimorando a qualidade dos serviços e produtos ofertados, e garantir a concretização dos objetivos planejados. A avaliação consiste numa ferramenta que propicia ao bibliotecário atingir eficácia e eficiência organizacionais do acervo e dos serviços. De acordo com Almeida (2000), a eficácia está relacionada aos resultados e a eficiência, aos processos.

Fica evidenciado que a biblioteca, por ser um organismo social, precisa ser dinamizada através de programas e atividades, de forma que os serviços oferecidos sejam evolutivos e de modo similar, o

conhecimento. Tendo como objetivos: desenvolver o gosto pela leitura, o prazer de utilizar a biblioteca, a interpretação de textos, o espírito crítico, ampliar os horizontes, e criar o hábito de pesquisa.

Conclui-se que a biblioteca, dentro de uma instituição de ensino, tem a função de agente educacional, proporcionando o aprendizado do aluno nos diferentes campos, pois, se a escola inicia o aluno na instrução, a biblioteca a completa. É pertinente pensar na biblioteca como disseminador da informação, dando suporte informacional à instituição na qual está inserida e ao seu usuário. De acordo com Figueiredo (1983, p. 46)

“a acessibilidade e facilidade do uso são fatores determinantes para utilização ou não de um serviço de informação; o canal mais acessível, embora não o melhor, é escolhido primeiro e assim considerações e confiabilidade são secundárias. Por outro lado, a percepção da acessibilidade da informação, por parte do usuário, é influenciada pela experiência pessoal, ou seja, quanto mais experiência no uso de um canal, mais ele se torna acessível para o usuário”.

Portanto, torna-se evidente que o usuário/aluno é o objetivo principal da biblioteca, mas, para que esse usuário seja bem informado, é preciso poder contar com recursos humanos capacitados. Para que os objetivos propostos a uma biblioteca sejam alcançados, faz-se necessário que ela esteja sob a direção de um bibliotecário.

3. O perfil do bibliotecário e articulação com a direção da instituição

O bibliotecário tem como principal objeto de trabalho a informação. Embora todo profissional, tenha atrelado ao seu fazer grupos de tarefas inerentes a sua prática profissional, que delimitam o espaço de atuação, nos últimos anos, tem-se percebido a ampliação do seu espaço de trabalho, bem como a exigência por novas habilidades e competências.

Assim, a identidade do bibliotecário é definida a partir das atividades desenvolvidas e atribuições inerentes à profissão, acrescida de competências (Dudziak, 2007). Deste modo, o bibliotecário pode atuar como:

- a) intermediário da informação - desempenha atividades de processamento técnico e fazendo conexão entre a informação e o usuário;

- b) mediador informacional - auxilia, orienta, educa, treina, enfim, direcionando o usuário no processo de busca e uso da informação;
- c) mediador pedagógico - intercede nos processos educativos, visando proporcionar ações metodológicas e organizativas que promovam o aprendizado dos aprendizes; e
- d) agente educacional - participa ativamente das atividades da instituição educacional em que atua, neste aspecto conhecer o PPP é imprescindível, como agente educacional deve, também, praticar o aprender a aprender, difundir e popularizar a ciência, explicar as implicações da tecnologia, discutir a realidade político e social, promover a competência em informação e acolher e valorizar as pessoas.

Atualmente, o profissional, ainda, tem dificuldade de reconhecer sua identidade, mas, vem rompendo com muitas tradições, voltando-se para os avanços informacionais, tecnológicos, sociais e culturais, empreendendo esforços para promover os recursos e oferecer aos seus usuários os serviços que eles necessitam e desejam. O bibliotecário precisa ousar, enfrentando desafios, propondo novas ações, mesmo quando alguns são contrárias, acompanhando as tendências tecnológicas positivamente e as incorporando ao seu cotidiano, independente do formato em que se apresentem.

Esse profissional necessita conhecer sua identidade e mostrar-se de forma positiva por meio do seu bom desempenho profissional, com ética e competências bem definidas. A competência não se reduz ao saber, tampouco ao saber fazer, mas sim, à capacidade de mobilizar e aplicar esses conhecimentos e capacidades, onde se colocam recursos e restrições próprias a situações específicas.

De acordo com Côrte e Bandeira (2011, p. 15) o Bibliotecário Escolar necessita ter competências como:

“Ser um investigador permanente; possuir atitudes gerenciais proativas; possuir espírito crítico e bom senso; ser participativo, flexível, inovador, criativo; facilitar a interação entre os membros da comunidade escolar; possuir capacidade gerencial e administrativa; possuir capacidade de comunicação e relacionamento interpessoal; saber que a informação é imprescindível à formação do aluno; dominar as modernas tecnologias da informação; estar em constante questionamento; e estar atualizado na sua área de atuação; ter consciência de que o usuário é seu fim último; saber que a informação é imprescindível à formação do cidadão; reconhecer sua profissão como importante e necessária para a sociedade; reconhecer-se como um agente de transformação social e ser um leitor

crítico, que distingue, no momento da seleção e da indicação de livro, a literatura infantil e juvenil que é de qualidade”.

A competência em informação integra diferentes habilidades e conhecimentos, influenciados pela experiência. Para ser uma pessoa competente em informação, deve-se saber como se beneficiar do mundo de conhecimentos e incorporar a experiência de outros em seu próprio acervo de conhecimentos. Com a evolução do conceito de competência em informação, algumas concepções foram desenvolvidas, e, Dudziak (2003) analisa, sintetizando e comparando três diferentes concepções da *Information Literacy*, no que se refere à ênfase na Informação, no Conhecimento e no Aprendizado, conforme ilustrado na figura 5.

Figura 5 – Diferentes concepções da competência em informação



Fonte: Dudziak (2003)

Como gestores e partícipes do processo educativo, os profissionais da informação/bibliotecários precisam compreender e desenvolver um conjunto de atividades que promovam uma atitude positiva em relação à biblioteca e aos recursos informacionais, criando a ambiência propícia à autonomia para a geração de conhecimento novo e sua aplicabilidade ao contexto social, com compromisso e comprometimento de toda a equipe, fazendo, desse modo, um planejamento global do seu projeto educativo. Com essa postura, a biblioteca poderá ser dinamizada via o envolvimento dos alunos no uso de um espaço que induz a eles se expressarem e construir conhecimento, além de fundamentar os usuários para a importância do acesso e uso das fontes de informação, na abertura de horizontes na escola, no trabalho e condição de autonomia, no aprendizado ao longo da vida.

Logo, se deve entender que a informação não é uma variável social que, por si só, consegue solucionar problemas econômicos ou de trabalho dos usuários, tampouco suas necessidades de comunicação social e reconhecer que as pessoas desinformadas se encontram em desvantagens de oportunidades em uma sociedade desenvolvida, além de considerar que a leitura e a pesquisa auxiliam estudantes a construir sua identidade na relação com o mundo, a tornar-se um ser ativo e cidadão consciente e participativo de uma sociedade. Nessa linha de pensamento, as modernas teorias de leitura e de pesquisa apontam-nas como um processamento ativo da informação, construindo por antecipação, e tendo como base a competência linguística e cultural do usuário (Campello, 2009).

Isso demonstra a relevância do bibliotecário averiguar, sistematicamente, as necessidades de informação dos consulentes e satisfação com relação aos serviços e produtos fornecidos pela biblioteca, por meio de estudo de usuários. Almeida (2000, p. 74) destaca que “o conhecimento do usuário é indispensável, tanto para o planejamento de novos serviços de informação, como também para o aprimoramento de serviços existentes”. Convém ressaltar que o comportamento informacional do usuário da informação, temática de fundamental importância na área da biblioteconomia, tradicionalmente tratado pela denominação de estudo de usos e usuários da informação, tem sido objeto de estudo, tanto em âmbito nacional como internacional. O processo de criação de conhecimento prevê que o indivíduo seja autônomo na busca da informação para sua construção. Além disso, ele, também, deve ser autônomo para identificar o que sabe, as lacunas de conhecimento que existem e o que falta e, ainda, onde e como encontrar a informação para complementar a produção de conhecimento.

Como foi visto, é essencial ter competência no uso da biblioteca, pois, é neste espaço que se realizam os processos investigativos de busca e uso de informações. Para tanto, utilizam-se várias mídias, recursos tecnológicos, fontes de informações e ferramentas de recuperação de informação. O usuário de bibliotecas deve ser orientado para ser capaz de utilizar os recursos que ela possui de forma independente. Para Kuhlthau (2006), os recursos informacionais irão se constituir num rico manancial para propiciar o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes, para viver e interagir na sociedade da informação.

Ribeiro e Farias quando discorrem sobre necessidade de informação, complementam que:

“a Informação pode ser concebida como um recurso que tem diferentes definições, variando de acordo com o formato e o meio utilizado para o seu armazenamento e transferência e a área que a define. Considerada o principal recurso da sociedade do século XXI, no ambiente organizacional ela assume um caráter estratégico chegando a influenciar o comportamento das pessoas e seus relacionamentos no ambiente de trabalho. A busca e o uso da informação são um processo dinâmico e socialmente desordenado que se desdobra em camadas de contingências cognitivas, emocionais e situacionais”. (Ribeiro & Farias, 2018, p.100).

Ante ao desafio enfrentado pela biblioteca/bibliotecário de democratizar a informação e ser parte integrante da aprendizagem dos alunos, a atuação da gestão é relevante para o estabelecimento e manutenção dos projetos e atividades da biblioteca, contudo, segundo Campelo

“diversas pesquisas mostram que a maioria dos diretores tem uma compreensão limitada de como as atividades da biblioteca funcionam e de como elas contribuem para a qualidade dos projetos da escola. [...] A expectativa desses diretores é simplesmente de que o bibliotecário forneça informações para os usuários, apoie os professores quando solicitado e ajude os estudantes a encontrar materiais para as tarefas dadas pelo professor”. (Campelo, 2012, p. 58).

Por fim, compete aos gestores destacar os espaços educativos, quer seja a secretaria da escola, o laboratório, a sala de aula ou a biblioteca, empenhando-se para que esses estejam integrados na perspectiva de que o administrativo e o pedagógico não estejam separados, visto que ambos são necessários e interdependentes.

Ademais, entende-se que a biblioteca e o bibliotecário devem participar ativamente de todas as atividades da escola, mostrando-se parceiros no processo de ensino, vislumbrando ajudar na aprendizagem dos alunos, principalmente a que envolve busca e uso da informação. Com a evolução da sociedade da informação, espera-se que a classe bibliotecária, através de políticas de ações pedagógicas, atue efetivamente com práticas educativas, de forma a estimular o desenvolvimento de competências que permitam aos indivíduos o domínio das habilidades em informação e a capacidade de “aprender a aprender”.

Pode-se concluir que a biblioteca é a porta de entrada para o conhecimento, fornece as condições básicas para o aprendizado permanente, autonomia das decisões e para o desenvolvimento cultural dos

indivíduos e dos grupos sociais. Portanto, é imprescindível a inserção do profissional bibliotecário na comunidade educacional.

No que diz respeito à articulação do bibliotecário com a direção da escola, ela deve ser embasada em boas parcerias. O bibliotecário precisa participar do planejamento estratégico via reuniões para apresentar as demandas da biblioteca e inteirar a direção das ações desenvolvidas no setor, pois, se não houver essa articulação, o processo de oportunidade de criação e compartilhamento de conhecimentos com a utilização de recursos técnicos e participação da equipe de trabalho são tolhidos, dificultando o desenvolvimento da biblioteca.

4. Importância das bibliotecas na construção da excelência escolar

A BE constitui-se em um recurso importante para a formação do educando e, por isso, precisa ser valorizada de forma adequada, como um espaço de expressão e construção do conhecimento, além de propiciar e desenvolver o hábito e o gosto pela leitura, bem como fomentar o interesse pela pesquisa. Além disso, a biblioteca, deve ser compreendida como ambiente cultural que integra o processo formativo. Corroborando essa ideia, Vaz (2010, p. 25) afirma que: "a biblioteca escolar enquadra-se [...] como um meio privilegiado de formação e aprendizagem, bem como de promoção da qualidade do acto pedagógico que, mediado pela cultura, se orienta e desenvolve tendo em vista o sucesso educativo".

Escolas que acreditam e investem na BE, como recurso pedagógico, contam com evidências concretas de sucesso acadêmico, de acordo com Andrade (2003), uma investigação desenvolvida pela universidade de Denver, em várias escolas de diversos estados, nos Estados Unidos,

"mostrou que estudantes de escolas que mantêm bons programas de bibliotecas aprendem mais e obtêm melhores resultados em testes padronizados do que alunos de escolas com bibliotecas deficientes. [...] a influência da biblioteca apresentou-se de forma clara e consistente: um bom programa de biblioteca, conta com profissionais especializados, equipe de apoio treinada, acervo atualizado e constituído por diversos tipos de materiais informacionais, computadores conectados em rede e interligando os recursos da biblioteca às salas de aula e aos laboratórios resultou melhor aproveitamento escolar dos estudantes, independentemente das características sociais e econômicas da comunidade onde a escola estivesse localizada" (p.14).

Além dessa pesquisa, estudos realizados no Alaska, na Pennsylvania e no Colorado indicaram que estudantes que obtiveram sucesso nos resultados eram provenientes de escola nas quais a biblioteca dispunha de bibliotecários em tempo integral, com a participação ativa deste profissional nas reuniões pedagógicas, valorizando a biblioteca e sua determinante participação na ação educativa dentro e fora da escola (Andrade, 2003).

Nessa perspectiva, Vaz (2010, p. 38) afirma que: "a biblioteca escolar pode fazer a diferença na ação da escola, nas aprendizagens e no sucesso educativo dos alunos. Tal implica a percepção de que essa diferença acontece através de práticas centradas em resultados significativos".

No Brasil, tratando-se de resultados avaliativos, a importância da biblioteca não é focalizada. Nas avaliações nacionais, coordenadas pelo INEP/MEC (2018), no contexto da educação básica, aplicadas às instituições públicas e privadas em todos os estados brasileiros, a BE não é destacada em profundidade, todavia, figura no relatório como um dos fatores que colabora para a construção da excelência escolar. (Brasil, 2019).

No entanto, estudo realizado pelo MEC, especificamente pela Secretaria de Educação Básica, com a proposição de fomentar melhorias e desenvolvimento das BE, esclarece que:

"Bibliotecas escolares, com qualquer nome que tenham, são uma realidade nas escolas brasileiras, ainda que estejam longe de cumprir o papel que lhes caberia para emancipar, autonomizar e encantar os leitores em formação, que a escola acolhe a cada dia mais. Conhecê-las é parte indispensável para propor políticas de acesso a suportes e materiais que guardam a memória e a vida de todos os homens e mulheres, um tempo, sua história, a ciência e o mundo. Os passos para esse conhecimento vêm sendo dados com mais firmeza, a cada dia, e essa pesquisa se orgulha de se integrar a esse percurso traçado/trançado pelo governo brasileiro como política de qualidade para a educação". (Brasil/MEC, 2019, p.7).

Isso demonstra que ações estão sendo tomadas para que a legislação, referente às políticas relacionadas ao livro, à leitura e à biblioteca, sejam efetivadas. Para Correia (2012) certificar a importância da BE

"consisti em assumi-la coletivamente como um espaço de mediação e construção partilhada de conhecimentos, de prazer pelo conhecimento e pela leitura, de experiências significativas em interação

educativa, de confronto de ideias, de articulação curricular, de abertura ao exterior em projetos de parceria e de investigação, num esforço conjunto para que a comunidade educativa alcance níveis mais elevados de literacia e aprendizagem" (p. 26).

Face ao exposto, percebe-se que a biblioteca tem sua competência reconhecida como participante elementar no processo educativo. Uma vez que, é capaz de colaborar efetivamente com a formação de crianças e jovens, preparando-os para lidar com o mundo contemporâneo, em que a informação e conhecimento assumem um papel relevante.

Tratando-se de informação, se admite a importância das BE no fomento das literacias. Quando trata dessa temática, Correia (2012) expõe que:

"A biblioteca escolar deve constituir-se como um espaço onde a comunidade educativa encontra recursos e serviços (que se devem estruturar em torno da produção, gestão e comunicação da informação, afinal, o sentido da razão de ser da sua existência), possa experimentar novos processos de trabalho, possa trabalhar "novas alfabetizações"[...] e, assim, formar adequadamente os alunos num molde cultural próprio e adequado à sociedade digital, uma vez que a Internet, os telemóveis, os videojogos ou os demais equipamentos estão a mudar a experiência de vida civilizacional em múltiplos aspetos: na sua relação com a comunicação, com a família, com o trabalho, com a informação e mesmo com o ócio". (p. 19-20).

Portanto, para estimular os utentes, se faz necessário ter uma biblioteca viva e dinâmica, que procure formar leitores e cidadãos participativos na sociedade, que seja atuante no processo de ensino-aprendizagem dos educandos, na interação da comunidade com as atividades pedagógicas e na divulgação da cultura. Para que esses objetivos sejam atendidos, todas as atividades precisam estar em consonância com o PPP da escola, como mencionado anteriormente. Cabe também, instruir a comunidade sobre a importância da biblioteca na formação de todos que a frequentam, conscientizando sobre o valor educativo, social e cultural desse espaço dentro da escola. Com esta concepção, Silva (1999) ratifica que a BE:

[...] deve se colocar como o cérebro da escola, ou seja, o local de onde partem os movimentos básicos em direção a recriação ou criação do conhecimento, servindo a professores, alunos e comunidade. Caso seja definida desta maneira, a biblioteca deixa de ser um complemento ou apêndice secundário de trabalho, transformando-se num recurso básico para as decisões curriculares,

permitindo a atualização pedagógica dos professores, a aprendizagem significativa dos estudantes e a participação da comunidade em termos de indagações várias.

Isso autoriza a concluir que a BE possui um papel primordial por oportunizar e fortalecer o ensino, por meio da busca e uso da informação, bem como, através da leitura. Ademais, com um acervo de livros adequado e espaços físicos confortáveis, que possibilitem a interação entre os utilizadores, a biblioteca incentiva o hábito da leitura e, conseqüentemente, a excelência escolar.

Convém ressaltar que, a biblioteca pode colaborar com o fazer docente, por isso, os professores precisam ser atualizados constantemente do que a biblioteca tem para ofertar. Essa parceria é imprescindível para que a BE se destaque no âmbito da educação: "O uso das bibliotecas escolares, enquanto espaços ricos em informação e tecnologia, desenvolve a competência de leitura, as competências em literacia e promove experiências de aprendizagem mediadas pela parceria entre os professores-bibliotecários e os professores de sala de aula". (Carvalho, 2007, p. 58).

Considerando os argumentos exposto sobre a importância da BE na composição da excelência escolar, cabe enfatizar que as bibliotecas devem apoiar a implantação de uma política que assuma o funcionamento cooperativo, compartilhando produtos e serviços com acessos a portais de referência, otimizando e ampliando os recursos existentes, tais como fontes eletrônicas, interativas e rápidas, visando atender os interesses dos estudantes de forma eficiente e eficaz. Parece claro afirmar que, para concretização dessas ações, as bibliotecas (e bibliotecários) têm como desafio mobilizar recursos tecnológicos para o acesso aos portais de informação, criar espaços de leitura, integrar e interagir com a comunidade, objetivando oferecer suporte ao desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão.

CAPÍTULO III
PERCURSO METODOLÓGICO

1. Construção do conhecimento científico

O método científico se constitui em regras, procedimentos, linguagem e protocolos que fundamentam o conhecimento científico. O conhecimento é uma capacidade acessível aos seres humanos, para processar de forma apropriada a vida, com menos riscos e perigos. Além do mais, o conhecimento tem o poder de transformar a obscuridade da realidade em caminhos iluminados, de tal maneira que se permita agir com certeza, segurança e previsão (Luckesi, 1985). O procedimento de elaboração de conhecimento sobre o mundo não é um processo individual. Os significados produzidos para sua compreensão foram processados ao longo da história da humanidade pelo conjunto de sujeitos sociais. De acordo com Fonseca, o ser humano é pesquisador por natureza, e expressa que:

"[...] Desde que nasce interage com a natureza e os objetos à sua volta, interpretando o universo a partir de referências sociais e culturais do meio em que vive. Apropria-se do conhecimento através das sensações, que os seres e fenômenos lhe transmitem. A partir dessas sensações elabora representações. Contudo essas representações, não constituem o objeto real. O objeto real existe independentemente de o homem o conhecer ou não. O conhecimento humano é na sua essência um esforço para resolver contradições, entre as representações do objeto e a realidade do mesmo. O conhecimento, dependendo da forma pelo qual se chega a essa representação, pode ser classificado de popular (senso comum), teológico, mítico, filosófico e científico" (Fonseca, 2002, p.10).

O conhecimento científico é originado a partir do raciocínio, da construção de ideias e da ponderação humana. Difere do empirismo, pois procura conhecer não só o fenômeno, mas suas relações de causa e efeito. Surge a partir da determinação de um objeto específico de investigação e da explicitação de um método para a concretização do mesmo. Contudo, o conhecimento científico revela um caráter transitório, uma vez que pode ser continuamente testado, valorizado e reformulado.

Pode-se dizer então que a ciência é uma forma singular de se conhecer o mundo, caracteriza-se por um procedimento metódico que tem como finalidade conhecer, interpretar e interferir na realidade, tendo como orientação problemas formulados que sustentam diretrizes e ações adequadas para formação do conhecimento.

A metodologia corresponde a um conjunto de métodos com estrutura lógica que se manifesta nas etapas a serem percorridas para a solução de um problema. Segundo Cervo e Bervian (1983, p. 23), de uma forma ampla, o método é: "[...] a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para

atingir um fim dado ou um resultado desejado. Nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos que o espírito humano deve empregar na investigação e demonstração da verdade”.

Atualmente, as bibliotecas escolares têm se destacado como espaço onde se pode realizar processos investigativos, de busca e uso de informações. Isso posto, são estruturadas para integrarem-se com a sala de aula, com a finalidade de apoiar a aprendizagem e o desenvolvimento do currículo escolar. Funcionando como um centro de acesso ao conhecimento, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo fundamental fortalecer e estimular a leitura e a o uso da informação.

Logo, saber quem são os sujeitos que frequentam a biblioteca e quais as influências têm para frequentá-la, constitui-se numa estratégia para verificar se a sua atuação tem contribuído para o sucesso acadêmico e o desenvolvimento educativo e cultural de seus utentes. Conforme enfatiza Freire,

"Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquisa para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade". (Freire, 2017, p. 30-31).

Assim, essa investigação foi produzida com o objetivo geral de recolher dados empíricos que possibilitassem interpretar e compreender a performatividade acadêmica dos estudantes usuários da BE, a partir dos empréstimos domiciliares. Quanto aos objetivos específicos: identificar o desempenho dos estudantes frente ao empréstimo domiciliar; conhecer o perfil sócio econômico e cultural dos estudantes que utilizam efetivamente a biblioteca; e verificar as motivações dos estudantes quanto ao uso da biblioteca.

Esta pesquisa exploratória parte das seguintes questões orientadoras:

- a) Em que medida a performatividade acadêmica do usuário está intimamente ligada ao serviço de empréstimo domiciliar na Biblioteca?
- b) O número de empréstimos realizados promove o melhor desempenho dos estudantes?
- c) Qual o perfil sociográfico dos usuários da biblioteca?
- d) O capital cultural dos estudantes tem relação com a sua frequência à biblioteca?

- e) A biblioteca tem desenvolvido, nos estudantes, competências para aprendizagem ao longo da vida?
- f) Quem são os estudantes mais performativos e quais suas origens sociais?

2. Abordagem metodológica

A pesquisa realizada nesse estudo tem caráter exploratório e inscreve-se no paradigma qualitativo. Por sua vez, o método sociológico utilizado é o intensivo, pois detemo-nos a analisar um caso em particular: o caso dos estudantes que utilizam a biblioteca do Campus P. Constitui-se de cariz qualitativo por se nortear nos discursos dos discentes, classificados no escopo de nossa investigação.

Por se tratar de uma pesquisa exploratória tenciona proporcionar melhor entendimento sobre a performatividade acadêmica do estudante frente ao número de empréstimo domiciliar realizado na Biblioteca do Campus P. Trata-se de uma pesquisa básica, com o intuito de entender o objeto de estudo e gerar novos conhecimentos (Silva, 2015b; Fonseca, 2002).

A pesquisa é um processo de etapas que inicia a partir da formulação do problema até aos resultados. Na opinião de Cervo e Bervian (1996, p.44) “a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas, através do emprego do método científico”. Segundo o entendimento de Minayo (2001, p.17) pesquisa é "a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação".

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa em ciências sociais e educação, o nosso olhar não está voltado para responder questões prévias ou testar hipóteses, mas buscar compreender os fenômenos através da perspectiva interpretativa. De acordo com Flick (2009b, p. 20) "a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido a pluralização das esferas de vida".

Esse tipo de pesquisa pode fornecer riqueza na análise dos dados, permitindo uma realidade mais coerente sobre o que está sendo estudado. Os investigadores que usam a abordagem qualitativa visam explicitar o porquê dos fenômenos, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas, os dados analisados não são métricos. Entretanto, apresenta algumas desvantagens especialmente por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador.

Em seus estudos Flick (2009a, p. 16), esclarece que a pesquisa qualitativa "dispõe de várias características próprias" e complementa dizendo:

"a pesquisa qualitativa usa o texto com material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo a questão em estudo. Os métodos devem ser adequados àquela questão e devem ser abertos o suficiente para permitir um entendimento de um processo ou relação" (Flick, 2009a, p. 16).

Para Strauss e Corbin, a pesquisa qualitativa pode ser algum tipo de pesquisa que

"produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interações entre nações. Alguns dados podem ser quantificados, como no caso do censo ou de informações históricas sobre pessoas ou objetos estudados, mas o grosso da análise é interpretativa" (Strauss & Corbin, 2008, p. 23).

Face ao exposto, percebe-se que a pesquisa qualitativa possibilita entendimento mais apurado sobre as opiniões dos atores, pois proporciona ao investigador maior empoderamento e aproximação dos processos e resultados obtidos. Esse tipo de abordagem centra-se na compreensão e explicitações da dinâmica social, haja vista lidar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

3. Delineamento da investigação e técnicas de recolha de dados

No decorrer da nossa trajetória como bibliotecária, observamos os estudantes circularem pela biblioteca, utilizando o espaço para ler, conversar, acessar os computadores, fazer os trabalhos escolares e emprestar livros para consulta domiciliar, e assim surgiu o interesse de verificar em que medida a performatividade acadêmica do usuário poderá estar intimamente ligada ao serviço de empréstimo domiciliar na Biblioteca? O número de empréstimos realizados promove o melhor desempenho dos

estudantes? O capital cultural dos estudantes tem relação com a sua frequência a biblioteca? Qual o perfil sociográfico dos usuários da biblioteca?

Esses questionamentos impulsionaram este estudo que, como já foi referido, é de caráter exploratório e tem como objetivo investigar a performatividade acadêmica do estudante frente ao número de empréstimo domiciliar realizado na Biblioteca do Campus P, tendo em vista a relevância educativa e sociocultural deste espaço para as instituições e para o sistema educativo. Além disso, almejamos conhecer o perfil dos utentes da biblioteca, quanto aos fatores econômicos, sociais e culturais.

Dessa forma, dando seguimento à realização do estudo de caso, a biblioteca do campus P foi selecionada, por conformidade, facilidade e aproximação da autora com o campo pesquisado e pela possibilidade do estudo poder servir de parâmetro para outras bibliotecas do IF

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer os sujeitos frequentadores da biblioteca e as suas influências para frequentá-la. Constitui-se, assim, numa estratégia para averiguar se está cumprindo com seu papel socioformador para o sucesso escolar e o desenvolvimento educativo e cultural do seu público alvo.

No contexto do manifesto da biblioteca escolar, diz-se que a missão da BE é exercitar o processo de ensino-aprendizagem, apresentando como pontos fundamentais para consecução dos serviços: a informação, educação e cultura (IFLA/UNESCO, 2000). Isso posto, a BE é constituinte do processo educativo. Quanto aos objetivos da BE, o manifesto esclarece que ela é uma espécie de instituição fundamental à aplicação dos recursos requeridos no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, de forma a se concretizar a recolha dos dados, foi analisado, na Biblioteca estudada, o Sistema de Automação de Biblioteca (SIABI), especificamente as estatísticas de empréstimos. Pesquisou-se também o Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), para coleta relativa ao perfil socioeconômico dos participantes. Para efetividade da investigação traçou-se o seguinte percurso:

- a) Pesquisa bibliográfica sobre performatividade acadêmica, excelência acadêmica e a biblioteca;
- b) solicitação a Pró-reitora de Ensino e ao Diretor acadêmico para realizar a pesquisa e acessar os dados dos alunos no SUAP e no SIABI;
- c) pesquisa documental SIABI, SUAP e Coordenação de Assunto Estudantil (COAS), para coleta de dados do perfil sociográfico dos 15 estudantes;
- e) construção do roteiro para entrevista;

f) entrevista semiestruturada com 3 estudantes.

4. O caso em estudo: O IF e a biblioteca escolar

A história do IFRN iniciou em 23 de setembro de 1909, junto às outras 18 Escolas de Aprendizes Artífices, instituídas pelo então presidente da República, Nilo Peçanha. Nesta época, a Escola oferecia curso primário e ensino técnico industrial. No ano de 1914, a instituição muda-se para a Avenida Rio Branco, ocupando, durante mais de cinco décadas, o edifício n.º 743, construído no início do século XX, anteriormente ocupado pelo Quartel da Polícia Militar.

A mudança de denominação para Liceu Industrial de Natal integrou a reforma de 1937, do Ministério da Educação e Saúde, a quem as Escolas de Aprendizes Artífices estavam subordinadas, desde 1930. Nas mesmas instalações da Avenida Rio Branco, em 1942, o Liceu recebe a denominação de Escola Industrial de Natal, passando a atuar, duas décadas depois, na oferta de cursos técnicos de nível médio, e transformando-se, em 1965, em Escola Industrial Federal. Deslocando-se em 1967, para a Avenida Senador Salgado Filho, no bairro do Tirol, a ocupar a atual sede, sendo denominada a partir de então de Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte (ETFERN).

Ao longo dos anos encerra os cursos industriais básicos e passa a dar ênfase àqueles profissionalizantes de 2º grau. Somente em 1975 é que recebe a primeira aluna mulher. No ano de 1999 passa a ser CEFET-RN, incluindo educação profissional nos níveis básico, técnico e tecnológico e ainda o ensino médio, e o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

A Lei 11.892/2008 de 29 de dezembro de 2008 (Brasil, 2008) institui a Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica e cria trinta e oito Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (reorganização das Escolas e Centros Federais de Educação Tecnológica, novas unidades e ampliação de papel).

Assim deixa de ser chamado CEFET-RN e passa a IFRN, e em acordo com as concepções e diretrizes do MEC que se constituem em oferta de formação em todos os Níveis e Modalidades da EPT; formação de professores; formação de engenheiros; formação de especialistas, mestres e doutores; pesquisa e

desenvolvimento; formação de jovens, adultos e trabalhadores (PROEJA); formação continuada de trabalhadores e reconhecimento de saberes “não-formais” (Rede CERTIFIC), a Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada - Rede CERTIFIC é uma política pública de inclusão social que se institui através da articulação do Ministério da Educação - MEC e Ministério do Trabalho e Emprego - MTE em cooperação com as instituições/organizações que a constituem (Brasil/MEC, 2008).

Desde então vem ofertando educação profissional nos níveis básico, técnico e tecnológico e ainda o ensino médio. Cursos de graduação tecnológica, de ensino de jovens e adultos e modalidade à distância, em seus, atuais, 21 *Campi* (existe mais um em construção), nomeadamente: Campus Apodi; Campus Caicó; Campus Canguaretama; Campus Ceará Mirim; Campus Currais Novos; Campus João Câmara; Campus Lajes; Campus Macau; Campus Mossoró; Campus Natal - Central; Campus Natal - Cidade Alta; Campus Natal - Zona Leste (EaD); Campus Natal - Zona Norte; Campus Nova Cruz; Campus Parelhas; Campus Parnamirim; Campus Pau dos Ferros; Campus Santa Cruz; São Gonçalo do Amarante; e São Paulo do Potengi. A Rede Federal de Educação, em especial o IFRN, tem buscado ao longo dos seus cem anos promover um ensino de excelência para os seus estudantes.

Tendo uma estrutura multicampi e pluricurricular, a organização do IFRN se estrutura entre Reitoria, dividida em áreas ou subunidades estratégicas, e 22 *campi* (o campus Jucurutu encontra-se em construção). Assim, institucionalmente, a Reitoria funciona como órgão gestor central da estrutura do IFRN, responsável por administrar, coordenar e a supervisionar todas as atividades das unidades (os campi, os campi avançados e a própria Reitoria). Nesse sentido, há um inter-relacionamento e interdependência entre as subunidades estratégicas na Reitoria e as respectivas vinculações funcionais nos campi e campi avançados.

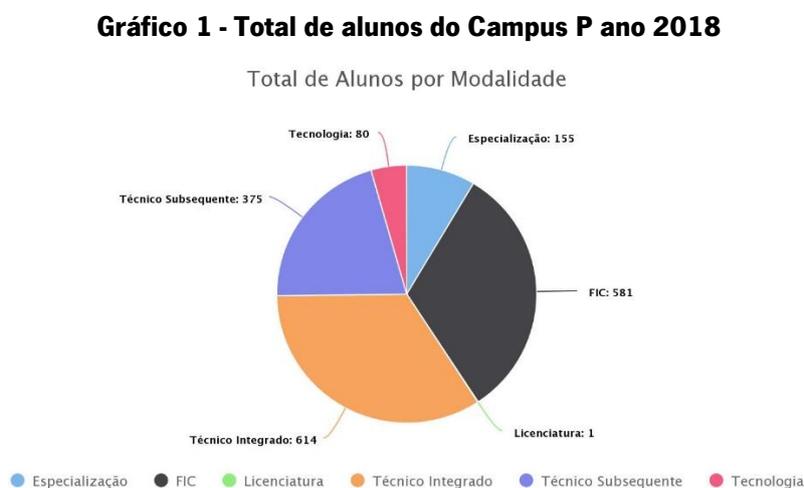
O IF atua no estado do Rio Grande do Norte, com 21 unidades de ensino implantadas e 1 em construção em 17 municípios. Sua área de abrangência, no entanto, atinge os municípios do entorno das unidades, conforme pode ser observado na figura 6 a seguir.

Comunicação, com os cursos de Informática e Redes de Computadores e o eixo de Controle e Processos Industriais, desta vez com o curso de Mecatrônica.

O Campus, ainda como núcleo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, teve seu funcionamento autorizado pela Resolução nº. 081/2009, de 30/12/2009, do Conselho Superior (CONSUP).

Em 27 de dezembro de 2010, em uma solenidade realizada em Brasília, a Unidade foi inaugurada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, juntamente com outros 31 novos campi de todo o país. A partir de 01/01/2011, o Campus antes vinculado ao Campus Natal-Central, passou a vincular-se administrativamente à Reitoria do Instituto.

O Campus conta com uma estrutura administrativa e acadêmica projetada para acolher até 1200 alunos com cursos presenciais. Com intuito de exemplificar, segue o gráfico 1, com o quantitativo de alunos matriculados no ano de 2018.



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2019)

Destes se enquadram como ensino médio as modalidades: técnico integrado e técnico subsequente, que juntos contabilizam 949 estudantes em 2018.

4.2. A Biblioteca

Antes de discorrer sobre a biblioteca do Campus P, onde se efetua esta investigação, faz-se necessário situar a tipologia das Bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT). Geralmente o tipo de biblioteca é determinado pelas funções e serviços que oferecem, pela comunidade que atende e pelo seu vínculo institucional, devido a isso, podem ser: infantis, escolares, universitárias, especializadas, pública, comunitárias, mistas, digitais.

Cabe ressaltar que as bibliotecas dos IF, por atenderem a um público heterogêneo em diferentes níveis de ensino, recebem uma demanda informacional que somada ao compromisso social da instituição, impossibilita que se enquadrem perfeitamente nos conceitos de tipologias de bibliotecas estabelecidos na literatura existente. É importante entender que a tipologia de cada biblioteca nos ajuda não só a perceber a função social de cada uma, como também requer um conhecimento mais apurado da comunidade na qual a biblioteca está inserida, evidenciando principalmente suas necessidades e seus anseios por informação e hábitos culturais. Ter conhecimento das necessidades da comunidade é que propiciará o estabelecimento de diretrizes e ações que permitirão alcançar os resultados almejados com o fazer cultural e educacional.

Compreendendo essa abrangência de público/usuário, as bibliotecas da RFEPCT observam que o leque de tipologia pode ser amplo, mas objetiva atender 3 níveis de ensino: educação básica, superior e profissional. Em virtude das bibliotecas da RFEPCT agregarem diversos tipos de estudantes no mesmo espaço, neste trabalho investigativo opta-se pelo entendimento que as bibliotecas dos IF são mistas, ou seja, devem ser entendidas como escolar e universitária. É fulcral esclarecer que a população estudada se limita aos estudantes do ensino médio, portanto focaremos o olhar acerca da biblioteca escolar.

O Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBi) tem como missão prover o acesso, a recuperação e a disseminação da informação visando contribuir para a educação científico-tecnológica-humanística subsidiando as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

As primeiras atividades na biblioteca foram registradas no final de 2010. A inauguração ocorreu oficialmente com a 1ª Semana do Livro e da Biblioteca do Campus no mês de novembro de 2013.

A biblioteca tem a missão de oferecer apoio ao processo de ensino aprendizagem e colaborar em prol do desenvolvimento intelectual de alunos, professores e demais funcionários da Instituição, visa aprimorar cada vez mais os produtos e serviços objetivando atingir um patamar de excelência no suporte informacional e disseminação do conhecimento à comunidade acadêmica e à sociedade, proporcionando atendimento de qualidade condizente com os anseios da comunidade interna e externa. A comunidade externa utiliza o espaço físico e pode fazer consulta bibliográfica in loco. Oferta os seguintes serviços: empréstimo domiciliar; empréstimo especial; reserva de livros; normalização bibliográfica.

Considerando o serviço de empréstimo como um fator disseminador das informações, faz-se necessário a conscientização dos direitos e deveres dos usuários através de normas específicas, objetivando a eficiência e eficácia deste serviço.

O acervo está organizado no sentido de buscar a formação em obras que enfoquem assuntos gerais e específicos nas áreas de atuação de cada um dos cursos deste Instituto. Procurando atender as necessidades informacionais dos alunos e todo conteúdo informacional está disponível no software interno (SIABI), que permite interação e serviços online com foco no atendimento aos usuários. Os tipos de suportes de informação disponíveis são: livros, periódicos, obras de referência, CDs, DVD's e folhetos.

Através do catálogo online pode-se consultar o acervo ou sua situação como usuário (ver como estão seus empréstimos, renovar empréstimo de materiais, alterar a sua senha, dentre outras atividades).

5. Procedimento de recolha de dados

A recolha de dados compreende o agrupamento de ações através das quais o plano de análise dos dados é confrontado aos dados coletados. Podendo se estabelecer um espaço e tempo. Conforme seja o caso, o investigador pode estudar a população total ou apenas uma amostra representativa, quando a pesquisa for qualitativa, ou ilustrativa no caso da pesquisa qualitativa (Laville & Dionne, 1999; Santos, 2007; Gil, 2008; Fernandes, 20017). Nesse caso, a amostra é ilustrativa, considerando a estratégia de recolha de dados se dá por meio da análise documental e da técnica de entrevistas biográficas semiestruturadas em profundidade, com vista a construção de retratos sociológicos.

Na concepção de Fernandes, a recolha dos dados representa nos estudos empíricos, "um aspecto fundamental para a compreensão e interpretação do fenómeno investigado. Funciona com ferramenta de apoio para o investigador reunir o conjunto de informações e dados necessários ao processo de interpretação" (2017, p. 23).

Essa tarefa requer um processo sistematizado de ações, por ser a coleta de dados qualitativos um trabalho de campo. Nessa perspectiva Teixeira explica que:

"escolher um design de pesquisa qualitativa pressupõe uma certa visão de mundo, requer a definição como um investigador seleciona sua amostra, coleta e analisa dados e contempla assuntos como validade, confiança e ética. A pesquisa qualitativa não é linear, mas um processo de passo a passo, ou seja, um processo interativo que permite ao investigador produzir dados confiáveis e fidedignos. Assim, o processo de coleta e análise dos dados é recursivo e dinâmico, além de ser altamente intuitivo" (Teixeira, 2003, p. 191).

Pode-se inferir que a coleta de dados é a pesquisa sendo efetivada, pois consiste no levantamento dos dados essenciais para a solução do problema indicado e na eleição de técnicas para alcançar os objetivos propostos e validação das hipóteses.

5.1. Universo e amostra

Segundo Hill e Hill, toda investigação empírica prevê uma coleta de dados. Sobre dados explicam que:

"Os dados são informação na forma de observações, ou medidas, dos valores de uma ou mais variáveis normalmente fornecidos por um conjunto de entidades. Em ciências sociais é vulgar designarmos estas entidades de casos da investigação. [...]. Ao conjunto total dos casos sobre os quais se pretende retirar conclusões dá-se o nome de População ou Universo" (Hill & Hill, 2016, p. 41).

Por sua vez, amostra é a representação de sujeitos de uma população estabelecida com características significativas para a pesquisa. Sobre amostra Hill e Hill (2016) explicam como acontece:

"[...] o investigador não tem tempo nem recursos suficientes para recolher e analisar dados para cada um dos casos do Universo pelo que, nesta situação, só se é possível considerar uma parte dos casos que constituem o Universo. Esta parte designa-se por amostra do Universo. Assim, o que o investigador pretende ou pode fazer, na maioria das situações, é analisar os dados da amostra, tirar conclusões, e extrapolar as conclusões para o Universo" (Hill & Hill, 2016, p. 42).

Assim, o universo investigado dessa pesquisa são os usuários que mais emprestam livros na biblioteca do campus P, no período de 18 meses (janeiro de 2017 a junho de 2018). Enquanto a amostra abrange os 15 primeiros estudantes do ensino médio (Alunos do Técnico Integrado + Alunos do Subsequente) que mais pegaram livros na biblioteca, por meio do empréstimo domiciliar, conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1 - Estudantes do ensino médio que mais emprestaram livros 2017/2018

| Estudante | Período Letivo 2018 | Idade | Sexo | Quantidade de empréstimos | Percentual sobre o total de empréstimo | IRA-Índice de Rendimento Acadêmico | Situação atual |
|-----------|---------------------|---------|-----------|---------------------------|--|------------------------------------|----------------|
| E1 | 4 | 20 anos | Masculino | 91 | 0,72 % | 81,09 | Concluído |
| E2 | 3 | 20 anos | Masculino | 89 | 0,71 % | 73,56 | Matriculado |
| E10 | 2 | 18 anos | Masculino | 83 | 0,66 % | 72,07 | Matriculado |
| E4 | 4 | 21 anos | Feminino | 82 | 0,65 % | 82,66 | Evasão |
| E5 | 4 | 24 anos | Feminino | 73 | 0,58 % | 66,63 | Concluído |
| E6 | 4 | 21 anos | Masculino | 70 | 0,56 % | 64,63 | Matriculado |
| E7 | 4 | 23 anos | Masculino | 69 | 0,55 % | 65,36 | Concluído |
| E8 | 2 | 21 anos | Masculino | 68 | 0,54 % | 43,37 | Jubilado |
| E9 | 4 | 19 anos | Feminino | 67 | 0,53 % | 75,56 | Concluído |
| E10 | 2 | 18 anos | Feminino | 67 | 0,53 % | 91,22 | Matriculada |
| E11 | 2 | 17 anos | Feminino | 66 | 0,52 % | 97,33 | Transferida |
| E12 | 2 | 18 anos | Masculino | 66 | 0,52 % | 77,40 | Matriculado |
| E13 | 2 | 19 anos | Masculino | 64 | 0,51 % | 66,87 | Matriculado |
| E14 | 3 | 19 anos | Feminino | 63 | 0,50 % | 75,46 | Concluído |
| E15 | 3 | 18 anos | Feminino | 62 | 0,49 % | 80,87 | Matriculada |

Fonte: Dados recolhidos da instituição (2018)

Pode-se constatar que a faixa etária dos sujeitos selecionados compreende entre 17 a 24 anos. Sendo oito (8) meninos e sete (7) meninas, destes seis cursavam o 4º período no recorte temporal, ou seja, agora, já concluíram. Além da caracterização quanto ao período acadêmico, idade, sexo escola de realização do ensino fundamental, também, apresentar-se-á um perfil sociográfico e escolaridade dos pais dos alunos participantes da pesquisa.

Cabe destacar que, no recorte temporal, foram realizados 12.596 (doze mil quinhentos e noventa e seis) empréstimos domiciliares, sendo 83,16% dos empréstimos realizados por alunos do ensino médio, conforme expressa a tabela 1.

Tabela 1 - Empréstimos por categoria de usuário

SIABI - SISTEMA DE AUTOMACAO DE BIBLIOTECAS
ESTATÍSTICA DE EMPRÉSTIMOS POR CATEGORIA DE USUÁRIO
PERÍODO DE RETIRADAS 01/01/2017 e 30/06/2018

| CODIGO | DESCRIÇÃO | QTDE DE EMPRÉSTIMOS | PERC.SOBRE TOTAL |
|---------------|--------------------------------------|----------------------------|-------------------------|
| 01 | Aluno Técnico Integrado | 8.342 | 66,23 % |
| 04 | Aluno Subsequente | 2.133 | 16,93 % |
| 06 | Aluno Graduação Tecnológica | 953 | 7,57 % |
| 03 | Docente | 538 | 4,27 % |
| 02 | Aluno Pós-Graduação | 206 | 1,64 % |
| 23 | Tecnologia em Sistemas para Internet | 120 | 0,95 % |
| 08 | Técnico-administrativo | 105 | 0,83 % |
| 24 | Servidor em capacitação | 93 | 0,74 % |
| 09 | Usuário Temporário | 40 | 0,32 % |
| 07 | Aluno Licenciatura | 38 | 0,30 % |
| 13 | Aluno Concluinte | 13 | 0,10 % |
| 14 | Servidor em capacitação | 6 | 0,05 % |
| 10 | Aluno Educação à Distância | 6 | 0,05 % |
| 15 | Aluno Subsequente - EAD | 3 | 0,02 % |
| | | 12.596 | |

Página : 1 Data : 31/10/2018 Às 14:19:38

Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018)

Quanto a amostra, dos quinze alunos elencados três foram selecionados para entrevistas. A escolha se deu pela sequência da listagem, possibilidade e disponibilidade dos sujeitos. O primeiro da lista o estudante 1 (E1), estava cursando o 4º período em 2018, portando está formado, no entanto aceitou participar da pesquisa. O estudante 2 (E2), cursa o 4º período, está estagiando, mas aceitou participar. Como os dois primeiros são do sexo masculino, decidimos mesclar o gênero e o terceiro sujeito elencado seria do sexo feminino. Como pode-se observar no quadro 1 antes apresentado, a próxima estudante passível de ser contactada é a E10 que prontamente aceitou participar da pesquisa.

A escolha dessa amostra se deu por apresentar possibilidades de realizar análises com maior profundidade. Gil (2008) quando discorre sobre amostragem na pesquisa social infere que a amostragem não probabilística, ou seja, a que não apresenta fundamentação matemática ou estatística, dependem meramente dos critérios do pesquisador. Na concepção de Gil a amostragem por acessibilidade ou conveniência

"constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, [...], representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão" (Gil, 2008, p. 94).

5.2. Instrumentos de Recolha de dados

A busca por informações acerca do fenômeno estudado leva o pesquisador a utilização de instrumentos de recolha de dados específicos. Esses instrumentos, na perspectiva de um estudo com abordagem qualitativa, são a observação, a entrevista e a análise documental. Corroborando com essa ideia Marconi e Lakatos enunciam que:

"são vários os procedimentos para a realização da coleta de dados, que variam de acordo com as circunstâncias ou com o tipo de investigação. Em linhas gerais, as técnicas de pesquisa são: 1. Coleta documental. 2. Observação. 3. Entrevista. 4. Questionário. 5. Formulário. 6. Medidas de Opinião e de Atitudes. 7. Técnicas Mercadológicas. 8. Testes. 9. Sociometria. 10. Análise de Conteúdo. 11. História de vida". (Marconi e Lakatos. 2010, p. 149-150).

No processo de recolha de dados desta investigação, os instrumentos utilizados foram a análise documental e entrevistas biográficas semiestruturadas.

5.2.1 Análise Documental

A técnica de recolha de dados Análise Documental tem como objetivo coletar dados sobre um determinado tema. Nesta investigação buscou-se conhecer os 15 alunos que mais pegaram livros na biblioteca e o perfil sociográfico de cada sujeito dessa amostra. A análise documental, nesse estudo, se constitui numa técnica fundamental para abordagem dos dados qualitativos. Sobre este assunto Gil (2008, p. 147) esclarece que "há dados que, embora referentes a pessoas, são obtidos de maneira indireta que tomam a forma de documentos". Nesse estudo os dados foram colhidos dos relatórios estatísticos, registros acadêmicos e registros socioeconômicos todos relativos aos estudantes da amostra.

Com relação a análise documental, nos atemos a pesquisar os dados armazenados no banco de dados do sistema de automação da biblioteca e do sistema administrativo do IF. No SIABI consultamos o módulo estatísticas de circulação, empréstimos gerando uma lista de todos os usuários que emprestaram livros no período de 18 meses (2017-2018). Esta lista não será inserida aos anexos por constarem dados pessoais dos sujeitos investigados. O relatório estatístico resultante engloba todas as categorias de usuários cadastrados na biblioteca, portanto foi necessário elaborar uma planilha secundária elencando apenas os 15 estudantes do ensino médio, sujeitos da amostra. Na sequência, consultamos o módulo ensino no SUAB, nesse módulo constam todos os registros acadêmicos dos alunos, dessa forma obteve-se os dados pessoais e acadêmicos. Para obtenção das informações socioeconômicas foi preciso contactar a Coordenação de Atividades Estudantis, especificamente o serviço social, que concedeu os registros conforme a relação nominal dos 15 sujeitos.

5.2.2 Entrevista

A entrevista individual semiestruturada foi utilizada para explorar o percurso de vida dos três estudantes selecionados com vistas a construir retratos sociológicos, na perspectiva de refletir sobre a trajetória de cada sujeito. Na sociologia em escala individual, argumentada por Bernard Lahire, as dimensões psicológicas, disposicionalistas e cognitivas do indivíduo adquirem centralidade, colocando em evidência as diferentes faces que o ator exhibe ao longo do seu percurso de vida. Nesse caso, Lahire ressalta que:

“O caráter heterogêneo do leque individual de práticas e de gostos só pode ser explicado levando em conta a pluralidade de lógicas contextuais e disposicionais que guiam os comportamentos culturais. Somos levados então a formular a hipótese da especificidade relativa de cada campo cultural (que requer competências específicas da parte dos “consumidores culturais”), do papel importante que desempenham as condições gerais ou as circunstâncias mais singulares do “consumo” ou da prática (sozinho, em família, com este, aquele amigo, privadamente ou publicamente, etc.) e do lugar não menos importante da pluralidade das experiências socializadoras em matéria de formação de competências e de disposições culturais” (2006, p. 28).

Assim, percebe-se que, uma das importantes contribuições de Lahire, expressa-se por meio da teoria-metodologia dos retratos sociológicos, construídos a partir de entrevistas aprofundadas, recompondo as disposições embutida em cada indivíduo e as variadas formas de socialização e de experiências por esses vivenciadas (Lopes, 2014; Lahire, 2004). Por isso, "Lahire chega a propor o abandono do conceito

de habitus, substituindo-o pelo de *património individual de disposições*, onde se salientam, precisamente, repertórios de disposições, com géneses diferentes, graus de activação distintos e força diferenciada" (Lopes, 2014, p.100).

A socióloga Sofia Amândio (2014) esclarece que:

"A sociologia à escala individual assenta, pois, num conceito histórico-empírico, cujas dimensões — não legitimistas — da pluralidade individual procura conhecer, ao nível intraindividual, atores com um passado socializado. Uma sociogénese das disposições é feita ao nível dos mecanismos não automáticos de transmissão e de transferência de disposições. A pluralidade das disposições de que os atores individuais são portadores é determinada na multiplicidade dos contextos de ação e de socialização diferenciada de classe" (p. 46).

No que se refere a disposições, pode-se dizer que é uma realidade incorporada, entendida como social, oriunda de diversas situações de socialização, das mais significativas às mais elementares. Nogueira, em seus estudos, sobre as contribuições de Bernard Lahire para a sociologia da educação, aponta que as disposições se referem

"justamente aquilo que foi incorporado a partir do processo de socialização e que, supostamente, passou a orientar o indivíduo em suas ações subsequentes. Correspondendo a experiências de socialização mais ou menos precoces, intensas, regulares e diversificadas, os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições mais ou menos fortes, duradouras, transferíveis e coerentes entre si" (Lahire, 2013, sem paginação).

Quanto ao retrato sociológico, Lopes explica que "consiste, antes de mais, numa entrevista biográfica de cariz semi-directivo. A sua grande especificidade reside no guião, onde se procura, como objectivo primordial, perceber a forma como as disposições individuais se formam e encarnam nos diferentes papéis sociais do actor, nos múltiplos "mundo da vida"" (2014, p. 102). Para Lahire, em sua obra retratos sociológicos, tratava-se de "uma sociologia experimental" (2004, p. 20).

O Guião, aplicado nas entrevistas realizadas fundamentou-se numa linha de tempo, de forma a se entender a trajetória evolutiva da vida de cada sujeito, contemplando quatro dimensões: caracterização pessoal, familiar, social e cultural; meio escolar; família; e meio social. Dessa forma buscou-se agregar

informações sobre caminho percorrido desde a infância até a atualidade, buscando compreender o que motiva os sujeitos a usar a biblioteca, empreender nos estudos, os anseios e as esperanças.

A entrevista é uma das técnicas mais usadas nas pesquisas qualitativas, tendo ampla utilização na sociologia. Além disso é uma das técnicas mais versáteis para recolha de dados, consistindo numa conversa sistemática entre o pesquisador e o sujeito. Segundo Richardson (1999, p. 79) "a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social".

Nesse sentido, a abordagem qualitativa não serve para compor estatísticas, mas para exibir um recorte mais específico da realidade. As questões costumam ser elencadas num roteiro, porém há liberdade para discorrer sobre outros assuntos. Para tanto, Richardson aponta que:

"a melhor situação para participar na mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos. Esse tipo de interação entre pessoas é um elemento fundamental na pesquisa em Ciências Sociais, que não é obtido satisfatoriamente [...]. A entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B" (1999, p. 207).

Portanto, a entrevista é uma técnica muito útil para aprofundar informações que não são encontradas em fontes convencionais como livros, artigos, entre outros tipos de documentos. Além disso permite que os questionamentos sejam reformulados caso o entrevistado não os compreenda, no primeiro momento. Esta técnica permite ao investigador participar, compreender e interpretar as informações que se obtém a partir da pesquisa.

Nessa investigação fizemos uso dos dados referentes aos estudantes, sujeitos da pesquisa, de três bancos de dados: no Sistema de Automação da Biblioteca (SIABI) o Módulo de Estatística de Circulação/Estatística de Usuários com mais Empréstimos e no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) os módulos Ensino e Atividades estudantis (esse acessado pelas assistentes sociais).

CAPÍTULO IV

**O DESEMPENHO ACADÉMICO DOS ESTUDANTES USUÁRIOS DA
BIBLIOTECA: EXPLORANDO AS PERCEÇÕES DOS ESTUDANTES**

1. Perfil sociográfico dos estudantes usuários da biblioteca escolar: tendências e regularidades

Neste capítulo apresentam-se a análise dos dados e os resultados da investigação, tendo como suporte a análise documental e a análise de conteúdo. Assim, as dimensões abordadas nas entrevistas semiestruturadas, por meio de análise qualitativa dos discursos proferidos pelos estudantes, possibilitou um maior aprofundamento da análise das disposições dos sujeitos inquiridos. De acordo com Richardson

"a melhor situação para participar na mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definições dos indivíduos" (2012, p. 207).

Com referência à análise de conteúdo, Bardin explica, de forma frugal, que essa "tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis" (Bardin, 2016, p. 49). Por sua vez definiu a análise documental como "uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referência" (Bardin, 2016, p. 51).

Considerando os aspectos éticos da investigação e o objetivo de manter o anonimato dos participantes, os 15 (quinze) estudantes elencados neste estudo obedecem a ordem numérica da classificação dos empréstimos, conforme apresentado no Quadro 2. Os três selecionados para as entrevistas foram nomeados por pseudônimos, levando-se em consideração o significado literário da representação para cada um dos entrevistados. No decorrer das entrevistas, os estudantes foram estimulados a expressar-se com desinibição para socializar e compartilhar trajetórias e experiências vividas nas dimensões: Caracterização pessoal, familiar, social e cultural; meio escolar; família e meio social.

Quadro 2 - Perfil sociográfico dos estudantes participantes da pesquisa

| Estudante | Idade | Gênero | Período | Cor/Etnia | IRA¹ | Tipo de escola que cursou o ensino fundamental | Responsável Financeiro | Escolaridade do pai | Escolaridade da mãe |
|------------------|--------------|---------------|----------------|------------------|------------------------|---|-------------------------------|----------------------------|----------------------------|
| E1 | 20 | M | 4 | Parda | 81,09 | Pública | Irmã | Fundamental incompleto | Fundamental incompleto |
| E2 | 20 | M | 3 | Branca | 73,56 | Pública | Mãe | Fundamental incompleto | Ensino médio |
| E10 | 18 | M | 2 | Preta | 72,07 | Pública | Avô | Fundamental incompleto | Ensino médio |
| E4 | 21 | F | 4 | Parda | 82,66 | Pública | Pai | Fundamental incompleto | Não estudou |
| E5 | 24 | F | 4 | Branca | 66,63 | Pública | Mãe | Desconhece | Fundamental incompleto |
| E6 | 21 | M | 4 | Branca | 64,63 | Pública | Mãe | Ensino médio | Fundamental |
| E7 | 23 | M | 4 | Preta | 65,36 | Pública | Mãe | Alfabetizado | Ensino médio |
| E8 | 21 | M | 2 | Parda | 43,37 | Pública | Mãe | Não estudou | Fundamental incompleto |
| E9 | 19 | F | 4 | Amarela | 75,56 | Pública | Avô | Fundamental incompleto | Ensino médio incompleto |
| E10 | 18 | F | 2 | Parda | 91,22 | Privada | Pai | Ensino médio | Ensino médio incompleto |
| E11 | 17 | F | 2 | Branca | 97,33 | Privada | Mãe | Ensino médio | Pós-graduada |
| E12 | 18 | M | 2 | Branca | 77,40 | Privada/Pública | Pai | Pós-graduado | Superior |
| E13 | 19 | M | 2 | Branca | 66,87 | Pública | Avô | Ensino médio incompleto | Ensino médio incompleto |
| E14 | 19 | F | 3 | Parda | 75,46 | Pública | Pai | Ensino médio | Ensino médio incompleto |
| E15 | 18 | F | 3 | Preta | 80,87 | Pública | Pai | Fundamental incompleto | Ensino médio incompleto |

Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

O quadro acima expõe as características particulares e distintivas dos participantes que, provindos de diferentes meios culturais, apresentam singularidades abstratas, que se consubstanciam com a

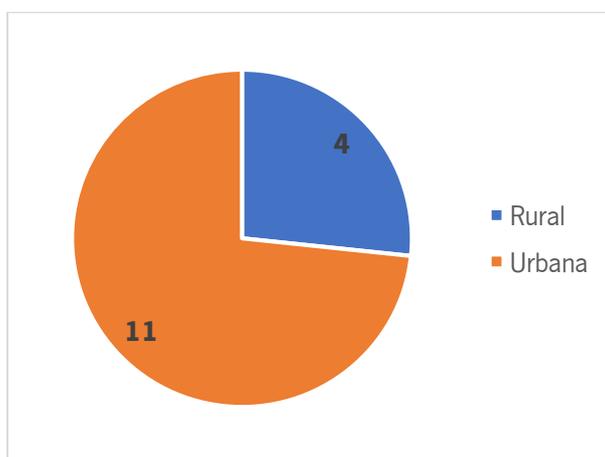
¹ IRA (Índice de Rendimento Acadêmico).

diversidade. Para melhor compreensão do estudo, o perfil sociográfico está dividido em subseções: Condições econômicas e sociais das famílias; Condições culturais: escolaridade dos pais; Desempenho acadêmico dos estudantes; e Natureza e tipo de uso da biblioteca.

1.1. Condições econômicas e sociais das famílias

A situação socioeconômica, de forma geral, apresenta complexidade por suas inúmeras determinações e variáveis. Nesse caso, múltiplas dificuldades encontradas pelos estudantes nas escolas relacionam-se a fatores socioeconômicos e hábitos da vida familiar.

Gráfico 2 - Local residência dos estudantes

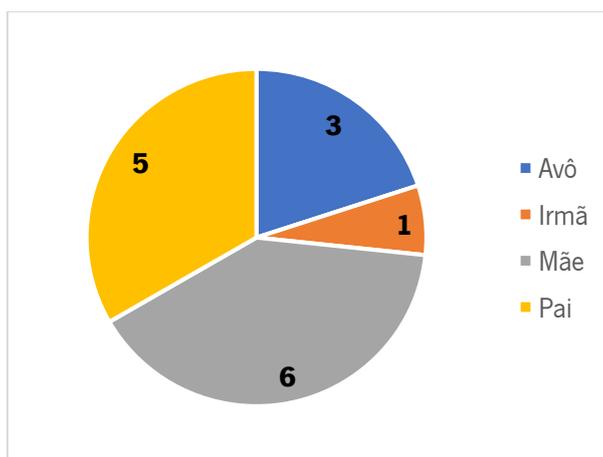


Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

Sobre as condições socioeconômicas das famílias, a partir dos dados da pesquisa expostos no gráfico 2, observa-se que 11 (onze) dos sujeitos são oriundos do meio urbano. Cabe ressaltar que dos 15 (quinze) sujeitos investigados, 1 (um) mora na capital, 7 (sete) moram na mesma cidade onde está localizado o campus e 7 (sete) moram em cidades distantes do campus. Constatou-se também que 11 (onze) residem em casa própria.

A situação familiar em termos de responsáveis financeiros está representada conforme o gráfico 3:

Gráfico 3 - Responsável financeiro dos estudantes



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

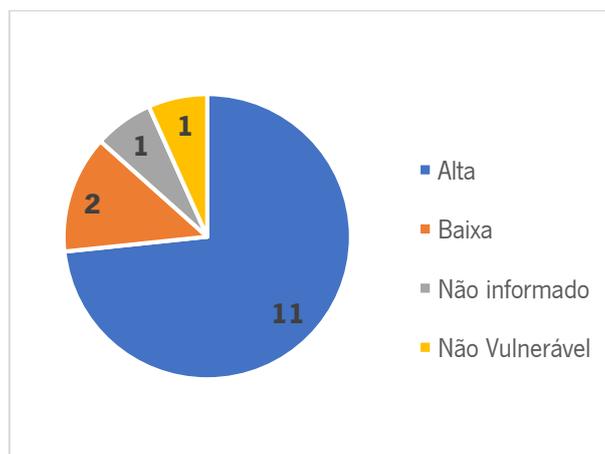
Similarmente, os dados revelam, no Gráfico 3, que 6 (seis) dos estudantes têm a mãe como responsável financeiro, ou seja, as famílias, aqui representadas seguem uma tendência comum nos países desenvolvidos, que são os agregados monoparentais (Giddens, 2013; IBGE, 2016). Ainda segundo Giddens "cerca de 60% das famílias monoparentais resultam do divórcio ou da separação" (2013, p. 394). Vale explicar que esse fenômeno é bastante frequente nas famílias brasileiras, onde apenas um dos pais, ou parente, arca com as responsabilidades de criar o(s) filho(s). Pode-se perceber, ainda, que 3 dos estudantes têm como responsável financeiro o avô.

A instituição conta com programas e auxílios destinados prioritariamente aos alunos em situação de vulnerabilidade social. Dentre estes, pode-se apontar como o mais significativo o Programa de Apoio à Formação Estudantil, por proporcionar ao estudante em situação de vulnerabilidade e/ou risco social apoio financeiro para a manutenção de seus estudos, através do trabalho educativo no qual o estudante desenvolve atividades nos setores administrativos, sendo supervisionado por um servidor responsável. Além disso, oferta: Auxílio Transporte que possibilita, através da concessão de recurso financeiro, condições para o deslocamento diário do estudante no trajeto residência - Campus – residência; Auxílio Alimentação que destina-se a atender as necessidades básicas de alimentação para os estudantes que necessitem permanecer na instituição em horário inverso ao de suas aulas para realização de atividades acadêmicas durante o período letivo, através da oferta de almoço e jantar no refeitório da instituição; Auxílio Moradia que consiste numa contrapartida financeira, total ou parcial, para utilização exclusiva nas despesas de aluguer da moradia daqueles estudantes procedentes de localidades diferentes e/ou distantes do município sede do campus no qual se encontrem matriculados; e Programa de Auxílio

Eventuais e Especializados, esse equivale ao atendimento de diferentes necessidades expressas pelos educandos e/ou identificadas pela equipe de profissionais da assistência estudantil ou demais servidores as quais estejam interferindo no desempenho acadêmico e frequência do estudante, como, por exemplo: Auxílio material escolar e fardamento; Auxílio cópias reprográficas e impressão de material didático; e Auxílio para demandas de saúde estudantil: concessão de óculos de grau, medicamentos, exames, consultas e procedimentos médico-odontológicos especializados (IFRN, 2019).

Face ao exposto, convém ressaltar que a instituição adota os seguintes critérios para atender de forma efetiva os casos prementes de vulnerabilidade social: alta, quem tem uma renda *per capita* de até 1/2 salário mínimo; média, quem tem uma renda *per capita* de até 1 salário mínimo; e baixa, quem tem uma renda *per capita* de até 1 e 1/2 salário mínimo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), "o rendimento familiar *per capita*, é uma variável de análise que está relacionada ao poder de compra, ao nível de bem-estar e à vulnerabilidade monetária das pessoas que compõe" as famílias.

Gráfico 4 - Vulnerabilidade social dos estudantes



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

Analisando esta questão, podemos constatar, no Gráfico 4, que 11 (onze) dos alunos que mais requisitam livros na biblioteca apresentam alta vulnerabilidade, ou seja, têm uma renda *per capita* equivalente à metade de um salário mínimo². Como explicitado previamente, a política de inclusão da instituição prever ações que garantam a permanência e êxito desses estudantes, especialmente os que se encontram em

² O salário mínimo vigente corresponde a R\$ 998,00 (novecentos e noventa e oito reais).

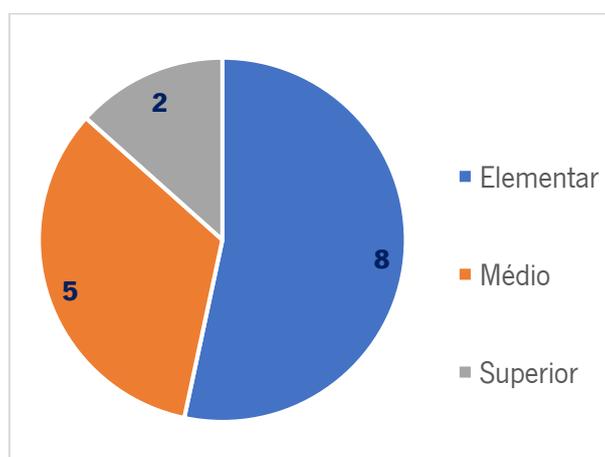
situação de alta vulnerabilidade, fato que se comprova nos dados recolhidos no módulo assistência estudantil, dos 15 sujeitos da amostra, 11 têm histórico de participação em algum dos programas anteriormente relacionados (IFRN, 2012b).

1.2. Condições culturais: escolaridade dos pais

O grau de instrução corresponde ao nível de escolaridade que determinado indivíduo possui, indicando as etapas de estudo que foram iniciadas ou concluídas. No Brasil, existem diferentes classificações que indicam o grau de instrução (ou grau de escolaridade), como, por exemplo, completo ou incompleto.

Nesse estudo, com relação à escolaridade dos pais, os níveis de instrução foram agrupados considerando-se que: nível superior, pelo menos um dos pais teria graduação ou pós-graduação; nível médio, pelo menos um dos pais teria ensino médio completo; e nível elementar, um dos pais teria fundamental incompleto, fundamental completo ou médio incompleto.

Gráfico 5 - Nível de instrução da família dos estudantes



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

Portanto, com relação ao grau de instrução familiar os dados do Gráfico 5 apontam uma maioria não concluinte do ensino médio (8). Essa grande concentração no nível elementar interfere fortemente na vida escolar dos sujeitos, pois, de acordo com a síntese de indicadores sociais realizada pelo IBGE (2017), o nível de escolaridade das pessoas ocupadas está bastante associado ao nível educacional alcançado por seus próprios pais. Ademais, ao confrontar indivíduos com escolaridade semelhante,

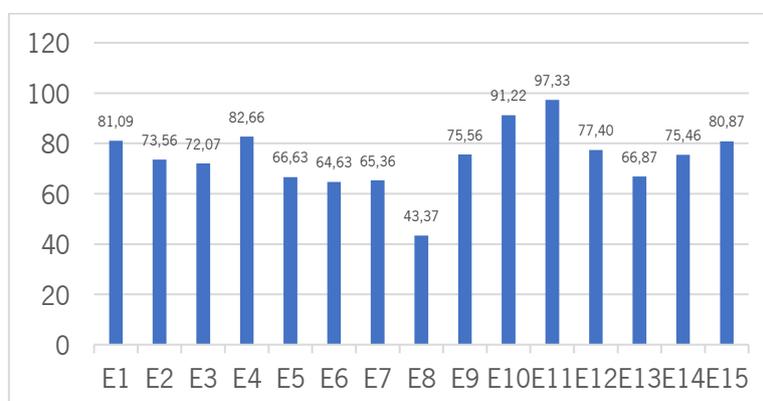
observou-se que os rendimentos são, em geral, mais altos para aqueles com pais com níveis educacionais mais elevados.

Para o sociólogo Pierre Bourdieu (2007a, 2007b), a explicação para esse fenômeno reside na transmissão de capital cultural a partir do grupo familiar. Para o autor, o nível cultural da família está relacionado ao sucesso escolar. Ainda de acordo com o sociólogo, a incidência de sucesso escolar na família, potencializa a probabilidade de êxito nas gerações subsequentes: “Um grupo ou uma classe produz aquilo que é digno de ser reproduzido” (Bourdieu & Passeron, 1992, p. 39). Na teoria de Bourdieu, o êxito escolar se apoia no capital cultural dos pais e, também, no *habitus* passado aos filhos pela educação (Bourdieu, 1992; 2008a). Contudo, tanto para Bourdieu (2008a) como para Lahire (1997), esses capitais herdados não são suficientes para justificar a performatividade acadêmica, e sim as disposições (*habitus*) incorporadas pelos sujeitos sociais (crianças, jovens, adultos) no percurso de socialização.

1.3. Desempenho acadêmico dos estudantes

O Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) consiste na mensuração quantitativa do desempenho acumulado pelo estudante ao longo do curso. No cálculo estão incluídas todas as disciplinas cursadas, tanto as aprovadas, quanto as reprovadas, seja por falta ou por nota, incluindo também as disciplinas motivo de certificação de conhecimentos ou de aproveitamento de estudos: "No cálculo do IRA, não são consideradas as disciplinas trancadas e as disciplinas com situação de dispensa" (IFRN, 2012a, p. 59). Ademais, a atualização e medição ocorrem no fechamento do período letivo.

Gráfico 6 - Índice de rendimento acadêmico dos estudantes



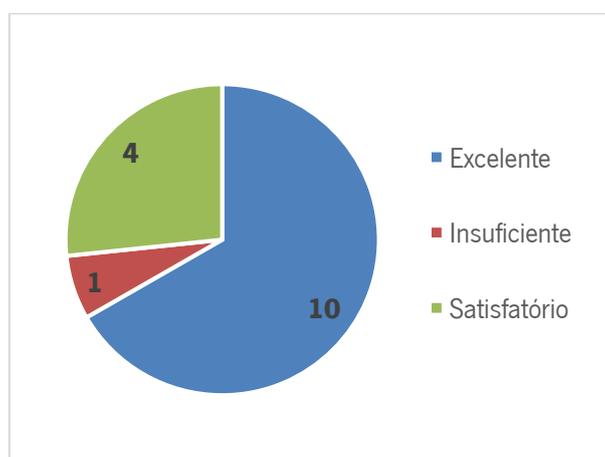
Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

No Gráfico 6, verifica-se que o rendimento acadêmico dos educandos está acima da média exigida, com exceção do E8. Cabe esclarecer que esse aluno foi jubilado no decorrer da pesquisa.

Em consonância com a organização didática, "o desempenho acadêmico dos estudantes por disciplina e em cada bimestre letivo, obtido a partir dos processos de avaliação, será expresso por uma nota, na escala de 0 (zero) a 100 (cem)" (Dados recolhidos na Instituição, 2018/2019). Também está previsto que nos "cursos com regime seriado anual, será considerado aprovado na disciplina o estudante que, ao final do 4º bimestre, não for reprovado por falta e obtiver média aritmética ponderada igual ou superior a 60 (sessenta)" (IFRN, 2012a, p. 60).

Para esse estudo optou-se por agrupar as notas, distribuindo-as em três níveis de rendimento: excelente, para as notas maiores que 70 (setenta); satisfatório, para as notas igual ou acima de 60 (sessenta); e insuficiente para as notas abaixo de 60 (sessenta).

Gráfico 7 - Rendimento acadêmico dos estudantes



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

O Gráfico 7 destaca que 10 (dez) dos estudantes do ensino médio que mais demandam o empréstimo da biblioteca estão classificados como alunos excelentes, um dado muito relevante já que apenas um aluno aparece com resultado acadêmico insuficiente. Convém esclarecer que 11 desses alunos provêm de famílias vulneráveis social e culturalmente. Cabe, ressaltar também, que para ingressar na instituição o educando passa por um processo seletivo.

Como apresentado na seção anterior, de acordo com Bourdieu (2007a, 2007b, 2008b) a explicação para este fenômeno está associada à motivação que a família ou a escola transmitem ao estudante, uma vez que mesmo não tendo condições de oferecer conhecimento cultural, as famílias se empenham em colocar os filhos na escola. Contudo, estes terão que se esforçar mais que os que já detêm essa carga de aprendizagem.

1.4. Natureza e tipo de uso da biblioteca

A biblioteca, foco do objeto desse estudo, funciona como biblioteca escolar e universitária, porém a demanda significativa provém do ensino médio, ou seja, ela é uma biblioteca com características essencialmente escolares. Está localizada na parte central do campus, facilitando o acesso de todos os utilizadores, especialmente as pessoas com deficiência. Pela sua natureza, atende estudantes do ensino médio, superior e de pós-graduação, bem como servidores da instituição.

De modo a atender aos indicadores de padrões de qualidade e as recomendações do Ministério da Educação para autorização e/ou reconhecimento de cursos de graduação e de pós-graduação, a Biblioteca tem quantitativo mínimo de títulos e de exemplares de acervo de livros e periódicos especializados que atendam aos programas das disciplinas dos cursos, incluindo os cursos do ensino médio.

Os usuários utilizam a biblioteca usufruindo dos seguintes serviços: utilização dos armários guarda-volumes; consulta local; empréstimo de materiais informacionais - os usuários cadastrados podem utilizar-se do empréstimo domiciliar do acervo por períodos determinados, conforme a categoria do usuário e do tipo de material; empréstimo especial - podem solicitar por empréstimo, de duas horas, os materiais informacionais que não saem para empréstimo domiciliar; Reserva de livros - os materiais disponíveis para empréstimo na biblioteca podem ser reservados, caso todos os exemplares do mesmo já estejam emprestados. Esta reserva pode ser feita diretamente nos terminais de consulta; renovação do empréstimo - qualquer material retirado pode ter seu prazo de empréstimo renovado nos terminais de consulta ou pela página Web da instituição, pelo mesmo período do empréstimo inicial a contar da data da renovação.

Os usuários da biblioteca têm direito a empréstimos domiciliares. O prazo e quantidade de material a ser emprestado diferencia-se conforme as categorias de usuários e o tipo de material, conforme o quadro abaixo.

Quadro 3 – Condições de empréstimo domiciliar

| CATEGORIA | TIPO DE MATERIAL | PRAZOS |
|--|--|--|
| Alunos Servidores administrativos | 03 livros 02 CD-ROMs | 14 (catorze) dias 02 (dois) dias |
| Alunos de pós-graduação Servidores em capacitação | 03 livros 02 CD-ROMs | 21 (vinte e um) dias 02 (dois) dias |
| Docentes | 05 livros 03 multimídias 02 periódicos | 21 (vinte e um) dias 07 (sete) dias 02 (dois) dias |

Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

Além dos serviços já mencionados, a biblioteca oferta a normalização bibliográfica, a confecção de ficha catalográfica, levantamento bibliográfico, apoio às aulas, pesquisa virtual, visita programada e atendimento individualizado, caso seja solicitado.

O empréstimo domiciliar é um serviço imprescindível que a biblioteca presta aos seus utilizadores. Estes nem sempre têm possibilidade de fazer suas leituras no âmbito da biblioteca; entretanto podem requisitar os livros por empréstimo e levá-los para estudar ou fazer suas leituras em casa. Esta facilidade estimula a frequência à biblioteca, tanto para as leituras recreativas como para as informativas de cunho técnico-acadêmico que apoiam os estudos ou trabalhos que realizam.

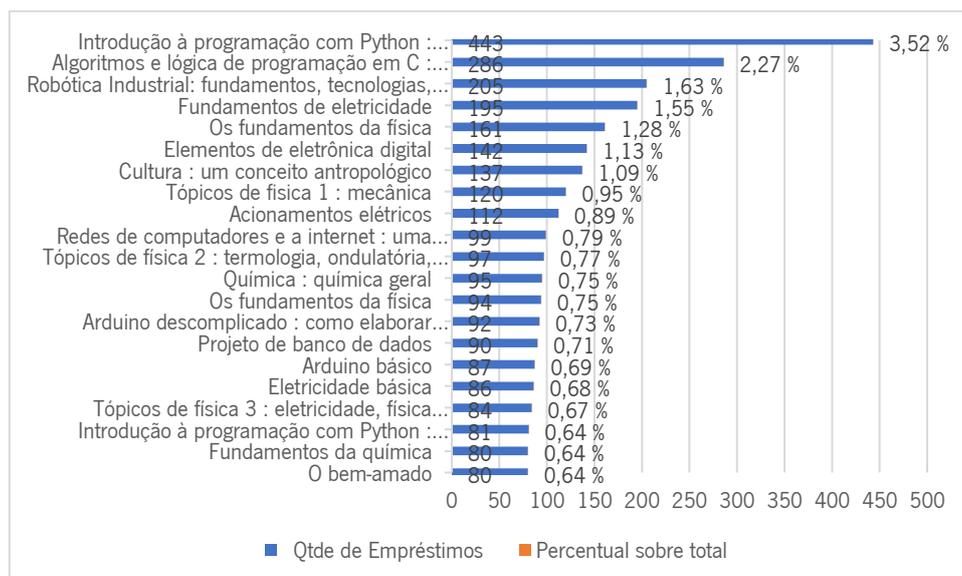
Sobre a atividade de atendimento e empréstimo, a biblioteca realizou no período da pesquisa 12.596 (doze mil, quinhentos e noventa e seis) empréstimos domiciliares. Observa-se que a maioria dos empréstimos são de livros técnicos e didáticos, sendo a leitura de livros de literatura ainda incipiente, fato constatado nos gráficos 8 e 9, que revelam que o título de literatura mais emprestado corresponde a 0,64% dos livros emprestados no período. No entanto, o livro mais solicitado corresponde a 3,52 %, ou seja, o mesmo título foi requisitado 443 (quatrocentos e quarenta e três) vezes.

Gráfico 8 - Livros de literatura mais emprestados



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

Gráfico 9 - Títulos mais emprestados



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

Constata-se também que estão disponíveis 16 computadores para pesquisa, estes acessados com regularidade, além de duas salas de estudos em grupo e uma de estudos individual. O ambiente é climatizado e o acesso ao acervo é aberto e está protegido com sistema antifurto. Por esta razão, oportuniza o acesso livre ao acervo, tanto para usuários ligados à instituição (professores, alunos e servidores), quanto para a comunidade externa (pesquisadores, alunos de outras instituições e para

pessoas não ligadas ao meio acadêmico). Nessa perspectiva, atende as necessidades informacionais da comunidade interna e externa por meio da consulta ao acervo e uso consciente do ambiente.

Dentro dos preceitos da contemporaneidade, a biblioteca tem um papel relevante. Ao exercer sua natureza social e informativa, contribui de forma eficaz para minorar a distinção entre os que têm acesso à informação e os que são carentes dela. Logo, a difusão, tanto da informação como da cultura, é inerente ao seu caráter educacional (Antunes, 2002; McGarry, 1999).

2. Retratos sociológicos de três estudantes com elevado desempenho

Isaac Asimov: exemplo brilhante de mobilidade intrageracional e social

Asimov, proveniente da zona rural, com um núcleo familiar diversificado, composto pelos pais, 6 irmãos e uma tia avó. Concluiu o Técnico de nível médio em informática, em 2018, em seguida ingressou na universidade fazendo Ciência e Tecnologia, mas trancou por não ter se identificado com o curso. Está trabalhando como programador em uma empresa de desenvolvimento de software. Mora com uma tia avó (Santina, mãe adotiva, 65 anos, aposentada) desde os 3 anos de idade, que o criou como filho, porém não o adotou formalmente. Asimov desconhece a motivação de morar com a tia avó: "Eu não faço a menor ideia, porque eu me acostumei e passei a vida todinha, ela que me alimentava, ela que comprava roupa para mim, tudo, e eu acho que não é nem questão financeira não, eu realmente não sei". A dona Santina, casada com um senhor de 83 anos (aposentado), queria ter filhos mas a infertilidade do esposo a impediu, provavelmente por isso ela se afeiçoou a Asimov.

Seus pais, mãe (Elzamar), 40 anos, trabalha como auxiliar de serviços gerais na prefeitura da cidade vizinha, ao município aonde mora. Estudou tardiamente, antes de casar só tinha o ensino fundamental incompleto. Depois da família formada (sete filhos) voltou a estudar e conclui o ensino médio, para ela foi a concretização de um sonho. Evangélica, no entanto, não incentivou os filhos a seguir a religião; enquanto o pai (Wellis), tem 41 anos, com ensino fundamental incompleto, já teve várias profissões, inclusive trabalhou em usina de cana-de-açúcar, atualmente é lenhador. O enredo familiar aparenta ser de tranquilidade, com exceção de alguns episódios marcantes, como o acidente de moto sofrido pelo sr. Wellis, que na ocasião ficou alguns dias desaparecido. Outro fato inusitado da sua vida familiar foi o reencontro com o avô materno, faz 4 anos. Até então só o conhecia por meio das histórias que contavam,

"que ele era um Serial Killer". Esse avô, pai da sua mãe, estava sumido há mais de quarenta anos, depois de tentar matar a esposa (que estava casada com ele a cinco meses), e também, o próprio irmão. Asimov o viu uma única vez, pois ele matou uma pessoa na cidade e foi preso. Elzamar nasceu desse relacionamento conflituoso, mas sua mãe casou novamente e teve vários filhos. Quanto ao contato com os avós paternos, a avó faleceu antes dele nascer. Até os sete anos o contato era próximo, contudo o avô se mudou para outra cidade impossibilitando o convívio, tendo falecido há dois anos por problemas de saúde.

As pessoas da família de Asimov, têm pouca escolaridade e empregos com baixos salários. Ele é o primeiro a chegar à universidade e ter um emprego com bom salário, sendo esse fato motivo de orgulho para todos. Infelizmente não foi sempre assim, muitos tentaram desestimulá-lo a prosseguir, era muito sacrifício para uma pessoa tão jovem, acordar às 4 horas da manhã, passar o dia estudando, chegar em casa tarde. A mãe adotiva o incentivava, ajudava financeiramente, mas sempre que ele falava das adversidades enfrentadas ela tentava dissuadi-lo a desistir. O apoio dos familiares foi imprescindível para o sucesso acadêmico e profissional, a gratidão transparece no semblante de Asimov. Foram muitos sacrifícios para que o menino franzino, nascido no sítio, pudesse estudar próximo da capital, numa escola federal. Os esforços para ajudá-lo foram demonstrados com ações, nunca com palavras. No âmbito familiar não se almeja estudar mais que o ensino médio. A excelência acadêmica de Asimov está sendo o diferencial, considerando o movimento ascendente um exemplo concreto de mobilidade intrageracional e mobilidade social. Na comunidade onde nasceu é comum as crianças abandonarem a escola. Quando estava no ensino fundamental 1, Asimov passou um ano sem ir para escola e ninguém se incomodou.

Oriundo de uma família de classe baixa, com poucos recursos financeiros, teve excelente rendimento acadêmico. Suas primeiras leituras ocorreram no ensino fundamental; em sua casa não se comprava livros, tampouco se dava importância ao ato de ler. Sua irmã mais velha gostava de ler e tinha uma boa caligrafia, além disso, Elzimara (agora com 25 anos) era elogiada por ser inteligente, provavelmente esse tenha sido o referencial que o impulsionou para a literatura. Hoje mora sozinho na capital, tem namorada, vai ao cinema com regularidade, frequenta bons restaurantes, contudo visitar os pais é que lhe faz mais feliz. O poder aquisitivo proporcionou-lhe o prazer de possuir livros.

C. S. Lewis transitando entre mundos divergentes

C. S. Lewis tem 20 anos e está cursando o último período do ensino médio, com uma motivação que lhe é muito peculiar. Filho primogênito, de pais ainda jovens (mãe com 43 anos, pai 42), mora com a mãe e dois irmãos, (15 e 12 anos). Seus pais estão separados desde que tinha 8 anos e desde então mantém-se afastado do pai, portanto, conta com o apoio exclusivo da mãe em todas as áreas, respeitando as limitações impostas pela religião. Lewis apresenta uma trajetória de vida conflituosa, uma vez que a mãe, com ensino médio, trabalha numa escola como zeladora e merendeira, mas não tem renda suficiente para sustentar a família com conforto, e isso lhe causa constrangimentos.

A indignação pela falta de recursos financeiros apresenta-se como principal propulsor do percurso acadêmico, porém o tem afastado da família, levando-o a crer que a sua vida é dividida entre estes dois espaços (mundos), impossíveis de convergirem. Por isso, não consegue se adequar em nenhum. Seu sentimento de pertencimento é difuso, parece que a família nunca vai entender o que ele vivencia cotidianamente: "às vezes não sou bem visto não, tipo assim, é porque como são formas de interação muito diferentes, tem coisas que você faz aqui que são comuns que se você fizer lá é, o povo vai estranhar". As expressões faciais e corporais impelem seu inconformismo.

Lewis vivencia vários conflitos pessoais e familiares, visto que sua mãe e a maior parte da família materna, com quem convive, são muito religiosos e discordam de determinados comportamentos sociais. Por vezes, esses desacordos produzem isolamento e dissabor. Sentimentos que se ressaltam quando fala do pai (fundamental incompleto, trabalha numa padaria) ausente, que mesmo morando próximo não teve participação na sua criação, dificultando a relação pai/filho e o relacionamento com a família paterna. Embaraço este causado pela mãe com o objetivo de protegê-lo das más influências: "todo mundo da família do meu pai bebe, [...] faz aquelas festas pra encher a cara e tudo mais, aquelas coisas, aqueles ambientes que realmente não são pra crianças, [...], aí ela não queria correr o risco de eu acabar indo... não queria que eu tivesse contato com esse tipo de cultura, [...] com medo que isso influenciasse. Não é a religião que impõe isso, são as pessoas que as vezes eu acho que exageram".

Dentre os familiares de Lewis, Rosinete (sua mãe) é a pessoa por quem ele demonstra carinho e orgulho. Ela, proveniente de uma família humilde, com sete irmãos, teve que deixar os estudos aos 13 anos para ajudar no sustento da família, retornando a estudar depois de estar casada com 3 filhos, numa escola

noturna próxima a sua residência. Esse fato emociona Lewis de forma singular, através de sua fala percebe-se a sua admiração: "eu lembro até hoje ela [...] deixava nós três, os filhos dela com [...] umas primas nossas que eram mais velhas, e ia pra escola, uma escola perto, [...], lembro até hoje ela saindo com o caderno todo arrumadinho pra ir pra escola, dava orgulho". Rosinete, foi a grande incentivadora para que ele estudasse, mesmo sem ter pretensão de chegar à universidade, o orientava a ir para escola, advertindo que sem estudos as dificuldades se acentuam.

Por ser um sujeito de origem simples, Lewis cursou o ensino fundamental em escolas públicas municipais, na cidade onde mora desde que nasceu, não teve hábito de leitura, sequer gostava de estudar, no entanto, inconformado com a escassez de recursos financeiros, decidiu estudar no Instituto Federal, pois soube que era uma escola melhor que as outras onde tinha estudado até então

Hermione, prodígio celeste

Hermione uma jovem, de 18 anos, estudante diligente, está cursando o 3º ano do ensino médio (curso técnico em mecatrônica), mora com os pais e é fruto do segundo casamento de ambos. O pai (Otávio) com 62 anos, militar (aposentado), cursou até o ensino médio, tem 3 filhos (homens) do primeiro casamento, Nadja (mãe) tem 52 anos, não concluiu o ensino médio, trabalha em casa (na informalidade), e tem uma filha do primeiro relacionamento. Apesar de não ter convivido com os irmãos, os admira por serem pessoas esforçadas e trabalhadoras.

Começou sua vida escolar aos 2 anos de idade, em uma escola privada, por determinação de seu pai. Nos primeiros anos apresentou insegurança por estar longe dos pais, mas com o passar dos anos se acostumou à rotina da escola, permanecendo na mesma escola do maternal ao 1º ano do ensino médio. Aos 14 anos prestou exame seletivo para entrar no instituto federal. Sem êxito, no ano seguinte, já com 15 anos, tentou pela segunda vez e foi aprovada. Assim, teve início, aos 15 anos, sua trajetória no IF e, desde então, tem se destacado entre os melhores alunos. Sua brilhante desenvoltura acadêmica tem-lhe impulsionado a participar de várias olimpíadas a nível estadual, regional e nacional: no primeiro ano, ainda com 16 anos, participou das olimpíadas de química, de física, de geografia e matemática, ganhando medalha nas três primeiras, medalha de bronze nas olimpíadas nacional de física e prata na estadual de química. Já no segundo ano competiu nas provas de matemática, física, química e astronomia, recebendo medalha de prata na estadual de química. Esse ano fez provas em olimpíadas

de: matemática, física, química, robótica e astronomia; nessa última ganhou bronze nacional. Hermione demonstra muita determinação nessas competições, mas ao mesmo tempo simplicidade, tranquilidade, aproveitando esses momentos para se relacionar, se divertir, ou seja, os méritos recebidos não a envaidecem, a impelem a se superar cada vez mais:

"eu gosto muito de fazer às provas em si, principalmente às provas de olimpíadas, quando os professores passam às olimpíadas de física, química, matemática, eu gosto muito quanto está na fase das olimpíadas de astronomia também, ano passado eu ganhei medalhe eu gostei muito eu começo a fazer os exercícios eu fico fazendo aí eu acho muito legal e é também pra debater mesmo a gente adquirir os conhecimentos aqui aí às vezes a gente conhece pessoas de outro lugar a gente vai trocando experiência [...], trocando às informações" (E10, Apêndice I).

Procedente de uma família de classe média, sem conflitos aparentes, tem excelente rendimento acadêmico, tendo tido desde bem pequena contato com os livros e com a leitura. Seus pais, mesmo não gostando de ler, sempre compraram revistas e livros. Dessa forma, as suas primeiras leituras foram as revistas em quadrinho da turma da Mônica, que guarda até hoje.

2.1. O contexto social e familiar dos estudantes retratados

Quanto ao contexto social percebeu-se que os estudantes são de classes sociais diversas, provindos de famílias de baixa renda e com baixo capital cultural. O grau de instrução dos pais compreende a faixa de elementar a médio. Os resultados da presente análise possibilitam inferir que: estudantes de classes sociais desiguais, seja em relação ao capital econômico ou capital cultural, têm grandes possibilidades de alcançar a excelência acadêmica. Bourdieu, quando discorre sobre o espírito de família afirma que:

"[...] a família e produto de um verdadeiro *trabalho de instituição*, ritual e técnico ao mesmo tempo, que visa instituir de maneira duradoura, em cada um dos membros da unidade instituída, sentimentos adequados a assegurar a *integração* que é a condição de existência e de persistência dessa unidade. Os ritos de instituição (palavra que vem de *stare*, manter-se, ser estável) visam constituir a família como uma entidade unida, integrada, unitária, logo, estável, constante, indiferente às flutuações dos sentimentos individuais. Esses atos inaugurais de criação (imposição do nome de família, casamento etc.) encontram seu prolongamento lógico nos inumeráveis atos de reafirmação e de reforço que visam produzir, por uma espécie de criação continuada, as afeições obrigatórias e as obrigações

afetivas do sentimento familiar (amor conjugal, amor paterno e materno, amor filial, amor fraterno etc.)". (Bourdieu, 2008b, p. 129).

Nesse contexto, a pesquisa identificou na trajetória do E2 um dilema, pois, ele não aceita o padrão de comportamento instituído pela família, e esse controle social o faz querer fugir dessa integração social. Isso é percebido quando Bourdieu (2008b) enfatiza que o papel da família na formação do sujeito está atrelado a rituais, a técnicas, a compreensão de mundo, a verdades e imposições, inferindo que tudo isso é construindo a partir de um *habitus*, que é definido como disposições práticas, duradouras e de rotina. Bourdieu enfatiza, também, o papel da família como instituinte de comportamentos que visam manter a coesão e integridade do grupo, mas no caso do Lewis sentimentos contrários o estão levando para outra direção, uma vez que a integração com os familiares está fragilizada. Nesse caso, em especial, E2 quer romper com as posturas religiosas impostas pela família (por sua mãe), expostas nos relatos a seguir:

"eu comprei uma calça de moletom esses dias e foi um fuzuê lá em casa, minha mãe dizendo que era roupa de bandido, não sei o quê, não era pra eu comprar, só por isso. [...] Eu gosto muito disso, de me arrumar, de me vestir bem, só que eu não posso por causa da questão financeira e porque tem as regras religiosas, eu não posso usar certas coisas, não posso mudar de certa forma, não posso [...] tingir o cabelo, não posso fazer esse tipo de coisa, fazer sobancelha, homem fazer sobancelhas é uma coisa, assim ridícula na minha família, o povo acha que já é gay [...]. Eu gosto [...] de me se cuidar. [...] Eu quero ter a vida, a minha vida do meu jeito, quero montar a minha própria realidade, [...], sem ter que ficar debaixo de certos limites, por que não tem dinheiro para fazer isso ou porque [...] quem é cristão não faz isso, [...]. (E2, Apêndice I).

Diferentemente, os depoimentos de E1 e E10 remetem a um ajustamento familiar que apresenta certa linearidade, ambos vivenciam pequenos conflitos familiares que não perturbam. Durante o período das entrevistas, E1 mostra satisfação quando fala da família e dos familiares:

"Eu sou, bem sincero, insatisfeito com quase nada, eu gosto de tudo. Só de eu tá acordado já é uma maravilha e tá dormindo também, então eu passo a maior parte do dia, digamos, feliz. [...] eu esqueci de um detalhe, eu tenho uma insatisfação sim, eu acho que eu menti, eu acabei exagerando no começo, eu passo muito tempo longe da minha família, por eu tá morando aqui enquanto eles estão lá no interior, acho que é a única insatisfação, mas não é algo que me deixa muito triste, porque eu costumo visitá-los no final de semana, todo final de semana eu vou pra lá". (E1, Apêndice I).

Pelo relato de Asimov, percebe-se que há um vínculo afetivo instituído com a família. Na análise de Bourdieu (2008), a família mostra-se para os indivíduos como um universo social diferenciado, acrescentando que:

"[...] a família é o lugar da confiança [...] e da doação [...] por oposição ao mercado e a dádiva retribuída - [...]; o lugar onde se suspende o interesse no sentido estrito do termo, isto é, a procura de equivalência nas trocas. O discurso comum frequentemente (e, sem dúvida, universalmente, inspira-se na família de modelos ideais das relações humanas (em conceitos como os de fraternidade, por exemplo), e as relações familiares em sua definição oficial tendem a funcionar como princípios de construção e de avaliação de toda relação social" (Bourdieu, 2008c, p. 126).

Sobre o relacionamento com os pais, E10 fala com muita segurança que: "É tranquilo assim, relativamente, eu me dou bem com os dois, eu converso muito com eles tanto com meu pai tanto com a minha mãe, e é isso, só as brigas, quando tem brigas em casa e tal, mas dá pra conviver". Existe uma diferença alargada entre a idade de Hermione e a idade de seus pais, mas ainda assim, ela não demonstra nenhum constrangimento, ao contrário, se apropria dessa diferença de forma assertiva: "eu acho que não porque [...] como eles são bem mais velhos já tem muitas experiências passam muitas histórias do que já viveram, muitas experiências de vida que [...] eu vou aprendendo com aquilo ali, vou [...] tendo como exemplo as experiências".

Com relação a essas experiências de vida, Nogueira e Nogueira exprimem que:

"uma das teses centrais da sociologia da educação de Bourdieu é a de que os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem, em larga medida, incorporada uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar" (Nogueira & Nogueira 2002, p. 18)

Infere-se, portanto, que a família sempre está interagindo com outros meios socializadores. Assim, de acordo com Lahire

"ela pode ser mais ou menos controladora em matéria de "convívios" e de saídas (controlando a composição do grupo dos pares com quem se pode conviver e limitando o tempo que se passa fora de qualquer controle familiar), exercer um papel de filtro com relação às mídias e a diversas instâncias

culturais extrafamiliares e se encarregar de modo mais geral de um trabalho, imperceptível, porém permanente, de interpretação e de julgamento sobre todos os domínios da vida social" (2015, p. 1398).

Lahire (2015) também esclarece que:

"O fato de que a socialização familiar seja ao mesmo tempo precoce, intensa, duradoura e, durante um tempo mais ou menos longo, sem concorrência, explica o peso da origem social (mesmo quando ela é grosseiramente apreendida a partir da categoria socioprofissional dos pais) em um número muito grande de comportamentos ou de preferências estudados (escolares, profissionais, culturais, esportivos, alimentares, estéticos etc.)" (p. 1398).

Conclui-se, portanto, que todo o processo de socialização começa na família, é nesse espaço, em que geralmente, pode-se encontrar compreensão e amparo, apesar dos conflitos. Logo, os sujeitos pesquisados, mesmo tendo fortes laços familiares também fazem parte de um contexto social heterogêneo e seus patrimônios de disposições são construídos a partir dessa diversidade.

A sociologia disposicionalista de Lahire (2004) possibilita observar ações, valores e sentimentos dos estudantes a partir princípios provenientes de suas origens, leituras de mundo e hábitos adquiridos através da família, bem como do contexto escolar ou de outras vivências importantes de suas vidas. Para ele (2004, p. 21), é "a tradição disposicionalista, que tenta levar em consideração, na análise das práticas ou comportamentos sociais, o passado incorporado dos atores individuais".

A trajetória dos três sujeitos são diferentes, embora a de Asimov e Lewis sejam parecidas por virem de famílias pobres, com baixa escolaridade e que não tinham condições para dar conforto. Ambos foram motivados a estudar para mudarem essa realidade.

As dificuldades vivenciadas por Asimov centram-se nas questões econômicas, pouco envolvimento dos pais com seus estudos e o afastamento do lar. Teve que sair de casa ainda bem jovem para diminuir os custos e ficar mais perto da escola. Contudo, todos os esforços em prol êxito acadêmico objetivavam melhorar o poder aquisitivo e proporcionar conforto a família. Hoje, com o curso técnico em informática, trabalhando na capital, se entristece por estar longe da família, mas fica satisfeito de poder contribuir financeiramente (paga plano de saúde para alguns familiares).

Lewis não atribui a sua disposição aos estudos a nada que tenha sido repassado pelos seus familiares. A escassez de repertório cultural ao seu redor o levou a acreditar que a sua performance se atribui exclusivamente ao seu esforço individual. Ele retrata que “seguindo na mesma linha dos meus pais e dos meus avós e dos meus tios eu não iria conseguir o que queria”, porém estava consciente que estudar é importante e necessário, para poder romper com as tradições e rigidez impostas. Lewis foca as dificuldades financeira como único obstáculo a ser vencido. Todo esse discurso segue a compreensão de que é necessário adquirir novos *habitus* para incorporar novos capitais simbólicos, sejam eles cultural ou econômico.

Para Herminone a família é algo natural e de convivência, é uma instituição onde ela interage e troca experiências. Percebe-se que a sua disposição para os estudos foi inspirada pela família, iniciando os estudos aos 2 anos de idade, numa escola privada, onde permaneceu até o ensino médio. Teve uma vida mais confortável com relação aos outros dois, estudou em escola particular a vida toda, era estimulada e estudar, a ler, logo, para ela é natural a interação com o conhecimento, o que pode explicar o gosto dela pelas olimpíadas.

Contudo, pode-se aferir de acordo com as teorias de Pierre Bourdieu e de Bernard Lahire que as famílias agregaram-lhes disposições, mesmo que em perspectivas diferenciadas, para a manutenção dos sujeitos na escola, em especial, nos casos de E1 e E2, que embora sendo desprovidos de capital econômico e cultural, têm no *habitus* transmitido pelos pais a explicação para o sucesso escolar.

2.2. O contexto escolar e acadêmico

No tocante ao quadro escolar e acadêmico, o grupo inquirido demonstra heterogeneidade. Diferença que se manifesta a partir da idade que ingressaram na escola, pelo envolvimento dos pais no percurso acadêmico, pelo ambiente escolar anterior, disposição individual, etc.

Analisando os relatos de E1, averigua-se que começou a estudar com 6 anos, ou seja, não teve educação infantil, considerando que esta ocorre de 0 a 5 anos. Relata que não recorda anos iniciais (1º a 5º série), que nesse período a assiduidade era irregular, chegando a passar um ano sem frequentar a escola (sem que os pais interferirem), mas durante o restante ensino fundamental (6º a 9º) tudo melhorou, e o gosto

pelos estudos foi aflorando. Sem proferir detalhes esclarece que ninguém da família ajudava nas atividades escolares, no entanto, descreve com minúcias como, ainda no ensino fundamental, a influência exercida por um professor de língua portuguesa foi importante para seu percurso acadêmico. A primeira reprovação aconteceu no último ano do ensino médio, mas as maiores dificuldades ocorrem no primeiro ano:

"Academicamente, [...] até o ensino fundamental 2, eu não tenho, assim, muito do que falar, as minhas notas começaram a subir no fundamental 2, foi nesse momento que eu tive incentivo de algumas pessoas a fazer o vestibular [exame de seleção] do IF e assim, recordações de estudar, essas coisas, foi a partir do fundamental 2".

"[...] Eu deixei de frequentar a escola por um ano. Eu nem sequer tinha matrícula. Não podia, mas, assim, a minha mãe não me levava pra escola".

"[...] no quarto ano eu fui pra recuperação... no caso prova final em uma disciplina, mas só nela a minha vida toda e uma reprovei direto porque eu desisti, não tinha nem como eu ir pra recuperação".

"[...] as dificuldades pra me entrosar [...] A minha maior dificuldade mesmo foi em Português, [...] eu não tive uma recepção, assim, eu não sei se foi uma barreira minha, se existiu uma barreira minha com relação ao inglês, foi ruim, porque hoje eu penso que eu podia ter aproveitado de formas diferente isso, teria impactado absurdamente no meu aprendizado desde o início. Mas, assim, eu não tive muita dificuldade pra ser aprovado na disciplina, mas [...], português, a forma que eu contornei foi desistindo da disciplina e pagando ela no contra turno no ano subsequente. [...] mas eu não tive muita dificuldade no segundo ano. Uma coisa que eu tive dificuldade e hoje eu vejo que eu melhorei muito, assim, foi uma coisa que eu procurei melhorar, foi comunicação, provavelmente se... você tivesse solicitado... pedido pra fazer essa entrevista comigo no primeiro ano, eu teria surtado, eu não conseguiria, é... eu tinha muita dificuldade em falar em público, em ter conversas assim, é... isso acabou impactando de uma forma absurda porque, [...] é altamente incentivado, no ensino médio lá, no caso do IF, fazer trabalhos apresentações, né? E eu acabava tendo um desempenho baixo porque eu ficava muito nervoso e não conseguia falar, mas enfim, eu fui desenvolvendo a habilidade com o tempo e como foi que eu desenvolvi? Como eu contornei isso? Foi falando e falando mais". (E1, Apêndice I).

Por sua vez, E2 ingressou na educação pré-escolar aos 4 anos, em escola pública, mantendo-se sem ajuda dos familiares para executar as tarefas de casa. Seus relatos sobre o ensino fundamental centram-se na precariedade da escola e na desqualificação dos professores, de forma a enfatizar que não contou com apoio nem orientação de ninguém durante a sua jornada acadêmica. Ao longo da vida acadêmica teve uma única reprovação e as grandes dificuldades nos estudos ocorreram quando entrou no IF:

"[...] as escolas onde eu estudei a gente não era incentivado a ler a gente não era incentivado nem a estudar de verdade, os professores não davam aula direito, faltavam, tudo mais, faziam mais brincadeira do que dava aula, então não tinha seriedade, aquela seriedade que deve ter num ambiente escolar todo, então os alunos não são preparados para, não são preparados para essa vida aqui, acadêmica, desse nível aqui, entendeu? Eles não crescem, a gente não cresceu com uma noção da importância de se estudar de se adquirir conhecimento, dê, a gente não foi ensinado desde criança a montar uma carreira, ninguém perguntava o que a gente queria ser quando crescesse, se perguntava era porque, era até da boca pra fora mas, [...]"

"[...] eu tenho cada estória para contar dos professores de lá que misericórdia é uma vergonha assim pra educação brasileira os professores que eu já encontrei na minha vida, é, aí eu fui percebendo que se eu quisesse ter uma vida profissional, uma carreira mesmo eu teria que estudar e por isso que eu quis vir para o IF porque eu só conseguiria o conhecimento necessário para fazer o ENEM para fazer faculdade tudo mais, aqui.

"[...] antes deu entrar no IF, a minha mãe se preocupava, [...]eu moro só com a minha mãe desde os 8 anos, meus pais são separados, aí a minha mãe sempre dizia que eu, que eu tinha que me esforçar para tirar boas notas e ponto, mas é isso aí, o importante era tirar boas notas, não era aprender e ser, e ter conhecimento para ser bem sucedido na vida e tudo mais, era passar de ano, a importância era essa, essa é a importância da escola lá de onde eu venho [...] pouquíssimas pessoas crescem já planejando um futuro profissional.

"[...] antes de entrar aqui no IF eu já tinha feito o primeiro ano, e nesse primeiro ano eu reprovei em duas matérias física e química, eu reprovei só que eu fui aprovado do IF [...]"

"Tive bastante [dificuldades], porque eu não tive base lá fora. Eu ficava direto perguntado a colegas meus que eu sabia que tinha mais facilidade, [...]corria atrás de vários monitores, ficava indo para CA de matemática. [...] Em geral era isso eu perturbava muito o monitor e ficava conversando como o professor sobre o assunto, gastava 95% do meu tempo, do dia, estudando, vendo e revendo os conteúdos [...] não só aprender o que estava sendo passado, mas para entender o que devia ter sido passado para mim lá atrás, [...]" (E2, Apêndice I).

No entanto, a análise das narrativas de E10, mostram que ela iniciou a educação infantil, com 2 anos, numa escola particular, na qual permaneceu até ir para o IF. Teve dificuldades de adaptação, porém seus pais sempre estiveram presentes assistindo-a no que fosse preciso. No que diz respeito ao apoio de pessoas fora da família, relata que teve um professor de química que, de certa forma, lhe incentivou, bem como outros professores do IF. Quanto as dificuldades na rota acadêmica não se observou

nenhuma, exceto os primeiros contatos com os veteranos e com as disciplinas técnicas, que logo foram superados:

"[...] eu no começo chorava muito porque achava que eles iam me esquecer na escola até acho que até o 2º ano eu chorava quando ele demorava pra ir me pegar, achei que ele tinha me esquecido lá mas depois eu acho que fui me acostumando, [...] fazendo parte do dia a dia".

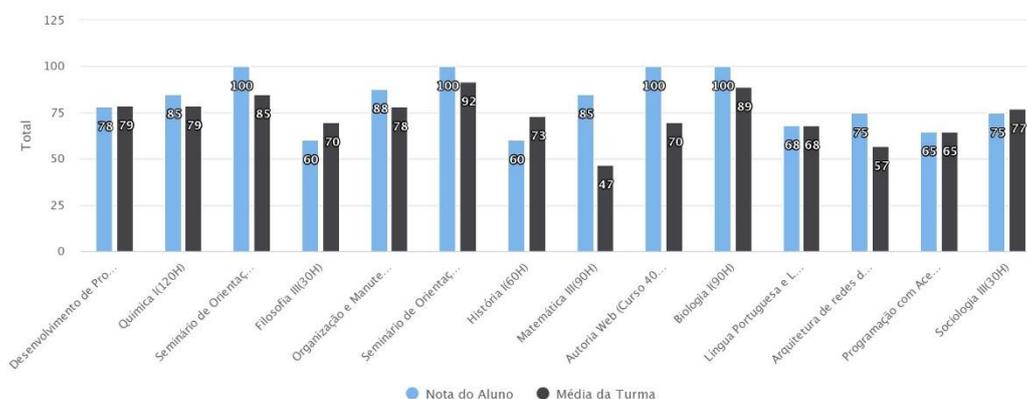
"[...] desde o começo eles sempre me incentivaram porque, [...] quando eles eram pequenos a vida deles foi bem difícil, tipo, eles eram do interior, essas coisas aí era bem mais complicado e [...], eles viram que o estudo era a única forma da pessoa [...], tentar mudar de vida aí por isso que eles sempre me incentivaram muito a estudar, ir pra escolar, fazer as atividades e ir evoluindo porquê [...], através disso eu poder conseguir um trabalho depois e conseguir ter uma vida melhor do que eles tiveram quando tinham a minha idade, [...]".

"Quando eu entrei no IF também teve dois professores também que apoiaram bastante que foi o professor Rogério e o professor Carlos Magno e são professores justamente de química e de física e eu justamente gosto muito de química e de física em partes por causa dos professores, também, que incentivam bastante aí eu comecei a gostar, foram esses".

"[...] quando entrei tem sempre aquele choque, tipo, o pessoal mais veterano falando que é difícil o IF e tal, eu ficava imaginando se era porque essas matérias técnicas de programação esses negócios deve ser tão difícil mas quando a pessoa tá lá aprendendo o professor vai explicando passo a passo e tipo, quando a pessoa vai ver no final do ano a pessoa já sabe tanta coisa, eu nunca tive dificuldade em uma matéria específica, sempre foi tranquilo." (E10, Apêndice I).

De forma a corroborar a excelência acadêmica dos entrevistados (E1, E2 e E10), selecionamos, respectivamente, o boletim de notas relativo ao primeiro ano da pesquisa (2017):

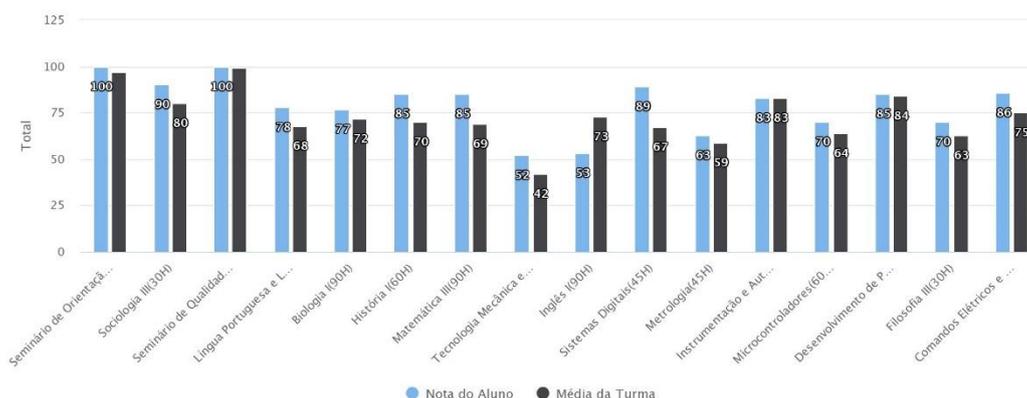
Gráfico 10 - Desempenho por etapa do E1



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

Como demonstrado no Gráfico 10, o estudante 1 obteve notas mais elevadas que a média da sua turma, tendo sido todos os valores acima da média exigida: 10 disciplinas das 14 cursadas estão com notas consideradas excelentes, as disciplinas com as menores notas, porém satisfatórias, foram: Filosofia (60); História (60); Língua portuguesa (68); e Programação com acesso a banco de dados (65).

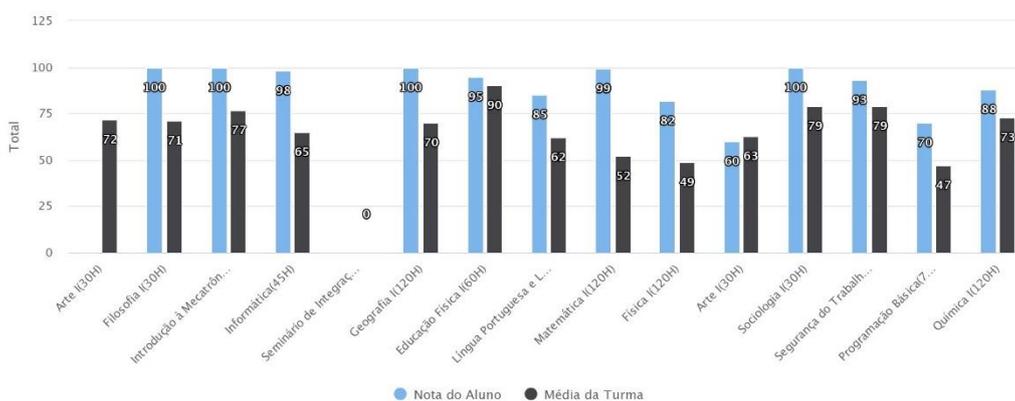
Gráfico 11 - Desempenho por etapa do E2



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

No Gráfico 11 observa-se o desempenho do estudante 2, que cursou, nesse período, 16 disciplinas: em 13 tirou notas excelentes, ficando com notas insuficientes em tecnologia mecânica e em inglês e satisfatória em metrologia.

Gráfico 12 - Desempenho por etapa do E10



Fonte: Dados recolhidos na instituição (2018/2019)

Conforme os dados do Gráfico 12, o estudante 10, transferiu a disciplina de artes. Por motivos desconhecidos as notas do seminário de integração não foram computadas. Foram concluídas 13 disciplinas, destas, 12 com valores excelentes, acima da média da turma; a disciplina de arte foi a única nota satisfatória, mas abaixo da média da turma.

Bourdieu (2008b) evidencia em seus estudos que, ao ingressar e permanecer numa escola, os sujeitos levam consigo uma carga que, adquirida no seu âmbito social, diferencia-o dos outros indivíduos e está ligada aos aspetos da sua trajetória escolar. Essa carga, que se modifica no desenvolvimento da escolarização, conjuga três elementos principais: capital econômico, capital social e capital cultural.

Como se pôde constatar, os fatores socioeconômicos das famílias, neste caso, influenciam nos resultados acadêmicos. Ao ingressarem no ensino médio os dois primeiros (E1 e E2) tiveram mais dificuldades em concluir as disciplinas, embora de forma geral tenham se saído bem, mas a E10 se destacou em todas. Na concepção de Bourdieu, a estrutura familiar diferencia o indivíduo dos demais, o que fez ela apresentar melhores resultados. E10 se sobressai em relação ao E1 e ao E3.

As dificuldades expressadas pela falta de lembrança do ensino fundamental alegada pelo E1, bem como as dificuldades da língua portuguesa e as reprovações, implicaram na diferença do percurso acadêmico dos dois primeiros em relação a última entrevistada. O trajeto escolar anterior de ambos foi impactante e dificultoso para o processo de aprendizagem, fato que mudou quando eles ingressaram no IF.

A carga apontada por Bourdieu foi pesada para os estudantes de capital econômico, social e cultural inferior, pois ambos relataram ter dificuldades de se expressar em público e dominar a linguagem (falta de capital incorporado), ausência de contato com os elementos da cultura (bem cultural). Os dois estudantes relatam, também, que as suas primeiras experiências com a cultura aconteceram no IF, foi a socialização na instituição que lhes proporcionou o acesso a cultura, logo ao capital cultural. Para a E10 esta carga não foi negativa.

A falta de incentivo por parte dos familiares, dos dois primeiros, enfatiza o papel da família destacado por Lahire (2015) na construção social dos indivíduos. Os gráficos 10,11 e 12 definem como foi impactante o processo educativo anterior (ensino fundamental) com o atual para E1 e E2, diferente do ocorrido com E10, que praticamente não sentiu a mudança, nem de série, nem de escola.

Conclui-se, portanto, que apesar da heterogeneidade socioeconômica e cultural desses alunos, todos apresentam elevado desempenho, corroborando com os resultados do IRA.

2.3. O papel da biblioteca escolar

Numa sociedade impulsionada pelas tecnologias e comunicação em rede, a missão da biblioteca escolar passa a ser de agente de mobilização social e cultural, na perspectiva de fomentar o gosto pela leitura, possibilitando às crianças e aos jovens o contato com livros. O papel fundamental da biblioteca é promover acesso à informação e a leitura (Antunes, 2002; Kuhlthau, 2002). Com esse pensamento Cagneti exprime: "a leitura em contrapartida, pede, naturalmente, o que esse mundo pós-moderno descarta: entrega, concentração, fidelidade, crítica, cumplicidade, retorno, reflexão, criação, recriação". (2013, p. 11).

Se a leitura é um bem cultural manifesto para formação do cidadão, esse bem ainda se revela aquém para a maioria dos brasileiros (Cagneti, 2013). Nesse estudo, o livro e biblioteca passam a fazer parte da vida dos sujeitos a partir do ensino médio. Nos anos anteriores, o espaço da escola, nominado de biblioteca, era inacessível para leituras. Todavia, ao ingressarem no IF, a biblioteca e o livro foram relevantes ao desempenho dos sujeitos inquiridos, conforme os relatos:

"Eu acho, boa parte da minha formação, das coisas que eu leio foi de uma biblioteca de um IF, assim, o momento em que eu realmente adquiri o hábito de ler foi no IF, por meio da biblioteca. Se não fossem os livros da biblioteca eu não conseguiria ler. Até conseguiria, talvez, se eu pirateasse na internet, ou alguma coisa assim, mas não existiria o prazer que é ler num livro físico. [...] porque eu só passei a consultar a biblioteca quando eu já estudava no IF, todos os livros que eu precisava tinha no IF". (E1, Apêndice I).

Para E1, a biblioteca é um espaço de conhecimento, que contribuiu com a sua formação e lhe proporcionou exercitar o hábito de leitura:

"Sim, porque a minha fonte de conteúdo de estudos era todinha aqui. [...] Pra mim são muito importantes porque sem os serviços da biblioteca não tem a biblioteca [...] o uso dos computadores

que é importante, nem toda biblioteca tem [...], computador, ainda bem que tem aqui, porque pra quem não tem acesso a internet, como é o meu caso, em casa eu não tenho acesso a internet, facilita bastante já a vida e o tamanho do acervo eu acho legal também é bem diverso, embora pudesse ter alguns, pudesse aumentar aí o volume em algumas áreas, é... as salas de estudo também é interessante a ideia, embora a configuração atual não esteja muito boa, porque fica uma sala do lado da outra, tem uma sala individual do lado de duas salas em grupo, que são as que fazem barulho, sendo que o pessoal da individual precisa de silêncio, aí não deu muito certo, não achei muito inteligente não isso aí, e em questão de atendimento... o atendimento é ok também, não tem nada muito impressionante não, mas é ok. é importante, porque sem o atendimento a gente fica perdido aqui". (E2, Apêndice I).

Similarmente o E2, também, entende a biblioteca como um espaço de conhecimento, ressaltando que toda sua fonte de informação é proveniente dessa instituição e que só tem acesso à internet quando está na escola. Reconhece a importância das salas e dos computadores, no entanto, prefere o ambiente silencioso, pois na sua perspectiva não há lugar para interação:

"Acho que é um espaço muito interessante assim porque você pode ficar lá, até estudar, você tem um espaço todo apropriado, você tem é - - silêncio que é importante quando você vai estudar, até mesmo quando você vai ler, porque é outra história, porque você tá concentrado ali naquela história, pouca coisa já tira seu foco, então na biblioteca como é silêncio é calmo você consegue entrar de fato e viver a história quando você tá lendo, até mesmo pra estudar é muito importante tipo, na escola, ter esse espaço que a gente pode ficar, é muito interessante eu gosto muito. [...] Esse ano eu não tô frequentando tanto quanto no 1º e 2º ano quando eu entrei, porque tô no 3º agora, porque é - como eu tô no projeto aí tem 2 dias da semana que eu tenho que ir pro CVT aí os outros dias a gente tem que cumprir a carga horária do projeto, [...] só que toda vez que eu venho aqui eu pego um livro e levo pra lá, eu pego emprestado e vou pra lá ". (E10, Apêndice I).

Com a relação as impressões da E10, o espaço é propício aos estudos, especialmente para leitura.

2.4. Expectativas face ao futuro

Com relação as perspectivas futuras há uma certa convergência nas respostas, contudo E1 ainda demonstra incertezas: talvez por estar trabalhando, quer ser matemático, no futuro, talvez ser professor,

são muitos sonhos e possibilidades. Em linhas gerais, E2, provavelmente enverede pela área das ciências biológicas, no entanto, almeja um futuro próspero, com estabilidade financeira e sucesso profissional, pretendendo ingressar numa universidade pública. Por sua vez, E10 não tem carreira definida. Sua dúvida maior consiste em decidir o que vai fazer na universidade - tenciona prosseguir na carreira acadêmica fazendo mestrado e doutorado, pois, atualmente, ser professora do IF é o seu alvo. Pode-se entender melhor essas impressões com as exposições abaixo:

"Eu espero ganhar, [...]eu não sou hipócrita, vou falar que eu espero só o diploma no final, né? Mas eu espero aumentar a minha bagagem, conhecer pessoas, eu gosto de conhecer e fazer contatos com pessoas, professores geralmente, aumentar esse leque aí de possibilidades de contatos, aumentar também a minha bagagem de conhecimento, porque é o intuito da universidade, eu acho que é isso". [...] Hoje, assim, parece meio estranho, mas eu vou pra universidade por lazer, eu pretendo ir por lazer, porque realmente hoje eu, parece ser uma visão meia louca, mas eu não vejo necessidade da universidade no meu trabalho, no que eu preciso pra trabalhar, eu ganho hoje o que eu pensava ganhar daqui a 10 anos, e a tendência é que eu estabilize nisso ou ganhe até mais, eu pretendo fazer matemática, só por hobby mesmo. E, não sei, eu penso também, não sei, no futuro mudar de área, passara ser professor. É porque eu vejo como uma possibilidade até, eu também sou muito confuso em relação ao que fazer daqui pra frente, há uns meses atrás eu pensava em fazer medicina, mas hoje eu não penso mais nisso, não é um sonho distante quando criança, é um sonho de meses atrás mesmo, e hoje eu já não penso assim". (E1, Apêndice I).

A visão do E1 com relação às expectativas de futuro, estão confusas, depreendendo-se que a instrução familiar é tão arraigada que ele está reproduzindo, inconscientemente, a ideia que a família faz dos estudos "[...] falava que eu deveria encerrar onde eu (es)tava, no caso ensino médio técnico". Com relação a essa fala, Bourdieu (2008a, p. 164) diz que "a falta de capital intensifica a experiência da finitude: ela prende a um lugar", ou seja, quanto menor for a obtenção de capitais, sejam econômico, social e cultural da família, maior será a redução do tempo de estudo. É pertinente dizer que ele repete a cultura dos familiares, no sentido em que que basta o ensino médio para arranjar emprego, não precisando aprender mais nada. É a força da família definindo seu desenvolvimento escolar. Isso reforça a ideia de Bourdieu (2008b) quando refere que o capital cultural, constituído por ritos, valores, costumes e ideologias, é o elemento mais relacionado ao futuro escolar. Notoriamente, E1 ainda está encantado com o primeiro emprego e com o salário acima do padrão familiar. Nesse caso, ele usou o capital cultural, ou seja, o certificado do curso técnico em informática, para ganhar o capital econômico:

"Eu não escolhi ainda, não a minha profissão, só sei que eu gosto da área da biologia e eu pretendo ingressar nesse ramo ". [...] Estabilidade financeira e conquistar sucesso profissional, ser bem sucedido naquilo que eu quiser fazer e eu sei que pra isso preciso de uma carga de conhecimento, como eu já falei no outro encontro e essa carga de conhecimento eu só consigo aqui na escola, e a escola ter uma biblioteca é muito bom porque a biblioteca tem como se fosse um anexo de conhecimento onde eu posso estudar e absorver melhor os conteúdos, enfim, aprender mais e poder ter mais chances de me dar bem lá na frente, profissionalmente". (E2, Apêndice I).

Quanto ao E2, observa-se que está buscando a estabilidade econômica, a conquista do sucesso profissional. Ele acredita que o capital cultural vai proporcionar a conquista do capital econômico, enfatizando que precisa de conhecimento para conquistar outros capitais:

"Eu não sei tipo assim, de carreira porque todo dia eu quero fazer uma coisa diferente, eu já pensei em ser tanta coisa, mas acho que do momento, agora como eu to nessa vivência do IF tipo, ter um curso e esse ano ta tendo mais matérias técnicas eu comecei a gostar muito da parte de eletricidade, aí eu to mais agora em dúvida na verdade em qual escolher depois que eu terminar o IF tipo, no ENEM, entre fazer física, bacharelado ou engenharia elétrica aí eu to muito em dúvida nessas duas, mas no momento agora se eu fosse escolher hoje, acho que eu iria pra engenharia elétrica. [...] depois que eu fizer engenharia pretendo [...] ingressar em mestrado e doutorado porque eu quero muito ser professora do IF, [...] eu prezo muito os professores daqui [...] sempre engajado em alguma coisa seja de teatro, seja em música, em esporte, [...], vários professores da gente são formados em elétrica e tipo, dão matérias diferentes, então posso escolher algumas pra me especializar". (E10, Apêndice I).

Por fim, E10 está focada em fazer universidade de engenharia para futuramente ingressar como professora em alguma escola ou universidade federal, enveredando por um caminho diferente do escolhido pelo seu pai; esse gostaria que ela seguisse a carreira militar. Conforme o pensamento de Bourdieu (2007c), é a escola que a está influenciando, ou seja, reproduzindo na aluna os discursos dos professores. Ela poderia estar se espelhando na família, no entanto está se vendo no futuro como professora.

Face ao exposto, constata-se que todos almejam dar prosseguimento às jornadas acadêmicas. As incertezas relacionadas com o futuro profissional, provavelmente, se justificam pela tenra idade de cada um.

3. A importância da biblioteca escolar no percurso acadêmico dos estudantes: percepções

No contexto deste estudo, verificou-se que a biblioteca ocupa um lugar de destaque na vida dos estudantes, em especial daqueles que não têm condições de comprar livros. Constatou-se também que a maioria dos alunos que mais requisitam livros têm alto desempenho acadêmico, ou seja, são estudantes excelentes. A biblioteca apresenta-se como ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades informacionais e sociais, visto que ela contribui fornecendo instrução e estratégias para aprendizagem. De acordo com Dudziak, Gabriel e Villela, "aprendendo a identificar, buscar, localizar, avaliar, e selecionar a melhor informação, refletindo e escolhendo a alternativa mais pertinente, extrapolando para outras situações, o usuário constrói o conhecimento" (2000, p. 41). Essas práticas são essenciais para que os usuários tenham autonomia e contribuem para que os estudantes do ensino médio (adolescentes e jovens), mesmo quando não tiveram contato anterior com os livros e com bibliotecas, passem a frequentar esse ambiente, não somente para realizar as tarefas escolares, mas também como espaço de lazer.

Na Instituição locus desta investigação, as bibliotecas fazem parte dos recursos disponíveis necessários à aprendizagem dos estudantes. No entanto, alguns ainda não compreendem a relevância deste manancial de informação para o desenvolvimento educativo. Fato que se constata através dos relatos proferidos pelos sujeitos da pesquisa, os quais apresentam percepções diferenciadas quando são questionados sobre a importância e finalidade da biblioteca:

"Eu vejo a biblioteca meio que como uma ferramenta, principalmente no sentido de propagar a informação, [...] difundir [...] conhecimento". (E1, Apêndice I).

Na concepção do E1, a biblioteca é um espaço de uso da informação para busca do conhecimento:

"Eu gosto da biblioteca porque é um ambiente de estudo que geralmente é um lugar silencioso [...] Pelo menos é pra ser assim, é como eu gosto de o máximo de silêncio possível para estudar ou mesmo para ler caso queira ler alguma coisa é, eu gosto de vir pra biblioteca por causa disso, que é um lugar silencioso, calmo, é bom para se concentrar. [...] preciso de uma carga de conhecimento, [...] e essa carga de conhecimento eu só consigo aqui na escola, e a escola ter uma biblioteca é muito bom porque a biblioteca tem como se fosse um anexo de conhecimento onde eu posso estudar e

absorver melhor os conteúdos, enfim, aprender mais e poder ter mais chances de me dar bem lá na frente, profissionalmente". (E2, Apêndice I).

Para o E2, a biblioteca é um lugar de refúgio silencioso, aonde ele busca o conhecimento e realiza pesquisas:

"Acho que é um espaço muito interessante assim porque você pode ficar lá, até estudar, você tem um espaço todo apropriado, você tem [...] silêncio que é importante quando você vai estudar, até mesmo quando você vai ler, porque é outra história, porque você tá concentrado ali naquela história, pouca coisa já tira seu foco, então na biblioteca como é silêncio é calmo você consegue entrar de fato e viver a história quando você tá lendo, até mesmo pra estudar é muito importante [...], na escola, ter esse espaço que a gente pode ficar, é muito interessante eu gosto muito. É um espaço que serve para a gente conseguir informações, tipo, de várias fontes diferentes, de vários livros diferentes pra tanto estudar ou adquirir qualquer outro tipo de conhecimento, seja livro, até cd's de idiomas, tem dicionários, tem umas coisas, lugar pra quando você tem dúvida em alguma matéria você pode ir lá, tipo, eu faço muito isso, tipo, quando o professor estava dando aula ano passado aí ele falou alguma coisa que, que não tinha no livro ou alguma coisa assim aí eu anotava aí eu vinha na biblioteca procurava um monte de livro aí lia, é pesquisando no sumário eu via se tinha algum ponto deles e ia vendo aí quando achava um eu pegava emprestado e ia pra casa pra ver o que era aquilo." (E10, apêndice I).

Na perspectiva da E10, a biblioteca é o lugar propício para estar, estudar, ler, complementar os conteúdos ministrados nas aulas.

Pelo exposto, observa-se, por um lado, que a biblioteca não parece tão significativa para a formação dos sujeitos, porém útil para buscar informações. E, por outro, que se o aluno pertence a um meio familiar mais privilegiado quanto ao acompanhamento que recebe em casa, as fontes de consulta às quais tem acesso e os interesses apresentam-se mais consistentes.

No entanto, na amostra investigada, é incomum essa ocorrência: nem as famílias nem as escolas do ensino fundamental ofertam livros aos estudantes, e esses não têm acesso à biblioteca escolar ou biblioteca pública. Edson Nery da Fonseca (1983), ilustre bibliotecário brasileiro, quando se refere às funções da biblioteca escolar, enfatiza que esta deve oferecer a infraestrutura bibliográfica para um currículo centrado na busca de conhecimentos e valores contidos nas obras-primas da literatura, da

filosofia, do teatro, da pintura e da música, e que lidar com crianças e jovens requer uma formação tão aprimorada quanto a que se exige dos que trabalham com os pesquisadores, ou seja, o bibliotecário escolar precisar estar apto para atuar junto a esse público.

3.1. A socialização no espaço da biblioteca

As pessoas estão constantemente aprendendo através da interação de umas com as outras, assim cada aluno tem formas diferentes de aprender e aprendem por meio de interações sociais (Campello, 2009).

Para Asimov (E1), a biblioteca era um lugar para estudar, realizar pesquisas, se divertir e para descansar, além de ser um espaço de interação. Ele, inclusive, usava o espaço para prestar monitoria, ou seja, reconhece que o ambiente é favorável à socialização, como mostra a narrativa:

"[...]Eu falei, mas eu ressaltou [...] era um ambiente, [...] ideal pra se estudar, porque rotineiramente a gente... frequentemente, na verdade, a gente precisava se reunir e fazer trabalhos coletivos e o ambiente que a biblioteca proporcionava era ideal. Existiam os ambientes separados, né, pra estudo individual, então, era um ponto muito importante na minha permanência lá, o outro era material didático, era de fácil acesso eu tinha quase tudo que eu precisava lá quando eu não tinha eu podia consultar à internet por meio dos computadores que estavam lá também, por vezes, mesmo não sendo o local a gente se divertia lá. Por lazer também nos momentos que eu queria ler algo, por prazer mesmo, mas a gente também usava para lazer, às vezes, eu não vou ser hipócrita e falar que não, eu usava. Bons tempos. Eu lembro na época que Eduardo era o diretor do apoio, era complicada aquela época, eu lembro que tinha um sofá lá, ele não podia ver ninguém deitado naquele sofá, puxava pela orelha, bons tempos, saudades. [...] Eu arrisco a falar que eu fiquei uns 30% do meu tempo lá, de IF, era na biblioteca, porque era bolsista, enquanto bolsista eu ficava lá pra estudar, pra atender os amigos, colegas. Eu ficava bastante tempo na biblioteca". (E1, Apêndice I).

No caso de Lewis (E2), a socialização tem sido difícil, pois quando está na biblioteca pouco interage com os colegas, prefere ficar só, geralmente num computador. No período desta pesquisa, era comum ele permanecer na biblioteca em horários que deveria estar assistindo aulas. Esse isolamento aparece desde sua infância. Durante as entrevistas não foi possível identificar elementos de socialização, pois suas respostas sobre o assunto, em geral vagas, denotam revés, como no relato a seguir:

"Tenho dificuldade de interação social, sou tímido e me considero um pouquinho introvertido, mais quieto assim, se bem que eu sou muito estressado, tenho dificuldade de andar sobre pressão, dificuldade de fazer amizades, dificuldades de conciliar a vida social com esse ambiente aqui".

Quanto a E10, como foi apresentado anteriormente, expressa seu apreço pela biblioteca, reconhecendo-a como adequada ao estudo, a leitura e ao lazer, além de descrever, as salas de estudos em grupo como espaço de socialização de conhecimentos:

"É mais pra eu estudar mesmo, porque como eu fazia muitas olimpíadas eu precisava de um lugar pra ficar estudando [...] fico na biblioteca porque lá é mais tranquilo e aí também pra ler algum livro, pegava porque tipo, estava tudo lá perto de mim, era só pegar um livro, sentar na mesa e ficar lendo e era um espaço próprio pra ficar lá, lendo ou estudando. [...] mas, ano passado eu ficava mais pra ficar estudando mesmo lá, eu tinha as atividades eu fazia na biblioteca ficava lendo alguma coisa às vezes o pessoal pedia pra ajudar em alguma matéria aí eu ficava lá na sala que estudo em grupo a gente fazia as questões [...]" (E10, Apêndice I).

Sobre a socialização Lahire expressa que:

"O mundo social está tanto dentro de nós como fora de nós. Na origem de nossas desgraças e de nossa felicidade, tanto individuais como coletivas, ele se diferenciou e se tornou tão complexo que produziu o sentimento de que o íntimo, o singular, o pessoal se distinguiria por natureza da sociedade (como dois objetos claramente distintos) e até mesmo se contraporiam a ela. Em um estado de diferenciação particularmente avançado, por paradoxo ou por artimanha do mundo social, temos a sensação de uma vida subjetiva não social ou extra social. Nada é mais comum do que essa inverdade. O indivíduo, o foro íntimo ou a subjetividade como local de nossa liberdade primordial é uns de nossos grandes mitos contemporâneos" (2004, prólogo XII).

A partir do entendimento de Lahire, percebe-se, pelos relatos, que os estudantes E1 e E10 encontram no espaço da biblioteca um ambiente de interação social, isto é, eles estabelecem relações por meios de processos interativos, relações que os distinguem como sujeitos sociais. Diferentemente do E2 que prefere o isolamento, talvez por acreditar nessa inverdade apontada pelo sociólogo, ou por que a subjetividade expressa por ele, ser uma característica comportamental. Considerando que E2 informa que utiliza constantemente a biblioteca para atividades de estudo, este ambiente pode ser acolhedor e oportuno para seu isolamento.

Nesse contexto, cabe à biblioteca executar atividades que motivem a interação social, de modo a fomentar o entrosamento desses estudantes que têm dificuldade de interagir no coletivo.

3.2. As práticas de leitura

A iniciação a leitura tem por objetivo desenvolver na criança o prazer e o gosto de ler. A partir da escolha dos livros, o manuseio, a troca por outro que lhe seja mais aprazível, manifestando o prazer de estar com os livros, enfim o ato de ler.

No contexto desta pesquisa, observa-se que a leitura realizada pelos sujeitos (empréstimos domiciliares ou consultas locais) é em grande parte volta aos textos técnicos, ou seja aos livros didáticos, sendo as obras literárias utilizadas num volume menor. Para Freire, a compreensão crítica do ato de ler não se dissipa com a interpretação dos códigos linguísticos. Dessa forma "a leitura do mundo precede a leitura das palavras, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele" (Freire, 2008, p. 11).

De acordo com E1, em sua família não se incentiva a leitura, tampouco se comprava livros, a formação de seu hábito de ler foi iniciado na biblioteca do IF:

“Na minha antiga casa, não se comprava. Hoje, morando só, e antes também, quando comecei a ganhar dinheiro passei a comprar. Os meus, pais pela baixa escolaridade, [...], não liam e também não incentivavam a leitura. [...]. A maioria dos livros que eu leio hoje são técnicos[...]. Então, eles servem meio que de construção para o conhecimento, que eu aplico geralmente no trabalho, ou estudo. [...] (biblioteca) geralmente é uma fonte [...] de leitura, [...] não se tem um custo, [...] e você pode pegar pra consulta na biblioteca mesmo [...], eu vejo a biblioteca como uma fonte de acesso à leitura. [...] boa parte da minha formação, das coisas que eu leio foi de uma biblioteca de um IF, assim, o momento em que eu realmente adquiri o hábito de ler foi no IF, por meio da biblioteca”. (E1, Apêndice I).

A leitura para E2 teve início na infância com a leitura da bíblia, mas outros tipos de leitura só aconteceram efetivamente no IF. Seu encontro com os livros literários ocorreu quando um professor passou uma

atividade sobre o livro *O bem amado de dias Gomes*. Realça também que nunca comprou um livro e nem tem vontade de comprar:

“Esse negócio de leitura só aconteceu quando eu vim pro IF, nem os livros didáticos da escola eu lia muito antes de vir pra cá. [...]. Eu leio quando tem um tempinho, mas assim não é um hábito mesmo. Não, eu nunca comprei um livro não. Os livros que eu li até hoje foi do IF. Eu acho que eu não compraria, porque, só se fosse um livro bem especial mesmo, porque depois que eu leio eu não tenho mais vontade de ler, porque eu já sei o que tá escrito [...] tem uma coisa que eu não citei, tem a Bíblia[...] a gente é de família religiosa, então minha mãe lê a Bíblia e eu também. Assim, a única leitura que eu fazia quando eu era criança [...]. Foi um trabalho que eu fiz que o professor de português passou quando eu estava no segundo ano aqui, que a gente tinha que ler um livro de Dias Gomes, *O bem amado*, e tinha que fazer um seminário sobre ele, aí eu li, achei interessante e era em formato de peça e eu achei bem legal esse formato aí depois eu procurei outros livros que tivesse, assim, esse formato”. (E2, Apêndice I).

No entanto, E10 teve o hábito da leitura fomentado pelos seus pais desde criança, iniciando com as histórias infantis e revistas em quadrinhos (HQ). Na sua família é comum comprar livros, embora seus pais e familiares não tenham hábitos de leitura. Agora uma prima tem seguido o seu exemplo. Ela também aponta as implicações da falta de acesso à cultura para as pessoas de baixa renda na comunidade e no Brasil:

“Eu não sei acho que foi uma coisa mais de mim mesmo, eu comecei a gostar (de ler) e continuei, não sei se eu peguei de alguém assim. [...] eles não gostam muito de ler, eles tem muita dificuldade ainda e meu tio também não, só minhas primas mesmo que elas gostam de ler, às vezes elas até me emprestam alguns livros [...], eu comecei a gostar, hoje [...] minha prima [...] vê isso em mim, ela tenta copiar [...] , ela começa a ler alguns livros. eu acho que tem muita coisa [...] falta pra essas pessoas ter acesso, principalmente no quesito cultura porque tem muito poucos espaços que são propícios pra isso tipo, teatros, não tem muito teatro público [...], a maioria das pessoas possam ter um acesso [...], muitos bairros que não tem quadra de esportes pras crianças praticarem alguma coisa e até mesmo bibliotecas públicas não tem tanto pras pessoas terem acesso, com a leitura, com livros e tipo, isso é bem precário mesmo no Brasil como um todo”. (E10, Apêndice I).

Percebe-se que para esses estudantes, a biblioteca, de fato, possibilitou o acesso à informação, o contato com os livros, a busca pelo conhecimento, oportunidade que não tiveram nas escolas anteriores. Com

exceção da Hermione (E10), que teve contato com a leitura e com os textos literários na infância, proporcionado pela família, os outros estudantes não tiveram a mesma oportunidade - provenientes de família com baixo poder aquisitivo, nem sequer chegaram a possuir livros. A escassez de hábito de leitura é ponto comum nos três núcleos familiares. Todavia, retomando a citação de Paulo Freire, estes estudantes, em particular E1 e E2, faziam leitura de mundo antes de ter o contato com a leitura das palavras.

3.3. As recomendações dos professores

De acordo com os três entrevistados, as recomendações e/ou orientações dos professores para que utilizem a biblioteca é sutil por parte da maioria dos professores. Alguns chegam a apontar os livros que existem na biblioteca sobre a disciplina ministrada naquele período, contudo, são os professores de língua portuguesa que orientam, recomendam e adotam os livros literários a serem utilizados para elaboração dos trabalhos. Comumente, os alunos procuram a biblioteca para realizar atividades recomendadas pelos professores de língua portuguesa.

E1 expressa que as recomendações dos docentes não eram recorrentes, mas conclui-se que aconteciam:

“Não era tão recorrente a recomendação. Nas atividades, como falei algumas vezes não, mas eles me davam apoio como podiam, e isso significou muito”. (E1, Apêndice I).

Observando a narrativa do E2, percebe-se que os professores têm recomendado a consulta à biblioteca, e foi a partir da recomendação de um professor de língua portuguesa que ele enveredou pelo caminho da leitura e descobriu o gosto pelas peças teatrais, sucintando nele a vontade de conhecer o teatro:

“Quando vai fazer algum trabalho sim. Pronto, o livro o santo e a porca, que eu li, foi por causa de um trabalho, tinha que apresentar seminário, fazer relatório, aí tinha aqui. Os professores que vão fazer este tipo de trabalho, normalmente consultam o acervo daqui já para facilitar. É [...] algumas vezes [...] acho que a maioria não recomenda porque nem todos conhecem o acervo daqui, [...]. Só os professores de matérias técnicas, [...] realmente sim. No primeiro ano quando eu paguei matéria de programação o professor recomendou um livro que tinha aqui, de programação, esse livro me ajudou muito, praticamente adotei ele para mim. [...] quando estão passando algum conteúdo [...]sugerem, [...] é mais quando precisa mesmo[...]. (E2, Apêndice I).

E10 argumenta que nas aulas iniciais os professores apresentam as ementas e vão mostrando as referências existentes na biblioteca, mas são os professores de língua portuguesa que indicam os livros de literatura:

“Mais ou menos, [...] nas aulas mais introdutórias, eles mostram slides e mostram as referências bibliográficas, [...], matérias técnicas, [...] comandos elétricos, usinagens, desenho técnico, aí eles sempre mostram as referências bibliográficas e dizem "esse livro tem na biblioteca, esse livro aqui também se vocês quiserem podem dá uma olhada" mostram as capas dos livros e os que tem na biblioteca, mas não de falar mesmo de ir para biblioteca e tal, acho que não só talvez português por que nesse semestre a gente está estudando romance e tem uma lista de livros que a professora disse esses tem na biblioteca podem ir lá pegar, por que faz parte do trabalho desse bimestre. (E10, Apêndice I).

Cabe ressaltar, que a biblioteca fomenta um bom relacionamento com todos os professores, mas mantém efetivamente uma parceria com os professores de língua portuguesa e de artes. Esta união se constitui em prol de um evento cultural promovido pela biblioteca e os professores parceiros, sendo que este vínculo tem fortalecido os laços entre a biblioteca e os docentes citados.

Percebe-se, portanto, que há uma necessidade de ampliar as parcerias entre a biblioteca e o corpo docente, na perspectiva de promover, de forma mais eficaz, uma relação profícua, com a finalidade melhorar a ação educativa.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como finalidade investigar a performatividade acadêmica do estudante frente ao número de empréstimo domiciliar realizado na Biblioteca de um Campus do IF, identificando o desempenho de cada sujeito, de forma a conhecer o seu perfil socioeconômico e cultural, bem como verificar as motivações quanto ao uso da biblioteca.

Para se cumprir estes objetivos, foi necessário realizarmos pesquisa bibliográfica do fenômeno em estudo, pesquisa documental (dados institucionais) e pesquisa de campo com aplicação de instrumentos de coleta de dados por meio de entrevistas aos estudantes. A investigação teve caráter exploratório e inscreve-se no paradigma qualitativo. Para a recolha de dados utilizou-se a análise documental e as entrevistas biográficas semiestruturadas, como aproximação aos retratos sociológicos e para o tratamento dos dados realizamos a análise de conteúdo e a interpretação sociológica dos depoimentos dos estudantes entrevistados, tendo como referencial o dispositivo teórico-metodológico proposto por Lahire.

Optou-se por apresentar as trajetórias sociais na forma de retratos sociológicos na proposição de explorar o percurso de vida dos estudantes utilizadores da biblioteca. A escolha dessa procedimento nos motivou por se tratar de uma metodologia que dá objetividade às subjetividades das ações dos sujeitos, ou seja, buscar a compreensão do que é oculto e relacionar a vida social e individual dos sujeitos.

Assim, a sociologia disposicionalista de Lahire (2004) possibilitou observar ações, valores e sentimentos dos estudantes a partir dos princípios provenientes de suas origens, leituras de mundo e hábitos adquiridos através da família, bem como do contexto escolar ou de outras experiências importantes de suas vidas. Segundo o sociólogo, para se entender o leque de disposições é preciso levar em consideração, na análise das práticas ou comportamentos sociais, o passado incorporado dos atores individuais.

Dessa forma, atentamos que as trajetórias dos estudantes são diferentes, contudo, pode-se aferir, de acordo com as teorias de Pierre Bourdieu e de Bernad Lahire, que as famílias agregaram-lhes disposições, mesmo que em perspectivas diferenciadas, para a manutenção dos sujeitos na escola, em especial nos casos de E1 e E2, que embora sendo desprovidos de capital econômico e cultural, têm no *habitus* transmitido pelos pais a explicação para o sucesso escolar. Percebemos também, que o trajeto

escolar anterior de ambos foi impactante e dificultoso para o processo de aprendizagem, fato que mudou quando eles ingressaram no IF.

Como se pôde constatar, os fatores socioeconômicos das famílias, neste caso, influenciaram nos resultados acadêmicos. Ao ingressarem no ensino médio E1 e E2 tiveram mais dificuldades em concluir algumas disciplinas, contudo, de forma geral, obtiveram bons resultados, no entanto E10 destacou-se em todas. Na concepção de Bourdieu, a estrutura familiar diferencia o indivíduo dos demais, o que fez ela (E10) apresentar melhores resultados. A falta de incentivo por parte dos familiares, dos dois primeiros (E1 e E2), enfatiza o papel da família destacado por Lahire (2015) na construção social dos indivíduos.

Tendo em vista a importância das bibliotecas para o desenvolvimento da performance dos estudantes, constatamos que o empréstimo domiciliar contribui fortemente para a formação dos sujeitos, pois o rendimento acadêmico dos educandos está acima da média exigida pelos parâmetros da instituição, já que apesar da heterogeneidade socioeconômica e cultural destes alunos, todos apresentam elevado desempenho. Acentua-se que a maioria dos estudantes do ensino médio que demandam o empréstimo da biblioteca, estão classificados como alunos excelentes. Somente um apresentou resultado insuficiente.

Pode-se vislumbrar que a biblioteca mostra-se como uma instituição fundamental na construção do intelecto dos indivíduos. Observamos, nesse estudo, que o livro e biblioteca passam a fazer parte, concretamente, da vida dos sujeitos, a partir do ensino médio. Ao ingressarem no Instituto, a biblioteca, o acervo, e as instalações físicas tornam-se relevantes ao seu desenvolvimento intelectual e social, no entanto, constatamos que o capital cultural dos estudantes não tem relação com a frequência da biblioteca, ou seja, pode favorecer, mas não é decisivo. Certamente a herança cultural coopera para o uso efetivo dos recursos informacionais, todavia não é determinante, pois com orientações, capacitações e estímulos oportunos essa defasagem pode ser reparada.

Percebemos que a biblioteca, de fato, possibilitou o acesso a informação, o contato com os livros, a busca pelo conhecimento e, também, a oportunidade de socialização, ensejo que não tiveram nas escolas anteriores. Concluímos que esta tem desenvolvido nos estudantes competências para utilizarem seus espaços e realizarem as pesquisas com autonomia.

Quanto ao perfil socioeconômico e cultural dos estudantes que utilizam efetivamente a biblioteca, notou-se que a maioria dos sujeitos são oriundos do meio urbano, ressaltando que destes apenas um reside na capital; alguns moram na mesma cidade onde está localizado o campus e outros em cidades distantes. Outro fato preponderante é que os alunos que mais requisitaram livros apresentam alta vulnerabilidade socioeconômica. Estes estão inseridos nos programas de assistência ao estudante.

Com relação ao contexto social, inferimos que os estudantes são de classes sociais diversas. O grau de instrução dos pais compreende a faixa de analfabeto à pós-graduação. Os resultados da presente análise possibilitaram verificar que: estudantes de classes sociais desiguais, seja em relação ao capital econômico ou capital cultural, têm grandes possibilidades de alcançar a excelência acadêmica.

Dentre os recursos que nortearam esta pesquisa, o Sistema de Automação da Biblioteca (SIABI) proporcionou algumas dificuldades com relação a coleta de dados, visto que esse sistema possui restrições operacionais. Porém, esse fato foi prontamente contornado, considerando que o nosso trabalho não requeria análises estatísticas mais aprofundadas.

Distinguimos a necessidade de estender a parceria entre a biblioteca e o corpo docente, na perspectiva de promover, de forma mais efetiva, uma relação profícua, com a finalidade de ampliar a ação educativa, bem como, mobilizar a equipe para divulgar o acervo. Ficou evidenciado que a biblioteca precisa promover ações conjuntas com todo o corpo acadêmico que recepcionem, de forma eficiente e eficaz, os novos alunos, na pretensão de minimizar as barreiras sociais e culturais pregressas.

Assim, os retratos sociológicos possibilitaram apreender as subjetividades dos sujeitos participantes da pesquisa e evidenciar a performatividade dos estudantes usuários da biblioteca face aos empréstimos domiciliares, identificando o desempenho dos sujeitos, elucidando o perfil socioeconômico e cultural de cada um e as suas motivações quanto ao uso da biblioteca. Esperamos que os resultados obtidos possam fundamentar um novo olhar sobre esta temática e motivar estudos que apontem outras inferências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbranano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Afonso, A. J. (1999). Estado, mercado, comunidade e avaliação: esboço para uma rearticulação crítica. *Educação & Sociedade*, 20(69), 139-164.
- Afonso, A. J. (2007). Estado, políticas educacionais e obsessão avaliativa. *Contrapontos*, 7(1), 11-22.
- Almeida, M. C. (2000). *Planejamento de bibliotecas e serviços de informação*. Brasília: Briquet de Lemos.
- Almeida, N. L. (2015). Educação e políticas públicas na cidade. In C. M. David, H. M. Silva, R. Ribeiro, & S. S. Lemes, *Desafios contemporâneos da educação* (p. 33-51). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Amândio, S. L. (2014). O fio constitutivo da sociologia empírica de Bernard Lahire. *Sociologia, problemas e práticas*, (76), 33-49.
- Andrade, M. E. A. (2003). A biblioteca faz a diferença. In B. Campelo, *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica* (p. 13-15). Belo Horizonte: Autêntica.
- Antunes, W. d. (1998). *Biblioteca escolar no sistema de ensino brasileiro: um desafio em tempos de leitura e uso da informação*. São Paulo: USP.
- Antunes, W. d. (2002). *Biblioteca escolar: curso de atualização para professores*. São Paulo: Global.
- Araújo, K. H., Leite, R. H. & Andriola, W. B. (2019). Prêmios para escolas e professores com base no desempenho acadêmico discente: a experiência do estado do Ceará. *Revista Linhas*, Florianópolis, 20(42), 303-325.
- Ball, S. (2002). Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, 15(2), 03-23.
- Ball, S. (2005). Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. *Cadernos de Pesquisa*, 35(126), 539-564.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Belluzzo, R. C. B., et al (2004). Information literacy: um indicador de competência para a formação competente de professores na sociedade do conhecimento. *Educação Temática Digital*, 6(1), 81-99.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Bourdieu, P. (2007a). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp.
- Bourdieu, P. (2007b). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P. (2007c). *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. (2008a). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (2008b). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papiрус

- Bourdieu, P., & Passeron, J. -C. (1992). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Bourdieu, P., & Passeron, J. -C. (2009). *Los herederos: los estudiantes y la cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina.
- Cagneti, S. S. (2013). *Leituras em contraponto: novos jeitos de ler*. São Paulo: Paulinas.
- Campello, B. S. (2009). *Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Campello, B. S. (2012). *Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Campello, B. S., et al. (2003). *A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Campos, A. A. (2016). *Avaliação externa das aprendizagens e desigualdades educativas: estudo de caso numa escola da Grande Lisboa*. Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Sociedade. Lisboa, Portugal.
- Carvalho, H. P. R. (2007). *Biblioteca escolar: à procura da sua acção pedagógica: uma visão sobre o percurso de bibliotecas escolares integradas na RBE*. Dissertação apresentada para obtenção de grau de mestre em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares. Lisboa, Portugal.
- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (1983). *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: McGraw-Hill editora.
- Cervo, A. L., & Bervian, P. A. (1996). *Metodologia científica*. São Paulo: Makron Books.
- Choo, C. W. (2003). *A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões*. São Paulo: Senac editora.
- Colares, M. L., Pacifico, J. M., & Estrela, G. Q. (2009). *Gestão escolar: enfrentando os desafios cotidianos em escolas públicas*. Curitiba: CRV.
- Correia, P. M. O. A. (2012). *Bibliotecas escolares na era da informação. Ruturas de discursividade*. Relatório de Atividade Profissional para obtenção do grau de Mestre em Ciências Documentais. Algarve, Portugal.
- Cortê, A. R., & Bandeira, S. P. (2011). *Biblioteca escolar*. Brasília, DF: Briquet de Lemos.
- Cury, C. R. (2000). *Educação e contradição*. São Paulo: Cortez.
- Dale, R. (1997). O marketing do mercado educacional e a polarização da educação. In P. Gentili, *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação* (p. 137-168). Petrópolis, RJ: Vozes.
- D'Ambrosio, U. (2011). *Educação para uma sociedade em transição*. Natal: EDUFRRN.
- Duarte, J., Gargiulo, C., & Moreno, M. (2011). *Infraestructura Escolar y Aprendizajes en la Educación Básica Latinoamericana: Un análisis a partir del SERCE*. Banco Interamericano de Desarrollo - BID.

- Dudziak, E. A. (2001). *A information literacy e o papel educacional das bibliotecas*. (Dissertação de Mestrado). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo.
- Dudziak, E. A. (2007). O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. *Ponto de Acesso*, Salvador, 1(1), 88-98.
- Dudziak, E. A. (abril de 2003). *Information literacy*: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, 32(1), 23-35.
- Dudziak, E., Villela, M. & Gabriel, M. (2000). *A educação de usuários de bibliotecas universitárias frente à sociedade do conhecimento e sua inserção nos novos paradigmas educacionais*. SNBU - XI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, Florianópolis, Brasil, 2000.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fagundes, C. V., Luce, M. B., & Espinar, S. R. (jul./set. de 2014). O desempenho acadêmico como indicador de qualidade da transição Ensino Médio-Educação Superior. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 22(84), 635-670.
- Farias, C. M., & Vitorino, E. V. (2009). Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. *Perspectiva em Ciência da Informação*, 14(2), 2-16.
- Fernandes, F. C. M. (2017). *Referências metodológicas para iniciantes em investigação qualitativa: um estudo de caso*. Natal: FCMF editor.
- Figueiredo, N. M. (1983). Aspectos especiais de estudo de usuários. *Ciência da Informação*, 12(2), 43-57.
- Filloux, J. -C. (2010). *Émile Durkheim*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.
- Flick, U. (2009a). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Flick, U. (2009b). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Fonseca, E. N. (1983). *A biblioteca escolar e a crise da educação*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Ceará: Universidade Estadual do Ceará.
- Freire, P. (1991). *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2017). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- Freire, P. [1993]. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água.
- Frigotto, G. & Ciavatta, M. (2003). Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. *Educação e Sociologia*, Campinas, 24(82), 93-130.
- Gadotti, M. (2013). Qualidade na educação: uma nova abordagem. *Congresso de Educação Básica: Qualidade na aprendizagem*, Florianópolis: Rede Municipal de Ensino.
- Giddens, A. (2013). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian editora.

- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, V. A., Nunes, C. F., & Pádua, K. C. (2019). Condições de trabalho e valorização docente: diálogo com professoras do ensino fundamental. *Revista brasileira de Estudos pedagógicos*, Brasília, 100(255), 277-296.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2016). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Iosif, R. M. G. (2007). *A qualidade da educação na escola pública e o comprometimento da cidadania global emancipada: implicações para a situação de pobreza e desigualdade no Brasil*. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação e Política Social, Brasília.
- Kroef, A. (2017). *Escola como polo cultural: contornos mutantes em fronteiras fixas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, UFC.
- Kuenzer, A. Z. (2000). *Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Kuenzer, A. Z., Calazans, M. J. & Garcia, W. (2011). *Planejamento e educação no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Kuhlthau, C. (2006). *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lahire, B. (01 de dezembro de 2014). A escola é a estrutura estável de quem vive numa família instável. (M. Bindo, Entrevistador).
- Lahire, B. (1997). *Sucesso escolar nos meios populares: a razão do improvável*. São Paulo: Ática editora.
- Lahire, B. (2004). *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed editora.
- Lahire, B. (2006). *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed editora.
- Lahire, B. (2015). A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, 41(especial), 1393-1404.
- Lancaster, F. W. (1996). *Avaliação de serviços de bibliotecas*. Brasília, DF: Briquet de Lemos.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Leite, F. O. (2015). *Família e escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Curso de Mestrado Ciências da Educação, Lisboa.
- Libâneo, J. C. (2001). *Organização e gestão da escola*. Goiânia: Alternativa.
- Libâneo, J. C. (2013). *Didática*. São Paulo: Cortez.
- Libâneo, J. C. (2015). *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. São Paulo: Heccus,
- Libâneo, J. C., Oliveira, J. F., & Toschi, M. S. (2009). *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Edições Loyola.

- Libâneo, J. C., Oliveira, J. F., & Toschi, M. S. (2012). *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez.
- Lima, L. (2005). Cidadania e educação: Adaptação ao mercado competitivo ou participação na democratização da democracia? *Educação, Sociedade & Culturas*, (23), 71-90.
- Lima, L. C. (2014). A gestão democrática das escolas: do autogoverno à ascensão de uma pós-democracia gestonária? *Educação e Sociedade*, Campinas, 35(129), 1067-1083.
- Lima, L. C. (2017). Faz sentido a escola pública distinguir o mérito e a excelência? Reflexões críticas a partir de perspectivas de diretores escolares. In Torres, L. L. & Palhares, J. A. *A excelência acadêmica na escola pública portuguesa* (p. 201-224). Vila nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Lima, L. C. (2018). Por que é tão difícil democratizar a gestão da escola pública? *Educar em Revista*, Curitiba, 34(68), 15-28.
- Lopes, J. T. (2014). Retratos sociológicos. Dispositivo para uma sociologia da pluralidade disposicional. In L. L. Torres, & J. A. Palhares. *Metodologia de investigação em ciências sociais da educação* (p. 99-112). Famacão: Humus.
- Luck, H. (2006). *A gestão participativa na escola*. Petrópolis: Vozes.
- Luckesi, C. C. (1985). *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. São Paulo: Cortez.
- Macedo, N. D. (2005). *Biblioteca escolar brasileira em debate*. São Paulo: Senac.
- Magalhães, A. M. & Stoer, S. R. (2002). *A escola para todos e a excelência acadêmica*. São Paulo: Cortez.
- Mainardes, J. & Marcondes, M. I. (2009). Um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. *Educação e Sociologia*, Campinas, 30(106), 303-3018.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Marx, K. H., & Engels, F. (1999). *O manifesto comunista*. Edição eletrônica. eBooksBrasil.com.
- McGarry, K. (1999). *O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória*. Brasília: Briquet de Lemos.
- Melo, M. T. (2000). Gestão educacional: os desafios do cotidiano escolar. In Carapeto, N. S. & M. A. Aguiar, *Gestão da educação: impasses perspectiva e compromissos* (p. 243-254). São Paulo: Cortez.
- Milanesi, L. (2003). *A casa da invenção: biblioteca: centro de cultura*. Cotia: Ateliê.
- Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Miranda, G. J., et al. (2015). Determinantes do desempenho acadêmico na área de negócios. *Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, 7(20), 175-209.
- Muzzeti, L. G., Suficier, D. M., & Mansan, A. (2015). Trajetórias escolares de laureados nas políticas afirmativas: o caso de estudantes do curso de Pedagogia da Unesp. In C. M. David et al. *Desafios contemporâneos da educação* (p. 193-2013). São Paulo: Cultura acadêmica, ePDF.

- Nascimento, A. F. (2014). Relacionamentos institucionais e bibliotecas corporativas. Em L. F. Souto, *Gestão da informação e do conhecimento: práticas e reflexões* (p. 243-253). Rio de Janeiro: Interciência.
- Neves, I. C. B. (2011). Bibliotecas: leituras, leitores, bibliotecários: abordagem à teoria da ação comunicacional de Adriano Rodrigues. In C. M. Castro Filho, & L. M. S. Romão (Org). *Dizeres sobre biblioteca escolar: palavras em movimento* (p. 29-44). Ribeirão Preto, SP: Alfabeto.
- Neveu, F. (2007). *Dicionário de ciências da linguagem*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Nogueira, C. M. M. & Nogueira, A. M. (2002). A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, 23(78), 15-36.
- Nogueira, C. M. M. (2013). A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação. 36ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd. Goiânia.
- Oliveira, C. B., & Marinho-Araújo, C. M. (2010). A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, 27(1), 99-108.
- Paro, V. H. (1996). *A Administração escolar: introdução e crítica*. São Paulo: Cortez.
- Paro, V. H. (2000). *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática.
- Perrenoud, P. (2001). *A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso*. Porto Alegre: Artmed.
- Quaresma, M. L. (2015). Entre a entrega e a renúncia: excelência acadêmica em escolas públicas chilenas de alta performance. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 41(especial), 1487-1501.
- Ranganathan, S. R. (2009). *As cinco leis da biblioteconomia*. Brasília: Briquet de Lemos.
- Ribeiro, C. A. (2012). Quatro décadas de mobilidade social no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 55(3), 641-679.
- Ribeiro, M. L., & Farias, G. B. (jan./jun. 2018). Competência em Informação: subsídio para o acesso e uso de documentos institucionais. *Folha de Rosto em Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 4(1), 98-110.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Santos, A. R. (2007). *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- Scachetti, A. L. Pascoal, R. & Ferreira, A. R. (2016). *Pisa: Brasil estaciona em Ciências e Leitura e cai em Matemática*. Consultado em 06/06/2019, disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/3393/resultado-pisa-2015-ciencias-leitura-matematica>
- Setton, M. G. J., et al. (2017). *Mérito, desigualdades e diferenças: cenários de (in)justiça escolar no Brasil e em Portugal*. Alfens, MG: Editora Universidade Federal de Alfenas.
- Silva, E. T. (1999). *De olhos bem abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática.

- Silva, H. M. (2015a). A condição socioeconômica e cultural e o acesso à educação básica. In C. M. David, H. M. Silva, R. Ribeiro, & S. S. Lemes. *Desafios contemporâneos da educação* (p. 177-192). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Silva, M. A. (2015b). *Metodologia da pesquisa*. Fortaleza: EdUECE.
- Silva, M. M. (2016). *Pobreza multidimensional: a educação como fator de superação da pobreza no semiárido brasileiro*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento e meio ambiente, Fortaleza.
- Silva, M. S., & Carvalho, L. S. (2014). Faces do gerencialismo em educação no contexto da nova gestão pública. *Educação em Questão*, 50(36), 211-239.
- Soares, J. F. (2002). *Escola Eficaz: um estudo de caso em três escolas da rede pública de ensino do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais
- Sousa, F. L. (2016). *Performatividade e subjetividade na Gestão Escolar*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) – Guarulhos, São Paulo.
- Souto, L. F. (2014). Atuação dos bibliotecários em processos não convencionais. In L. F. Souto (Org.). *Gestão da informação e do conhecimento: práticas e reflexões* (pp. 1-26). Rio de Janeiro: Interciência.
- Souza, J. (2019). *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.
- Straus, A.; Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Stubbs, E. A. (jan./abril 2004). Indicadores de desempenho: natureza, utilidad y construcción. *Ciências da Informação*, Brasília, 33(1), 149-154.
- Teixeira, E. B. (2003). A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento em Questão*, 1(2), 177-201.
- Torres, A. L. P. (2012). *Ações afirmativas e limites às políticas públicas de igualdade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba, o Programa de Pós-Graduação em Direito, Piracicaba, SP.
- Torres, L. L. & Palhares, J. A. (2016). Escalando o pódio: a performatividade acadêmica no ensino secundário. In G. M. Alves, L. L. Torres, B. Dionísio & P. Abrantes. *A educação na Europa do Sul: constrangimentos e desafios em tempos incertos* (p. 615-640). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.
- Torres, L. L. & Palhares, J. A. (Orgs.) (2014). *Entre mais e melhor escola em democracia: inclusão e excelência no sistema educativo português*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Torres, L. L. (2005). Cultura organizacional no contexto escolar: o regresso à escola como desafio na reconstrução de um modelo teórico. *Ensaio: avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, 13(49), 435-451.

- Torres, L. L. (2011). A construção da autonomia num contexto de dependências: limitações e possibilidades nos processos de (in)decisão na escola pública. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, (32), 91-109.
- Torres, L. L. (2013). Rumo à excelência escolar: imposição política, opção organizacional ou efeito cultural? *Educação: temas e problemas*, Évora, (12 e 13), 143-156.
- Torres, L. L., Palhares, J. A., & Afonso, A. J. (2018). Marketing accountability e excelência na escola pública portuguesa: A construção da imagem social da escola através da performatividade académica. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 26(134), 1-28.
- Vasconcelos, J. C. (2019). *Ensaio sobre poder público na educação*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza.
- Vaz, A. G. (2010). *Cultura organizacional: Biblioteca escolar/competências dos alunos: estudo de um agrupamento de escolas de Faro*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Observação e Análise da Relação Educativa. Faro, Portugal.
- Veiga, I. P. (2001). Projeto político-pedagógico: novas trilhas para a escola. In I. P. Veiga & M. Fonseca (Org.). *Dimensões do projeto político pedagógico: novos desafios para a escola* (45-66). Campinas: Papirus.
- Weber, M. (2008). *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Centauro.
- Wreford, J. (2003). Um ensino que tem muito a aprender. Consultado em 12/07/2019, disponível em <https://undime.org.br/noticia/um-ensino-que-tem-muito-a-aprender>.
- Zabala, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre Artmed.

LEGISLAÇÃO REFERENCIADA

- Brasil. (2008). Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. *Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências*. Consultado em 07/06/2019, disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm.
- Brasil. (24 de abril de 2013). Portaria nº 330, de 23 de abril de 2013. Dispõe sobre a autorização de funcionamento dos campi que integram a estrutura organizacional dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Brasília: *Diário Oficial da União*, 78, Seção 1, p. 14.
- Brasil. (25 de abril de 2007). Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. *Diário Oficial da União*, 79, Seção 1, p. 5/6.

- Brasil. (26 de junho de 2014). Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção 1, p. 1.
- Brasil. (25 de maio de 2010) Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Poder Executivo, *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Seção 1, p. 3.
- Brasil. Congresso Nacional. (1996). Lei Federal nº. 9394/96 de 23 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília.
- Brasil. Senado Federal (2016). *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*. Brasília: Senado Federal, Coordenações de Edições Técnicas.

DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS REFERENCIADOS

- Brasil. Ministério da Educação (2013). Diretrizes curriculares nacionais da educação Básica. Brasília: MEC.
- Brasil. Ministério da Educação (2016). *Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros*. Brasília: Ministério da Educação/INEP
- Brasil. Ministério da Educação (2019). *Avaliação de bibliotecas escolares no Brasil*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica.
- Brasil. Ministério da Educação. (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação
- Brasil. Ministério da Educação. (2008). Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. SETEC/MEC: *Bases para uma Política Nacional de EPT*. Consultado em 06/07/2018, disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/artigos_bases.pdf.
- Conselho Nacional de Educação. (2019). Prêmio Gestão Escolar. Consultado em 05/06/2019, disponível em <http://www.consed.org.br/consed/premio-gestao-escolar>
- Conselho Nacional de Educação. (2019). Prêmio Professores do Brasil. Consultado em 05/06/2019, disponível em <http://www.consed.org.br/consed/premio-professores-do-brasil>
- Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias - IFLA /UNESCO. (2000). *Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar, versão em português*. Brasil: IFLA/UNESCO.
- Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias - IFLA /UNESCO. (2006). *Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares, 2002, versão em português*. Portugal: IFLA/UNESCO.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2016). PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam no máximo o ensino fundamental completo. Consultado em 16/06/2019, disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala->

- de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-no-maximo-o-ensino-fundamental-completo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2017). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação (2019). *Publicações*. Consultado em 16/06/2019, disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/guest/publicacoes>.
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN. (2019). *Assistência estudantil*. Consultado em 05/03/2019, disponível em <http://portal.ifrn.edu.br/campus/parnamirim/assistencia-estudantil>.
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN. (2012). *Organização Didática do IFRN: Aprovada pela Resolução 38/2012-CONSUP/IFRN, de 21/03/2012*. Natal: IFRN.
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. (2012). Projeto Político-Pedagógico do IFRN: uma construção coletiva: documento- base. Natal: IFRN, 2012.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2015a). *Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base*. Brasília, DF: INEP.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2015b). *PISA no Brasil*. Consultado em 20/07/2019, disponível em <http://portal.inep.gov.br/pisa-no-brasil>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação e Documentos. (2018). *Análises e Diagnósticos*. Consultado em 16/06/2019, disponível em <http://portal.inep.gov.br/documents/>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação - INEP/MEC. (2018). *Relatório SAEB 2017*. Brasília: INEP/MEC.
- Observatório do Plano Nacional de Educação - ONPE. (2019). *Indicadores de contexto*. Consultado em 10/07/2019, disponível em <http://www.observatoriodopne.org.br/conteudos/downloads>
- Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação de Venda Nova do Imigrante. (2016). *Os espaços escolares como ambientes de aprendizagem*. Venda Nova do Imigrante, ES.
- Ramos, M. N. (2013). *Os desafios da formação de professores*. Consultado em 10/07/2019, disponível em <http://www.observatoriodopne.org.br>
- Todos pela Educação. (2018a). Uma proposta suprapartidária de estratégia para a Educação Básica brasileira e prioridades para o Governo Federal em 2019-2022: versão para debate. Fonte: Todos pela educação: <https://www.todospelaeducacao.org.br/>
- Todos pela educação. (2018b). Educação já: a urgência de uma educação de qualidade. Consultado em 07/08/2019, disponível em <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/posicionamentoeleicoes>

Todos pela educação. (2018c). Educação já: propondo medidas urgentes para nossa educação.
Consultado em 07/08/2019, disponível em
<https://www.todospelaeducacao.org.br/pag/iniciativa-educacao-ja>

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Roteiro da entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA Objetiva a construção de retratos sociológicos de alunos do ensino médio

Dimensão 1: Caracterização Pessoal, familiar, social e cultural

Primeiro nome:

Idade:

Endereço:

Situação profissional e escolaridade dos pais:

| | Mãe | Pai |
|--------------------|-----|-----|
| Idade | | |
| Nível de Instrução | | |
| Profissão | | |

Quantas pessoas residem na casa?

Quantos cômodos tem a casa?

Você lê livros, revistas, jornais? Quais?

Quantos livros você lê durante o ano?

Qual foi seu primeiro contato com os livros?

Costuma-se comprar livros na sua casa, para além dos escolares? Que tipo de livros?

Os seus pais costumam ler livros?

Os seus pais incentivam-no à leitura?

Qual a importância dos livros para sua vida?

Qual foi seu primeiro contato com a biblioteca?

Qual a importância da biblioteca?

No seu município tem biblioteca pública?

Do que você mais gosta e do que você não gosta em sua vida?

Como você gostaria que fosse a sua vida?

Dimensão 2: Meio Escolar

Qual período você está cursando?

Considera-se um bom aluno? Que resultados tem obtido?

Você gosta de estudar?

Que matéria você gosta de estudar?

Por que você frequenta a escola?

O que você aprende na escola ajuda você no seu dia-a-dia?

O que você espera da escola?

Como a escola poderia mudar a sua vida?

Como você utiliza o que a escola lhe ensina?

Com que idade começou a vida escolar? Teve pré-escola?

Quais fatores na escola contribuíram para o seu sucesso?

Houve apoio e estímulo dos professores, colegas e direção no seu percurso acadêmico?

Houve amigos no seu percurso escolar que não obtiveram sucesso e se desvirtuaram do caminho dos estudos?

O seu ensino fundamental foi cursado em escola pública ou escola privada?

Com relação ao seu desempenho acadêmico desde o ensino fundamental, já houve reprovação?

Você teve apoio de um professor ou outro profissional na escola em especial durante o seu percurso acadêmico?

Ao ingressar no IF, você teve alguma dificuldade na aprendizagem dos conteúdos curriculares? E como as superou?

Por que você frequenta a biblioteca da escola?

Nas aulas, os professores costumam recomendar a frequência da biblioteca?

Qual é a importância da Biblioteca para a sua permanência no IF?

Na sua opinião, qual é a finalidade biblioteca?

Fale sobre a importância dos serviços oferecidos pela biblioteca e quais você costuma utilizar.
O que você objetiva alcançar com os seus estudos?
Quais as suas perspectivas acadêmicas futuras? Ingressar na Universidade?

Dimensão 3: Família

Você mora junto com os seus pais?
Você tem irmãos? Algum irmão mais velho que serviu como exemplo para você?
Como é sua família?
O que ela diz para você sobre o ato de estudar?
Os seus pais costumam acompanhar e ajudar nas suas atividades escolares?
Qual é a importância que os seus pais dão aos estudos?
Eles sempre te apoiaram no prosseguimento dos seus estudos?
Há histórias de sucesso nos estudos no seu âmbito familiar?
Os seus pais já fizeram sacrifícios financeiros e/ou outros em benefício dos seus estudos?
Por meio dos seus estudos, você sonha em transformar a sua realidade social e a da sua família?
Quais são os hábitos de leitura da família?

Dimensão 4: Meio Social

No bairro onde você mora, já houve casos de adolescentes envolvidos com criminalidade ou álcool ou drogas?
No seu bairro, há adolescentes que obtiveram sucesso escolar?
Você considera que as pessoas mais pobres recebem tratamento diferente pelo fato de serem pobres?
Fale sobre as suas principais dificuldades socioeconômicas (moradia, renda familiar, dentre outros)
Você utiliza a internet? Conversa com amigos pela internet?
Você conhece outras cidades? Quais?
Fale sobre as suas preocupações, suas alegrias, suas tristezas, suas dificuldades, suas esperanças.
Quais os amigos atuais?

APÊNDICE 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título da Dissertação: A performatividade acadêmica dos estudantes usuários da biblioteca escolar: um estudo de caso num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro.

Pesquisador Responsável: Marise Lemos Ribeiro

Nome do participante:

Data de nascimento: R.G.:

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, da pesquisa “A performatividade acadêmica dos estudantes usuários da biblioteca escolar: um estudo de caso num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro”, de responsabilidade da pesquisadora Marise Lemos Ribeiro, discente do Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas, da Universidade do Minho, Instituto de Educação, Campus de Gualtar, Braga-Portugal, sob a orientação Científica da Doutora Leonor Maria de Lima Torres.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. A pesquisa tem por objetivo investigar a performatividade acadêmica do estudante frente ao número de empréstimo domiciliar realizado numa biblioteca do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, com vistas a identificar o desempenho dos estudantes frente ao empréstimo domiciliar; conhecer o perfil sócio econômico e cultural dos estudantes que utilizam, efetivamente, a biblioteca; e verificar as motivações dos estudantes quanto ao uso da biblioteca. Sendo a biblioteca considerada um ambiente de educação formal, conhecer os sujeitos frequentadores dos seus espaços e quais influências estes têm para frequentá-la, constitui-se numa estratégia para averiguar se está cumprindo com seu papel formador para o sucesso escolar e o desenvolvimento educativo e cultural do seu público alvo;
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em responder as entrevistas. A técnica de entrevista adotada é a biográfica (quando falamos de uma entrevista biográfica, nos referimos a uma história pronunciada na primeira pessoa, já que o que estamos tentando resgatar são as experiências de um indivíduo) semiestruturada (se aproxima bastante de uma conversa, mas traz questões pré-definidas sobre o assunto pesquisado), em profundidade (retratos sociológicos). As entrevistas serão gravadas em áudio, acontecerão de acordo com a disponibilidade do entrevistado e terão a duração de 60 a 90 minutos. Realizar-se-ão pela pesquisadora em 4 ou 5 encontros.
3. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.
4. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, serei ressarcido.
5. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
6. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.
7. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Marise Lemos Ribeiro, pesquisadora responsável pela investigação, telefone: 99953-0760, e-mail: marise.ribeiro66@gmail.com

Eu, _____, RG n° _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, da pesquisa acima descrita.

(Cidade), _____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE 3 – Entrevistas transcritas

Entrevista com o estudante 1 (Isaac Asimov)

Arquivo: E1 -Tempo de Gravação: 2 h, 16 min e 28 seg

Realizada em agosto/setembro de 2019

Identificação: W. L. S.

Vinte anos

P - Boa Tarde, este estudo tem a finalidade investigar A performatividade acadêmica dos estudantes usuários da biblioteca escolar: um estudo de caso num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro, com vistas a identificar o desempenho dos estudantes; conhecer o perfil sócio econômico e cultural dos estudantes que utilizam, efetivamente, a biblioteca; e verificar as motivações dos estudantes quanto ao uso da biblioteca.

P - Quantos anos você tem?

A - Hoje eu tenho vinte.

P - Qual o teu endereço?

A - 179, na verdade, avenida Brigadeiro Gomez, perdão. Gomez Ribeiro, 179, Nova Descoberta, é aqui perto.

P - Qual a idade da tua mãe?

A - Hoje a minha mãe tem 40 anos.

P - E o teu pai?

A - Meu pai tem 41.

P - O nível de instrução da mãe?

A - A minha mãe, ela tem o ensino médio completo.

P - Qual a profissão dela?

A - A minha mãe ela é agente de serviços gerais (ASG).

P - Qual é o nível de instrução e a profissão do seu pai?

A - O meu pai, ele tem o fundamental incompleto, o dois. Meu pai é lenhador.

P - Quantas pessoas residem na sua casa?

A - Onde eu moro ou onde a minha mãe mora? Porque hoje eu moro só.

P - E antes você morava com quem? Eu vi nos seus registros escolares o responsável financeiro na época era o seu irmão, é isso mesmo?

A - Minha irmã.

P - Ai quantas pessoas residiam lá?

A - Eu e minha irmã, porque foram em vários períodos, mas eu acho que no último período que eu me recordo, foi eu e minha irmã apenas, minha irmã sustentava e eu recebia bolsa, mas antes eu morava com outra irmã, aí ficava eu a minha irmã, a filha dela e o marido dela.

P - Então você mora só, numa casa de quantos cômodos?

A - 4

P - Você ler livros, jornais, revistas, quais?

A - Só digital, eu não costumo assinar físico não.

P - Especifique o que você costuma ler digitalmente?

A - Eu leio Folha de São Paulo e The Intercept Brasil

P - Quantos livros você já leu durante um ano?

A - Completo ou esporadicamente pra consulta? Eu costumo ler completo, assim, média de 1 e meio por mês, entendeu? Ai em dois meses eu leio 4.

P - Então por ano, você lê cerca de 24 livros por ano?

A - Por ai, ou mais.

P - Agora me fala como foi o seu primeiro contato com os livros?

A - Foi na biblioteca. Na biblioteca da minha antiga escola, quando eu morava em Goianinha, no interior de Goianinha, no caso no Zuza.

P - Como é o nome da cidade?

A - No interior? Era Sítio Barrocas. Zuza é a escola.

P - Nessa escola, então, tinha biblioteca?

A - Tinha.

P - Então foi o seu primeiro contato também, com a biblioteca?

A - Sim.

P - Essa escola era de ensino fundamental?

A - Ensino fundamental 1

P - Costuma-se comprar livros na sua casa, para além dos escolares? que tipos de livros?

A - Na minha antiga casa, não, não se comprava. Hoje, morando só, e antes também, quando comecei a ganhar dinheiro passei a comprar. Os meus, pela baixa escolaridade, talvez, não liam e também não incentivavam a leitura.

P - Qual a importância dos livros para a sua vida?

A - A maioria dos livros que eu leio hoje são técnicos, não é? Então, eles servem meio que de construção para o conhecimento, que eu aplico geralmente no trabalho, ou estudo.

P - Você já disse que seu primeiro contato com a biblioteca foi na escola Zuza, mas, como foi esse contato, como era essa biblioteca?

A - Bom, a gente não tinha muitos livros como, por exemplo, na biblioteca do IF, eram livros geralmente doados, alguém solidariamente chegava e doava o livro e os alunos que tivessem interesse iam lá e consultavam, mas a gente também não podia levar pra casa.

P - Mas eram de literatura?

A - Eram revistas infantis geralmente.

P - E você gostava de ler?

A - Não muito, quando criança. Eu fui adquirindo o hábito com o tempo.

P - Mas na sua casa, alguém te incentivava?

A - Não. Ninguém, nem minhas irmãs leem, meu pai não lê, minha mãe não lê. Eu acho que a única pessoa que lê com certa frequência sou eu.

P - Então a compra de livro, se resumi a você, você gosta de comprar livros?

A - Sim.

P - A gente percebe pelos registros no IF, que você utilizava a biblioteca com frequência. Qual a importância que você dá a biblioteca, o que você vê de importante em se ter uma biblioteca?

A - Bom, geralmente é uma fonte de, assim, de leitura, não sei como me expressar, mas é... não se tem um custo, né? Você pode chegar, geralmente são grandes, e você pode pegar pra consulta na biblioteca mesmo... eu não sei se eu tô fugindo da pergunta - Geralmente a consulta é gratuita no local e as vezes é possível levar pra casa, né? O que facilita o acesso, eu vejo a biblioteca como uma fonte de acesso à leitura.

P - Mas você acha fundamental que toda escola tenha uma biblioteca, ou não é um espaço importante?

A - Eu acho, boa parte da minha formação, das coisas que eu leio foi de uma biblioteca de um IF, assim, o momento em que eu realmente adquiri o hábito de ler foi no IF, por meio da biblioteca. Se não fossem os livros da biblioteca eu não conseguiria ler. Até conseguiria, talvez, se eu pirateasse na internet, ou alguma coisa assim, mas não existiria o prazer que é ler num livro físico.

P - Como você vê os custos financeiros na compra de um livro?

A - São bem caros hoje, né, livro físico, hoje eu tenho mais condições que, por exemplo, na época do IF. Na época do IF eu já comecei a comprar, mas eu não comprava tanto como eu compro hoje, mas hoje se dá porque eu tenho um trabalho e eu sou, digamos, bem remunerado, assim, mas não é uma coisa fácil, quando eu chegava pra minha mãe, por exemplo, e falava pra ela comprar, ela não tinha dinheiro pra comprar. Eu pegava emprestado livro de pessoas.

P - Aqui em Natal, a biblioteca pública está fechada a muito tempo. Mas lá em Goianinha tinha alguma biblioteca pública?

A - Tem, tem uma biblioteca pública no centro da cidade, na verdade antes era no centro da cidade, aí depois ela foi deslocada pra uma parte não no centro, mas próximo ao centro, a acessibilidade lá era mediante a cadastros, se fazia um cadastro, você conseguia levar livro pra casa inclusive. Assim, não tinha um acervo vasto, com livros até que me interessassem, mas tinha bastante livro.

P - Então você chegou a usar?

A - Sim, eu usava, geralmente eu usava o espaço pra estudar, mas, assim, pra pegar livro de lá era esporádico, dificilmente pegava, até pra consulta mesmo, até porque eu só passei a consultar a biblioteca quando eu já estudava no IF, todos os livros que eu precisava tinha no IF.

P - Vamos fazer umas perguntas bem pessoais, mas você fique a vontade pra responder. Em relação a renda como você classifica a sua família?

A - A gente é classe baixa.

P - Do que você gosta? Do que você mais gosta e do que você não gosta, na sua vida?

A - Eu sou, bem sincero, insatisfeito com quase nada, eu gosto de tudo. Só de eu tá acordado já é uma maravilha e tá dormindo também, então eu passo a maior parte do dia, digamos, feliz. Eu não tenho muitas reclamações, eu trabalho hoje com informática, eu sou apaixonado, pois muito também se deu, por culpa da minha formação técnica antes, mas antes, até então, não tinha conhecimento sobre nada de computador, não sabia nem digitar. O que eu gosto hoje, como hobby, é matemática, eu adoro matemática e literatura, eu leio bastante, bastante não, hoje eu tenho bem menos tempo, mas eu ainda costumo ler.

P - Você está trabalhando aonde?

A - Eu trabalho na Evolux. É uma empresa de desenvolvimento de software. A gente, assim, falando da empresa, é uma empresa que atende o Brasil todo e alguns clientes nos Estados Unidos, a gente foi considerado a décima quarta melhor empresa pra se trabalhar, eu não lembro da categoria no Brasil, e a primeira do Rio Grande do Norte, e eu tô bem satisfeito, e isso me deixa, também, bastante alegre, e é isso.

P - Você é bem jovem, se formou técnico o ano passado, e já está empregado, isso realmente é motivo de estar bastante satisfeito. Você ganha, aproximadamente, quantos salários mínimos?

A - Próximo de 4. Ah, eu esqueci de um detalhe, eu tenho uma insatisfação sim, eu acho que eu menti, eu acabei exagerando no começo, eu passo muito tempo longe da minha família, por eu tá morando aqui enquanto eles estão lá no interior, acho que é a única insatisfação, mas não é algo que me deixa muito triste, porque eu costumo visitá-los no final de semana, todo final de semana eu vou pra lá.

P - Eu ia perguntar "como você gostaria que fosse a sua vida?" Mas você já respondeu, a sua vida seria mais completa se sua família estivesse junto com você.

A - Sim

P - Você tem quantos irmãos?

A - Irmãos - - Filhos a gente - - nós somamos 7.

P - Você é o mais velho?

A - Dos homens eu sou o mais velho, mas existem 3 mulheres mais velhas que eu e duas meninas mais jovens.

P - Nós agora vamos passar pra outra dimensão, que é a dimensão meio escolar. Agora você está cursando o quê?

A - É - - eu passei em Ciência e tecnologia, mas não era bem o que eu queria, aí eu acabei truncando e eu não tô cursando nada, no momento eu só trabalho e estudo pra fazer vestibular novamente.

P - Vai fazer ENEM?

A - ENEM e UNICAMPI que é o meu foco.

P - Você tem o foco de estudar mais longe?

A - Unhum [concordou com a cabeça]

P - Você gosta de estudar?

A - Gosto.

P - Considera-se um bom aluno?

A - Acredito que sou.

P - Participou de olimpíadas?

A - Sim, de algumas. Eu tenho alguns prêmios. Ganhei oba, e tenho menções da OBMEP. Eu ganhei uma medalha na OBA [Olimpiada Brasileira de Astronomia e Astronáutica], e 2 menções honrosas na OBMEP [Olimpiada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas]. Participei, além dessas duas, da OBI [Olimpiada Brasileira de Informática].

P - Qual é a matéria que mais você gosta de estudar?

A - Que eu gosto, eu gosto muito de programação e tal, mas do ensino médio tradicional, sem nada técnico, eu gosto muito de matemática, eu gosto muito, muito de matemática.

P - O que levou você a frequentar a escola? Porque a gente sabe que tem muitos meninos do interior que as vezes desistem no caminho.

A - Quando, no ensino fundamental 1, não o 2, o dois assim, no 1 eu não frequentava tanto, eu até sou, não sei que termo, eu sou retardatário, tanto que eu conclui o ensino médio com 19 anos, eu deveria ter completado com 17 ou 18, eu repeti um ano, não foi porque, foi porque eu não fui mesmo pra escola, não tinha como eu ir, mas no ensino fundamental 2, que é o antes do ensino médio, eu sempre ia porque as coisas eram, digamos facilitadas, tinha ônibus que pegava na porta e levava e deixava na escola, então, mas o que me levou a ir pra escola foi... eu não sei, eu acho que, não sei.

P - O que você aprendeu na escola, ajudava você no seu dia a dia?

A - O que eu aprendi? Claro, ajuda muito, é - - basicamente eu entrei no ensino médio, né? Eu fiz o curso técnico integrado no IF e hoje eu trabalho na área que era o foco, o enfoque do curso.

P - Você vai pra universidade, mas quais são as suas expectativas? O que você espera da universidade?

A - Eu espero ganhar, assim, eu não sou hipócrita, vou falar que eu espero só o diploma no final, né? Mas eu espero aumentar a minha bagagem, conhecer pessoas, eu gosto de conhecer e fazer contatos com pessoas, professores geralmente, aumentar esse leque aí de possibilidades de contatos, aumentar também a minha bagagem de conhecimento, porque é o intuito da universidade, eu acho que é isso.

P - Então você acha que a universidade pode mudar mais ainda a sua vida, né? Você acredita que... diga aí o que você acredita que pode mudar ainda mais com você fazendo universidade?

A - Hoje, assim, parece meio estranho, mas eu vou pra universidade por lazer, eu pretendo ir por lazer, porque realmente hoje eu, parece ser uma visão meia louca, mas eu não vejo necessidade da universidade no meu trabalho, no que eu preciso pra trabalhar, eu ganho hoje o que eu pensava ganhar daqui a 10 anos, e a tendência é que eu estabilize nisso ou ganhe até mais, eu pretendo fazer matemática, só por hobby mesmo. E, não sei, eu penso também, não sei, no futuro mudar de área, passara ser professor.

P - Está vendo, então a universidade ainda pode transformar muito a sua vida, [rissos].

A - Eu não decidi 100%, mas hoje eu não faria um curso na área de informática novamente.

P - Pode parecer redundante, mas eu vou fazer a pergunta. Você ainda espera muita coisa indo para universidade?

A - É porque eu vejo como uma possibilidade até, eu também sou muito confuso em relação ao que fazer daqui pra frente, há uns meses atrás eu pensava em fazer medicina, mas hoje eu não penso mais nisso, não é um sonho distante quando criança, é um sonho de meses atrás mesmo, e hoje eu já não penso assim.

P - E quando você era criança, você pensava em fazer o quê?

A - Eu não pensava em fazer nada, eu acho, eu nunca tive muitas ambições, eu acho que eu não via assim, não via o leque, não sabia o que esperava na frente.

P - Então assim, você fez o técnico em informática. Você utiliza cotidianamente o que você aprendeu na escola?

A - Sim. Eu me sinto em partes realizado, porque eu gosto muito de programação, mas eu ainda sinto falta da matemática na minha vida. Hoje eu uso a programação, mas, não sei, não me instiga tanto assim, digamos, como a matemática, não me força a pensar como a matemática, até porque antes eu treinava pra fazer competições, eu competia na escola, eu sinto ainda muito a falta desse desafio, não que trabalhar com programação não seja algo desafiante sim, mas tem muita coisa que é meio que repetitivo.

P - Essa paixão por matemática, ela vem da infância, ou você passou a gostar depois?

A - Vem do ensino fundamental 2, foi quando eu passei a gostar e estudar por conta própria. Quando eu cheguei no IF, eu já gostava muito de matemática, mas eu tive uma decepção logo no primeiro bimestre, o professor ele era muito louco, ele chegou e reprovou, assim, reprovou não, mas a média da turma foi muito baixa, inclusive a minha, assim, e quebrou com aquela expectativa, mesmo a minha nota não sendo baixa, foi aquela expectativa, não era bem aquilo, mas depois eu acabei mudando de turma e fui ter aula com outro professor e eu me maravilhei, me tornei amigo dele, hoje eu falo com ele às vezes, foi ele que me incentivou a continuar estudando, ele fazia aulas extras, era uma maravilha. Pode falar o nome do professor?

P - Pode.

A - Foi Kleber, ele tá dando aula lá ainda, né? [concordei com a cabeça]

P - Com que idade você começou a vida escolar?

A - Acho que... 6 anos.

P - Entrou na pré-escola. O que você lembra da pré-escola?

A - Eu lembro de tá numa escola pequena, com alguns alunos que não gostavam de mim, eles me batiam. Eu apanhava muito na pré-escola e eu acho que isso, não me vem muita coisa a cabeça. Academicamente, assim, até o ensino fundamental 2, eu não tenho, assim, muito do que falar, as minhas notas começaram a subir no

fundamental 2, foi nesse momento que eu tive incentivo de algumas pessoas a fazer o vestibular do IF e assim, recordações de estudar, essas coisas, foi a partir do fundamental 2.

P - Mas o que lhe incentivou a entrar no IF?

A - Foi um professor, que o sonho dele era ser professor do IF. Basicamente, ele era, ele é formado em direito, ele era muito bem sucedido já, na época, na área de direito, ele trabalhava meio período, mas ele já ganhava muito, inclusive ele é meu amigo pessoal hoje, e o sonho dele era ser professor, mais especificamente ser professor do IF, ele passou num concurso e foi dar aula pra mim lá no interior de Goianinha, um ano antes o concurso público municipal tava aberto, ele prestou e passou, ele abriu uma turma de pré IF e voluntariamente ele vinha no contra turno e chamava todos os alunos do nono ano na época pra fazer o curso e o incentivo veio, quase totalmente, dele.

P - Você já tinha uma ideia do que você encontraria lá no IF?

A - Não. Só nas palavras dele dizendo que era maravilhoso, eu não tinha nem acesso a internet e aquilo... ele falava tão bem, tão bem, tão bem -- ele já tinha sido aluno, que me fez ter mais e mais vontade e eu não me arrependi, me sinto realizado por ter feito IF.

P - Quais fatores na escola contribuíram para o seu sucesso?

A - No primeiro ano eu tive muita dificuldade, por ser ensino -- eu não estava acostumado com a dinâmica, eu acabei desistindo também de uma disciplina, eu desisti de português no primeiro ano, por culpa -- foi pessoal, acabou acontecendo um atrito muito grande e entre meu professor -- do segundo bimestre pro terceiro eu já não frequentava mais as aulas, inclusive fui chamado na ETEP³. Na pedagogia. A gente conversou, eles me incentivaram a ir pra aula, assim, e eu ainda não ia, porque eu via que era algo pessoal mesmo, era diferente aluno/professor, era pessoal, enfim, mas me arrependo depois, claro, eu deveria ter assistido as aulas e ter me esforçado pra ter conseguido as notas e ter aprendido que era o principal, mas passando disso eu acho que eu tive dificuldade em outras disciplinas. Um momento muito difícil na escola foi quando eu comecei a trabalhar, não na escola, porque eu sempre fui bolsista, eu fui tutor no segundo ano de programação, no terceiro ano eu fui pesquisador, eu ganhei uma bolsa de pesquisa, no terceiro ano eu fiquei muito triste, porque eu já morava com a minha irmã e basicamente o dinheiro da minha bolsa era pras despesas de casa e transporte e eu tinha sido selecionado pra fazer pesquisa pelo CNPq, aí a gente ganhava bolsa de pesquisa junto com o professor, e no mesmo período eu tinha ganhado a bolsa de pesquisa no IF, a bolsa do IFRN era R\$300 e do CNPq era R\$125, eu queria do CNPq só que eu precisava do dinheiro, aí enfim, a gente ainda não falou sobre isso, e depois eu fui ser bolsista de matemática, ser tutor de matemática no quarto ano eu fui por meio período, até que eu consegui um estágio na área de desenvolvimento, que era foco do curso e nesse período foi o período mais conturbado pra mim, porque eu tinha que estudar pro vestibular, eu tinha que estudar pro IF e eu tinha que trabalhar, e eu morava no interior, eu tinha que acordar de 4 horas da manhã todo dia e eu só chegava em casa às 11 horas da noite, foi o período mais conturbado, assim, da minha vida. Desenvolvi problemas, inclusive, de saúde, eu me vi na linha bamba, assim, pensava quase sempre que eu ia reprovar e não ia conseguir colar grau, foi terrível, afetou muito o meu desempenho acadêmico, pensei em desistir do trabalho, mas a família, do outro lado, me incentivava a continuar trabalhando, mas no fim deu certo, eu consegui colar grau, consegui passar na universidade e consegui ser efetivado no trabalho.

P - A escola lhe prestou algum tipo de assistência?

A - Deu.

P - Bem, a pergunta original era: "Que fatores da escola contribuíram para o seu sucesso?" Eu queria que você falasse um pouco mais sobre isso.

A - Eu vejo, eu vejo a escola, no caso, do ensino médio, como grande fonte de sucesso as pessoas, você da biblioteca que eu via lá quando ia pegar livro, os professores, os professores que voluntariamente me tiravam dúvidas mesmo em momentos que não eram momentos de aula, me incentivavam a fazer pesquisa.

P - Se aquela escola do ensino fundamental fosse semelhante a que você fez o ensino médio, teria feito alguma diferença?

A - Teria, provavelmente eu não gostaria de computação, eu não gostaria tanto de matemática, como eu gosto hoje, eu provavelmente não taria morando, nem, enfim, tudo seria, eu acho que tudo seria diferente. Por que eu acho isso? Vários dos meus amigos são tão bem qualificados, capacitados quanto eu, estudavam em escolas que

³ Equipe Técnico-pedagógica

eu poderia estudar, diferentes da escola que eu estudei e enfim, eles tem interesse, mesmo assim, eu não tô falando que eles são, eles não foram bem sucedidos, mas eles estão em áreas totalmente diversas da minha, então eu vejo que, acho que no meu foco também, né? assim, me direcionou.

P - Você não consegue enumerar, quais foram os fatores?

A - O apoio da pedagogia, também, a biblioteca. As bolsas, geralmente de pesquisa e monitoria, acho que foram, se não fossem elas eu não teria conseguido, eu não teria conseguido não só da questão econômica, financeira, mas eu não teria o êxito que eu tive sem elas, entendeu? Porque elas foram um incentivo inicial pra mim estudar, desde o começo, passar na seleção, me inscrever, graças a, no caso no terceiro ano, eu consegui aprender bastante coisa, eu sempre tava escrevendo, publicando artigo, então, acabei desenvolvendo habilidades, aprimorando habilidades de escrita também foi muito importante, foi que me abriu os olhos também, que eu precisava melhorar nessa parte, na parte de inglês também, foi nesse momento que por conta própria eu vi que, nesse momento que eu vi que era importante saber mais idioma, no caso inglês e nesse momento que eu comecei a estudar foi graças a bolsa também.

P - Hoje você é capacitado noutra língua?

A - Assim, falando do trabalho, eu escrevo todo dia em inglês, a gente não fala, comentário, código, tudo é inglês, a gente não fala português. Eu não falo como um nativo, mas eu consigo, eu escrevo também.

P - Quer dizer que a língua inglesa no ensino médio lhe ajudou bastante?

A - Sim, claro.

P - E como era o inglês no fundamental?

A - Ah, eu não tenho boas recordações, a gente até antes do concurso público, que eu já mencionei antes, a gente quase não tinha aula de inglês, quando a gente tinha aula de inglês era um professor que não era professor de inglês, geralmente era um professor de geografia, um professor, não sei, de de de outra disciplina e ele chegava lá e anotava algumas palavras e pedia pra a gente decorar pra fazer a prova, mas depois eu conheci, na verdade, um outro professor, muito legal, muito bem capacitado, deu aula de inglês pra gente, mas ainda assim eu não tinha tanto interesse por idiomas. Eu não sei responder porquê, mas o meu interesse não era por idiomas, até no IF, assim, a recepção com idioma também não foi muito legal pra mim, as aulas eram muito legais, dinâmicas a professora era ótima, mas o negócio não conseguia entrar na minha cabeça, foi só depois que eu vi que eu precisava mesmo, que se eu não aprendesse inglês eu não ia conseguir evoluir, que ia começar a aprender, foi daí que eu comecei a procurar a aprender a língua.

P - Houve apoio e estímulo dos professores, colegas e direção no seu percurso acadêmico?

A - Sim, eu venho falando constantemente dos professores nessa entrevista, então houveram sim muito incentivo desde o ensino fundamental, como eu falei com esse professor, assim, ele foi meu anjo, assim, que me guiou e até hoje ele tá na minha vida, a diretoria acadêmica da minha antiga escola também me incentivava muito, eles meio que abraçaram a ideia desse professor e mesmo ele saindo, ele indo dar aula onde ele queria dar, passado num... enfim, ter abandonado, não abandonado, ter mudado de rumo, a escola continuou a... se ajudando, outras pessoas que ficaram lá e no IF sempre, sempre houve, né? A gente tinha, assim, é... visitas de equipes pedagógicas semestralmente, não, bimestralmente, mas raramente, mas, assim, mas aconteciam as visitas do diretor da escola e sim, sempre houve o incentivo, é... discursos...

P - E de amigos? Teve algum amigo, algum colega? Porque as vezes, como você falou que queria desistir, mas alguém te ajudou?

A - Tinha bastante gente, pessoal de fora escola, lá do interior quando eu visitava eles se mostravam, mostravam interesse, sempre perguntavam, me incentivavam, falavam que iria dar certo, da sala, praticamente todo mundo, pra não falar todo mundo, são considerados por mim como amigos hoje, pessoas próximas que eu faço quase tudo por elas e assim, grande parte também incentivava.

P - Você lembra de amigos no seu percurso escolar que não obtiveram sucesso e se desvincularam do caminho dos estudos?

A - Sim, é - - no ensino médio tinha um amigo, não amigo, é - - ele num momento ele se tornou próximo, não próximo no sentido de amigo amigo próximo, eu acho que eu acabei me expressando mal. Um colega mais chegado. Isso. A gente costumava conversar e afins, ele trocou de turma, ele estudava a tarde, aí eu fui estudar a tarde, porque eu estudava de manhã antes, aí ele um mês depois ele trocou o horário e foi pra de manhã e eu acho que uns 4 meses depois... ele era um cara incrível, assim, ele absurdamente inteligente, nas aulas de física os professores falavam e ele contestava os professores, assim, como se conhecesse mais da disciplina que os próprios professores, ele era absurdamente inteligente e ele acabou desistindo, falam que... existem boatos que

ele é envolvido com drogas hoje, que se tornou viciado, mas é certeza que ele tem um filho e cuida do filho, abandonou a menina e muita coisa estranha aconteceu com ele, ele é um exemplo, assim, que eu posso citar, de mais extremo, mas acredito sim que outras pessoas acabaram... sim, de onde eu morava, de onde eu venho, né? Da outra escola que eu estudava do ensino fundamental, mas 5 pessoas passaram, além de mim, comigo somaram 6 pro IF de Parnamirim, um desistiu no primeiro ano, ele acabou fazendo ensino... eu não sei qual o paradeiro dele hoje, em outra escola, ele fez o ensino médio em outra escola, é... uma ainda tá no IF, ela reprovou dois anos, mas continua, e o restante acabou desistindo, eu também... desistiu no caminho, é... mas desses 3, uma que desistiu acabou casando e tá casada e enfim, é... acho que, de certa forma, não sei, não sei, é estranho, mas eles não seguiram academicamente, não sei, se tiveram, assim, digamos êxito numa área.

P - E os amigos da infância?

A - Eu sempre fui, não sei, introspectivo, eu nunca tive muitos amigos na infância, porquíssimos, mas dos que eu tive, eu tenho contato muito próximo até hoje, um deles é meu primo, é... sempre que eu posso vou visitar ele, a gente visita, passa horas até um dia conversando direto, é... o meu vizinho, hoje ele... a gente também conversa muito por telefone, às vezes eu ligo pra ele, ele me liga, a gente sempre tá trocando ideia, eu visito ele em casa, quando ele tá, mas teve lá há muito tempo, ele trabalha na aeronáutica e o meu melhor amigo de infância, ele desertou, ele mudou de cidade foi morar noutro estado e... mas ainda assim a gente conversa. Mas, assim, amigos de infância são só esses 3.

P - O seu ensino fundamental foi cursado em escola pública ou escola privada?

A - Totalmente público, tudo público.

P - Com relação ao seu desempenho acadêmico desde o ensino fundamental, já houve reprovação?

A - Numa disciplina. Só uma. Em nenhum momento... na realidade eu nem sequer fui pra recuperação em momento algum, não, eu minto, no quarto ano eu fui pra recuperação... no caso prova final em uma disciplina, mas só nela a minha vida toda e uma reprovei direto porque eu desisti, não tinha nem como eu ir pra recuperação.

P - Foi no ensino fundamental?

A - Não. No ensino médio.

P - Mas no ensino fundamental você foi reprovado?

A - Não. Eu deixei de frequentar a escola por um ano. Eu nem sequer tinha matrícula. Não podia, mas, assim, a minha mãe não me levava pra escola.

P - Você teve apoio de um professor ou outro profissional na escola em especial durante o seu percurso acadêmico?

A - Sim, era um professor de língua portuguesa.

P - Ao ingressar no IF, você teve alguma dificuldade na aprendizagem dos conteúdos curriculares? E como as superou?

A - Ah... as dificuldades pra me entrosar e... A minha maior dificuldade mesmo foi em Português, assim, eu não tive uma recepção, assim, eu não sei se foi uma barreira minha, se existiu uma barreira minha com relação ao inglês, foi ruim, porque hoje eu penso que eu podia ter aproveitado de formas diferente isso, teria impactado absurdamente no meu aprendizado desde o início. Mas, assim, eu não tive muita dificuldade pra ser aprovado na disciplina, mas matemática, não, desculpa, português, a forma que eu contornei foi desistindo da disciplina e pagando ela no contra turno no ano subsequente. Eu não... no segundo ano eu não tive dificuldade alguma, só assim, eu podia tá aproveitando o tempo da manhã, não pra estudar uma matéria que eu deveria ter estudado no ano passado, assim, eu podia ter aproveitado, tá aproveitando o tempo pra fazer outra coisa, mas eu não tive muita dificuldade no segundo ano. Uma coisa que eu tive dificuldade e hoje eu vejo que eu melhorei muito, assim, foi uma coisa que eu procurei melhorar, foi comunicação, provavelmente se... você tivesse solicitado... pedido pra fazer essa entrevista comigo no primeiro ano, eu teria surtado, eu não conseguiria, é... eu tinha muita dificuldade em falar em público, em ter conversas assim, é... isso acabou impactando de uma forma absurda porque, é... é altamente incentivado, no ensino médio lá, no caso do IF, fazer trabalhos apresentações, né? E eu acabava tendo um desempenho baixo porque eu ficava muito nervoso e não conseguia falar, mas enfim, eu fui desenvolvendo a habilidade com o tempo e como foi que eu desenvolvi? Como eu contornei isso? Foi falando e falando mais.

P - Por que você frequentou, frequentava, frequenta a biblioteca?

A - É... começar pelo final, hoje eu não frequento, eu costumo, como eu falei no começo, ler mídia digital e livros eu consigo adquirir hoje, dificilmente eu frequento a biblioteca, eu não sei se isso se dá, por eu tá distante de um ambiente que tem biblioteca, porque na época eu fazia o ensino médio tinha a biblioteca na escola que eu fazia o ensino médio, hoje eu tô distante. Não frequento tanto, mas o que, o que me levava, me incentivava a frequentar

frequentar a ficar no espaço físico da biblioteca era o ambiente, porque era muito bom pra estudar, então tanto estudar em grupo, como individualmente e realmente a biblioteca que eu frequentava do IF tinham espaços, né, pra pra pra poder discutir sobre temas de trabalho coletivos ou estudar individualmente, assim, de uma maneira que não me atrapalhasse, era um ambiente silencioso e era bem gostoso, sem falar que tinha o acervo de livros que era o que eu precisava, tanto pra parte técnica, assim, muitas das referências técnicas que os professores, das referências que os professores usavam, tavam lá na biblioteca como livros que eu gostava de ler, estudar por hobby... os livros... Sim... os computadores... eu usava bastante, tinha computador.

P - Foram importantes pra você?

A - Muito. Até... eu acho que... quando eu entrei eu já tinha um computador pessoal, que eu ganhei desse professor que me incentivou a ir pro IF, eu costumava usar ele, o pessoal, mas não tanto a deixar... usava, usava mais frequentemente os computadores, eu não me lembrava deste detalhe.

P - Nas aulas, os professores costumam recomendar a frequência da biblioteca?

A - Não era tão recorrente a recomendação. Nas atividades, como falei algumas vezes não, mas eles me davam apoio como podiam, e isso significou muito.

P - É... essa divisão da biblioteca em espaço, espaço físico, que você falou, né, tem espaços pra trabalhos em grupo e trabalhos individuais. Isso é importante pra você?

A - Muito muito importante. Eu falei, mas eu resalto sem, assim, claro tinha... dava pra improvisar fora, mas era uma ambiente, digamos assim, ideal pra se estudar, porque rotineiramente a gente... frequentemente, na verdade, a gente precisava se reunir e fazer trabalhos coletivos e o ambiente que a biblioteca proporcionava era ideal.

P - Então, assim, você teve dificuldades no IF. Você falou da importância dos professores e até da importância da biblioteca, mas assim o que você lembra que foi de fundamental importância pra sua permanência no IF, assim, a biblioteca, qual foi o papel dela no meio disso tudo?

A - É... eu não sei se eu vou chegar onde você que chegas, mas é... como você falou, consultava muitos livros e a maneira, que diferente das outras pessoas que acabam aprendendo muito com o professor, assistindo aula na internet, eu sempre... eu sempre tive mais facilidade pra aprender lendo, eu lendo e rabiscando, ou somente lendo, é... a forma que eu aprendo, que eu mais tenho facilidade pra aprender é lendo e se não fosse a biblioteca e os livros da biblioteca provavelmente eu teria reprovado em metade das disciplinas. Isso eu não consigo contornar de outra forma.

P - Então você me traz essa informação, que é bem bacana, sobre as ementas, você encontrava todos os livros?

A - Quase tudo, eu não posso falar que tudo, tinha alguns livros que não tinha lá.

P - Mas isso também colaborou?

A - Muito.

P - E acervo de literatura? O que você gostava de literatura na biblioteca?

A - É... as vezes, eu, assim de literatura eu fui, o que eu gosto de literatura já vinha antes, eu gosto de Conan Doyle, Sherlock Holmes e outros livros dele, eu também gosto de Asimov, mas na biblioteca eu acho que não tem, não tem Asimov, né? Eu gosto de Fundação, enfim, a coleção da fundação, eu sou apaixonado por ela. É... depois eu fui gostando, assim, mas não sei qual o nome que se dá pra eles. Eu gosto bastante de Fernando Pessoa eu fui desenvolvendo o gosto por ler ele e a maioria dos meus empréstimos eram livros dele e eu acho que isso.

P - Qual a importância da Biblioteca para sua permanência no IF?

A - Pra minha permanência enquanto eu tava... Eu acho que eu ia falar mas eu posso falar dos pontos, né, era importante o local físico como elemento de estudos porque lá... Existiam os ambientes separados, né, pra estudo individual, então, era um ponto muito importante na minha permanência lá, o outro era material didático, era de fácil acesso eu tinha quase tudo que eu precisava lá quando eu não tinha eu podia consultar à internet por meio dos computadores que estavam lá também, por vezes, mesmo não sendo o local a gente se divertia lá. Por lazer também nos momentos que eu queria ler algo, por prazer mesmo, mas a gente também usava para lazer, às vezes, eu não vou ser hipócrita e falar que não, eu usava. Bons tempos [risos]. Eu lembro na época que Eduardo era o diretor do apoio, era complicada aquela época, eu lembro que tinha um sofá lá, ele não podia ver ninguém deitado naquele sofá, puxava pela orelha, bons tempos, saudades. Sim. Eu arrisco a falar que eu fiquei uns 30% do meu tempo lá, de IF, era na biblioteca, porque era bolsista, enquanto bolsista eu ficava lá pra estudar, pra atender os amigos, colegas. Eu ficava bastante tempo na biblioteca.

P - Na sua opinião, qual a finalidade da biblioteca?

A -Eu vejo, eu vejo a biblioteca meio que como uma ferramenta, eu acho que já falei, foi nesse ponto que eu pensei da última vez, né? Eu acho que não foge disso. Principalmente sentido de propagar a informação, né? A biblioteca difundir, né, conhecimento

P - Fale assim um pouco sobre a importância dos serviços oferecidos, e quais os que você costumava utilizar?

A - Isso inclui empréstimo de livro, então, os serviços que eu usava com frequência, armários, eu usava os armários quando eu chegava a primeira pessoa, uma das primeiras coisas que chegava ao IF era a biblioteca, eu pegava uma chave colocava minha mochila no armário e entrava na biblioteca, então armários era o segundo serviço que eu mais usava, é... empréstimo de livros eu fazia empréstimo de livros, eu acho que tem alguma finalidade, mas eu pegava o livro para, enquanto muitos na biblioteca, sem pegar, sem ser empréstimo externo, sem ter que tirar da biblioteca. Eu consultava localmente e emprestava pra levar pra casa também ou para sala. É... deixe-me ver, os computadores era um dos serviços que eu o mais usava, empréstimo de computadores, eu passava um bom tempo nos computadores.

P - Você me falou no encontro passado que você tinha um computador pessoal, esse computador pessoal tinha acesso à internet quando você tá em casa?

A - Depende da época, assim, no começo no começo não, eu morava no sítio e lá não tinha internet aí depois eu me mudei, como eu falei, fui morar com a minha irmã, a gente tinha internet em casa e quando eu levava ele pro IF era fácil, era fácil o acesso também.

P - O que você objetiva alcançar com os seus estudos?

A - Um dos meus objetivos primários é trazer mais estabilidade financeira para minha família eu vejo como... eu vejo os estudos como um caminho pra chegar lá eu acho que é o principal. Uma outra coisa que eu busco também, assim, que eu vejo que hoje eu consigo facilitar é a educação dos meus irmãos, né, eu tenho um irmão e e uma irmã bem menores que eu e acho que hoje eu estudei pouco ainda mas eu consigo meio que dá um direcionamento do que, não sei, de repente incentivar eles a estudar no IF como eu estudei, eu acho que seria uma...

P - Quais as suas perspectivas acadêmicas futuras?

A - Então, é meio, é meio confuso na minha cabeça, já falei para você que bem mais recente eu pensava em fazer medicina depois eu mudei totalmente o foco e eu trabalho com programação, faço programação, mas uma coisa que eu vejo e assim eu me projeto fazendo daqui, sei lá, 10 anos é ser professor como do IF, eu acho que... eu ficaria, eu sentiria muito prazer em ser professor do IF ou de uma universidade, quem sabe, então, concluir uma graduação, de matemática, eu penso muito, depois ingressar num mestrado para quem sabe prestar concurso público no futuro e ser professor... é uma coisa que eu penso, mas eu não sei se é certo porque eu sou confuso.

P - Vamos falar um sobre família, você mora junto com seus pais?

A - Hoje não mais. A verdade é que a minha vida toda, eu sempre morei com a minha tia avó, mas nunca tive problema familiar não, foi só por hábito mesmo, eu comecei a ir pra lá, aí eu fiquei a vida toda.

P - Você foi criado pela irmã de quem?

A - A irmã da minha avó. É tia avó.

P - Mas moravam próximo da casa da sua mãe?

A - Há um passo. Se eu saísse da casa da minha tia, tava na casa da minha mãe.

P - Mas por que você foi morar com ela?

A - Eu não faço a menor ideia, porque eu me acostumei e passei a vida todinha, ela que me alimentava, ela que comprava roupa para mim, tudo, e eu acho que não é nem questão financeira não, eu realmente não sei, é uma pergunta difícil.

P - E como seus pais viam isso?

A - É... a minha família é grande, a gente tem muitos filhos, então, a gente não, né, os meus pais eles têm muitos filhos.

P - Então fale aí quantos irmãos você tem?

A - 6. Eu sou o do meio.

P - Então abaixo de você tem 3 irmãos mais novos.

A - Ranram [acena que sim].

P - Eles fazem o quê? Quantos anos têm?

A - Estudam. É... um tá no fundamental 1... A minha a minha irmã ela tem... na verdade os dois já tão no fundamental 2, o meu irmão mais velho ele reprovou há um ano, ele tá concluindo Ensino Fundamental 2, ele tem 11 anos ele tá no nono ano, a minha irmã, a mais nova, ela tá no sétimo ano e a minha irmã que tem... a

mais velha, dos 3, que é a irmã mais velha que meu irmão ainda, ela tem 15 anos ela tá concluindo o ensino médio.

P - Concluindo aonde?

A - Lá na cidade, em Goianinha.

P - E os mais velhos que você?

A - É... todos, todas são mulheres, todas casadas já. Todas concluíram o Ensino Médio, mas não fizeram nada depois, assim, não ingressaram em faculdade, é... mas uma da minha irmã, uma das minhas irmãs, a mais nova das 3, ela... tem uma filha e basicamente ela fica em casa cuidando da casa, é a única coisa que ela faz hoje, eu tenho uma outra irmã a segunda mais velha ela tem 22 anos.

P - Você tem vinte, então a outra tem vinte e um?

A - Não, uma... a minha irmã... eu eu erreí as idades, a minha outra irmã ela tem 22, uma tem 23 e a outra tem 24, é as 3, uma atrás da outra, é... ela é manicure e ela tem uma filha, a minha outra irmã essa... a depois de mim, ela tem um filho também e a minha irmã mais velha ela trabalha num hotel, num hotel lá em Pipa ela é uma das pessoas que, dessas minhas irmãs, que mais tem condição financeira e ela não tem filho, ela já é casada também.

P - Dos seus irmãos, algum te incentivou a estudar?

A - As duas mais velhas, elas não só incentivaram, como foram de fundamental importância, sem elas eu não teria concluído o curso, porque eu morei com as duas, como eu falei antes, eu acho, a minha família é do sítio, a gente é do sítio de Goianinha, aí para facilitar eu tinha que ficar no mínimo no centro da cidade para não acordar cedo e chegar muito tarde em casa

P - Elas moram em Goianinha?

A - Sim. Era com elas que eu morava. Por um tempo eu dividia o aluguel com a minha irmã mais velha e... foi meio que um incentivo. Sem isso eu não teria conseguido, mas incentivo diário, assim, de "ah, você vai conseguir, faça isso, faça isso" existia, mas não era tão forte, eu vejo como incentivo mais essa questão do auxílio que elas me deram, até com dinheiro, inclusive.

P - Agora vamos falar da sua família mesmo do seu pai e sua mãe, a sua família de origem mesmo. Como é a sua família?

A - Em que aspecto?

P - Em todos os aspectos.

A - Eu acho que, eu não sei, como... diferente. A minha... o meu avô eu não conheci ele a minha vida toda, eu só ouvi histórias dele que ele era um Serial Killer. É verdade! Meu avô é um Serial Killer.

P - O seu avô por parte de mãe ou de pai?

A - O meu avô por parte de mãe. Eu não conheci ele a vida toda até que com dezesseis anos ele brotou do nada e ressurgiu ele... ressurgiu das cinzas, eu vi ele pela primeira vez e última, porque depois ele tentou matar um cara e foi preso, é verdade, mas é... histórias... é... a minha mãe é a filha mais velha da minha avó, é... quando ela casou, a minha avó, ela passou cinco meses com ele aí engravidou da minha mãe e enquanto ela tava grávida ainda, ele tentou matar ela, a minha avó, aí não conseguiu, minha avó conseguiu fugir, ela...continuou a gestação, separou, ele sumiu do mapa foi desde então que ninguém sabia mais onde ele tava, mas, antes disso, ele tentou matar o irmão dele que no caso é meu tio, aí assim, por isso eu não, eu nunca tive uma relação muito forte com essa outra parte da família, no caso eu conheço outras pessoas, irmãos... Mas eu eu não tento manter contato algum.

P - Deixa eu ver se eu entendi. Você tá falando dos seus avós. Especificamente do da sua mãe?

A - Isso.

P - Sua mãe é filha única?

A - Não. Ela [avó materna] casou de novo... aí ela casou de novo com um homem muito legal, dessa vez, teve diversos filhos, eu tenho vários tios, que tiveram filhos já vão pros netos, e é isso... eu mantenho, assim, sempre que eu posso eu visito ela, mas como eu falei eu não eu não tenho contato com a família do meu avô, é... dos meus avós maternos é isso. Minha avó paterna, por parte de pai, ela faleceu jovem ainda, eu não conheci, ela faleceu bem antes de eu morrer... ah ela morreu antes de eu nascer, perdão, o meu avô paterno, é... a gente tinha uma relação muito próxima, ele morava... ele morava próximo lá de casa, acho que até quando eu tinha uns 7 anos eu tenho lembrança, assim, vagas da gente conversando, mas depois ele ele juntou uma boa parte da minha família, e se mudaram pra diversos cantos lá em Goianinha foram para uma comunidade chamada malhadinha... foram pra diversos cantos, se espalharam e a família ficou um pedacinho em cada canto. Pessoas foram para São

Paulo por questões financeiras... pensaram que iam ter mais, como fala? Oportunidades. E o meu avô junto com algumas filhas eles foram morar numa comunidade chamada Arês. Quando ele se mudou para lá eu passei a não ter mais o contato próximo, mas eu visitava quando dava, e... ele faleceu há dois anos, ele tava com diabetes aí ele levou uma pequena furada na perna e tiveram que, na verdade no dedo, e tiveram que amputar o dedo dele porque infeccionou, aí infeccionou onde amputaram o dedo, aí teve que amputar a perna, aí infeccionou de novo, aí teve que amputar até o joelho, aí ele não aguentou e faleceu.

P - Dos seus avós, o que você tem deles como herança? O que te traz recordação?

A - Eu espero que não seja a vontade excessiva do meu avô [risos] Tô brincando. Não é não, se fosse eu teria identificado, mas assim, eu só tenho eu tenho pouquíssimas recordações do meu avô paterno, como eu falei da época de infância, porque desde então eu nunca fui próximo a nenhum deles. Então eu não sei bem o que eu trouxe deles, eu nunca tive um contato muito próximo com eles, sempre moram longe de mim. A minha avó era meio próximo mas eu nunca fui próximo a ela, eu acho que por eu ser mais próximo da minha tia, no caso da minha mãe que me criou, e da minha mãe também e do meu pai. Como eu falei ainda jovem [criança] com dois três anos, a minha tia avó meio que me adotou, eu passei a morar com ela, ela é minha mãe, foi ela quem alimentou, foi ela quem comprou os livros, fez tudo por mim quando podia, a gente tinha dificuldades financeiras, a família era bem carente, eu vivia com a minha outra irmã mais velha que também era meio que adotada dela [tia avó] e o resto da família, o resto dos meus irmão moravam com a minha mãe e com o meu pai, que era praticamente do lado, saiu da casa da minha tia tá na casa da minha mãe. Até quando eu tava lá era sempre a mesma coisa, uma família bem calma, dificilmente a gente tinha algum discussão, quando tinha era briga de criança mesmo, era a gente se batendo lá, os irmãos. O meu pai ele é lenhador hoje mas já fez de tudo na vida, boa parte da onde ele extraiu a renda dele era quando ele foi mototáxi, acho que mencionei isso antes, ele tinha uma moto ele trabalhava como mototáxi, até que um dia ele saiu ele decidiu beber na moto, aí -- nessa época que era mototáxi minha mãe tinha muita raiva dele, porque minha mãe que pensava, eu não posso afirmar que sim, que ele traía ela, isso gerou uma grande grande confusão, porque -- é -- Que que aconteceu, o meu pai saiu de casa, ele bebeu nesse dia mas só que ninguém sabia que ele bebeu, aí ele desceu uma ladeira, lá em Nísia Floresta, que é de cara pro cemitério, a moto faltou freio e ele arrebentou muro, desmaiou, no meio do caminho ele tentou frear mas acho que pé escapou, ele quebrou o pé e ele passou uma semana sem dar notícia alguma ninguém sabia o paradeiro dele, várias hipóteses foram levantadas, mas ele estava no hospital, ele chegou uma semana depois meio que inconsciente, lembrava de poucas coisas, com a perna toda enfaixada, decidiu então vender a moto, que não servia quase pra mais nada, ele passou, acho que um ano encostado por pericia, sem fazer praticamente nada, mas nessa época ele tinha dois trabalho, na época que ele quebrou a perna, ele trabalhava na usina e era mototáxi, aí ele ficou encostado pela usina, foi o que permitiu que ele ainda tivesse dinheiro durante um tempo, depois ele saiu. Ele vendeu a moto, eu acho que com seis meses ele comprou outra, é a que a gente tem até hoje, fica lá. Ele não trabalha mais com isso, hoje é lenhador, acho que é isso. Enquanto a minha mãe, a maior parte do tempo, foi agente de serviços gerais, lá em Goianinha. Assim, a minha família também não é muito religiosa, falando de religião, a gente tem o hábito, alguns eu pelo menos não tenho, por exemplo de pedir benção, boa parte da família é católica, mas assim a gente não é ateu, a minha mãe é evangélica, a minha mãe sim ela é bem religiosa, mas já meu pai não nem um pouco, o meus irmão também, a minha mãe nunca incentivou, ela nunca foi de obrigar ninguém a fazer nada, era cada um com as suas crenças. É isso.

P - Mas o que a família diz sobre o ato de estudar?

A - É... a minha... a minha mãe ela cumpriu o ensino médio, mas ela nunca foi muito além disso, ela concluiu depois de velha...

P - De velha? A sua mãe tem 42 anos.

A - De velha... de velha que eu digo depois do período ideal, né, me expressei mal, depois da... é porque o ideal é se concluir na adolescência ainda, né? Ele concluiu, ela teve todos os filhos, é... e depois que ela teve todos, que ela voltou a estudar, até então só tinha o fundamental 1, ela fez o Fundamental 2 e depois ela fez o ensino médio. De incentivo, é... eu acho que, eu não sei, eu sou a única pessoa, assim, que foi um pouco além da minha família, assim, mais próxima, do núcleo pai e mãe e irmãos, então eles veem com bons olhos, eles viram que... que pelo pouco que eu fiz eu já consegui isso... eu não sei se eu tô conseguindo... É, eles veem isso com bons olhos, porque pelo pouco que eu estudei eu já consegui construir alguma coisa, e eles me incentivam, falam que eu evolui, os meus irmãos mais novos me mostram como exemplo, por exemplo.

P - Os seus pais costumavam acompanhar e ajudar nas suas atividades escolares?

A - Ninguém me ajudava. Minha família nunca me ajudou nas tarefas.

P - A visam que os seus pais têm dos estudos ficou diferente depois de você?

A: Acredito que sim, porque era é uma coisa muito abstrata no começo pra eles era algo absurdo eu lá do interior ter que me mudar pra o Centro para ficar indo e voltando todo dia para cidade grande para poder estudar, era algo meio assim, não inconcebível mas era diferente.

P: E a sua tia avó, mãe, essa mulher cheia de...

A: Ela... se eu não vou em casa no final de semana, ela fica louca. Ela me incentivava bastante, mas mesmo tempo quando eu falava de alguma dificuldade que eu tinha ela começava a reclamar... "não, desista disso. Isso não é para você não é melhor você estudar... é melhor você estudar na escola aqui que é próximo... mas não sei o quê", mas ela sempre ajudava em tudo que ela podia, assim não com palavras porque eu nunca fui muito de falar mas o resto no que ela podia me ajudar, ela ajudava sempre.

P: Então, na sua concepção, da forma deles, mas eles sempre te apoiaram?

A: Sempre. Meu pai inclusive teve... um... uma das motos que meu pai teve ele perdeu enquanto ele tava indo me pegar na parada. A parada onde, onde ele me pegava era, assim, bem estranha, ele tava me esperando um dia, chegaram dois caras e levaram a moto dele a gente ficou a pé lá... era a forma que eles ajudavam, eles não ajudavam com palavra, mas com gestos.

P - Há histórias de sucesso nos estudos no seu ambiente familiar?

A - Assim, é porque cada parcela pode ser considerada sucesso, né? É... foi uma coisa absurda a minha mãe, por exemplo, assim, foi algo muito grandioso pra ela quando ela concluiu o ensino médio, era um dos sonhos dela, ela queria, porque queria...ela queria concluir o ensino médio, então eu vejo como um grande sucesso. Foi algo que, assim, deixou... alegrou muito o espírito dela, depois que ela conseguiu concluir.

P - O seu pai não foi contrário a ideia dela estudar?

A - Não, nunca.

P - No seu âmbito familiar é comum achar que o ensino médio é o fim dos estudos?

A - Sim, sim. É... um dos meus cunhados, por exemplo, ele falava que eu deveria encerrar onde eu tava, no caso ensino médio técnico, para mim já era o suficiente... ele falava "homê, não vá fazer isso mais não, você vai ficar louco de tanto estudar, por exemplo. Sim, muita gente da minha família acha que é o fim. É suficiente e depois você tem que conseguir um trabalho aí viver do trabalho pro resto da sua vida, muita gente da minha família tem essa ideia.

P - E no sítio Barrocas, é comum pensar que o ensino médio é o fim dos estudos?

A - Sim, muita gente, muitos jovens de minha idade é... eles concluem e param por aí, eles não pensam muito em ingressar no curso superior, pouquíssimos pensam. E quando pensam, alguns... já teve casos... eles não são apoiados pela família, Um dos meus vizinhos ele queria muito fazer um curso de enfermagem, no caso superior técnico, técnico não, superior de enfermagem, era o sonho dele, ele falava que queria fazer, porque não ia conseguir passar em medicina, ele colocou isso na cabeça... eu acho que ele tinha capacidade de passar em medicina, mas só que a família não apoiava ele, aí ele teve que concluir o ensino médio e conseguir um trabalho.

P - Os seus pais já fizeram sacrifícios financeiros ou outros em benefício aos seus estudos?

A - Claro! Ficaram sem dinheiro para conseguir pagar minhas passagens, aluguel, fazem até hoje, se necessário for.

P - As passagens né? Você não conseguia pegar o ônibus ou de Barrocas pra Goianinha era um e de Goianinha pra Natal era outro?

A: Eram 2, no caso, do jeito que você falou, Barrocas pra Goianinha era um, mas só que tinha esse problema, né?

A gente, não tem ônibus que fica rodando direto, era um único ônibus que passa lá, no caso de Barrocas pra... pra Goianinha, pro centro e ele passava muito tarde, quando eu estudava de manhã, se eu tivesse lá... tá lá no interior eu tenho que acordar 3:30 da manhã para ir para o centro da aí quando chegasse no centro, no caso 3:30, tomava banho, me arrumava ia para o centro chegava no centro e pegava outro ônibus pra chegar no IF de 6:30 que hora que o ônibus público, no caso o escolar, que tem o escolar que deixa a gente... passava lá em Parnamirim, aí como não tinha ônibus pra ir me deixar no centro a maior parte difícil era do meu pai, ele tinha que acordar cedo e me deixar de moto e como, eu acho que dava uns 16/17 quilômetros, não não, uns 21 quilômetros, acho, lá do interior pro centro, não era um gasto assim enorme, mas já era considerável, gasolina já era caro na época. É... sem falar na manutenção da moto.

P - Por meio dos seus estudos, você sonhe em transformar a sua e a realidade social da sua família?

A - Sim, eu falei isso, é uma das minhas metas. É um dos meus objetivos, conseguir uma parcela, não sei, conseguir facilitar, porque o trabalho que o meu pai faz hoje, mesmo ele tendo outra alternativa, é muito desgastante para ele, sabe? Ele trabalha muito, muito, muito mesmo.

P - Você tem 3 irmãos mais novos, né, então assim, como você se vê... se vê ou pensa?

A: Eu não me vejo tendo obrigação, assim...

P - Eu não estava achando uma palavra... não é obrigação, né, é como você se motiva a incentivá-los?

A - É... eu... eu chego... no meu irmão, no mais jovem, ele gosta muito de tecnologia, assim como eu, eu cheguei a incentivar ele falando que eu dava meu computador para ele, como eu falei, eu gostava de competir e eu vi que isso é uma ferramenta ótima pra lapidar, assim, os meus conhecimentos. Eu ficava incentivando, falando se ele conseguisse chegar até não sei até onde, eu dava alguma coisa para ele, eu tentava subornar ele, para ver se ele criava o hábito e o interesse para ver se ele criava o hábito e o interesse...

P - Subornar?

A - É... subornar, perdão. É... pra ver se ele criava o hábito e o interesse, assim, eu acho que vai pausar. Mas, até agora ele não mostrou ter essa aptidão. Eu também não quero que ele trilhe o caminho que eu tô trilhando até agora, pode ser diferente desde que ele continue estudando, a gente tem, por lá, próximo, me deixa triste também, ver alguns meninos da idade dele, assim, parando os estudos com 10/12 anos e indo trabalhar.

P - Quem tem hábito de leitura na sua família?

A - É... A minha mãe, ela quase não lê, na verdade, além de mim a minha, as minhas duas irmãs mais velhas, elas gostam bastante de ler, é... elas leem por prazer mesmo, no caso, da minha família mais próxima, que eu lembre, as minhas duas irmãs mais velhas. Eu tenho um primo, um dos meus melhores amigos, ele tem um hábito fortíssimo de ler, ele ler... ele faz método de leitura, é meio louco, ele faz... tenta ler 3 livros por mês, alguma coisa assim, eu acho que esses, dos que eu me lembre são esses.

P - Eu, também, fui muito influenciada pelos meus irmãos mais velhos, principalmente pela minha irmã mais velha nessa questão do hábito de leitura, mas nunca a minha irmã disse assim "leia isso" ou "leia aquilo"

A - É... falando agora eu acho que a minha irmã influenciou sim, quando mais jovem ainda, quando eu tava no fundamental, todo mundo falava que ela era muito inteligente, a mais inteligente da família, não que eu quisesse competir, em momento algum, nunca passou isso pela minha cabeça, mas ela era vista como uma pessoa muito inteligente, ela tinha a ortografia bonita, eu nunca consegui, ela tinha uma ortografia muito bonita, a letra dela é muito bonita até hoje, ela gostava de ler, eu acho que eu cheguei a falar, né, agora, ela é umas pessoas que não gostava gostava gostava de ter o hábito, assim, frequente, frequente mesmo, mas ela era uma pessoa que lia revistas de novela, essas coisas, eu acho que de certa forma me influenciou sim, acabou influenciando.

P - No bairro onde você mora já teve casos de adolescentes envolvidos com criminalidade, álcool ou drogas?

A - Sim, é bem normal até

P - Lá em Goianinha?

A - É, já teve menino lá próximo que foi preso inclusive e solto depois, a mãe foi na delegacia né? Ele é de menor aí liberaram, já aconteceu, acontece bastante, não, hoje não mais, mas, já tiveram alguns casos sim.

P - Desses meninos, teve alguns dos seus colegas da infância?

A - Próximos não

P - Nem alguém da sua família?

A - Que eu me recorde agora, não

P - E aqui no bairro que você mora hoje?

A - Eu não tenho contato com ninguém daqui mas, com certeza tem, inclusive outro dia eu estava indo pra casa, depois que eu vim aqui pro parque correr na frente do parque e eu falei pro motorista do Uber que dava pra ir pela outra rua aí ele falou que era perigoso porque lá perto chegando no morro tinha quadrilha, aí eu falei, onde moço? Ali em Nova Descoberta perto do morro aí, era próximo de onde eu morava, estava morando, mas, que eu saiba eu não tenho contato e eu sou bem jovem na localidade.

P - E lá próximo à casa da sua mãe? Dos seus Pais? Você conhece caso de adolescentes que tiveram sucesso escolar assim, como você está tendo?

A - Acho que às pessoas que, às pessoas que visam assim continuar estudando eles visam mais a carreira militar foi o que aconteceu com um colega próximo lá, ele concluiu o ensino médio e ele decidiu ingressar em carreira militar, ele passou nuns concursos, eu acho que ele foi a pessoa mais bem sucedida de lá que, que eu me lembre agora, de próximo onde eu morava.

P - Ninguém mais? E na sua família?

A - É, próximo, próximo, ninguém, a minha família não tem hábito, cultura de, é uma família bem da roça, tem um pessoal da minha família que não é tão próximo assim que ingressaram em cursos superiores mas, é, bem distante, um primo meu que mora em São Paulo, na verdade alguns primos meus que moram em São Paulo, acho que um Engenheiro Civil se eu não me engano mas, próximo, ninguém.

P - Você falou, eu me recorde agora que você falou que foi, passou mais tempo criado por uma tia-avó do que com seus pais, esses tios-avós que você teve fazem o que?

A - Eles eram aposentados, os dois, mas antes eram agricultores.

P - Como é que seus pais veem assim, como é que eles estão vendo esse seu sucesso?

A - Eles ficam orgulhosos, meu pai principalmente né? Ele fica bastante feliz, ele não esperava assim, não estava no campo de visão dele, quando eu ingressei ensino médio ele não esperava que após o ensino médio técnico eu ia conseguir um trabalho na área.

P - Você hoje ganha mais do que seus pais?

A - Sim, acho que mais que eles juntos, inclusive.

P - Você considera que às pessoas mais pobres recebem tratamento diferente pelo fato de serem pobres?

A - É uma pergunta complicada. Depende do que você quer falar com esse tratamento, eu nunca tive problema, nunca sofri bullying por isso, entendeu? Mas, é uma realidade diferente, né? Às pessoas, por exemplo, eu acho que ninguém da minha turma por exemplo tinha que acordar de 4h30 (quatro e meia), da manhã para ir para a escola e chegava em casa às 23h00 (onze horas), da noite, mas.

P - Vamos um pouco além da sua turma, pensando politicamente, socialmente, a convivência nos diversos meios, por exemplo, questões de saúde, questões de escola, o que você acha?

A - Sim, bastante, só voltando bem rápido à fazer um paralelo entre minha turma, por exemplo, eu quando entrei lá eu tinha uma base mediana porque eu gostava de algumas coisas e estudava por conta própria mas, alguns outros colegas por exemplo, eles tiveram dificuldades até o terceiro ano sem se habituar, porque enfim, não tiveram um educação adequada no ensino fundamental e quanto a saúde é claro, né? A gente não tem acesso a saúde de qualidade.

P - Você considera que às pessoas mais pobres recebem tratamento diferente?

A - Sim, é em todos esses meios que eu falei, educação é bem, bem mais abaixo da qualidade de que uma pessoa de classe média por exemplo recebe, desde o ensino fundamental, no geral leva para a qualidade de vida, né? A qualidade de vida de uma pessoa com condição financeira mais baixas é bem pior, a saúde geralmente pessoas com, no caso eu, morava num sítio, não tinha saneamento básico, né? Era complicado lá onde a gente morava, se a gente tivesse um negócio lá ou estivesse morrendo ia ser complicado, não tinha hospital perto, geralmente é posto de saúde e acho que abre duas vezes por semana, algo assim, é uma situação bem diferente.

P - E são bem recebidos no posto de saúde?

A - Geralmente não, é um homem lá que fica ali, assina um papel e manda você embora para comprar um remédio, acho que ele está lá só por obrigação.

P - Como é que você chegou até aqui? Que dificuldades você teve que enfrentar, seus pais; por questões financeiras, por questões sociais mesmo.

A - Assim, a gente nunca passou fome, sendo bem, não sei expressar a gente não passou fome mas, chegou um período que estava complicado porque eram gastos absurdos pra nossa realidade na época, no caso acho que nessa época só meu pai estava trabalhando, certo, tinha minha tia e o meu tio com quem eu morava mas, ainda assim era complicado porque a família é enorme e tinham, existiam "N" despesas na época, as maiores despesas eram comigo porque eu tinha que ficar transitando de uma cidade pra outra, certo que eu recebia auxílio da escola, no caso alimentação mas ainda não era o suficiente.

P - Só alimentação? Qual o outro tipo de auxílio que você recebia da escola?

A - Eu fui bolsista de pesquisa e tutor, na época, o que ajudava bastante mas ainda assim não dava pra cobrir os gastos, como eu falei antes, logo depois eu tive que me mudar e só a minha bolsa não cobria o aluguel e minha alimentação, janta, café da manhã, era complicado, a minha mãe tinha que, no caso a minha mãe, minha tia juntavam esforços pra conseguir dinheiro pra ajudar nas minhas despesas e ainda assim era difícil.

P - Como você se sente em relação a isso?

A - Eu me sinto grato por eles, por tudo que eles fizeram

P - Isso lhe estimulava?

A - Sim, bastante, hoje por exemplo, falando de saúde, eu consigo pagar plano de saúde que cobre quase todo mundo lá de casa com o meu salário, quando tem alguma necessidade e eu posso ajudar financeiramente, eu ajudo, me sinto bastante grato por isso, pelo esforço deles.

P - A gente sabe que tem muitos alunos que por qualquer dificuldade eles desistem, eles se evadem da escola, principalmente quando é do interior até porque acorda de madrugada, porque o percurso é longo, porque dá sono, tem gente que dorme em sala, mas isso assim, nenhuma vez você pensou em desistir? O que lhe motivava a seguir em frente?

A - Eu sabia que ia passar em algum momento essas dificuldades, chegou um momento que eu pensei em desistir porque estava afetando a minha saúde, eu estava ficando muito ansioso porque eu estava dormindo pouco, eu estava acumulando atividade porque eu não estava conseguindo dormir, por consequência eu não estava conseguindo estudar e aprender às coisas e o que estava em salvando era café, tinha dia que eu tomava uma garrafa e meia de café, uns quase dois litros de café, nessa época eu pensei, acho que vou desistir, faltar e ano que vem eu volto quando estiver mais tranquilo mas foi dando certo.

P - E na escola você procurou ajuda?

A - Procurei, eu tive, no caso a assistência da ETEP, eles me aconselharam a procurar até psicólogo que no caso na época não tinham um psicólogo no campus, ele estava afastado ou algo assim, eles me direcionaram para o psicólogo daqui do IF central onde a gente está agora.

P - Você veio?

A - Não eu não vim, eu não me recordo na época, mas, eu não vim, foi só, eu decidi procurar ele só no momento de assim, no pico de estresse mesmo, eu estava absurdamente.

P - Não foi no médico da escola?

A - Fui, o médico eu usei bastante, médico, dentista, usava quase sempre da escola, sempre que possível eu usava.

P - Conversou com ele sobre suas dificuldades?

A - Conversei. Ele pediu pra que eu dormisse, fazer o máximo pra dormir, na época eu acho que ele falou, no mínimo 7, 8 horas por noite, eu não lembro agora, teve um dia que eu cheguei lá tremendo aí ele me recomendou remédio, pediu pra que eu tomasse suco rápido porque eu não tinha me alimentado, algo assim, sempre que tinha necessidade eu passava lá, no caso quando o médico não estava lá tinha enfermeira, a enfermeira estava quase sempre, eu sempre fazia uso do serviço sim.

P - Você passava o dia todo na escola?

A - Quase o IF todo e tinha dia que eu chegava de sete horas da manhã e ia embora de dez horas da noite quando fechava, chegava quando abria e ia embora quando fechava.

P - Chegava em casa que horas?

A - 23h30, 00h00 quando eu morava no centro.

P - No sítio?

A - Não, no centro, se fosse no sítio não dava para chegar não era chegando e voltando.

P - Você utiliza internet hoje? Mas e na época da escola, como você utilizava?

A - No começo eu não tinha internet, era impossível internet lá onde eu morava no sítio, hoje é bem mais fácil, um período até relativamente curto, cinco anos, já é bem mais acessível internet lá mas na época era impossível sim, eu usava basicamente internet do campus que eu estudava mas, a partir da metade do segundo ano do ensino médio, quando eu passei a morar no centro eu tive acesso à internet, a gente comprou roteador e assinou uma banda larga que tinha lá, local de onde a gente estava morando.

P - E conversava e conversa com os amigos pela internet?

A - Sim.

P - Acessa o que? O WhatsApp?

A - WhatsApp, não gosto de Facebook, nunca gostei, nunca fui fã da rede, basicamente WhatsApp, uso muito o Telegram, acho que só, no máximo Skype, mas era esporádico o uso.

P - Como é que são suas amizades hoje? Como é que você se relaciona com seus amigos?

A - Basicamente pessoas do trabalho, tenho bastante amigos no trabalho, alguns do IF que vieram, namorada que também foi, conheci no IFRé da época do fundamental assim que eu conheço desde criança acho que pouquíssimas pessoas, acho que duas e tem um amigo que eu nunca deixo de falar com ele mesmo depois que ele passou a morar em São Paulo, a gente se comunica bastante por WhatsApp e às vezes faz vídeo chamada mas, acho que só.

P - Quando você vai lá para o interior, lá para o sítio, lá para a casa dos seus pais, você faz o que?

A - Eu fico, é um momento que eu desopilo e esqueço de tudo, eu fico conversando, dormindo, é muito bom para dormir, eu fico levando bronca da minha tia, é divertido ficar lá.

P - Vai muito para lá?

A - Toda semana, quase toda semana eu vou, final de semana.

P - Tem amigos lá?

A - Só família mesmo

P - Tem rio, tem alguma coisa que você faça para se divertir?

A - Tem um açude, mas é um pouco longe, eu gosto de correr né? Eu não sei se eu comentei, eu gosto bastante de correr, aí eu calço o tênis, coloco o gps e vou correr perto da mata lá, corro uns trinta e cinco minutos, quarenta minutos e volto pra casa, é o que eu faço no final da tarde geralmente ou no começo da manhã, quando eu vou no sábado e fico até o domingo, aí domingo de manhã umas cinco da manhã eu acordo e vou correr perto da mata e volto pra casa depois.

P - E aqui, você também correr aqui em Natal?

A - Corro, em frente ao parque geralmente, na UFRN às vezes, eu também corro na academia e às vezes na Roberto Freire lá em Ponta Negra.

P - Quando você está em Natal, faz o que?

A - Trabalho, à noite eu fico estudando, durante o dia, né? Eu trabalho, fico estudando até umas dez, onde horas, depois vou dormir acordo de manhã antes de ir pro trabalho, reviso o que eu tenho que fazer durante o dia geralmente, isso nos dias normais mas, assim, quando tem algum evento, geralmente eu vou, vou pro restaurante com a namorada, essas coisas.

P - E cinema, teatro, essas coisas?

A - Sim, cinema, a gente vai quase sempre no cinema, acho que no mínimo uma vez por mês eu vou.

P - Já foi ao teatro?

A - Não, teatro não.

P - Já foi ao teatro ao longo da sua vida em algum momento?

A - Acho que já, no de Parnamirim, acho não, já, naquele de Parnamirim,

P - Você conhece outras cidades?

A - Conhecer outras cidades? Sim, se fosse opcional eu me mudaria pra João Pessoa, eu adoro a cidade João Pessoa, porque lá é complicado de conseguir trabalho na minha área, só se eu fosse trabalhar remoto pra fora mas, não é uma opção hoje, adoro a cidade, gosto bastante, conheço outras capitais também aqui do Nordeste, Fortaleza, Recife, eu odeio Recife, acho muito fedorento, acho que essas.

P: Nas olimpíadas que você participou, você viajou para participar de alguma?

A - Não

P - Gostaria de conhecer qual cidade?

A - Eu tenho vontade de conhecer assim, Rio Grande do Sul.

P - Qual cidade do Rio Grande do Sul?

A - A capital. Porto Alegre. É, eu tenho vontade de, assim, falam que é complicado, eu também tenho vontade de ir para o centro sul, no caso de conhecer São Paulo, acho que só.

P - E fora do país? Já teve vontade de ir para algum lugar?

A - Tenho, eu tenho, eu já fiz planos até, para um País diferente, eu queria morar na África do Sul, quando mais jovem, eu tenho vontade de conhecer Canadá, até, não sei, se possível morar lá, eu gosto do País.

P - Fale sobre suas preocupações, suas alegrias, suas tristezas, suas dificuldades e suas esperanças, vamos começar pelas suas preocupações, quais são às suas preocupações?

A - Eu tenho medo de ficar doente, eu não sei que termo usar, mas eu estou sempre fazendo, procurando fazer exame, eu tenho muito medo de ficar doente, acontecer um negócio comigo, o que me preocupa hoje? A minha tia, ela ficar só, boa parte do tempo, junto com o marido dela que é idoso,

P - Eles têm quantos anos?

A - A minha tia ela está com 65 eu acho e meu tio ele está com 83.

P - Eles não têm filhos?

A - Não, meu tio no caso, ele não tem a capacidade

P - Ele é incapaz por quê?

A - É um problema médico que ele tem, ele nunca falou, mas, ele, ele não consegue ter filhos, gerar. Eu tenho medo de ficar desempregado também por mais que eu esteja trabalhando hoje, boa parte dos professores ao passado falaram que seria melhor não procurar trabalho mas eu vi que era necessário, é um medo que eu tenho hoje mas enfim, não é uma das maiores preocupações porque na minha área tem bastante trabalho, o que me vem à cabeça é isso.

P - Tem medo de ficar doente de que?

A - Não sei, qualquer coisa, eu comentei mais cedo que eu estou com bactéria e quando meu olho começa a coçar eu corro logo para o médico, qualquer tipo de doença, eu quero me ver 100% o tempo todo.

P - Você já tinha isso quando era mais novo?

A - Não eu comecei a me preocupar de uns dois anos para cá, um ano para cá eu acho.

P - Você não recorda nada que possa ter desencadeado essa preocupação persistente?

A - Acho, talvez tenha relação com a descoberta que a minha tia é diabética e eu descobri logo depois que meu avô morreu por culpa da diabete, talvez tenha um pouco de relação. Eu por exemplo evito açúcar ao máximo hoje, depois disso, eu quase não tomo refrigerante, por exemplo.

P - Suas alegrias?

A - Principalmente minha família, eu fico bastante alegre quando eu vou visitar eles, eu acho que é a minha principal alegria, ver meu pai, minha mãe, minha tia, meus irmãos, minha namorada também ela me deixa bastante alegre, eu por mais que eu tenha procurado eu não fico muito contente com dinheiro essas coisas não, não falo da bora pra fora, realmente não me deixa alegre não, eu acho que é mais família, o que me deixa alegre é a família, amigos também, um momento que a gente está jogando vídeo game, falando besteira, divertido.

P - Você joga vídeo game com quem?

A - Geralmente no trabalho

P - Online?

A - Não, não, eu não sou muito bom a gente joga no Playstation que tem lá no trabalho, depois do expediente a gente fica jogando um pouco, mas, é bem raro.

P - E suas tristezas?

A - Eu acho que nenhuma, eu não tenho tristezas não, eu diria que, um pouco do meu avô depois que ele se foi, né? Me deixou abalado por um tempo, eu não era tão próximo dele, eu falei assim, mas, o meu pai ficou muito, muito triste quando ele morreu.

P - Como é morar só?

A - É complicado, não tem por mais que às vezes eu reclame do barulho quando eu estou querendo me concentrar, é estranho quando você está sem ninguém, mas depois se acostuma.

P - E como é que você se sente tendo que se cuidar sozinho?

A - : No começo era, era estranho porque não tinha a mãe, no caso a minha tia para falar, "menino vai tomar banho, vai fazer não sei o que, venha comer", não tinha isso né? Eu falei do caso, né? De quando eu fiquei sem comer por uns tempos? Ai depois eu fui me habituando, eu dava mais atenção aos sinais do meu corpo e comecei a ...

P - Quer dizer que quando você começou a morar só, você não comia?

A - Não, eu não cheguei a comentar? Eu comentei, acho que foi na primeira parte que um dia eu acordei e fiquei até, acordei umas seis da manhã, bem cedo da manhã e fiquei até umas três horas e meia concentrado lá em não comer, eu tive quase início de anemia, foi complicada a época.

P - Eu fico imaginando você numa casa sozinho, como é que você administra isso?

A - É, a maior parte do tempo eu fico no trabalho, né? E o resto do tempo eu estou concentrado fazendo alguma coisa e quando eu não estou fazendo alguma coisa eu estou no WhatsApp falando com ...

P - Quem cozinha? Você?

A - Quase nunca.

P - Mas você come onde?

A - Eu como nos restaurantes, a maior parte do tempo eu como em restaurante por aí, aqui no shopping, aí dificilmente eu cozinho alguma coisa, mas, eu sei cozinhar, o básico eu sei.

P - Mas na sua casa tem, tem fogão?

A - Tem, raramente eu uso o fogão, o que eu mais uso é o micro-ondas e eu acho que faz uns meses que eu não ligo ele.

P - Isso faz parte das suas dificuldades?

A - Não cozinhar?

P - Não, estar só e não ter quem cuide de você?

A - Acho que não é dificuldade mais, eu acho que já caiu a ficha e já estou bem habituado.

P - Então fale das dificuldades que você enfrenta

A - Hoje morando só?

P - É, e às dificuldades que também você enfrentou para chegar aqui, você já falou bastante sobre algumas das dificuldades, mas gostaria de saber mais.

A - É, uma coisa complicada na minha área que eu acho que posso encarar como uma dificuldade é que eu tenho que estar estudando quase sempre, eu sempre tenho que estar lendo artigo, procurando, isso né, como assim, um trabalho de um pesquisador, por exemplo, a gente tem que ler e tem que aprender o negócio rápido, porque tudo muda, é uma preocupação, meio que uma preocupação, uma dificuldade, eu acho que no âmbito trabalho é isso e também a pressão que na área da gente tem muito isso de subir de cargo e você tem que melhorar e desenvolver o que eles chamam de safety skills, tem que estar aprimorando isso, geralmente você não está afim e você recebe pressão, é uma dificuldade também no trabalho mas, no geral, no momento eu não passo por dificuldades mas, quando eu comecei a morar só eu passei sim porque tinha que comprar às coisas né? Senão, não ia dar certo, tinha que comprar cama, esses negócios, pagar aluguel, tinha que pagar calção que é caro três meses de aluguel adiantado, às dificuldades foram essas, financeiras.

P - O fato de você ter largado a Universidade só para trabalhar, foi difícil?

A - No começo foi porque eu estava bastante confuso, mas eu não vejo como um problema hoje, eu sei que não está distante de mim, eu sei que é uma coisa importante para mim e eu vou voltar, inclusive próximo semestre.

P - Você só trancou um semestre?

A - No caso na pré-matrícula eu tranquei

P - A gente tem essa possibilidade ou você tem que fazer ENEM de novo?

A - Eu vou fazer ENEM de novo

P - Vai entra no mesmo curso?

A - Não, lembra no começo? Eu estou focando num vestibular para fora

P - E suas esperanças?

A: Eu sou uma pessoa complicada em relação à futuro, eu vou vivendo e às vezes eu troco de ideia da noite pro dia assim mas, é continuar fazer o que eu tô fazendo, eu penso no futuro quem sabe se tornar professor, eu cheguei a comentar, né? Antes, Professor universitário, é um sonho que eu tenho, não muito longe disso, eu sonho em ter filhos como qualquer pessoa, se casar, já pensei em morar fora, mas nada longe disso.

P - Você disse que de certa forma sente a pressão, o seu trabalho é muito competitivo?

A - Competitivo, mas é meio que uma competição com você mesmo quando você entra nesse trabalho porque é meio que uma escadinha, né? Você entra pensando em ser promovido e quando você é promovido você pensa em ser promovido de novo e vai nisso, aí você tem que ficar procurando meios de aprender novas coisas, procurando treinamento, fazendo treinamento, procurando certificado e estudando diariamente, aprendendo idioma, indo pra reuniões, levando bronca, é meio que uma competição com você mesmo pra você conseguir evoluir e ser reconhecido um nível acima do nível que você está.

P - Você disse que já teve algumas crises de ansiedade, de preocupações?

A - Hoje eu estou bem mais equilibrado em relação a isso, é uma preocupação? É porque a gente tem que ficar se atualizando, não pode ficar para trás né? Mas, não é uma coisa que tira o meu sossego não, é preocupante? É, é estressante? É, mas não me mata, entendeu?

P - Como você se sente ao ir para a casa e não ter ninguém?

A - Eu já me habituei, como eu falei, eu sei que no final de semana eu vou ver a família, quando dá pra ver namorada eu vejo, a gente tá sempre falando no WhatsApp, hoje é tecnologia meio que, não é a mesma coisa de estar cara a cara, face a face mas, não é uma grande dificuldade hoje ficar só, pra mim.

P - Ficaria mais feliz se tivesse alguém lá?

A - Acho que sim, mas eu já me habituei.

P - O que sua mãe pensa disso?

A - Às vezes ela fica mandando mensagem para mim, "menino, venha pra casa, não vem pra casa não?", se eu atrasar uma hora ela "venha para casa, venha para casa, não sei o que", mas, ela também já está acostumada.

P - Ela não fica preocupada?

A - Não, não muito, acredito.

P - Obrigada por te colaborado com está pesquisa.

A - De nada, foi bom lhe ajudar.

Entrevista com o estudante 2 (C. S. Lewis)

Arquivo: E2 -Tempo de Gravação: 2 h, 53 min e 39 seg

Realizada em agosto/setembro de 2019

Identificação: L. C. M.

Vinte anos

P - Boa Tarde, este estudo tem a finalidade investigar a performatividade acadêmica dos estudantes usuários da biblioteca escolar: um estudo de caso num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro, com vistas a identificar o desempenho dos estudantes; conhecer o perfil sócio econômico e cultural dos estudantes que utilizam, efetivamente, a biblioteca; e verificar as motivações dos estudantes quanto ao uso da biblioteca.

P - Vou perguntar um pouco sobre os seus pais. Sua mãe tem quantos anos?

L - Ela tem 43.

P - Qual o nível de instrução dela?

L - Ensino médio completo

P - E a profissão dela?

L - É autônoma

P - E o seu pai? Quantos anos ele tem?

L - Ele é autônomo. Ele tem 42.

P - O nível de instrução dele?

L - Ele não completou o fundamental.

P - Mas eles fazem o quê especificamente? Trabalham como autônomo fazendo o quê?

L - Meu pai, no momento, ele tá trabalha numa padaria e a minha mãe faz faxina numa escola, faxina e merenda.

P - Quantas pessoas residem na sua casa?

L - Comigo quatro. Contando comigo quatro.

P - Quantos cômodos tem na tua casa?

L - Deixa eu ver. Área, sala, dois quartos, cozinha e banheiro, seis.

P - Você costuma ler? Ler livros, ler revistas, o que você costuma ler?

L - Não é um hábito muito frequente não, estou começando a ter esse costume agora, agora que eu digo é agora quando eu estou no IF, desde que eu estou no IF, porque só quando eu entrei no IF que eu tive acesso a um acervo assim diverso e aí aos poucos que foi surgindo o interesse por leitura, mas ainda não é um hábito frequente.

P - Você quando criança, costumava ler e ou seus pais liam pra você?

L - Não! Esse negócio de leitura só aconteceu quando eu vim pro IF, nem os livros didáticos da escola eu lia muito antes de vir pra cá.

P - É? Mas agora, você estando no IF, costuma ler?

L - Sim. Eu leio quando tem um tempinho, mas assim não é um hábito mesmo.

P - Você tem uma noção de quantos livros você costuma ler por ano?

L - Não sei não, mas leio. Menos de dez. Porque assim, livro pra, sem ser livro de estudo. Livro assim de literatura, foi bem pouquinho mesmo, eu li só uns três ou quatro.

P - Certo. Qual foi o seu primeiro contato com os livros literários?

L - Foi um trabalho que eu fiz que o professor de português passou quando eu estava no segundo ano aqui, que a gente tinha que ler um livro de Dias Gomes, O bem amado, e tinha que fazer um seminário sobre ele, aí eu li, achei interessante e era em formato de peça e eu achei bem legal esse formato aí depois eu procurei outros livros que tivesse, assim, esse formato.

P - Você gosta dessas peças teatrais, então?

L - É. Inclusive eu sempre quis conhecer o teatro, mas nunca consegui.

P - Os seus pais, então, não têm o hábito da leitura e você quando pequeno não lia?

L - Não, quer dizer, tem uma coisa que eu não citei, tem a Bíblia, né? Que a gente é de família religiosa, então minha mãe lê a Bíblia e eu também. Assim, a única leitura que eu fazia quando eu era criança.

P - Tem histórias bíblicas que são para criança, sua mãe costumava ler essas histórias bíblicas pra você?

L - Ela comprava uns livrinhos que contavam uma historinha resumida. Que ela achava que eu ia ter interesse. Era bem difícil, mas ela fazia, de vez em quando.

P - Mas, costuma-se comprar livros na sua casa? Mudou isso depois que você entrou no IF?

L - Não, eu nunca comprei um livro não. Os livros que eu li até hoje foi do IF. Eu acho que eu não compraria, porque, só se fosse um livro bem especial mesmo, porque depois que eu leio eu não tenho mais vontade de ler, porque eu já sei o que tá escrito. Eu já presto muita atenção quando eu estou lendo aí não dá vontade de ler de novo. Dizem que quanto mais vezes a pessoa ler melhor a pessoa entende a história, descobre coisas novas a cada vez que a pessoa vai lendo, mas eu não acho muito, assim, bom.

P - Mesmo sem esse hábito de comprar livro, mesmo com esse curto período de tempo DE contato efetivo com os livros, que importância os livros têm pra você, o que você pensa sobre eles, o que eles lhe trazem hoje?

L - Eles me trazem contato com um, pelo menos os livros que eu gosto de ler, me trazem um contato com um mundo diferente desse que a gente vive, numa coisa diferente, e o fato de ser uma coisa totalmente diferente da nossa realidade que me atrai, é esse tipo de livro que eu gosto.

P - Você sempre estudou lá em São José?

L - Sim, sempre estudei lá.

P - Em escola pública?

L - [Ele acena que sim, com a cabeça]

P - E quanto a biblioteca em si, o primeiro contato com a biblioteca que você teve foi com a do if ?

L - Bem, quando eu fazia o fundamental I tinha um espacinho pequeno que eles chamavam de biblioteca, tinha uns livrinhos lá infantis e de vez quando eu olhava lá, mas não dizia que eu gostava de ler não. Só via mesmo. A primeira biblioteca que eu entrei foi, sem ser essa, que não era biblioteca mesmo, era um espacinho que colocaram uns livrinhos lá, enfim, mas a biblioteca mesmo foi no fundamental II, o primeiro ano do ensino médio, que eu fiz antes do IF, que tinha uma biblioteca, eu acho que devia ser do mesmo tamanho dessa daqui sem contar as salas, do tamanho desse salão aqui, só desse salão aqui, devia ser mais ou menos isso, mas eu não tinha o hábito de ler livros lá não, mesmo porque era uma biblioteca muito barulhenta, aí não valia muito a pena não. Na época eu não era uma pessoa muito estudiosa não naquela época, eu mudei depois que eu vim pro IF mesmo.

P - Você teve um primeiro contato com um espaço de leitura no fundamental, teve outro contato com a biblioteca lá na sua cidade, já com um local um pouco mais estruturado e hoje você frequenta a biblioteca do IF, então como você ver a biblioteca, e qual a importância da biblioteca da escola?

L - Eu gosto da biblioteca porque é um ambiente de estudo que geralmente é um lugar silencioso, né? Pelo menos é pra ser assim, e como eu gosto de o máximo de silêncio possível para estudar ou mesmo para ler caso queira ler alguma coisa é, eu gosto de vir pra biblioteca por causa disso, que é um lugar silencioso, calmo, é bom para se concentrar.

P - No seu município tem biblioteca?

Lucas: Biblioteca assim? municipal? Pelo que eu sei não. Acho que nem faria sentido ter por que não existiria procura, não existiria procura pela biblioteca se tivesse.

P - Você acha? Você acha então que a biblioteca não é importante na vida da comunidade?

L - Não, eu estou dizendo assim, pro pessoal, para as pessoas de lá, porque assim, é, porque assim o interesse pelos livros parte muito da cultura, né? Particular da, de um grupo social e eu acho que as pessoas de lá não tem essa noção da importância da leitura, que ler é interessante, essas coisas, entendeu?

P - Você não acha que a cultura ela pode ser modificada? Ela pode ser moldada? Ter novos conceitos? Você informa que não teve contato com a biblioteca, antes do ensino médio, hoje, você a considera como um espaço importante. Será que você teria uma perspectiva diferente do que seja uma biblioteca, e também dos livros, se você tivesse tido essa oportunidade lá na infância, lá nos primeiros anos?

L - Não sei dizer. Quer dizer que eu posso mudar a cultura da população se eu coloco uma biblioteca lá?

P - Quem sabe? é isso que a gente quer imprimir.

L - Mas é isso que eu to dizendo porquê mesmo que colocasse, na minha visão, mesmo que chegasse lá e colocasse a biblioteca, as pessoas tinham que ter primeiro a noção da importância da leitura pra ir lá e procurar pelos livros, se as pessoas, as escolas onde eu estudei a gente não era incentivado a ler a gente não era incentivado

nem a estudar de verdade, os professores não davam aula direito, faltavam, tudo mais, faziam mais brincadeira do que dava aula, então não tinha seriedade, aquela seriedade que deve ter num ambiente escolar todo, então os alunos não são preparados para, não são preparados para essa vida aqui, acadêmica, desse nível aqui, entendeu? Eles não crescem, a gente não cresceu com uma noção da importância de se estudar de se adquirir conhecimento, dê, a gente não foi ensinado desde criança a montar uma carreira, ninguém perguntava o que a gente queria ser quando crescesse, se perguntava era porque, era até da boca pra fora mas, entendeu?

P - Mas na sua casa, como é que seus pais, veem essas coisas?

L - Do mesmo jeito, assim antes deu entrar no IF, a minha mãe se preocupava, eu moro só com a minha mãe desde os 8 anos, meus pais são separados, aí a minha mãe sempre dizia que eu, que eu tinha que me esforçar para tirar boas notas e ponto, mas é isso aí, o importante era tirar boas notas, não era aprender e ser, e ter conhecimento para ser bem sucedido na vida e tudo mais, era passar de ano, a importância era essa, essa é a importância da escola lá de onde eu venho, ninguém cresce querendo, aliás, ninguém não mas, pouquíssimas pessoas crescem já planejando um futuro profissional.

P - Para finalizar essa caracterização pessoal eu gostaria que você me dissesse assim, é sobre a sua vida mesmo, o que você mais gosta e do que você não gosta na sua vida? De uma forma geral.

L - Eu não sei, passo o dia todo em casa, quando eu não estou aqui, eu gosto de, não sei, é difícil, foi assim a minha adolescência todinha do mesmo jeito a mesma monotonia só que assim eu, eu sozinho acabei percebendo que, que tipo assim, as pessoas na minha família, os amigos tudo mais, que trabalhavam, já era grandes e tal, eles trabalhavam como autônomos ou era, sei lá, - numa fábrica de tecelagem ou era costureira ou era dona de casa e eu nunca quis um trabalho desse, eu nunca quis essa vida pra mim, aí eu acabei percebendo sozinho mesmo que se eu quisesse ter uma vida diferente eu ia ter que me esforçar muito eu ia ter que ter uma formação e tudo mais aí, é - , aí que eu fui percebendo sozinho a importância de estudar e a importância de obter conhecimento, por isso que eu quis entrar aqui no IF, e

P - Mas quem orientou você?

L - Porque, - é porque eu sabia que o IF como uma instituição Federal e tudo mais, é bem mais, é bem mais equiparado é bem equiparado é bem mais, leva mais a sério a sua função, né? Que é -, que é formar que é todos nós, é, pela própria fama do IF mesmo eu sabia que ia ser bem melhor do que estudar lá [na cidade onde mora]. Sim, eu não queria ter uma atividade informal, eu não queria ser como todo mundo da minha família, eu não queria ser costureiro ou consertar carro eu não queria trabalhar em padaria, nada disso, eu queria ter uma vida financeira estável, eu quero ter uma casa grande quero ter carro tudo mais, quero viajar, é esse tipo de coisa que eu quero fazer, e pra isso o conhecimento vai ser essencial, para ter um trabalho realmente que eu gosto.

P - Mas o que você gosta de fazer, enquanto pessoa?

L - Enquanto pessoa? Eu gosto de -, eu não sei do que eu gosto não, sei lá, passo o dia todo sem fazer nada a não ser estudar, minha vida é muito parada.

P - Você não namora?

L - Não.

P - Você vai à igreja?

L - Vou, ia né? Agora to indo menos, é, ah sim, sei lá um hobby né? Eu gosto de -, eu gosto de desenhar eu gosto de rabiscar, eu gosto de quando eu pego um livro assim, como eu já falei, não é um hábito mas eu gosto de quando eu pego um livro de ficar lendo lá aquela história e ficar imaginando na minha cabeça as cenas se passando, eu gosto de assistir filmes, eu gosto de assistir telenovela eu gosto de, e tem muita coisa que eu gostaria de fazer mas não posso, como por exemplo o teatro que eu falei, cinema eu só fui uma vez na minha vida, eu queria ir de novo, uma coisa que eu gostava demais antigamente era ir pra praia, piscina hoje em dia eu já enjoiei, uma coisa que eu não gosto, sei lá, é eu odeio bagunça, eu sou doido por organização e é isso, eu gosto muito de jogar jogos, xadrez, baralho esse tipo de coisa.

P - Como você gostaria que fosse a sua vida?

L - A vida que eu to [estou] buscando aqui, eu gostaria de já ter a vida que eu to buscando aqui, uma vida financeira estável, boa, confortável, ter uma casa grande ter um trabalho onde eu seja bem sucedido, que eu goste de estar fazendo aquilo, onde eu não fique parado direto entendeu? Que eu não fique ganhando uma miséria por mês, quero trabalhar naquilo que eu gosto.

P - Como essa situação financeira e esses pais que se separaram afetaram você, no seu trajeto?

L - Eu nunca gostei desse negócio de eu querer fazer alguma coisa, de eu querer alguma coisa, seja física, seja, qualquer coisa, de querer fazer alguma coisa e não poder por conta da questão financeira, eu fico revoltado toda vez que acontece isso, tipo assim, eu quero ir ali comprar um biscoito e não tenho, não tenho dinheiro pra comprar, eu fico com raiva demais disso, quero conhecer tal lugar, queria viajar pra tal lugar, não pode, eu não tenho celular até hoje, por quê? Por causa da questão financeira, é que quero mudar isso na minha vida eu não quero ter que ficar juntando dinheiro todo, todo dia todo mês pra conseguir comprar um par de sapato na esquina, sei lá, essa, a minha questão financeira me incomoda muito, sinceramente e a questão da separação dos meus pais é, eu não sei, no começo foi um pouquinho complicado mas hoje em dia eu já me acostumei já, foi com 8 anos que eles se separaram, a relação deles tá conturbada até hoje, acho que, acho que também por isso é que eu nem quero casar, porque só de pensar em correr o risco de acontecer uma coisa que tá acontecendo agora.

P - Qual período você está cursando agora?

L - O quarto

P - Então esse é o seu último ano. Vamos para mais uma pergunta. Você gosta de estudar?

L - Eu gosto de estudar coisas que me interessam, se for dizer assim de modo geral, não eu não gosto não, eu gosto de estudar coisas, eu gosto de procurar por informações que sejam relevantes pra mim, tipo assim, por exemplo, eu quero fazer uma faculdade na área da biologia, então não tenho interesse por exemplo em português, em matemática, por mais que eu saiba que tem matemática lá também, é, entendeu? Esse tipo de coisa, eu gosto de estudar coisas que me despertam interesse, tipo assim quando tem um trabalho pra fazer que não é de um assunto que eu gosto eu nem faço com vontade porque pra mim não é uma coisa importante, aquilo não é uma coisa que vai agregar um valor a mim, entendeu? Não vai fazer diferença.

P - Você falou das disciplinas que não gosta. Mas quais são as que você gosta? Qual a matéria que você mais gosta?

L - A que eu mais gosto é biologia, eu gosto de biologia, química, matemática e deixa eu ver, eu gosto de filosofia, inglês não que eu não porque eu ache muito interessante mas é eu quero saber mesmo falar inglês, não é que eu ache fácil mas eu quero mesmo aprender inglês e um pouquinho de filosofia também, eu gosto.

P - Você falou que seus pais não davam tanta importância ao que você estudava na escola, mas porque você frequenta a escola?

L - Então minha mãe, a minha mãe como eu falei ela completou o ensino médio, então ela toda vida queria que pelo menos o ensino médio a gente tivesse, porque assim, se uma pessoa, só tem o ensino médio que nem a minha mãe já tem certas dificuldades aí no, no mundo do trabalho, imagina uma pessoa que não tem, como meu pai, por exemplo, que nem chegou no ensino médio, então assim, pelo menos completar o ensino médio era, era a meta, aí tipo assim, como eu falei ir pra escola era uma coisa que você fazia porque todo mundo fazia, todo mundo fazia então bora lá fazer, é tipo isso, mas assim - - aí como eu falei eu fui descobrindo sozinho que aquele ambiente ali que tá ali que tá estudando adquirindo conhecimento era uma coisa que realmente importava, é era importante para o meu futuro e aí como eu sabia que continuar lá não ia valer a pena me formar lá não ia valer a pena porque eu não ia me formar com todo o conhecimento que eu deveria ter eu resolvi vir pra cá, e eu passei um sufoco aqui, eu cheguei aqui sem base nenhuma, cheguei aqui, a maioria dos meus colegas sabiam de muita coisa já do conteúdo fundamental e eu tive que ir correndo atrás das coisas.

P - O que você aprende na escola ajuda no seu dia a dia?

L - Ajuda, porque eu desenvolvo, desenvolvi senso crítico, comecei a questionar mais as coisas eu presto mais atenção nas coisas, é noção de responsabilidade também, tudo isso e a própria o próprio interesse mesmo pelos estudos se desenvolveu mais ainda quando cheguei aqui, porque antes a pessoa acha que é de um jeito que as coisas, que o mundo funciona de uma forma, quando você chega aqui você vê que é bem mais complicado que o mundo é mais difícil, antes de vir pra cá assim, nem nunca, antes de vir pro IF eu não sabia o que era um mestrado o que era um doutorado, não sabia, não tinha esses conhecimentos, entendeu? Eu só achava que eu tinha que me formar no ensino médio entrar na faculdade formar que já ia sair direto pro trabalho, aí quando eu chego aqui eu vejo que tem muito mais detalhes, que a vida é muito mais complicada.

P - É, a vida acadêmica, você hoje tem uma visão que pode ser bem diferente dos seus pais e aí, como é que eles vão compreender você?

L - Não, eu entendo isso porque na época que minha mãe foi estudar, era, era muito complicado ela é, ela é, ela tem sete irmãos e tinha que, teve que parar a escola com treze anos pra trabalhar a ajudar em casa, e ela foi completar o ensino médio ela já estava casada com os três filhos já, eu lembro até hoje ela me deixava, ela deixava nós três, os filhos dela com uma prima, umas primas nossas que eram mais velhas, hoje estão até casadas já e

ia pra escola, uma escola perto, bem pertinho lá de casa tipo, daqui pra o portão lá da frente, bem pertinho que eu estudei lá inclusive também, ela estudava lá à noite, lembro até hoje ela saindo com o caderno todo arrumadinho pra ir pra escola, dava orgulho.

P - Você hoje tem uma visão muito diferente. Assim, o que você espera da escola?

L - Eu espero que eu consiga tudo que eu quero, né? Consiga cumprir os meus objetivos, que a escola é o lugar onde eu vou adquirir a base necessária pra seguir em frente, tipo assim, na escola eu adiquiro uma formação que vai me ajudar lá na frente a comprimir as minhas metas. É, pra mim é essa a função da escola.

P - Como a escola pode mudar sua vida?

L - Como assim?

P - Você traçou um percurso e espera que a escola esteja apta a colaborar com seus anseios, porém como ela pode mudar a sua vida? Porque você esperar é uma coisa, e o que ela lhe proporciona pode ser outra.

L - Complicado isso de responder, não sei eu acho que pra escola cumprir, porque assim pra mim isso que eu falei é o objetivo da escola, pra escola cumprir seu objetivo ela tem que se preocupar em estar cumprindo seu objetivo, eu estudei em escolas onde os professores não se preocupavam, eu digo a escola mesmo, de modo geral, não se preocupava em cumprir seu objetivo de, se os alunos estavam se agarrando no meio do corredor não estavam nem ai, deixa lá brigando não sendo na frente da diretoria fazendo barulho estava ótimo, entendeu? É se o povo levava droga pra escola, talvez até se levasse arma, sei lá um dia uma menina parece que apareceu lá com um canivete brigou com a outra.

P - Então eu vou mudar a pergunta. Essa escola está modificando a sua vida?

L - Modificou muito, está modificando muito porque é uma escola totalmente diferente das escolas onde eu estudei.

P - Mas modificou mais em que? Como é que você sentiu essa mudança? Em que aspecto?

L - Seriedade, assim, ver as coisas de um modo, de um jeito mais sério, responsável, é, realista e é isso aí, objetividade, ver às coisas de um modo mais realista e é isso. E muito da questão social também porque aqui, às pessoas aqui elas se relacionam de uma forma muito diferente do lugar que eu venho, entendeu? Cosias simples, por exemplo, é, não existe toda essa preocupação, por exemplo, quando meu colega morreu, meu colega faleceu, o jeito com que as pessoas consolavam umas às outras, entendeu? A preocupação que cada uma tinha com a outra, isso é uma novidade pra mim na escola, porque geralmente às pessoas estão, não estão nem aí, entendeu? Pois é, é isso mesmo quando aconteceu o ocorrido ai vieram um bucado [vários] de professor dizendo olha, se precisar me procure pra conversar, não sei o que, servidores preocupados, as escolas onde eu estava não eram assim, não tinham essa preocupação, professor só chegava, falava qualquer besteira, saia pronto, recebia o salário no fim do mês e a gente, buscavam só transferir o conteúdo, quando faziam isso, mas assim, formar mesmo cidadãos de bem, não, não havia essa preocupação, aqui já existe isso.

P - Apesar de ser uma escola técnica, a gente tem a missão de promover essa formação cidadã, se a gente quer formar cidadão a gente precisa ter empatia e isso é uma coisa que a gente não pode repassar falando, a gente tem que repassar fazendo, acho isso que você falou muito interessante.

P - Você deu um exemplo de quando faleceu um colega, você falou sobre isso com alguém?

L - Eu falei isso com um colega meu, que essa diferença entre esse mundo e o meu mundo, é, assim.

P - Você já está no quarto ano, foram quatro anos, porque a gente está no segundo semestre, mas você aprendeu muita coisa pelo que eu percebo.

L - Dos conteúdos da sala de aula ou?

P - Não. Você não aprendeu só conteúdos, você aprendeu a ser cidadão, você aprendeu que existe o teatro, você aprendeu que existe um monte de coisa ai que você não conhecia, mas como é que você utiliza esses conhecimentos? O que você aprende aqui na biblioteca, considerando que ela é um espaço de interação? Você não reproduz o que você aprendeu pra ninguém?

L - Eu tento mas às vezes não sou bem visto não, tipo assim, é porque como são formas de interação muito diferentes, tem coisas que você faz aqui que são comuns que se você fizer lá é, o povo vai estranhar, vão dizer "oxe, que negócio é esse", é, tipo assim, é, sei lá, quando eu vou, quando eu aprendo um conteúdo novo na sala de aula aí eu chego, eu acho aquilo tão curioso que eu chego em casa doidinho pra dizer o que eu aprendi, mas o povo não ta nem ai entendeu? Porque não tem, não agrega em nada pra eles, eles não entendem, um dia desses eu fui, um dia eu fui explicar pros meus tios, como é que, porque às coisas tem cores, porque a reflexão da luz, né? Física, eu fui dar aula de física pra eles e não estavam entendendo nada, é coisas de questões sociais também, tipo assim, aqui é sei lá, se um homem no meu mundo lá, se um homem dá um abraço no outro é porque já é gay, entendeu? Já tem essa visão se um homem e uma mulher estão muito próximos é porque estão afim um do

outro, é esse tipo de coisa, coisa bem rudimentar mesmo que me dá raiva e que eu concordava com isso antigamente, mas quando cheguei aqui que é, essa escola meio que abriu a minha cabeça pra essas coisas, comecei a ver as coisas de outra forma aí agora eu não penso mais desse jeito, antigamente eu era assim, achava que às pessoas, eu achava que o menino e a menina não podia ficar tipo, eu to sentado aqui no chão do corredor e a menina ta aqui sentada no meu colo, a gente ta [está] só conversando, amigos, tá só conversando, isso não era normal, pra mim, agora eu to [estou] vendo como normal, entendeu? É eu fico transitando diariamente entre dois mundos completamente diferentes.

P - Vamos finalizar por hoje, continuaremos no próximo encontro.

P - Com que idade você começou a sua vida escolar?

L - Acho que foi com uns quatro anos, eu não lembro a idade certa que comecei a estudar, mas - eu comecei na idade certa, não comecei tarde não.

P - Então teve pré-escola?

L - Tive.

P - Quais fatores na escola contribuíram para o seu sucesso?

L - Não sei se eu tenho sucesso não, sei que estou no caminho. Eu nunca me conformei com a minha realidade, eu sempre quis mudar, nunca me conformei de ter a vida daquele jeito, com aquelas limitações. Eu quero ter a vida, a minha vida do meu jeito, quero montar a minha própria realidade, quero que as coisas sejam do meu jeitinho, sem ter que ficar debaixo de certos limites [pigarrou] por que não tem dinheiro para fazer isso ou porque, ou porque sei lá, quem é cristão não faz isso, é esse tipo coisa, esse tipo de limitação, quero refazer, construir a minha vida do jeito que eu quero que ela seja, e aí uma das coisas que estão dentro desses objetivos é melhorar -- é aquilo que já falei para conseguir uma vida melhor só através dos estudos mesmo ai como eu tenho ciência disso eu não me deixei levar por outras coisas.

P - Houve apoio e estímulo dos professores, colegas e direção no seu percurso acadêmico?

L - Não acho que só a força de vontade.

P - Houve amigos no seu percurso escolar que não obtiveram sucesso e se desvirtuaram do caminho dos estudos?

L - Muitos, bastante, teve meninas que engravidaram e saíram, teve gente que só largou mesmo porque cansou e foi fazer outra coisa, teve gente que concluiu, mas não vai avançar, só chegou no ensino médio e parou, que nem a minha mãe, por exemplo, e pronto. É, porque é isso, por que não tem o desejo de progredir mais, quer só terminar a escola e fazer outra coisa, acho que a maioria é assim, tem muito pouca gente, de onde eu vivo que chega na universidade, muito pouca gente.

P - O seu ensino fundamental foi cursado em escola pública ou escola privada?

L - Em escola pública

P - Com relação ao seu desempenho acadêmico desde o ensino fundamental, já houve reprovação?

L - Sim, antes de entrar aqui no IF eu já tinha feito o primeiro ano, e nesse primeiro ano eu reprovei em duas matérias física e química, eu reprovei só que eu fui aprovado do IF, aí isso não fez tanta diferença não, eu já estava no ensino médio, se eu tivesse no nono ai que teria problema, eu teria que repetir o nono e aqui não tem nono.

P - Você fez mais de um exame de seleção para entrar no IF?

L - Eu fiz duas vezes, uma no nono ano eu fiz PROITEC e exame de seleção, nos dois anos, primeiro nono ano em 2015, não 2014 e depois em 2015, aí quando foi em 2016 eu comecei aqui. Na primeira eu fiz pra outro curso, mas era muito concorrido e eu não passei.

P - Você teve apoio de um professor ou outro profissional na escola em especial durante o seu percurso acadêmico?

L - Não, acho que, ninguém que me ajudasse assim diretamente não.

P - Ao ingressar no IF, você teve alguma dificuldade na aprendizagem dos conteúdos curriculares? E como as superou?

L -Tive bastante, por que eu não tive base lá fora. Eu ficava direto perguntado a colegas meus que eu sabia que tinha mais facilidade, que conheciam mais, até hoje ainda faço isso, na verdade, só que hoje eu faço menos, mas naquela época eu corria muito atrás de gente que entendia mais, corria trás de vários monitores, ficava indo para CA⁴ de matemática. De vez em quando ficava conversando com professor depois da aula, isso quando era uma

⁴ As avaliações deverão ser aplicadas em módulos, agrupando as disciplinas de forma similar aos períodos letivos que compõem a matriz curricular do curso, devendo ser reservado, anteriormente a cada avaliação, período de uma semana para o **Centro de Aprendizagem**, no qual os candidatos poderão receber orientações para as provas.

matéria mais difícil e quando eu sabia que o professor não ia se incomodar em ficar mais tempo. Em geral era isso eu perturbava muito o monitor e ficava conversando como o professor sobre o assunto, gastava 95% do meu tempo, do dia, estudando, vendo e revendo os conteúdos pra não só aprender o que estava sendo passado, mas para entender o que devia ter sido passado para mim lá atrás, mas não foi, para conseguir entender melhor o que estava sendo passado agora, é tipo assim, a base que não tive no ensino fundamental eu procurei aqui, quando eu cheguei aqui no primeiro ano foi que eu comecei a correr atrás dessa base que não tive lá fora, por que foi quando eu cheguei aqui que percebi que não ia ser nada fácil chegar lá aonde eu quero chegar.

P - A biblioteca contribuiu de alguma forma para isso?

L - Sim, porque a minha fonte de conteúdo de estudos era todinha aqui.

P - Além da biblioteca como espaço de estudos, ela também lhe proporcionou um espaço de socialização?

L - Também, por que a gente, estão jogando uno [aponta um grupo de alunos que estão jogando dentro da biblioteca], rola conversas durante a própria elaboração de trabalho, por exemplo em grupo que a gente senta aqui nessas mesas, a gente acaba conversando sobre outros assuntos, então contribui [pigarrou] é contribui.

P - Gostaria que você falasse sobre a importância dos serviços oferecidos pela biblioteca e quais os que você costuma utilizar.

L - Os serviços? Como assim? Saber se é bom, se é ruim pra mim?

P - Sim. E qual a importância?

L - Pra mim são muito importantes porque sem os serviços da biblioteca não tem a biblioteca, né? É - - eu não sei o que falar, porque pra mim é tão óbvio, sei lá - - o uso dos computadores que é importante, nem toda biblioteca tem, né - - computador, ainda bem que tem aqui, porque pra quem não tem acesso a internet, como é o meu caso, em casa eu não tenho acesso a internet, facilita bastante já a vida e o tamanho do acervo eu acho legal também é bem diverso, embora pudesse ter alguns, pudesse aumentar aí o volume em algumas áreas, é... as salas de estudo também é interessante a ideia, embora a configuração atual não esteja muito boa, porque fica uma sala do lado da outra, tem uma sala individual do lado de duas salas em grupo, que são as que fazem barulho, sendo que o pessoal da individual precisa de silêncio, aí não deu muito certo, não achei muito inteligente não isso aí, e em questão de atendimento... o atendimento é ok também, não tem nada muito impressionante não, mas é ok. é importante, porque sem o atendimento a gente fica perdido aqui.

P - Os serviços online, pra você, eles não têm importância?

L - Os serviços online? Não, é bom, é bom pra quem tem internet em casa, mas no meu caso eu não tenho mesmo, então...

P - Mas você tem computador em casa?

L - Não

P - Então, o que você costuma mais utilizar?

L - Eu costumo mais usar o computador mesmo. e o empréstimo.

P - O que você objetiva alcançar com seus estudos?

L - Estabilidade financeira e conquistar sucesso profissional, ser bem sucedido naquilo que eu quiser fazer e eu sei que pra isso preciso de uma carga de conhecimento, como eu já falei no outro encontro e essa carga de conhecimento eu só consigo aqui na escola, e a escola ter uma biblioteca é muito bom porque a biblioteca tem como se fosse um anexo de conhecimento onde eu posso estudar e absolver melhor os conteúdos, enfim, aprender mais e poder ter mais chances de me dar bem lá na frente, profissionalmente.

P - Quais são as suas expectativas acadêmicas futuras?

L - Eu não escolhi ainda não a minha profissão, só sei que eu gosto da área da biologia e eu pretendo ingressar nesse ramo aí, nessa área.

P - Vai fazer ENEM?

L - [acenou, com a cabeça, concordando]

P - Já fez a inscrição do ENEM?

L - Já. Só esperando o cartão de inscrição sair.

P - Então pretende ingressar numa universidade pública?

L - Sim. Universidade pública federal.

P - Nós vamos passar pra outra dimensão, que é a dimensão familiar, mas antes de passar para essa dimensão, se você tivesse alguma coisa para colocar dos outros dois encontros que a gente conversou, se tem alguma coisa que você acha que não falou, ou poderia ter expressado.

L - Eu acho que não tem não.

P - Então vamos para dimensão família. Você mora junto com os seus pais?

L - - - Meus pais e dois irmãos.

P - Os irmãos são mais velhos ou são mais novos?

L - Mais novos.

P - Então você é o primogênito. Você tem sido um exemplo para seus, ou melhor eles estão seguindo esse caminho que você tem trilhado?

L - Não, eles não ligam muito não. Como eu falei, a minha família não tá nem aí pra esse tipo de coisa não, porque lá é um universo e aqui é outro. Pra eles não é importante tudo isso que eu tô fazendo, que eu tô planejando aqui. Pra eles existe outras prioridades.

P - Mas você não consegue conversar com seus irmãos a respeito de como é esse mundo do conhecimento, de como você consegue...?

L - Não

P - Eles têm que idades?

L - Tem 15 e 12. E só estudam. o de 15 faz o ensino médio

P - Ele não quis estudar no IF.

L - Ele ia tentar, mas não deu certo não. E eu acho que ele não ia dar muito certo aqui não, porque ele acha que aqui é de um jeito, mas não é. É muito mais complicado.

P - Então fale aí um pouco sobre a sua família. Como é a sua família?

L - Minha família é de origem bem simples, é -- assim, eu sou mais próximo da minha família materna do que da paterna, porque os meus pais se separaram, né? Aí eu convivi só com minha mãe desde os 7, 8 anos. É -- veio do campo, morando um tempo em São Paulo, aí vieram voltando pra cá, ficaram lá na região de montanhas, e aí depois de um tempo vieram aqui pra São José e ficou uma parte ainda lá em São Paulo, aí tá espalhada aí por várias partes do Brasil. Mas a maior parte tá concentrada aqui em São José, é -- e é uma família de origem bem simples, minha avó teve 8 filhos, contando com minha mãe, minha mãe é antepenúltima, é a número 6. E são de origem bem simples mesmo, minha avó -- eles cortavam cana-de-açúcar quando minha mãe era pequena, eles cortavam cana-de-açúcar com a minha avó o dia todo pra conseguir se sustentar, meu avô, que já é falecido, sempre trabalhou no campo, quer dizer, quase sempre, né? Porque depois de um tempo quando, é -- veio, quando os filhos cresceram, que conseguiram formar família e já se estabelecer melhor, é -- ele passou a -- eles ficaram mais, os avós, né? Começaram a depender mais um pouco deles, porque, né? Também, estavam idosos, e ele antes de morrer trabalhava mais, gostava muito de trabalhar limpando sítio, área de campo, ele gostava de trabalhar com isso. Aí a minha família é mais assim, é -- tem umas tias que é costureira, é -- tem um tio que é mecânico, mecânico não oficialmente, assim, ele tem só conhecimento mesmo, é -- tem um tio que é entregador de bujão de gás e esse tipo de coisa, nesse nível aí. É -- a família que desde cedo passou por muita dificuldade financeira, por isso que minha mãe precisou deixar a escola com 13 anos pra ajudar a trabalhar, teve que arrumar emprego. E, como eu falei, ela terminou o ensino médio quando já estava casada, com os 3 filhos já, é -- é isso aí mesmo. Acho que só isso.

P - E os seus primos?

L - Meus primos, eles -- a maioria são meninas, eu acho que a maioria tem a minha idade já. Ou então mais novos. É -- eu não sou muito próximo deles não, a gente não é muito próximo não, então não tenho muito o que falar.

P - Não tem nenhum morando em São José?

L - Não. Boa parte, a maior parte da família tá em São José. É porque a maioria desse meus primos, pelo menos dos que eu conheço, porque a minha família é tão grande que eu nem conheço todo mundo, os que eu conheço, a maior parte, é -- tão em São José e moram com os pais, mas a gente ainda assim não é muito próximo não, é -- eu ia dizer uma coisa e agora eu esqueci, perai (espera um pouco), deixa eu me lembrar, é -- ah não sei não, esqueci agora. Ah! Nenhum deles, todos eles estão estudando, né? Mas, nenhum tem esse objetivo de ter uma carreira, de trabalhar, de estudar, não, completar a escola é mais uma questão de fazer porque é o certo a se fazer e ponto, acabou a escola e aí vão arrumar um trabalho qualquer.

P - O que você acha que eles pensam quanto essa questão "acabou a escola"? Como é essa finalização?

L - Eles só terminar a escola é uma coisa que faz porque tinha que fazer, ninguém -- Até completar mesmo o ensino médio. Eu só tenho um primo que é, que é formado em universidade. Ele se formou em educação física há alguns anos, eu acho que foi em 2012, mas só ele. Ele mora em São José. Mora perto da casa do pai lá. Ele é filho da minha terceira tia mais velha, terceira filha da minha vó. É sobrinho da sua mãe.

P - E os parentes por parte de pai, você não tem contato nenhum?

L - Não tem, eles moram lá também, no mesmo bairro. -- A distância eu acho que é ainda maior, porque como é da família paterna, e eu já não sou muito próximo do meu pai por conta da separação, aí acaba refletindo também, é -- também porque a minha família materna 95% é evangélica e religiosa, aí a outra parte não, minha família paterna já não é, só minha avó paterna só que é, mas o resto não, aí isso já também deixa um pouquinho distante. E é isso.

P - Fala um pouquinho dos seus avós assim, como é que você conviveu com eles?

L - Eu também não cresci muito perto deles não, porque -- sei não, nunca pensei nisso não, assim, minha avó e meu avô, eles tinham um sítio, lá no nosso bairro, que é até perto de casa, eles moravam lá, era um aluguel que eles pagavam lá, aí a gente, eu e meus -- quando eu era pequeno, mas pequeno mesmo, eu ia com os meus primos e a gente ficava brincando lá a tarde toda, é -- fazia reunião de família, almoço, tudo lá, aí aquela coisa, aí como era um sítio cheio de árvore, eu lembro que a gente gostava de subir nas árvores, tinha um cajueiro lá com um galho quebrado lá que balançava que a gente fingia que era um barco a gente ficava pulando em cima, porque ele fazia um movimento assim, é -- mas depois que eles saíram do sítio aí não teve mais essas confraternizações não, só em festa mesmo, só no Natal e Ano Novo, só. Meus avós, eu não -- a gente não tinha o hábito de visitar a casa da avó não, pelo menos não até uma certa idade, até quando eu era pequeno mesmo, antes dos 10 anos, de vez em quando minha mãe levava a gente pra visitar, eu lembro que, eu lembro que tinha várias, quase todo dia tinha uma reunião na casa da minha, dos meus avós, isso materno né? Família materna. Quase todo dia tinha uma reunião na casa dos meus avós, porque eles debulhavam feijão, você conhece isso? [concordei acenando] Pronto! Eles debulhavam feijão, né? E aí - todo mundo ia lá ajudar, aí todo mundo tirava a tarde toda conversando, aí aquela coisa, mas depois que eles pararam de fazer isso, por conta da idade que não dava mais, aí também parou, minha tia que ficou fazendo isso, mas depois minha tia parou também, aí parou as desculpas pra se reunir, então não sei -- aí quando eu fui crescendo que fui, que fui adentrando aqui nesse mundo, aí eu fui me distanciando mais, porque eles pensavam de um jeito, eles queriam uma coisa, e eu queria outra totalmente diferente, a gente discordava, discorda em muita coisa, mas não é que tenha briga, mas eu discordo das ideias aí, tipo, não tem relação.

P - E quanto a religião, você tá dizendo, de uma certa forma, que o percurso religioso das famílias as afasta? Como é que você explica isso?

L - Eu acho que os meus pais foram um pouquinho negligentes, quanto -- pouquinho não, foram bastante negligentes na questão de manter a relação entre as duas famílias, porque o que aconteceu foi que eles tiveram as suas razões pra se separar, mas nunca houve uma preocupação em manter, manter tipo assim, um uma relação mesmo entre eu e meus primos, entre mim e os meus tios, entendeu? Ficou como se fosse uma briga, que separou as duas, entendeu? Aí eu acho que a questão da religião foi uma coisa que separou ainda mais, porque na visão de quem é cristão, mas daquele cristão bem exagerado mesmo, sabe? Daquele roxo que chama. Porque, tipo assim, quando eu era criança minha mãe não deixava eu -- eu sair pra brincar com os meninos da minha idade, os primos da minha idade, por exemplo, porque eles moravam em casa onde pai era -- um dos pais costumavam fazer festa pra beber, pra fazer esse tipo de coisa, entendeu? Aí criança que ficava naquele âmbito não era interessante, não era legal. Fora o próprio fato de uma pessoa ter uma religião diferente já impossibilitava que pudesse ter uma relação próxima, não é que eu tivesse que odiar eles não, mas não podia, não permitia a aproximação. A gente sempre frequentou a Assembleia de Deus. E os que são religiosos da minha família paterna, são católicos, mas ainda assim não são aqueles bem praticantes mesmo, sabe? Aqueles que realmente aderem aos dogmas, minha família que é assim e exagera muito.

P - O que você que tem dos seus avós, o que você recorda deles? Alguma coisa, de materno, de paterno, que faz você lembrar deles?

L - Eu acho que o humor mesmo, minha família é bem-humorada. Os avós maternos, são bem-humorados, dos outros dois eu não posso dizer nada, porque como eu praticamente não convivo. Todos tão vivos, o único que morreu foi meu avô materno.

P - Não tem vontade de visitar seus avós?

L - Não. Eu não tenho não. Nesse dia dos pais mesmo, meu pai me chamou pra ir almoçar, eu não quis não, porque não é próximo, aí fica estranho, sei lá, eu fico estranhando, aí eu não ia me sentir confortável não.

P - Você precisa pensar sobre isso depois. Mas então, voltando a família, falamos de como é a sua família e você falou pouco sobre sua mãe, já que ela que é a responsável, provedora. Como é que você vê a sua mãe?

L - Ah, eu amo demais ela. Eu vou chorar se eu começar a falar aqui. Minha mãe é uma pessoa muito esforçada, muito mesmo, como eu falei, ela deixou a escola com 13 anos pra ir ajudar meus avós, aí ela terminou a escola já casada, com os 3 filhos, ela saía de noite com um caderno na mão, deixava a gente com outra pessoa pra ir estudar, porque como nunca -- ela nunca teve objetivo de fazer uma faculdade, de se formar, de ter uma profissão e tudo, mas pelo menos aquilo, tipo assim, é o básico, é o essencial pra ela, tem que pelo menos concluir o ensino médio, porque com o ensino tem uma base aí pra conseguir alguma coisa, é - e aí assim, ela sempre trabalhou demais, demais mesmo, sempre tava preocupada em trazer o pão pra dentro de casa, meu pai, meu pai ajudava financeiramente antes, mas sei lá, ela disse que os problemas foram se agravando cada vez mais, - a distância foi aumentando e agora já até houve um processo de divórcio e ele quando dá alguma ajudinha, é pouquíssima coisa. Só faz aumentar mais ainda a raiva. Assim, é - eu não sei nem como falar, porque eu tenho orgulho demais dela, tenho orgulho demais de falar que ela mesmo há tantos anos, mais de 10 anos aí separada do marido, com 3 filhos sozinha, trabalhando sempre, é - teve uma época aí que trabalhava e estudava, depois que terminou os estudos continuou trabalhando e trabalhando e trabalhando, com dois três, nunca é -- deixou muito de pensar nela pra poder - pra dar pra a gente, sabe? Esse tempo todo ela poderia ter simplesmente se separado do meu pai e arrumado outro marido pra ela, e pronto, e deixado a gente um pouquinho em segundo plano, mas não, ela sempre se preocupou em manter a gente, nós 3, enquanto a gente crescia.

P - O que sua família, a família de uma forma geral, pensa sobre o ato de estudar?

L - Eu acho, assim, tem aquela conversa de que estar aqui, que vir estudar é essencial, que é com conhecimento que a gente consegue as coisas, enfim, mas no fundo eu acho que não é isso não, porque se fosse assim eles levariam mais a sério, se fosse assim, primeiro que, estudar é só na escola, ninguém faz, ninguém estuda em casa, na minha cultura, assim, na cultura da minha família, ninguém estuda em casa, só isso já é um ponto franco, um ponto errado, entendeu? Não se conversa sobre estudos, não se fala sobre o que eu fiz coisas, sobre metas de profissões, de trabalho, entendeu? Não se fala, não se fala nisso, o objetivo é só terminar o ensino médio e pronto, saber ler, escrever, contar, acabou aí, tá bom! Arruma um trabalho, aí, que não importe qual é, arrumar um trabalho digno que ganhe dinheiro e sustente a casa.

P - E como tem sido isso, na relação com a sua mãe? Eu não falo mais em relação à família. O que a sua mãe acha dos seus planos?

L - Ela sabe que, -- ela sabe que o que eu quero, ela sabe, enfim, ela respeita, só tem aquelas exigências básicas, né? que é que nunca deixe o estudo, as ambições aí pro futuro ser mais importantes do que a família, porque amigos não é nada e é isso, mas se bem que, por ela mesmo eu já taria trabalhando em outra coisa, sei lá, catando papelão, vendendo alguma coisa na feira, porque a urgência mesmo é essa, trazer dinheiro pra dentro de casa, se sustentar, é sobreviver, não é viver, entendeu? A minha visão pelo menos é essa, do que eles pensam. E a minha mãe é assim, ela nunca, ela nunca foi, por exemplo, quando eu quis entrar no IF, ela nunca se opôs, ela nunca disse: Não vai entrar não! Nunca disse isso, mas ao mesmo tempo não é uma coisa assim primordial, o que eu quero fazer, pra ela, não é essencial, não é assim tão importante, tão essencial quanto eu digo que é, estudar e ter uma carreira, é isso, mais ou menos isso.

P - Qual é a importância que seus pais e familiares dão aos estudos? por que, mesmo você tendo falado tudo o que falou, sua mãe tem dado condições de você estudar? como é que você vê isso? Será que os pais dela a incentivaram?

L - Os meus avós eu acho que eles não estudaram, os únicos que estudaram alguma coisa foi os meus avós paternos mesmo, os maternos eram analfabetos, até onde eu sei, porque como era de família bem simples, né? tinha que trabalhar, isso é mais importante do que estudar, e eu acho que é daí que vem essa cultura atual da família, da minha última geração, de trabalhar, de arrumar trabalhos, seja ele qual for, seja mais importante o dinheiro do que o conhecimento.

P - Quem ajudava você com as tarefas da escola em casa?

L - Ninguém. Eu fazia tudo sozinho.

P - E quando você não sabia fazer? O que acontecia?

L - Ah, não, eu acho que eu fazia tudo sozinho mesmo. Eu não lembro não, de ter feito isso não. Porque geralmente eu me virava bem sozinho.

P - Nunca ninguém lhe ajudou, nem um vizinho, nem um parente? Porque estudar já é tão difícil, e estudar sozinho em casa, você achava fácil?

L - É, eu não achava -- porque, assim, eu era mais, eu não era como eu sou, eu não era, eu não tinha, eu tava entrando naquela -- na cultura deles, né? Que não tava levando tão a sério, os meus estudos, então, sei lá, eu

prestava atenção na aula, ou então não prestava e pronto, se não - não tinha muito apoio de estudar em casa, eu acho até que não estudava em casa.

P - Seus irmãos não estudam? Em casa? Não levam tarefa? Não fazem trabalho em casa?

L - Estudam. Estudam, só que eu acho que do jeito errado.

P - Você os ajuda a fazerem as tarefas?

L - Não.

P - Por quê?

L - Porque a gente é distante. Distante dentro de casa. E, também porque eles são um pouquinho teimosos também. Não dá, não é fácil, né? Assim, tão simples assim.

P - Você pode dizer então que a sua mãe não o apoia?

L - Não. Ela apoia sim. Se ela não apoiasse, se ela não apoiasse, se ela fosse totalmente contra, ela não ia ter deixado eu vir pra cá.

P - Então pronto, no caso, eu não posso dizer que eles sempre apoiaram, então no caso sua mãe apoia, te apoia no procedimento dos seus estudos, então você pra fazer universidade, você sempre que pode contar com o apoio dela.

L - Sim, mas com apoio, com ajuda não.

P - Então você só sente isso por parte dela. Você acha que se tivesse contato com o seu pai, ele não te apoiaria também nesse sentido?

L - Não apoiaria não. Ele não tem nem o fundamental, ele não leva a sério não, esse tipo de coisa, ele não tem como opinar em nada.

P - Sobre histórias de sucesso, no seu âmbito familiar, fora o primo que fez universidade, tem outro caso? Alguém já teve mobilidade social, mobilidade econômica?

L - Não, que eu saiba, não. Acho que só esse primo. Tem, tem assim de terceiro, segundo terceiro grau, que se formou em advocacia, se formou em direito aí, mas tá lá na casa dele, sendo sustentado pela mãe.

P - E pelo lado do seu pai, você não conhece ninguém que tenha tido sucesso?

L - Na minha família, não. Não, não sei não. Quer dizer, talvez tenha, porque a família dele, porque, assim, eu conheço o meu pai e os irmão dele e os pais, né? Só! A família agora, um exemplo, quem - - meu pai tem duas irmãs, os homens que se casaram com elas eu não conheço a família deles, então pode ser que - -

P - Os seus pais já fizeram sacrifícios financeiros e/ou outros em benefício dos seus estudos?

L - Fez! Não. Só financeiro mesmo, eu acho, porque ela pagava ela pagava a passagem de ônibus, que era quase R\$ 100 todo mês pra eu poder vir pra escola. E é isso.

P - Você não vem no ônibus do município?

L - Eu venho quando eu consigo pegar, mas passa muito cedo e o de noite passa muito tarde pra mim ficar, mas quando eu consigo pegar, eu pego. Eu sempre tento pegar.

P - Certo. Por meio dos seus estudos você sonha em transformar a sua realidade social e a da sua família?

L - Sim. Eu acho que é o meu objetivo principal. Não - - social? Social não! É um objetivo, mas não é o principal.

P - Você falou que não tem celular. Como é que você sente a respeito disso?

L - Eu sinto falta. Por isso que eu tô tentando juntar dinheiro pra comprar um. Eu me sinto, de fora, como se fosse anômalo, muito diferente das outras pessoas só por causa disso, porque eu não tenho celular. É, porque eu não tô na mesma condição de todo mundo, não... eu tenho muitas limitações, que a maioria das pessoas não tem, porque tem celular. Eu não. Muita coisa ia ser mais fácil na minha vida se tivesse um celular. Hoje em dia o mundo tá totalmente adaptado pra pessoas que conhecem essas tecnologias novas, então as pessoas mais jovens, aí eu não, eu sou jovem e não tenho acesso a esses aparelhos móveis modernos também por conta da minha família que é muito tradicional, não sei o quê, e não gosta muito desse tipo de coisa, aí eu fico assim desse jeito, excluído como se eu não pudesse fazer... querendo fazer muita coisa, mas não podendo porque eu não tenho acesso a esse tipo de coisa.

P - Eu percebo, pelo que você falou da sua família, que existe também uma exclusão religiosa. A religião, deve ser excludente?

L - Mas como assim? Quando foi que eu falei isso?

P - Quando você diz assim, que você não se relacionava com o colega do vizinho, porque sua mãe não deixava porque ele não era crente.

L - Sim. Porque a família dele não é crente, aí a família dele faz certas... tem certos hábitos, como eu falei, por exemplo, todo mundo da família do meu pai bebe, pronto, aí faz aquelas festas pra encher a cara e tudo mais,

aquelas coisas, aqueles ambientes que realmente não são pra crianças, mas que tinha criança no meio assim, aí ela não queria correr o risco de eu acabar indo... não queria que eu tivesse contato com esse tipo de cultura, com esse tipo de coisa, entendeu? Porque, é... porque é assim mesmo, com medo de se influenciar, com medo que isso influenciasse. Não é a religião que impõe isso, são as pessoas que as vezes eu acho que exageram.

P - Você acha que esse aspecto da religião na sua família, lhe afasta das pessoas, ou isso não influencia? Você vive muito só. Você vai para igreja? As igrejas, geralmente, são divertidas para os jovens, nunca foi divertido para você?

L - Não sei, era quando eu era criança, hoje em dia, não. Os professores nem estudam direito pra isso, pra ensinar as coisas.

P - Mas você pode ensinar.

L - Mas eu não posso agora não, porque agora eu tô ocupado, estudando, organizando a minha vida futura.

P - E a sua vida futura não vai ser permeada de relacionamentos?

L - Eu duvido, até porque tenho dificuldade de conciliar uma coisa com a outra, de juntar, entendeu?

P - Como você está? se lembrou mais de alguma coisa que não tenha falado, ou que você queria falar?

L - Não, acho que tenho uma coisa para corrigir na verdade, uma informação, quando você perguntou o que a minha mãe fazia eu disse que ela (mãe) autônoma, mas ela trabalha com contratos numa escola, como faxineira.

P - Terceirizada como o pessoal daqui é?

L - Não. Como o pessoal daqui não, ela não faz parte de empresa, só tem um contrato dela com a escola.

P - Para finalizar essa dimensão da família eu queria fazer uma pergunta que eu não fiz anteriormente. Alguém tem o hábito de leitura na sua família, que você recorda? Ou melhor já me fala um pouquinho sobre os hábitos de leitura de sua família?

L - Da minha família de um modo geral, lá em casa não tem não, mas quem - é quem ler alguma coisa sou eu né, mas assim, quem tem hábito de leitura na família toda, que tô lembrando agora só uma prima, só uma prima que ela tem (gaguejou) um um livro em casa, sobre romance, esse tipo de coisa que ela gosta.

P - Então, você não teve um parâmetro, ou incentivo?

L - Não, só a bíblia. Eu tenho um tio muito estudioso da bíblia, ele tem mais de uma, na verdade eu tenho dois tios estudiosos, tem um que tem dois tipos de bíblias diferentes, ele gosta de estudar demais.

P - E você, como tem sido a sua leitura da Bíblia?

L - Eu não tenho lido muito não ultimamente [sorrisso]. Tô focado em outras coisas agora. A minha vida é mais focada nos estudos.

P - Agora vamos abordar a dimensão meio social. No bairro onde você mora, já houve casos de adolescentes envolvidos com criminalidade ou álcool ou drogas?

L - Sim, direto é só o que tem lá. Tenho um primo que é alcoólatra, que já tá metido, já se meteu em várias confusões por causa disso, meu pai também é - acho que a família dele (pai) todinha bebe. Mas, ele não dirige mais, não, não mais. Sim, na verdade, a minha família materna antes de se converterem - - da religião bebiam muito, mas deixaram os hábitos depois, só a minha família paterna que bebem bem constantemente. Acho uma idiotice você viver bebendo algo que não vai fazer bem nenhum só vai trazer prejuízo para o organismo (fala mais exaltada) - só assim se fosse uma bebida social, de vez em quando por que é bonito e tal, mas assim direto eu acho uma burrice, mas então eu sou contra o consumo de bebidas.

P - Como você ver a vida de quem se envolve com drogas e criminalidade, você acha que faz parte do cotidiano de quem baixa renda?

L - Eu acho que depende do caso. Não digo que por opção, eu acho que ninguém vai querer seguir nisso, acho que na verdade, assim, eu acho se alguém escolhe seguir nesse caminho é porque teve uma influência de alguém próximo, de alguma coisa, de repente tem algum parente, alguma pessoa bem próxima que tá envolvido e aí e aí pelo contato, acabado tendo aquilo com alguma coisa natural, coisa normal, e aí sei lá, acaba, em determinadas situações, acaba adentrando nesse mundo aí, acho que a escolha se dá nesse tipo de caso, mas na questão de estar relacionado a baixa renda pode situações em que se torne mais provável tá entendendo porque uma pessoa que não tem muito acesso à informação muito essa cultura que mais acaba como as pessoas de baixa renda, acho que não tem muito haver não, por que tem muita gente rica que se envolve com drogas, acho que a condição financeira baixa - pode gerar situações em que se torne mais provável essa ida pelo mal caminho, tá entendendo? eu acho que uma pessoa que não tem muito acesso a informação, muito acesso a cultura, é quem mais tem facilidade de entrar nesse meio, como as pessoas de baixa renda geralmente, infelizmente (pigarreou) se enquadra nesse caso, então se torna mais fácil, eu acho.

P - Você falou anteriormente que as pessoas, do meio que você vive, não influenciaram você à estudar, o que influenciou você então?

L - É por que eu sempre tive um desejo de ter uma vida melhor, e isso me deixava mais atento as coisas, eu sozinho fui percebendo, percebendo aí que uma coisa que tô ali que seguindo na mesma linha dos meus pais e dos meus avós e dos meus tios eu não iria conseguir o que queria. entendeu? Ninguém, o povo não tem esse ânimo ou estímulo para estudar na minha família não. Mas eu sabia que estudar é importante, que é necessário.

P - No seu bairro, há adolescentes que obtiveram sucesso escolar?

L - Tem meu primo que se formou em educação física, se bem que ele não tá trabalhando muito agora, eu acho que está trabalhando numa academia. Tem uma amiga da minha prima que é que é formada em gastronomia, tem uma amiga da minha mãe que faz enfermagem, está cursando, e o marido dela é formado em direito, mas não exerce ainda. é um caso aqui e outro bem acolá.

P - Você considera que as pessoas mais pobres recebem tratamento diferente pelo fato de serem pobres?

L - Sim. Preconceito. Se não fosse desse jeito não tinha desigualdade no Brasil e no mundo, se não houvesse preconceito contra a condição financeira, simplesmente isso. Por exemplo o pouco caso que as autoridades governamentais tem com, sei lá, com o cuidado da infraestrutura, da infraestrutura da escola ou da qualidade no atendimento no hospital, as vezes tem aqueles médicos mais assim de nariz em pé. - Obviamente não são daquele meio né, são enviados de outro lugar, são de Natal, dá para perceber logo quando quando fazem pouco caso, quando não têm aquele interesse todo, em realmente está ali para exercer a sua profissão direito, enfim -- É muito muito ligado as atividades governamentais mesmo, o pouco caso com a infraestrutura das escolas, com a qualidade do ensino, descaso com a educação, descaso com a saúde, descaso com a segurança, descaso com a infraestrutura em geral das ruas mesmo, é - - é só comparar o atendimento, sei lá, um atendimento de um hospital público de um hospital privado é muito diferente, mas tá um privado e outro público, mas se eu se não houvesse esse descaso, esse preconceito mesmo que o hospital não tem estrutura adequada, que falta remédio falta isso e falta aquilo, pelo menos, pelo menos o valor que o médico, o próprio valor que o médico que atende no hospital público faltando um bocado de coisa, tivesse o mesmo empenho que deveria ter um profissional da área dele, se ele exercesse a profissão direito mesmo, sem fazer acepção nenhuma só que quisesse realmente cumprir o objetivo de ajudar aquele paciente, sem olhar questão financeira, cor da pele, sei lá, é - - a qualidade no atendimento já seria muito diferente do que é hoje, isso já ajudaria a diminuir a distância entre a qualidade de vida do pobre e do rico. Na escola também, na escola é o seguinte, contando pela minha experiência né, tem muito professor, muito professor mesmo, hoje em dia, que não é qualificado para exercer a sua profissão. Ele é professor, mas é só no diploma, por que ele não domina mesmo o conteúdo, tem professor que dá para ver logo que é assim, que não domina o conteúdo, que não tem didática, que não se importa com os alunos, sei lá por que ele quis se professor. Por que nas escolas onde eu estudei dificilmente vinha um professor realmente bom, que estivesse disposto a ensinar, que estivesse disposto a ajuda, que desse uma aula eficaz mesmo, de qualidade, que chegasse ali para ensinar, que não estivesse ali só para encher o quadro com texto para os alunos copiarem e ponto acabou a aula. Aqui chega a ser surpreendente mesmo, a diferente é bem gritante, a humanidade a solidariedade, que os professores têm, não são todos, mas boa parte dos professores têm e - os próprios servidores também, a preocupação com o outro com a qualidade do seu próprio serviço. Isso é bem evidente, eu presto muita atenção nisso, principalmente nos professores que a gente passa a manhã toda com eles, eu presto muita atenção nisso, e é bem diferente mesmo, eu até elogiei uma professora essa semana, porque ela tem uma metodologia que é muito diferente de aplicar o conteúdo dela, o problema é que às vezes os alunos é que não aderem, os alunos não estão muito interessados em ir lá e serem ajudados, por que ela aqui para ajudar, ela montou esquema CAs, bem organizadinho, bem direitinho, para conseguir atender todo mundo, num tempo bom, individualmente, que é para dar mais tempo de resolver dúvidas, enfim, ela está sempre muito disposta, sempre disponibiliza tempo para atender fora da aula. O que ela ensina é exatamente o que ela cobra, as provas dela são boas, a aula dela é boa, a metodologia é ótima, usa uma linguagem próxima dos alunos, ela está sempre preocupada com o próprio desempenho, tá sempre preocupada em ensinar, em fazer com que a gente aprenda. Não são todos os professores que tem essa qualidade de tarem prestando atenção se o aluno está bem se está ruim e se estiver ruim tentar ajudar, dar uma forcinha, pelo menos uma frase de ânimo. É muito difícil isso, aqui tem isso mas lá (nas escola que estudou) não, está aí a diferença

P - Você percebe os desníveis sociais aqui na escola?

L - Não percebo não. Às vezes assim dá para -, não sei se é um pouco preconceituoso isso, mas às vezes dá pra ter uma noção pela - -pela própria carga de conhecimento de alguém, por exemplo, tem os meus colegas, tem

uns alunos que têm muito mais conhecimento sobre determinada coisa, tem uns alunos que entendem de política nacional e internacional, sabem as últimas inovações científicas, sabe de tudo que tá acontecendo, já tem outros que estão mais desligado não sabe nem o que é uma constituição, entendeu? Ai eu acho que por conta daquilo que eu falei -- que quando a pessoa é mais pessoa mais -- pobre, por que eu não queria usar esse termo, por que quando a pessoa é mais pobre, aí tem essa questão do descaso com a educação e conseqüentemente a pessoa acaba não recebendo a educação, uma educação profícua mesmo, uma educação de qualidade. Tem alunos que tem um capital.

P - Estamos falando de capital intelectual, de capital econômico e agora você se refere a capital cultural. Com outras palavras você está dizendo que tem pessoas que trazem um capital cultural maior que outras e isso influencia no conhecimento cotidiano da escola?

L - O que eu quis dizer é que, como tem alguns alunos que dá para ver que tem um capital de conhecimento maior e outros nem tanto, é - dá para ver, dá pra notar as as - a diferença, - por que assim aquelas pessoas que trazem uma carga maior de conhecimento evidenciam para mim, que na escola antes de vir para cá teve um teve um ensino muito bom, teve acesso a bons professores a uma educação, não digo ótima, mas adequada. Já as outras que trazem (gaguejou) um capital de conhecimento menor não, pelo menos na minha visão.

P - Na sua visão a família influencia nessa carga de conhecimento?

L - Influencia sim. Porque se a pessoa tiver -- tem casos aí --. Pronto os meus irmãos, eles não estão nem aí para --, sei lá, sabem que tem que terminar o ensino médio, mas não sabem o que querem depois, entendeu? Querem fazer qualquer coisa, nem estão pensando nisso agora, estão no ensino médio mas não estão pensando nisso agora, por que a minha família não valoriza esse lado, entendeu? influencia sim, eu ainda bem que fui influenciado, eu consegui perceber, perceber que aquele meio ali, se eu me deixasse influenciar não ia ser legal, aí eu fui procurar outro meio, procurar outros caminhos.

P - Fale sobre as suas principais dificuldades socioeconômicas (moradia, renda familiar, dentre outros)

L - Dinheiro pra, até antes do estágio pelo menos, que eu consegui a um mês e pouquinho, antes do estágio tinha a questão de ter que ficar juntando, guardando direto o dinheiro para passagem do mês e ainda tinha aquele negócio de não poder fazer - é - - as compras do mês, de comida, de tudo para casa, as compras do mês não poderem ser tão grandes assim por conta da questão financeira e mesmo comprando pouco tem que ir buscar economizar o máximo possível essa coisa que até me irrita pouquinho. A nossa moradia é própria a gente sempre morou no mesmo bairro, a minha família se concentra no mesmo bairro, antes morávamos no quintal da minha avó. Numa rua próxima, tinha uma casa que fica uma rua próxima da minha casa que estava alugada mas aí minha mãe tava querendo sair de lá e assim se mudou para lá aí ficou, começou morar lá e não ficou pagando aluguel, mas a casa tava no nome de outra pessoa essa pessoa veio falar com a minha mãe para passar para o nome dela. Minha mãe queria uma casa menor, comprou, botou abaixo e deixou a casa melhor. Tenho dificuldade de interação social, sou tímido e me considero um pouquinho introvertido, mais quieto assim, se bem que eu sou muito estressado, tenho dificuldade de andar sobre pressão, dificuldade de fazer amizades, dificuldades de conciliar a vida social com esse ambiente aqui. Ficou uma distância entre mim e os meus parentes, depois que entrei no IF fiquei tão concentrado que fiquei bem longe deles (os familiares) e agora que [parei de ir] para igreja a gente quase não se ver mais. Estou muito concentrado aqui, no final de semana fico em casa vejo televisão, se tiver alguma coisa para estudar, e tiver com coragem estudo, a vezes eu vou na Lan House passar na internet, é assim a vida de antissocial. Eu vou a Natal quando vou ao médico ou alguma coisa assim. O único lugar de Natal que sei ir é ao Midway (shopping). Fui uma vez ao cinema, teve uma situação que uma prima minha e a saia com amiga dela, essa prima é da minha idade e a amiga mais velha, essa amiga trabalhava junto com a minha mãe, aí minha mãe ficou sabendo que elas iam ao cinema minha mãe sabia que eu queria muito conhecer o cinema ela disse "olha Lewis nunca foi ao cinema convida ele" num sei o que, e aí elas me convidaram e eu fui.

P - O que você gostaria fazer socialmente e que não faz?

L - Queria ser como toda pessoa normal, queria ir para uma praça ficar conversando batendo papo jogando conversa fora, ir ao cinema, ir no teatro que eu queria muito, mas não fui até hoje. Sair com amigos com os amigos fazer... não para festa que não sou festeiro, mas sair para andar, passear, para conversar, é isso que gostaria de fazer. É como se eu não tivesse amigo nenhum --- Eles gostam de umas coisas e eu gosto de outras diferentes.

P - Você utiliza a internet? Conversa com amigos pela internet?

L - Eu uso aqui e na Lan house. Não. Não Mais (conversa com amigos pela internet) já conversei acho que era um colega de escola, eu sou estranho eu não converso muito com a minha família não.

P - O celular é um meio de comunicação muito popular, como você se sente não tendo esse aparelho que é comum para todo mundo?

L - Às vezes é normal, as vezes é incomodo, incomoda de vez em quando, no momento que mais faz falta. Por exemplo eu vou fazer eu vou fazer a prova do enveja agora esse mês e vai ser aqui em Parnamirim na escola do Centro a escola Santos Dumot e eu não sei como vou chegar lá aí como é que vai fazer? certo vou pedir informação aí chego lá, certo. Mas quando for para voltar, se não achar o ponto de ônibus como é que vai ser. Quando eu fui fazer a prova ENEM tive que andar 2 Km até o Centro para fazer a prova lá, depois como eu não tinha celular para chamar alguém para me buscar, se eu tivesse levado o dinheiro para contratar um moto táxi para me trazer. Quando eu vim fazer a prova do IF, eu não tinha celular e perdi o ônibus que estava levando os estudante, aí tive que esperar outro, como era no domingo era de hora em hora só, o ônibus daqui para São José, aí como demorou demais cheguei atrasado minha mãe ficou nervosa, não sabia onde eu tava, eu não tinha celular para avisar. Quando vou sair tarde daqui você, como vou avisar? É dificuldade de comunicação mesmo, quando preciso falar com alguém distante não posso. (meu telefone tocou)

P - Você conhece outras cidades? Quais cidades você conhece?

L - O mais longe que eu fui foi João Pessoa, no mês passado, eu acho que foi, foi em junho, finalzinho de junho, 27 de junho, numa aula de campo, não foi nem pra viajar mesmo, foi numa aula de campo, fora isso, o lugar mais longe que eu fui a Montanhas, pra visitar minha família, visitar os parentes da minha família, a minha bisavó, e o meu -- é, os meus bisavós maternos. Foi lá, viajou, mas eu não conheço ninguém também. Não achei muita graça não, naquele lugar, sinceramente.

P - Então você só conhece, fora Parnamirim, Natal?

L - Assim, de conhecer, saber onde fica as coisas, não.

P - Você não teve outras aulas de campo?

L - Sim, a gente foi uma vez eu acho que era, eu acho que foi em Goianinha ou foi em Canguaretama, foi há uns 2 anos atrás, também numa aula de campo, é... pra o Catú. Conhece o catú?

P - Visitar os indígenas?

L - É, foi lá, com a professora de sociologia, a gente foi lá visitar, fez uma trilha, aí sim foi legal.

P - Como é que você ver as aulas de sociologia?

L - Ah, eu acho interessante, porque impõe algumas reflexões que eu não tinha antes, só isso. Ah, e na aula mesmo é legal, você tá ouvindo, tipo, as teorias de Karl Marx, Max Weber --. Eu achei melhor as aulas, eu acho legal porque eu dou uma ajuda a professora, porque ela gosta muito de fazer debates, aí eu ajudo ela a fazer debates, a impor um assunto e fazer debate. Eu não participava muito não, porque as vezes exigia já uma certa carga de conhecimento que eu não tinha pra, tipo assim, eu não queria falar algo que eu não sabia, então eu não entrava muito, mas era interessante porque na sociologia a gente vê aí, a gente passa, a gente faz algumas reflexões sobre, a gente começa a perceber algumas coisas que a gente antes não percebia no nosso meio social assim.

P - Nas relações sociais, a gente percebe uma diversidade de pessoas que pensam e se comportam de maneiras diferentes. Como é que você vê relacionamento social dentro da escola? Como é que você se sente?

L - Você quer saber como é que eu vejo?

P - Como você está inserido nos relacionamentos sociais?

L - Eu não ligo muito pra isso não, não faço nenhuma separação com as pessoas que eu me relaciono, não presto atenção se é negro, se é loiro, se é baixo, se é alto não, se é gay, se não é, não reparo nisso não, não tenho, eu não tenho muito esse tipo de coisa, eu já beijei outro rapaz, então -- não tenho esse tipo de problema.

P - Mas e se você chegasse em casa dizendo que beijou outro rapaz, isso teria problemas?

L - Teria. Teria -- teve!

P - Certo. Agora fale sobre as suas preocupações, suas alegrias, suas tristezas, suas dificuldades.

L - Ia ser bom se eu pudesse mudar essa questão que eu falo da dificuldade de me relacionar com as pessoas, de estabelecer relações. Saber descobrir, qual é o... o que eu quero fazer quando eu sair aqui do IF, oq eu vou fazer na universidade, pra onde eu quero ir, viajar... na verdade eu quero descobrir ainda direito o que eu quero, não tenho muito... não tá ainda tudo muito sólido ainda na minha cabeça, muito concreto.

P - Isso que você fala, são preocupações?

L - São. Porque eu sei que eu quero fazer coisas, eu não quero ficar como eu tô agora, o dia todo parado em casa sem fazer nada, eu quero fazer coisas, eu quero sair, quero conhecer pessoas, fazer coisas diferentes, coisas

diferentes, não importa se -- especialmente coisas que eu nunca fiz, sei lá, pular de asa-delta, andar a cavalo esse tipo de coisa. Fazer esse tipo de coisa, sair dessa vida parada mesmo. Eu quero sair dessa vida parada e mudar.

P - Mas as suas grandes preocupações hoje são?

L - A minha maior preocupação, hoje em dia, é com, na verdade tem um empate aí, né? Entre a questão de melhorar o desempenho intersocial e conseguir, no momento conseguir uma, uma boa faculdade, conseguir fazer uma boa faculdade.

P - E as suas alegrias?

L - Como assim? Não sei, nem sei responder. Me dá alegria -- quando eu percebo que eu tentei -- não... me dá alegria quando eu percebo, sei lá, conversar com alguém e a pessoa correspondeu, entendeu? Esse tipo de coisa. Que o relacionamento está sendo estabelecido aí.

P - É tão difícil assim, se relacionar?

L - Pra mim é um obstáculo bem grande.

P - Quantos amigos você tem aqui na escola?

L - Ah, fora da minha turma, minha turma é cheia, minha turma tem 37 pessoas, eu acho, acho que eu sou amigo de uma 15, 20, talvez um pouquinho mais, mas entre 15 e 20, por aí, fora da sala de aula é um aqui outro acolá, tem Laura, tem mais, mas a gente não tá muito próximo, é... tem alguns professores, tem umas pessoas aí de outras turmas, um aqui, outro acolá. É porque eu sou tão -- quando eu tô aqui no IF eu sou mais centrado no trabalho, nos estudos, nas coisas, eu não passo muito tempo conversando, assim, procurando as amizades não. É uma falha minha.

P - Como é que você se diverte?

L - Eu me divirto conversando mesmo, né? Se o assunto tiver interessante é o que vale.

P - Joga bola?

L - Não, eu não gosto não.

P - Joga o quê?

L - Seria legal, eu acho que seria legal aprender a jogar tênis, eu acho interessante, natação -- eu sou sedentário assumido.

P - Nunca jogou bola com os colegas na rua?

L - Eu já brinquei na escola ali, tentei jogar na escola, mas não me dei bem não, não é a minha turma não, não gostei não. E também eu não era muito próximo não ao grupo masculino, já que o grupo masculino que é mais ligado a essas coisas, bola, essas coisas. Eu era mais próximo do grupo feminino, por causa do -- como é que chama, por causa de provocações, como é? Do bullying que faziam, faziam comigo, os meninos.

P - Que tipo de bullying?

L - Ah, porque eu era, eu sempre fui muito alto pra minha idade, e quando eu era criança eu era bem magrinho, tipo muito magro mesmo, dava pra contar as costelas aqui, aí usava óculos, era cristão, então, tipo assim, magro, alto, com óculos, cristão - e - tímido, pronto!

P - Ser cristão, pra você, foi uma dificuldade?

L - Foi não, é. Eu ainda sou cristão. Só a minha assiduidade na igreja que diminuiu.

P - Mas qual é a dificuldade?

L - De quê? De ser cristão? Porque é -- seguir mesmo as normas, os dogmas, é complicado, porque tem muita coisa que a gente quer fazer dentro do ambiente, porque tem muitas coisas que as vezes a gente quer fazer, mas que a religião diz que não pode, tipo isso, basicamente. Aí é difícil resistir a ir lá e fazer, tipo esse tipo de coisa. Não falo coisas grandes, falo coisas mais simples mesmo.

P - Como o quê?

L - Que nem, deixa eu ver, que nem usar roupa diferente, ou alguma coisa assim, diferente sem ser roupa normal, calça jeans, camisa...

P - Na sua igreja, então, os usos e costumes é uma questão muito forte.

L - É. Nossa, eu comprei uma calça de moletom esses dias e foi um fuzuê lá em casa, minha mãe dizendo que era roupa de bandido, não sei o quê, não era pra eu comprar, só por isso. É, esse tipo de coisa. E eu reparo muito nisso, eu gosto muito disso, de me arrumar, de me vestir bem, só que eu não posso por causa da questão financeira e porque tem as regras religiosas, eu não posso usar certas coisas, não posso mudar de certa forma, não posso -- sei lá, tingir o cabelo, não posso fazer esse tipo de coisa, fazer sobancelha, homem fazer sobancelhas é uma coisa, assim ridícula na minha família, o povo acha que já é gay já. Eu faço de vez em quando,

eu sozinho não, mas faço, quando eu vou cortar o cabelo eu faço. Eu gosto de fazer, de me se cuidar. É, eu gosto.

P - E as suas tristezas?

L - A dificuldade de não ter condição social e a própria condição financeira, a própria condição atual da minha família, eu não gosto dessa situação que a gente tá agora, ter que ficar economizando pra tudo, meu Deus do céu, eu quero comprar um brigadeiro eu tenho que economizar a passagem depois, pra comprar, quando eu chego aqui, chego morrendo de fome porque não dá pra tomar café da manhã quando saio com muita pressa, aí chego aqui quero comprar um salgado, não pode, só dá pra comprar um salgado se eu vier no ônibus escolar que é de graça, porque aí já economiza dois reais aí esse tipo de coisa, isso me revolta. Agora to ganhando duzentos e noventa reais da bolsa do estágio, mais cento e trinta e dois reais de auxílio transporte, no caso das minhas passagens, especificamente, ainda teve um dinheirinho a mais que foi um adiantamento do auxílio transporte de dezembro. E mês que vem, provavelmente, eu ainda vou receber o dinheiro do que eu fui fiscal pelo PROITEC, mas depois disso volta pros quatrocentos e vinte e dois reais, aí eu não sei, provavelmente eu vou ter algumas dificuldades, não é? Porque --

P - Você falou das suas preocupações, suas alegrias, essa sua tristeza por falta de condição econômica. E suas esperanças?

L - Eu acho que ai ser conseguir tudo que eu quero, né? E alcançar as minhas metas, os meus objetivos e aquilo que eu espero da minha vida profissional, social, tudo que eu falei.

P - Você precisa de esperança. Que tudo dê muito certo. Que você conclua, que você arranje um trabalho e/ou que você entre na universidade, mas você vai se formar esse ano, não é? Você está prestes a concluir e ensino médio. E como é que você vivenciando esse movimento de formatura?

L - Eu não vou participar da formatura não. Eu não quis, porque vai ser uma festa toda animada tal, eu não sou muito de festa, não gosto muito e por causa do dinheiro também. É só isso mesmo, mas não é, não é porque eu não gosto deles nem nada disso não, é porque é opção minha mesmo, eu não quero participar da formatura. Não! Não é que eu ache ruim, é porque eu não me dou muito bem, eu não gosto muito.

P - Quantas festas você já foi?

L - Eu vou nos casamentos e nos aniversários no máximo, e porque tem que ir, às vezes, às vezes eu nem quero ir, às vezes é porque --. Não! É porque as festas -- eu tô dizendo assim, porque tem os tipos de festa lá pra onde eu moro, pras festas de formatura daqui é muito diferente. Festa de formatura é um lugar onde a pessoa quer beber, quer dançar, quer fazer esse tipo de coisa.

P - Mas é opcional você não fazer.

L - Eu sei. Eu posso chegar e não fazer, eu sei, mas porque eu só não quero.

P - Você quer fazer?

L - Não, se eu soubesse dançar, aí tava bom, mas não, eu não tenho interesse, é só porque eu não tenho interesse mesmo em participar. E por conta da questão financeira.

P - Nós já tivemos três encontros, e nesse quatro gostaria de fechar tirando algumas dúvidas, pois tiveram algumas coisas que não ficaram claras nas transcrições e que gostaria de tirar essas dúvidas, vamos começar fazendo novamente perguntas sobre leituras. Para além dos livros escolares, que tipos de livros você costuma ler?

L - Os que li até hoje foram peças teatrais e - e - como é - - e as crônicas de nárnia, não sei qual é o tipo, qual o gênero, aventura esse tipo de coisa, (respirou fundo) ah! eu li Ariano Suassuna também, eu achei muito legal, muito top, eu li aquele livro o auto da compadecida e o santo e a porca. Achei bem legal, engraçado, interessante porque é peça teatral e eu gosto de peça teatral. Eu também gosto desse universo diferente, fictício é - a temática em si, a filosofia em si da história eu acho interessante me prende a atenção porque é uma realidade diferente da que eu conheço, me chama atenção por isso.

P - Me fale um pouco mais sobre a história do seu pai e da sua mãe?

L - Eles são separados, eles se separaram só fisicamente o divórcio está acontecendo agora, a burocracia está rolando ali, mas eles se separaram cada um para o seu canto quando eu tinha uns sete oito anos, por aí e nunca mudou não, até ainda criou-se a esperança que ele (pai) ainda voltasse pra casa e tudo mais, mas não deu certo não, só fizeram foi se afastar mais ainda. -- é isso -- Com o tempo brigavam cada vez aí enfim.

P - Ainda sobre os seus pais, eles costumavam ler e a sua mãe?

L - Nem meu pai nem minha mãe, minha mãe ler só a bíblia.

P - Com se dá a leitura para você?

L - Eu leio quando estou com tempo, quando tô com vontade. Ninguém é ensinado que ler é bom, ler é cultura, nada, lá de onde eu vim não.

P - Você se considera bom aluno? que resultados tem obtido?

L - Não tenho gostado muito não dos meus resultados. O povo fica dizendo por aí que eu sou bom aluno, mas é porque eles só querem me agradar mesmo, eu não acho não, eu me acho uma pessoa esforçada, eu sou esforçado, ah! esforçado eu sou com certeza, talvez o mais esforçado da escola, agora de render mesmo, de gerar resultado é - já fica difícil, porque eu só um pouco desorganizado nos estudos, assim tenho interesse em aprender, eu tenho interesse em correr atrás, se eu perder algum conteúdo, sempre procuro o professor para tentar repor pelo menos o básico, é - quando quando precisa pesquisa no livro ou então vou na internet fazer pesquisa, mas eu sempre fazer tudo certinho, é porque eu não consigo otimizar tempo e algumas coisas eu faço bem devagar, por que eu sou assim mesmo faço devagar, aí aí é só essa dificuldade de otimizar tempo é que me prejudica, por isso é que as notas não são tão legais assim, eu acabo gastando muito tempo fazer uma coisa mas aí quando vai fazer a outra já tem muito tempo, aí acabo fazendo as coisas às pressas e não sai com muita qualidade os trabalhos. Estudar para prova também, como eu passo muito tempo fazendo, resolvendo os trabalhos, eu quase não estudo para o enem, quase não estudo para as provas, eu estudo em cima da hora mesmo, porque eu sempre gasto muito tempo fazendo outras coisas, o que me prejudica é essa dificuldade de otimizar o tempo. Eu gosto muito de organização mas sou desorganizado quanto aos meus estudos, tipo assim se for falar da organização do meu quarto, por exemplo, aí sim tá tudo bem direitinho, tudo no seu lugar, agora organizar as coisas na minha cabeça é difícil, eu, eu não consigo fazer as coisas rápido, faço um pouco devagar, justamente porque eu tenho, eu tenho muito medo de acabar fazendo errado, aí eu faço bem devagarzinho, bem com calma, tô falando dos trabalhos da escola, eu faço bem com calma para não ter erro, eu também procuro fazer sempre da maneira mais perfeita possível, aí acaba gastando muito tempo, que poderia tá investindo em outras atividades. É isso.

P - Você agora está estagiando, como está sendo esse estágio?

L - Da mesma forma, o estágio é uma coisa que toma mais tempo, assim eu tenho menos tempo ainda para resolver as coisas, o que exige mais otimização de tempo só que eu não consigo. - O estágio está ok (apresentou muitas hesitação para responder), não tem nada muito impressionante não, assim eu poderia estar me saindo melhor, porque eu acho que eu - - (não consegue se expressar) é é - - eu - - já cometi algumas, alguns erros que não podia ter cometido por causa de atenção, às vezes às vezes me precisa passar as coisa umas 3 ou 4 vezes porque eu esqueço com muita facilidade, por causa que eu sou uma pessoa pessoa muito sinestésica eu preciso estar praticando as atividades para entender o que eu estou fazendo, então as orientações que eu recebo no estágio quando é só uma coisa assim teoria, por exemplo tem uma máquina lá, se ficar só no blá blá blá, se ficar dizendo isso é assim isso é assado aí eu não vou entender nada, precisa ir lá na máquina me ensinando passo a passo bem direitinho, um a um, como é que faz todos os comandos para eu aprender, e tem que ser frequente, não pode ser mexer na máquina hoje e a próxima vez só no mês que vem, não, tem que ser direto, eu preciso estar praticando preciso estar toda hora com aquilo na cabeça para poder assimilar as coisas, e como não tem como fazer isso né porque para isso os servidores de lá tem que ter tempo para fazer isso, aí eu acabo esquecendo as coisas eles precisam ficar repassando mil vezes pra mim, e também, como sou muito esquecido, já esqueci - muitas coisas que eu devia ter lembrado e eu esqueci, deu uma ordem que eu deveria ter feito em tal hora e eu esqueci e não fiz. Entendeu? Tá melhorando, é porque no principio né, acho que todo mundo é muito voltado para o que tá fazendo lá né, todo mundo é muito focado, cada um no seu trabalho, aí não conversa muito e ainda sou novato lá, apesar de estar no terceiro mês já, eu sou novo lá então não tem o que conversar lá ainda, a relação vai sendo aprimorada com o tempo, conforme vão surgindo experiências, que geram assuntos, que geram diálogos que vão gerar relações. Entendeu? Mas tá evoluindo, tá evoluindo. Tem sido difícil, mas está evoluindo.

P - O que tem sido difícil a convivência ou as atividades?

L - Eu acho que - as atividades são mais difíceis, - também porque tem muita coisa que - muita coisa do curso que eu preciso aplicar no estágio, mas eu não lembro, por exemplo.

P - Vamos voltar para a pergunta original, como tem sido os resultados?

L - Do estágio, considerando o objetivo do estágio, na minha visão tá tão bom não, por quê eu tem feito coisa errada, atrás de coisa errada, apesar que o meu supervisor, ele disse que está tudo bem que ninguém contrata estagiário para chegar sabendo tudo, tudo mais, mas é porque eu me cobro mesmo eu acho que se passei quase 4 anos estudando os conteúdos e chega no estágio e tem algumas coisas que eu não lembro mais como é que faz ou então tenho problema de que eu fico esquecendo das coisas e não aprendo rápido, aí eu acho que isso não é legal não, mesmo porque num ambiente de trabalho quando eu for trabalhar mesmo eu vou precisar ter mais

responsabilidade, mais organização, vou precisar saber não vou poder ficar esquecendo das coisas direto, não vou poder ficar cometendo tantos erros como eu estou cometendo agora. Ontem mesmo me mandaram fazer uma tarefa ontem e eu fiz, só que eu fiz do jeito errado, eu tive que soldar lá um negócio aí soldei do jeito errado, me avisaram eu tive que tirar a solda para depois soldar de novo, aí levou a tarde toda só nisso aí. Na minha visão tem sido muito bom não os resultados, se eu fosse meu próprio supervisor ia me reprovar.

P - E os resultados obtidos em sala de aula?

L - Também não têm sido tão bons assim não. Como eu já falei eu sou desorganizado com meu tempo e com as minhas atividades e eu não sou muito participativo na aula também, sou um pouco tímido (falou bem baixinho), não faço muitas perguntas não tenho muitas dúvidas, eu tenho déficit de atenção absurdo, assim, que com qualquer coisa eu me distraio, se uma pessoa lá atrás da sala espirrar, eu já vou me distrair, eu já vou querer saber quem foi, a que horas entendeu? (risos) - aí eu já perco o foco e já desembarço tudo, eu tenho preguiça, não gosto de ficar mandando professor voltar o conteúdo direto, porque se toda vez que eu perco o fio da meada aí ele não vai sair do canto, porque eu me desligo muito fácil, eu penso muita coisa ao mesmo tempo, entendeu? Tem matéria que eu nem me preocupo se eu vou passar ou não porque eu acho fácil, tem matérias que eu acho muito difícil mas que eu me empenho para estudar, tem outras matérias que acho difícil mas dá preguiça de estudar porque são matérias chatas, aí o que faço é estudar para passar. O meu objetivo é ter a média, mas não aprender, é ter a média e não aprender. Porque é um saco, certas matérias são um saco - As minhas notas do começo do curso eram bem bem baixas, porque eu cheguei aqui sem base nenhuma, meu irmão no primeiro ano você precisa ter uma base do fundamental que eu não tive. Mas no segundo ano começou a melhorar, as notas estavam na casa dos setenta, aí no terceiro ano já foi para a casa dos 80, era o ano passado, esse ano era para ir para casa dos noventa mas não foi não, tá variando, tá misturado agora. Variando para baixo é porque depois de três anos eu tô um pouco cansado. Meu objetivo é só passar, mesmo porque eu não vou seguir na mecatrônica. Se considerar as notas eu estou numa faixa razoável, agora se for considerar todo o meu empenho, todo o meu interesse e tudo mais, a carga de conhecimento que já tenho, e tudo, eu acho que estou bom, mas é porque eu não sei administrar direito entendeu? as coisas, os meus estudos, aí isso, essa confusão acaba refletindo nas notas. Mas se eu fosse uma pessoa organizada, bem direitinho, bem organizadinha com meus estudos, com meus horários, que participasse mais da aula, que - entendeu? que não ficasse se distraindo direto, se fosse uma pessoa mais focada, mais centrada, eu acho que as minhas notas estariam melhores, no mínimo oitenta.

P - Tem feito alguma coisa para melhorar a concentração?

L - Eu tenho procurado dormir mais cedo, para dormir mais, eu costumava dormir muito pouco, não que eu tenha dormido bem essa semana, não dormi não, mais só isso mesmo, só dormir, descansar um pouco mais quando chego em casa, eu nem lembro quando foi que estudei alguma coisa em casa. Quando chego em casa já é de noite, meu cérebro não quer mais estudar, já passei o dia todo preocupado com estudos aí não aguento mais. (pede para ligar o ar condicionado)

P - O que você faz no final de semana para se distrair?

L - Não faço nada, eu só não estudo, mais descanso mesmo, durmo quando dá para dormir, assisto televisão, agora que estou com celular, acesso a internet.

P - Que legal como está sendo a relação com o celular?

L - Tá ok, já até salvou minha vida. Eu comprei na quinta-feira passada, não ontem a outra, quando foi no domingo, a minha turma foi fazer sessão de fotos para formatura, eu tinha marcado com algumas pessoas pra a gente se encontrar na passarela, era ali, só que eu acabei me confundindo no dia e fui parar lá no mar vermelho, aí se não fosse o celular eu não iria saber onde eles estavam pra ir atrás porque eu não sabia onde ficava o estúdio de fotos, chegou bem na hora.

P - Os professores costumam orientar ou recomendar, em sala de aula, a frequência à biblioteca?

L - Quando vai fazer algum trabalho sim. Pronto, o livro o santo e a porca, que eu li, foi por causa de um trabalho, tinha que apresentar seminário, fazer relatório, aí tinha aqui. Os professores que vão fazer este tipo de trabalho, normalmente consultam o acervo daqui já para facilitar. É - é algumas vezes assim quando passam - por exemplo o professor de história tá passando determinado assunto aí ele chegou a sugerir um livro daqui pra a gente ler, porque era muito bom, não um livro didático, mas um livro livro mesmo, ele já chegou a sugerir porque é bom para conhecer mais, por curiosidade mesmo, acho que a maioria não recomenda por que nem todos conhecem o acervo daqui, mesmo porque o acervo é mais didático, eu acho, tem muito livro didático. Só os professores de matérias técnicas, aí sim, aí realmente sim. No primeiro ano quando eu paguei matéria de programação o

professor recomendou um livro que tinha aqui, de programação, esse livro me ajudou muito, praticamente adotei ele para mim. É esse tipo de coisa quando estão passando algum conteúdo que tem o livro aqui que pode ajudar, aí sugerem, mas não ficam com aquele negócio se então com dificuldade procurem a biblioteca usem os recursos dela. Não ficam com aquele incentivo direto, entendeu? Não, é mais quando precisa mesmo, tá passando algum assunto aí tem um livro aqui que eles conhecem, que tá por aqui, aí eles dizem: - olha tem tal livro ali na biblioteca podem consultar lá, não é com muita frequência não, mas é.

P - Seus pais costumam ajudar nos seus trabalhos escolares?

L - Não, é mais fácil eu ajudar eles, eles não ela, porque meu pai não mora comigo. A minha estava querendo fazer um concurso, pra não sei o quê, um concurso público, eu não entendo como é que funciona concurso público não, mas ela disse que tinha que fazer uma prova, que cobrava conhecimentos básico em português e matemática, ela pediu ajuda nas questões de matemática, aí eu tentei explicar só que ela não entendeu (risos) porque o meu raciocínio é um pouco mais complexo, eu estou acostuma aqui no IF fazer um bocado de macete que facilita muito a vida, tentei passar para ela, mas não deu certo não. Ela não lembrar algumas coisas bem, bem simples. Aí precisa retomar ter toda uma base, precisa relembrar de muita coisa para conseguir fazer aquelas provas, mesmo provas de concurso que são bem básicas. É, não daria para ajudar, mesmo que eu quisesse. Acho que só sei me virar sozinho mesmo, até porque faço tudo do meu jeito não preciso esperar por ninguém. Meu irmão depois chegou lá e ajudou ela fazer do jeito mais simples e deu certo.

P - Gostaria de agradecer por sua participação e saber com estes encontros foram para você?

L - Foi normal, me fez pensar sobre algumas coisas que eu não ficava pensando antes, às vezes uma pergunta que tenho dificuldade de responder sendo que era para ter facilidade, perguntar alguma coisa da minha família que eu mesmo não sei responder, eu que sou da família, me refletir sobre esse tipo de coisa.

Entrevista com o estudante 10 (Hermione)

Arquivo: E10 - Tempo de Gravação: 2 h, 02 min e 42 seg

Realizada em agosto/setembro/outubro de 2019

Identificação: N. P. S.

Dezoito anos

P - Boa Tarde, este estudo tem a finalidade investigar a performatividade acadêmica do estudante mediante ao número de empréstimo domiciliar realizado na Biblioteca, com vistas a identificar o desempenho dos estudantes; conhecer o perfil sócio econômico e cultural dos estudantes que utilizam, efetivamente, a biblioteca; e verificar as motivações dos estudantes quanto ao uso da biblioteca.

P - Vou perguntar um pouco sobre os seus pais. Qual a idade da tua mãe?

H - Minha mãe tem 52

P - Nível de instrução dela?

H - Ela tem o segundo grau incompleto, ela não terminou não.

P - Qual a profissão dela?

H - Ela, tipo, é dona de casa, na real ela tem uma lanchonete lá em casa porque lá em casa tem 2 campos de futebol aí ela bota tipo uma lanchonete assim pra vender, pipoca essas coisas, ela vende pipoca refrigerante, essas coisas.

P - E seu Pai, tem quantos anos?

H - 62

P - Qual o nível de instrução dele?

H - Ele terminou o ensino médio.

P - E a profissão?

H - Ele é militar, ta na reserva já.

P - Quantas pessoas residem na tua casa?

H - 3, eu, meu pai e minha mãe.

P - Você é filha única?

H - Não, eu tenho mais 4 irmãos mas, nenhum é por parte dos 2, tenho 3 por parte de Pai e 1 por parte de Mãe, aí tipo, eles nunca moraram comigo, como são bem mais velhos que eu e nunca conviveram comigo mas tipo, eu falo com eles assim, tranquilo, eles vão lá pra casa.

P - Mas de Pai e Mãe você é filha única?

H - É, sou.

P - Quantos cômodos tem a tua casa?

H - Tem a cozinha, o quarto, meu e de mainha, 5 cômodos.

P - Você tem o hábito de ler livros, revistas, jornais?

H - -, sim, eu gosto muito desde quando eu era pequena, eu lia muito gibi, eu tenho até hoje o gibi da turma da Mônica, toda vida que mainha ia no supermercado eu pedia pra ela comprar aí eu tenho numa caixinha assim, aí quando eu fui crescendo eu comecei a ler mais livros aí eu fico lendo até hoje.

P - Esse hábito foi incentivado pelos seus pais? Sua mãe gosta de ler?

H - Não, minha mãe tranquila assim, ela não gosta muito não, meu pai muito menos, meu pai tem até dificuldade pra ler algumas coisas porque ele não lê muito não exercita aí ele fica com muita dificuldade pra ler alguma coisa mas, eu não sei, assim, tipo, eu via as revistinhas eu achava legal, achava bonito, porque tipo, era dos desenhos, tipo, eu lembro que a minha primeira revistinha foi do sítio do pica-pau amarelo, eu sempre assista e quando eu via eu queria comprar aquilo ali pra mim, aí minha mãe comprou eu comecei a ler, eu gostei, aí eu fiquei lendo mais revistas.

P - Então, você gosta de ler desde criança?

H - [confirmou com a cabeça]

P - Atualmente você lê quantos livros durante o ano?

H - Eu nunca fiz uma conta assim, durante o ano, porque eu vou lendo várias coisas, muito variado, agora eu to lendo The Hobbit porque eu comecei a assistir os filmes. Eu não tenho assim uma noção de quantos livros porque eu pego vários na biblioteca eu começo a ler um aí eu não gosto muito da história, não me interessa aí eu paro na metade, aí depois eu pego outro vou lendo, mas acho que terminar mesmo acho que por ano uns 10 mais ou menos, mas tipo de espessuras diferentes porque eu também gosto de livro também uns que tem história mais curta ou livro que é peça de teatro aí geralmente são mais curtos aí eu gosto de ler mas eu tipo, nunca contei assim por ano quantos eu li.

H - Desses muitos livros que você leu qual um autor que você tenha gostado mais?

P - Eu gosto da escritora do Harry Potter (J. K. Rowling), eu acho muito legal, porque eu ganhei o meu primeiro livro do Harry Potter quanto eu fiz 15 ano, aí foi minha vizinha que me deu aí eu gostei muito eu comecei a ler, eu estava gostando muito da história aí comecei a comprar os outros livros da série aí só que eu parei no 4º livro aí até hoje ta lá em casa, eu tenho todos eles a coleção mas parei no 4º aí eu comecei, quando entrei no IF porque tipo, quando fiz 15 anos aí no ano seguinte entrei no IF, aí quando eu vi a biblioteca daqui, comecei a pegar os livros daqui, parei de ler Harry Potter e comecei a ler os daqui, aí foi quando eu peguei lá na biblioteca as crônicas de gelo e fogo aí eu comecei a ler, eu gostei muito só que tipo são uns livros muito grandes aí eu terminei o 2º eu comecei o 3º aí eu tô na metade aí só que eu assisti a série também porque tipo é baseado aí é eu peguei só que parei na metade aí hoje eu comprei esse livro ta lá em casa eu tenho que terminar de ler só que eu comecei assistir agora senhor dos anéis agora eu estou gostando muito de senhor dos anéis aí eu ganhei o senhor dos anéis aí tô lendo The Hobbit pra saber o que acontece antes dessa história, porque senhor dos anéis é depois do The Hobbit aí eu to terminando agora, eu to no foco do senhor dos anéis aí eu vou terminar The Hobbit e começar a ler, tipo muito variado.

P - Mas assim, você fala que os primeiros contatos foram com o gibi, mas com os livros, qual foi o primeiro contato com os livros mesmo?

H - O livro assim, eu não me recordo muito mas na escola que eu estudava em colégio particular, aí tipo, lá tinha biblioteca mas a gente não podia muito entrar e ficar lá, como a daqui, era mais pra livro didático, aí, às vezes, agente entrava, a gente só olhava assim só tinha livro didático e a gente não podia pegar emprestado pra levar pra casa, aí a gente só olhava mas tipo, todo anos eles davam a lista de livros que tinha que comprar, pras matérias de português, sempre vinha com livro paradidático, aí era bem curtinho, tinha umas histórias bem simples mas eu começa a ler, eu gostava aí pronto, era mais isso mas, eu não lembro qual foi assim o primeiro livro que eu comprei tipo, gostei de ler assim, não me recordo, mas eu acho que foi Diário de um Banana, que eu tenho a muito tempo esse livro, eu achava legal, que eu pegava na biblioteca que tinha em frente a minha casa, tem uma escola pública, aí minha mãe conhecia a diretora lá e tal, aí ela deixava às vezes eu pegar uns livros

emprestados lá, porque eu moro bem em frente, aí quando eu terminava de ler eu devolvia, aí eu peguei lá O Diário de um Banana, aí eu comecei a ler eu gostei, aí depois eu fui comprando as outras edições aí eu fiquei lendo mas acho que esse foi o primeiro.

P - Seus Pais costumam comprar livros pra você?

H - Sim, compram, às vezes eu peço eles compram, às vezes até mesmo eu compro porque, tipo agora, eu to no projeto, aí já to recebendo bolsa, aí o dinheiro que pego eu ou comprar livro lá na Saraiva, lá na Saraiva ou na Leitura eu sempre estou indo lá, aí eu estou comprando.

P - Mas qual a importância dos livros na sua vida? Qual importância você vê nos livros?

H - Tipo, é como se fosse um refúgio que eu percebo porque eu tenho ansiedade, eu sou uma pessoa que tem muito ansiosa, às vezes, eu tenho até crise, problema de ansiedade, aí tipo, quando eu to muito nervosa eu pego o livro, eu começo a ler como se eu fosse pra aquele universo lá onde tudo tá bem onde tudo tá perfeito no livro, aí eu fico lá com os personagens que eu gosto eu fico rindo de algumas cenas com eles, aí eu me acalmo, mas quando eu começo a ler aí eu fico mais tranquila porque eu gosto muito das histórias de fantasia porque tem dragão tem um monte de coisa aí eu fico imaginando aí fica tudo bem, por isso que eu acho muito importante, sempre gostei.

P - Qual foi o seu primeiro contato com a biblioteca?

H - Com biblioteca foi na minha escola mas a gente quase não podia entrar e não podia pegar livro emprestado porque era mais tipo pra guardar os livros didáticos, aí e ela era bem pequena tinha as prateleiras e só colocavam os livros que tipo sobravam, os didáticos, aí eles guardavam lá, tinha alguns é, clássicos e tinha aquelas histórias mais pra criança, chapeuzinho vermelho, eles tinham lá e tinha outros livros lá mas a gente não podia pegar, tipo, a gente não podia nem frequentar mesmo porque a biblioteca não era num espaço separado da escola, tinha secretaria, aí tinha uma sala dentro da secretaria, aí era a biblioteca, tipo, quase ninguém entrava na secretaria aí a gente não podia ir mesmo.

P - Mas você considera a biblioteca importante? Qual a importância da biblioteca pra você? Como você vê a biblioteca?

H - Acho que é um espaço muito interessante assim porque você pode ficar lá, até estudar, você tem um espaço todo apropriado, você tem é - silêncio que é importante quando você vai estudar, até mesmo quando você vai ler, porque é outra história, porque você tá concentrado ali naquela história, pouca coisa já tira seu foco, então na biblioteca como é silêncio é calmo você consegue entrar de fato e viver a história quando você tá lendo, até mesmo pra estudar é muito importante tipo, na escola, ter esse espaço que a gente pode ficar, é muito interessante eu gosto muito.

P - Você usa o que na nossa biblioteca?

H - Esse ano eu não to frequentando tanto quanto no 1º e 2º ano quando eu entrei, porque to no 3º agora, porque é - como eu to no projeto aí tem 2 dias da semana que eu tenho que ir pro CVT aí os outros dias a gente tem que cumprir a carga horária do projeto, aí a gente tem que ficar na sala de CVT que é lá no NEFRA, aí eu não posso ficar muito saindo de lá, aí eu fico mais lá porque lá, tipo é uma salinha pra a gente, aí a gente fica lá, aí tem - - são só 5 pessoas que frequentam lá aí então é mais calmo a gente pode ficar estudando lá, só que toda vez que eu venho aqui eu pego um livro e levo pra lá, eu pego emprestado e vou pra lá estudar mas, ano passado eu ficava mais pra ficar estudando mesmo lá, eu tinha as atividades eu fazia na biblioteca ficava lendo alguma coisa às vezes o pessoal pedia pra ajudar em alguma matéria aí eu ficava lá na sala que estudo em grupo a gente fazia as questões e é isso.

P - Você usa os computadores na biblioteca?

H - Às vezes eu usava, ano passado mas não era muito comum não, porque eu tenho notebook, comprei, aí eu usava mais notebook, porque tipo, às vezes que a gente chega lá, aí tipo tem muita pessoa tá usando, tipo, não tem disponível, aí eu vou trazer notebook e deixar aí pro pessoal que tá precisando usar.

P - Aqui no seu município tem biblioteca?

H - Eu não conheço se tem aqui, eu sei que tem a de Natal, né? a Biblioteca pública de Natal, não tem?

P - Infelizmente não há biblioteca pública em Natal.

P - O que mais você gosta na sua vida e o que você não gosta?

H - O que eu gosto? Eu gosto de estudar, eu gosto de ir pro cinema, gosto muito de assistir filme esse ano eu to fazendo uma lista de filme que eu já assisti, gosto muito de filme de animação, desenho animado é, eu gosto de fazer um monte de coisas também, gosto de sair com a minha prima que eu tenho uma prima que tem a minha idade porque como eu não tenho irmã em casa ela é a mais próxima assim de mim, eu gosto de sair também

com às minhas amigas, nas férias principalmente elas vão lá pra casa a gente fica lá em casa brincando, fazendo alguma coisa e o que eu não gosto? É eu não gosto muito de acordar cedo, eu tenho uma preguiça aí eu acordo e eu não gosto de briga, tipo quando tem muita gente gritando ou falando muito alto quando era briga eu fico muito, muito agoniada eu fico nervosa e eu não gosto e, eu também não gosto de comer verduras, essas coisas, não gosto, aí acho que é isso.

P - São coisas até bem lúdicas. Mas com você gostaria que fosse a sua vida?

H - Minha vida? Eu acho que é boa do jeito que ela tá, tem coisas que podiam melhorar tipo, - -mas ta bom na medida que ela ta caminhando, sabe? Mas, tem muitas coisas que podiam melhorar tipo, - - é eu não sei, é acho que ela ta boa mas, acho que tem algumas coisas mas dá pra ir.

P - Qual o período que você está cursando?

H - Eu to no 3° ano agora, de mecatrônica.

P - Você realmente gosta de estudar?

H - - , eu gosto.

P - Qual matéria que você mais gosta de estudar?

H - Que eu mais gosto? Tipo, matéria técnica ou qualquer uma delas?

P - Qualquer uma delas.

H - Eu gosto de física, eu gosto muito de física e de eletricidade eletrônica, que é parte de física também, mas, eu diria física como um todo e química também eu gosto muito.

Marise: Por que você frequenta a escola?

H - Eu acho que faz parte da vida da pessoa, tem esse estágio de a gente ir pra escola, tem o estágio que a gente vai pra faculdade, acho que às coisas são organizadas assim na sociedade, tipo, vai nasce aí frequenta a escola no fundamental alguns anos e depois vai evoluindo, como se fosse um ciclo da vida, a gente vai crescendo e vai passando por esses estágios, acho que está nesse estágio agora de estar na escola, pra depois ir pro estágio da vida no trabalho, aí acho que faz parte da vida, a coisa é tão natural que eu não sei dizer porque eu to aqui eu só to, desde que eu nasci eu aprendi que são assim às coisas.

P - O que você aprende na escola ajuda você no seu dia a dia?

H - Uhum, sim, muito principalmente matérias como geografia, sociologia, história, filosofia, porque tipo, abre muito a visão da gente assim, conhecimento de mundo que a gente tem a forma que a gente pensa tipo, vai esclarecendo alguns pontos que a gente, tipo, não costuma pensar simplesmente está no nosso dia a dia mas tipo, quando a gente tá na sala de aula o professor trás aquilo pra uma discussão a gente começa a perceber às coisas e criar nossa opinião aí é muito interessante porque aí ajuda a formar quem a gente é tipo, a maneira de como a gente vai pensar nas coisas.

P - O que você espera da escola? Você é jovem, saindo da adolescência, já cumpriu até um determinado ciclo, mas o que espera da instituição escola?

H - Eu espero que, tipo, ela possa crescer assim e se espalhar por todo lugar do Brasil porque tipo ainda é muito precária assim a educação no Brasil e tipo, muitas pessoas deveriam ter acesso a essa educação de estar na escola de ter essa fase da vida mas, a gente sabe que não é assim nessa realidade né? Acho que podia tipo, crescer mais, tipo, ter mais escola assim pra pessoa e melhorar cada vez mais a qualidade no ensino porque vai formando cada vez mais pessoas com essa visão de mundo, com esse conhecimento que vão futuramente ajudar o país, pra crescer ajudar até mesmo outras pessoas no conhecimento que é adquirido aqui.

P - Como a escola poderia mudar a sua vida?

H - Eu creio que aqui -, o IF em si ele mudou muito porque tipo, antes quando eu estudava em escola particular tipo, eu nunca imaginava assim que eu ia saber tanta coisa que acontece até às minhas matérias tem muitas que com essa idade eu já to entendendo esses negócios tudo aí tipo, é muito, muito amplo assim eu acho muito legal.

P - Como você utiliza o que a escola lhe ensina?

H - Eu gosto muito de fazer às provas em si, principalmente às provas de olimpíadas, quando os professores passam às olimpíadas de física, química, matemática, eu gosto muito quanto está na fase das olimpíadas de astronomia também, até ano passado eu ganhei medalhe eu gostei muito eu começo a fazer os exercícios eu fico fazendo aí eu acho muito legal e é também pra debater mesmo a gente adquirir os conhecimentos aqui aí às vezes a gente conhece pessoas de outro lugar a gente vai trocando experiência assim, aí eu tipo, trocando às informações.

P - Você acha que esse mérito é legal? Mas, como é que você vê o mérito? Você acha que esse mérito atinge a todos? Por que você buscou isso?

H - Eu não sei, acho que é, tipo, uma coisa que, tipo, tem gente que também faz essas olimpíadas, mas não tem tanta desenvoltura tipo, não se dá muito bem com a matéria mas tipo, é uma coisa da pessoa, tipo, a pessoa às vezes --, porque eu gosto muito de química e de física aí eu tenho mais facilidade pra aprender, mas tipo, tem pessoas que não gostam de química ou de física, mas tipo, gostam muito de história aí se dão bem mais naquela matéria, e tipo, até tem olimpíada de história e tipo é só que tipo, a pessoa buscar alguns caminhos que são que eles --, que combinam mais com a personalidade dela, tipo, eu acho que ela consegue alcançar o mérito assim nessas, nesse viés, fazendo uma coisa que ela gosta ali, que ela tem mais habilidade, que ela tem facilidade pra aprender, acho que ela consegue tipo, ficar feliz com o resultado que ela adquiriu naquela área que ela é mais inclinada.

P - Com que idade você começou a sua vida escolar?

H - Eu, minha mãe fala que eu fui com uns 2 anos mais ou menos assim pra o maternal.

P - Por que sua mãe botou você tão cedo assim, na escola?

H - Eu não sei, foi mais meu pai, porque acho que por ela, meu pai diz, "sua mãe acho que ela colocaria você na escola com uns 6 anos, 7 anos mais ou menos", mas, meu pai que quis logo começar assim, logo cedo, eu não sei, ele só me colocou.

P - Isso lhe ajudou ou lhe atrapalhou de alguma forma?

H - Eu acho que me ajudou, tipo, eu no começo chorava muito porque achava que eles iam me esquecer na escola até acho que até o 2º ano eu chorava quando ele demorava pra ir me pegar, achei que ele tinha me esquecido lá mas depois eu acho que fui me acostumando, tipo outros alunos normal, fazendo parte do dia a dia.

P - Quais fatores da escola contribuíram para o seu sucesso?

H - Eu acho que tipo, algumas matérias assim, alguns professores tipo, eles em vez de darem só a aula deles, daquela matéria, eles falam coisas das vivências que eles tiveram das experiências deles e a gente fica vendo que, às vezes, se relacionam com alguma que a gente teve e a gente vai tipo, sabendo como se comportar diante de tal situação, eles vão contando o que eles já passaram essas coisas, eles meio que criam um vínculo com os alunos, criam uma certa amizade aí vai facilitando esse relacionamento, tipo, às matérias de artes também é muito interessante porque tem teatro aí a gente tipo, vai pro palco, faz às peças que esse ano a gente tem que fazer peça e tal, tem o bio teatro também que a gente tá lá no palco a gente fica na frente de todo mundo assim e a gente fica muito nervoso só que quando a gente começa a falar lá, que a gente vê que tá tudo, tudo dando certo, vai passando o nervosismo, aí ficando tudo muito bem e é muito massa, eu gosto muito de apresentar teatro, meu teatro foi muito legal eu lembro que quando estava tudo fechado a cortina estava todo mundo tremendo aí quando abriu mesmo tremendo lá no palco quando eu comecei a falar aí foi normal aí eu parei aí foi tudo tranquilo, tipo, ajuda a pessoa a falar em público a saber como se comportar quando tipo, dar uma palestra futuramente ou até mesmo um seminário mesmo à falar na frente de todo mundo à perder a vergonha e até se comportar no palco, alguma coisa, acho que é muito interessante você ter esse comportamento social.

P - Há estímulo, também, por parte dos colegas e da direção no seu percurso acadêmico?

H --, sim, principalmente dos meus colegas, porque tipo, o IF ele reuni muito às pessoas que tem várias origens e vivências diferentes e tipo, pessoas de várias, várias contextos sociais tipo, a pessoa vai fazendo amizade e vai percebendo que tipo, tem outras pessoas que tem --, é, que não vivem no mesmo ambiente que você elas vivem em outra situação aí você vai vendo como aquilo é e você vai descobrindo às coisas assim que, tipo, a vida tem várias, vários jeitos de se viver, vários jeitos de ser vivido, muitas pessoas tipo, na mesma idade que você passam por horror de situações elas falam aquilo pra você, você até tenta se colocar um pouco na dela você vai imaginando como seria passar por aquilo e você vai meio que criando assim como se tivesse acontecido com você, você vai adquirindo essas vivências.

P - Houve amigos no seu percurso escolar que não obtiveram sucesso ou se desvirtuaram do caminho dos estudos?

H - Sim, tem um, é uns 2 mais ou menos, acho que 2 que são da minha sala só que é Ewerton e Iasmin aí tipo, no 1º ano eles estavam tipo vindo pra aula e tal, no 2º ano também só que no, na metade mais ou menos do 2º ano eu não sei o que aconteceu muito bem que tipo, Ewerton começou a faltar muito, tipo, quase, era muito difícil ele estar vindo pras aulas, tipo assim, quando ele vinha nos últimos horários ou nos horários do meio, aí tipo, ele começou a faltar muito, tipo, muitos professores chegaram a perguntar se ele tinha desistido do curso mas não porque só ele estava faltando mesmo, às vezes, de tarde ele tipo vinha pra escola aí a gente, eu conversando com ele e tal porque ele é bem próximo de mim, aí o problema tipo, ele dormia, estava com problema de dormir aí ele dormia muito tarde e não acordava aí, ele não vinha pra aula, aí esse ano continuou do mesmo jeito, ele veio até na primeira semana ele conseguiu vir aí depois começou a faltar de novo, aí todo mundo já acha que é normal, lá

na sala, ele faltar, ele não tá mais indo pra aula, pra escola, até a ETEP chegou a chamar ele pra ver se estava acontecendo alguma coisa aí ele tá faltando muito, mas tipo, ele até estuda, em casa e tal, ele estuda porque ele é focado em entrar na escola militar, aí ele é muito focado em entrar na carreira militar aí ele estuda em casa mas tipo, eu acho que frequentar a escola era muito importante porque tipo tem matérias aqui que vão ser a base pra ele fazer essas provas, acho que ele faltar muito, prejudica muito nas provas e nas matérias que são semestrais também porque é mais complicado pra você passar por elas e a outra amiga também que eu falei é lasmin, Maria lasmin aí ela também tá tipo com o mesmo problema de Ewerton, ela tem problema pra dormir e pra acordar, ela tipo não acorda cedo aí ela perde os primeiros horários, hoje ela chegou de -, depois do intervalo, tem dia, essa semana ela tá conseguindo chegar até mais cedo porque tem semana que ela chega no último horário aí ela chega no último horário aí fica, aí ela perde todas às aulas fica com muita dificuldade nas matérias.

P - E dos que estudaram com você no ensino fundamental? Você tem contato ainda com esses outros?

H - Não tenho com muitos não, tipo, eu até tenho no Facebook mas eu não falo muito com eles assim porque tipo não tinha muitos amigos na escola, quando eu estudava na particular eu só tinha mais duas amigas assim que era mais próximas aí uma delas - - ela foi pra São Paulo, eu conheço ela desde o 4º ano aí ela foi pra São Paulo quando a gente terminou o 9º ano aí eu não tive mais contato, eu tipo, eu falo com ela pela internet de vez em quando mas diminui muito o contato e tem outras duas meninas também que são gêmeas que elas até estudam aqui que eu conheço elas desde o 7º ano que é Clara e Carol, só que tipo, uma tá em meca e outra tá em info aí elas entraram no mesmo ano que eu, só que às duas estudam de tarde aí eu só vejo elas só de vez em quando nos corredores por aí, aí a gente se fala mas não é tipo, falar tipo, de como eu sou próximo de Ewerton e lasmin assim, mas só de tipo, continuar a amizade assim de falar.

P - O seu ensino fundamental foi todo cursado na escola privada?

H - [concorda com a cabeça], sim.

P - Desde o maternal?

H - Desde o maternal, e tipo, na mesma escola, nunca troquei de escola.

P - Com relação ao seu desempenho acadêmico, desde o ensino fundamental, já houve alguma reprovação?

H - Não.

P - Você teve apoio de algum professor ou de um profissional da escola, em especial, durante seu percurso acadêmico?

Natália: Apoio, tipo, como assim?

P - Geralmente no percurso acadêmico tem algumas pessoas que botam a gente lá em cima, às vezes com uma palavra de estímulo, de incentivo.

H - É, eu tive assim, mas tipo, não era muito comum assim mas, quem brincava que falava umas coisas assim era um professor de química que eu tinha no 9º e no 8º ano, acho que foi até por isso que eu comecei a gostar tanto de física assim porque tipo, ele era muito legal com a turma, sempre brincava com a gente conversava e quando eu entrei no IF também teve dois professores também que apoiaram bastante que foi o professor Rogério e o professor Carlos Magno e são professores justamente de química e de física e eu justamente gosto muito de química e de física em partes por causa dos professores, também, que incentivam bastante aí eu comecei a gostar, foram esses.

P - Ao ingressar no IF você teve alguma dificuldade na aprendizagem dos conteúdos curriculares?

H - Não, tipo, quando entrei tem sempre aquele choque, tipo, o pessoal mais veterano falando que é difícil o IF e tal, eu ficava imaginando se era porque essas matérias técnicas de programação esses negócios deve ser tão difícil mas quando a pessoa tá lá aprendendo o professor vai explicando passo a passo e tipo, quando a pessoa vai ver no final do ano a pessoa já sabe tanta coisa, eu nunca tive dificuldade em uma matéria específica, sempre foi tranquilo.

P - São muitas pessoas muito diferentes como você mesma falou. Você vem de uma escola privada onde é comum um determinado perfil socioeconômico, como você lidou com essa heterogeneidade de pessoas culturalmente, socialmente, economicamente, tudo diferente?

H - Foi tudo, foi muito, foi muito legal porque eu fui, tipo, me relacionando com outras pessoas que eu via que tinha a realidade totalmente diferente da minha, mas também elas estavam ali frequentando o mesmo lugar que eu, aí foi, foi muito legal, foi uma experiência muito legal conhecer essas pessoas conseguir entender a história delas, tipo, Ewerton e lasmin, às pessoas da minha sala que eu fiz muita amizade com eles, eles sendo bem diferentes, tipo, gosto de música, de roupas, essas coisas, filmes, tipo, muito diferentes, mas mesmo assim a gente se dá bem, conversa, brinca, é muito legal.

P - Você percebe que o meio familiar, social, interfere nessa questão do gosto?

H - Eu creio que sim, porque a gente se espelha nos nossos pais, tipo, o que eles escutam assim, como eles, a maneira deles agir, de se vestir a gente acaba meio que incorporando aquilo pra a gente, tipo escutar determinado tipo musical, assistir determinado tipo de filme, a gente começa a pegar esse gosto mas quando a gente vai crescendo a gente vai mudando, conhecendo outras pessoas aí vai vivendo essas experiências aí conhece outra coisa que não sabia que tinha, começa a gostar disso e vai mudando.

P - Por que você frequenta a biblioteca da escola?

H - É mais pra eu estudar mesmo, porque como eu fazia muitas olimpíadas eu precisava de um lugar pra ficar estudando e lá em casa tipo, minha mãe como ela vende às coisas ela ta sempre falando muito com o pessoal aí meio que atrapalha o barulho aí eu fico na biblioteca porque lá era mais tranquilo e aí também pra ler algum livro, pegava porque tipo, estava tudo lá perto de mim, era só pegar um livro, sentar na mesa e ficar lendo e era um espaço próprio pra ficar lá, lendo ou estudando.

P - Qual a importância da biblioteca para a sua permanência aqui no IF? Ela fez alguma diferença?

H - Sim, porque eu não tinha contato com biblioteca lá na minha escola, né? Como eu tinha falado, e aqui tipo, a gente pode entrar lá pegar o livro, ficar lá e tipo, no 1º ano era muito legal porque tinha um sofá na biblioteca e eu ficava lá sentada lendo o livro no sofá e era muito legal aí e tipo, mesmo que tipo, quem não é do IF ainda pode até vir aqui e frequentar a biblioteca, só não pode pegar o livro emprestado mas tipo, pode usar o espaço como todo mundo e eu não sabia disso quando eu estudava na outra escola, se eu soubesse disso eu teria vindo aqui muitas vezes pra ficar lendo os livros porque é muito legal.

P - Na sua opinião, qual a finalidade da biblioteca?

H - Que é um espaço que serve para a gente conseguir informações, tipo, de várias fontes diferentes, de vários livros diferentes pra tanto estudar ou adquirir qualquer outro tipo de conhecimento, seja livro, até cd's de idiomas, tem dicionários, tem umas coisas, lugar pra quando você tem dúvida em alguma matéria você pode ir lá, tipo, eu faço muito isso, tipo, quando o professor estava dando aula ano passado aí ele falou alguma coisa que, que não tinha no livro ou alguma coisa assim aí eu anotava aí eu vinha na biblioteca procurava um monte de livro aí lia, é pesquisando no sumário eu via se tinha algum ponto deles e ia vendo aí quando achava um eu pegava emprestado e ia pra casa pra ver o que era aquilo.

P - E quanto aos livros de literatura, a sua leitura mudou, melhorou, acrescentou com esse espaço?

H - Sim, bastante, porque eu não, tipo, não tinha tanto costume tipo, tinha uns livros em casa tinha O Diário de um Banana tinha essas coisas tipo, aqui tem vários gêneros diferentes aí eu conheci a pegar os livros de fantasias comecei com Harry Potter aí eu tinha em casa tipo, comprava os outros livros só que já tenho tipo, tenho a coleção de Harry Potter, aí tem é as crônicas de gelo e fogo, tem até o senhor dos anéis, aí tipo tem muitos gêneros diferentes que pode pegar e ficar lendo, ali naquele espaço, tem até Sherlock Holmes também que eu comecei a ler eu peguei o livro achei muito legal aí até comprei outros livros de contos, de Sherlock quando eu li o primeiro aqui, eu gostei tanto e é outro gênero tipo, é mistério, é aventuras, eu gostei muito daquele gênero tipo, eu não costumava ler antes no dia que eu peguei aí eu comecei a ler e gostei.

P - Fale um pouco sobre os serviços que são oferecidos pela biblioteca e quais você costuma utilizar?

H - Da biblioteca eu uso muito o empréstimo de livros, os armários que eu sempre fico aqui de tarde aí eu to sempre lá indo pegar às chaves pra guardar alguma coisa, às vezes é o notebook, às vezes é só pra aliviar o peso da mochila mesmo, eu boto algumas coisas no armário e o empréstimo de livro também, de vez em quando uso as salas de estudo mas é bem raro.

P - O que você objetiva alcançar com os seus estudos?

H - Eu não sei tipo assim, de carreira porque todo dia eu quero fazer uma coisa diferente, eu já pensei em ser tanta coisa, mas acho que do momento, agora como eu to nessa vivência do IF tipo, ter um curso e esse ano ta tendo mais matérias técnicas eu comecei a gostar muito da parte de eletricidade, aí eu to mais agora em dúvida na verdade em qual escolher depois que eu terminar o IF tipo, no ENEM, entre fazer física, bacharelado ou engenharia elétrica aí eu to muito em dúvida nessas duas, mas no momento agora se eu fosse escolher hoje, acho que eu iria pra engenharia elétrica.

P - Quais as suas perspectivas acadêmicas futuras?

H - É, eu busco tipo, engenharia elétrica ou física porque principalmente elétrica porque tipo, o campo depois, ele é bem mais amplo, tipo, depois que eu fizer engenharia pretendo tipo ingressar em mestrado e doutorado porque eu quero muito ser professora do IF, muito, muito mesmo porque eu acho muito legal isso aqui eu prezo muito os professores daqui tipo, os que a gente que tem aqui, ta todo mundo sempre reunido todo mundo ali, sempre

engajado em alguma coisa seja de teatro, seja em música, em esporte, tipo, ta todo mundo ali e eu quero muito ser professora e tipo em elétrica como eu gosto muito, e tipo, tem vários ramos pra seguir tipo, vários professores da gente são formados em elétrica e tipo, dão matérias diferentes, então posso escolher algumas pra me especializar.

P - Como a sua família te apoia no que diz respeito a escola?

H - Tipo, desde o começo eles sempre me incentivaram porque, tipo, quando eles eram pequenos a vida deles foi bem difícil, tipo, eles eram do interior, essas coisas aí era bem mais complicado e tipo, quando eles foram percebendo a mudança, tal, na sociedade, eles viram que o estudo era a única forma da pessoa tipo, tentar mudar de vida aí por isso que eles sempre me incentivaram muito a estudar, ir pra escolar, fazer as atividades e ir evoluindo porquê tipo, através disso eu poder conseguir um trabalho depois e conseguir ter uma vida melhor do que eles tiveram quando tinham a minha idade, tipo, poder melhorar, mas sempre me incentivaram.

P - Eles compreendem essa sua vontade de estudar?

H - [concorda positivamente com a cabeça], vão até no carro mesmo, eu entro no carro quando papai vem me pegar, aí ele pergunta “como é que foi a aula hoje?” “Teve o que na aula?” Aí eu começo a contar do dia, das coisas que teve, às aulas que tiveram, ele sempre pergunta como foi, quando tem as provas, também, ele pergunta aí, às vezes quando eu tiro alguma nota baixa ele diz, “não, não tem problema não, não foi culpa sua não, você estudou e isso acontece e tal é só não baixar a cabeça continuar e vai melhorar no próximo bimestre”, ele sempre dá esse apoio, tipo, ele ta sempre presente.

P - Você mora junto com seus pais?

H - Isso, com meus pais.

P - Você tem irmãos?

H - Eu tenho 4 mas, nenhum mora comigo, tipo, são 3 irmãos por parte de pai e 1 irmã por parte de mãe, mas tipo, como eles são mais velhos eu nunca convivi com eles é como se eu fosse a mais nova, filha única porque eu vivo em casa sozinha tipo, eu nunca convivi com eles.

P - Mas alguns desses irmãos, mesmo estando distantes, serve ou serviu como exemplo?

H - --, tem 2 deles, meus irmãos que, eles moram um aqui e o outro mora no Rio de Janeiro, aí ele fez concurso pra ser bombeiro, tipo, salva vidas aí ele até trabalha como salva vidas lá no Rio e no começo do ano, não sei se foi Abril ele se formou na faculdade em arquitetura aí a gente foi lá pro Rio pra formatura dele tal, foi muito bom esse ano, muito interessante e ele também tem um filho, meu sobrinho, eu tenho 3 sobrinhos que, 1 é filho dele e outros 2 são filhos da minha irmã por parte de mãe e ela não mora aqui também ela mora na Paraíba, e tipo eu gosto muito desse meu irmão porque eu me espelho nele porque ele foi de nós 3 de nós 4 assim, dos meus irmãos foi o único que fez faculdade e terminou agora, que tem alguma formação acadêmica aí tipo, eu me espelho nele.

P - E fora isso, dele ter entrado na Universidade, outra coisa que você lembre e que admire nos seus irmãos?

H - --, eu acho que tipo, o caráter honesto deles, de pessoas que gostam de trabalhar, que vão lá buscam, mesmo os outros 2 eles não tendo formação acadêmica eles trabalham, eles buscam tipo, buscam fonte de sustento e tal e eu acho isso muito interessante neles e 1 deles é Policial na Paraíba, mas mesmo quando ele ta de serviço ele busca fazer outras coisas pra conseguir dinheiro e tal, acho isso muito interessante neles.

P - E como é a sua família? Como é a estrutura familiar? Como é que vocês vivem? Como é o cotidiano de vocês?

H - É tranquilo assim, relativamente, eu me dou bem com os 2, eu converso muito com eles tanto com meu pai tanto com a minha mãe, e é isso, só as brigas -, quando tem brigas em casa e tal mas dá pra conviver.

P - Eu percebo que os seus pais já eram bem maduros, pela idade deles, quando tiveram você, tem alguma dificuldade essa diferença de idade?

H - Não, eu acho que não porque tipo, como eles são bem mais velhos já tem muitas experiências passam muitas histórias do que já viveram, muitas experiências de vida que tipo eu vou aprendendo com aquilo ali vou tipo, tendo como exemplo as experiências.

P - E os seus avós?

H - Meus avós, eu só tenho avós por parte de mãe, os meus por parte de pai eles já faleceram eu nem cheguei a conhecer eles, aí eu só tenho por parte de mãe mesmo, aí eles moram aqui no centro e de vez em quando eu sempre to indo lá pra casa da minha avó tipo, eu durmo lá e tal e tudo porque do lado da casa que a minha avó mora, tem a casa da minha prima e ela tipo, como ela é mais nova, minha faixa etária, ela tem 15 anos aí é como se ela fosse minha irmã é o mais próximo assim que eu tenho de irmã que cresceu junto comigo, porque ela, eu sempre estava indo lá pra minha avó porque ela sempre morou perto e eu sempre dormia lá no final de

semana ou nas férias eu passava às férias lá aí a gente ficava brincando então tipo, tem essa convivência meio que de irmã mesmo, até hoje a gente sai pro shopping junto, aí vai pro cinema a gente faz tudo junto praticamente aí eu sempre ia lá dormia lá também, dormia lá de vez em quando lá na casa de vô.

P - Já que você frequenta muito a casa dos seus avós, que exemplo que você tem deles?

H - É mais uma questão, tipo, das histórias que eles falam a vida deles do quanto foi difícil tipo, porque eles são de uma época já bem mais antiga e tipo, naquela época eles não tinham tanto acesso à educação essas coisas então eles tinham que trabalhar mesmo e ajudar em casa, tipo, a gente vê como aquilo era difícil pra eles tipo, criança e ter que tomar conta dos irmãos, tomar conta da casa pra ajudar os pais, eu fico imaginando como a vida deles foi complicada tipo, e a gente aqui, a chance que a gente tem de mudar isso é através da escola, tipo a gente consegue dar uma vida melhor se a gente se esforçar mais, se estudar, conseguir um emprego melhor, essas coisas.

P - Eles passam isso para você?

H - Sim, eles, minha avó comenta, meu avô é mais quieto, na dele, mas minha avó ela está sempre falando tanto pra mim, quanto para os meus outros primos, que estão lá, ela sempre fala assim pra a gente estudar, fazer o dever de casa essas coisas.

P - Qual a idade deles?

H - Minha avó, ela tem 76 e meu avô ele tem por aí, acho que uns 74, 73, por aí.

P - E seus Tios?

H - Meus tios, é, eu tenho só 1, que mora aqui, tio, e minhas outras tias eu tive 3 tias por parte de pai e essas 3 tias moram lá na Paraíba, na verdade duas delas moram na Paraíba e outra mora no Rio, também, por causa do meu irmão, aí de vez em quando eu vou pra lá mas é bem raro, por causa da escola e tal meu pai sempre viaja em algum feriado assim, aí sempre fica meio apertado pra eu ir por causa dos problemas da escola, mas quando é férias assim eu até vou lá visitar e meu tio ele mora perto da casa da minha avó aqui em Parnamirim também, e a gente sempre vai lá tipo, no domingo ou ele vai lá pra casa pra tipo, churrasco ou alguma coisa assim ele tá sempre indo lá pra casa.

P - Sua mãe não teve irmãos?

H - Sim, minha mãe tem também e 1 deles mora do lado da minha avó, né? Que é o pai da minha prima e os outros moram mais pra longe e a única irmã que a minha mãe tem ela mora na Suíça aí eu também não tenho muito contato, ela só vem pra cá a cada 1 anos ou a cada 2 anos, é bem raro assim da gente falar com ela.

P - O que você ouve dos seus familiares, com relação ao ato de estudar? Porque você fala que eles tiveram dificuldades para estudar.

H - Eles sempre incentivaram muito porque, tipo, eles sempre falavam que se eu estudasse tipo, tivesse aquela disciplina de estudar de ter o comprometimento eu podia conseguir uma vida melhor tipo, ter mais oportunidades tanto pra trabalhos na vida, essas coisas, de mudar a forma, a forma de como a gente estava vivendo naquele momento, então eles sempre falaram nisso, de buscar e estudar, tipo, aprender essas coisas fazer concursos, esses negócios pra tentar mudar de vida.

P - Qual a importância eles dão aos estudos?

H - Eu não sei bem, porque tipo, meu pai ele sempre foi mais focado na carreira militar, então assim que ele terminou o ensino médio ele já ingressou e seguiu carreira na vida militar, aí já a minha mãe ela tinha o sonho de ser da marinha, de servir às forças armadas, só que ela não conseguiu, porque, tipo, ela não concluiu o ensino médio e tal, aí depois como ela não concluiu ela começou a trabalhar aí foi tipo nesse trabalho dela, tipo, ela não continuou mais os estudos eu não sei dizer porque assim eles me incentivam tanto porque eu, que nem eu já falei pro meu pai eu não tenho muita vontade de seguir na carreira militar, na carreira que ele seguiu e minha mãe tipo, incentiva pra eu não parar de estudar agora e tipo, ter a vida que ela teve, tipo, de trabalhar durante a adolescência essas coisas pra tentar conciliar, ter uma fonte de renda uma coisa assim.

P - Mas você sente que seu pai deseja que você siga a carreira militar?

H - Sim, sim, ele pressiona às vezes um pouquinho pra eu seguir nessa carreira mas eu já disse que eu não gosto e tal aí ele fala muito pra eu fazer o ITA, porque lá tem engenharia porque eu digo muito a ela que quero fazer engenharia ou física aí tipo, no ITA tem engenharia elétrica mas no ITA tem a opção de você seguir na carreira militar ou não seguir, tipo, fazer só o curso aí eu já disse a ele que se eu fizesse a prova eu vou fazer pra não seguir a carreira militar, ou fazer só o curso, às vezes ele fica falando, "mais isso aí é garantia já vai ter um emprego lá, você recebe assistência do corpo militar e tal" mas eu não quero fazer isso porque eu não gosto dessa

carreira, mas ele fala assim, mas ele compreende, de vez em quando ele fala "é você tem que fazer o que você gostar e tal, independente do que seja faça o que você gosta".

P - Mas seus irmãos não seguiram a carreira militar?

H - Não, o que chegou mais próximo foi o da polícia, que está na polícia militar e o que é bombeiro, mas antes eles se alistaram e tal, só que não ficaram lá, não concluíram muito tempo.

P - Eles sempre te apoiaram no conseguimento dos estudos? Você acha que ele vai continuar te apoiando?

H - Eu acho que sim porque tipo, eu to sempre falando das coisas da escola e tal dos exemplos dos professores aqui que eles fizeram mestrado doutorado, essas coisas, aí eu fico explicando pra ele porque eu tenho muito desses termos que ele não entende porque como ele não concluiu o ensino médio, tipo, ele concluiu mas ele não continuou tipo, entrando na universidade essas coisas aí eu fico explicando pra ele como é cada coisa aí ele vai entendendo e vai meio que aceitando e tal, aí ele vai conhecendo e eu falando pra ele aí ele fica é, tipo, dando apoio com relação a isso.

P - Acha que se você decidisse ir para o ITA eles apoiariam e você iria só?

H - Minha mãe eu acho que ela ia ficar mais assim, porque ela é mais apegada, mas, meu pai acho que se fosse pra ir pro ITA ele deixaria eu ir tranquilo, mas minha mãe, ela fala, siga na carreira militar mulher, seja uma tenente ou capitão, ela fala às vezes, porque tipo, ela queria ser da marinha só que como meu pai é militar então ela aconselha mais eu ir pra área militar, porque meu pai é da aeronáutica.

P - Há histórias de sucesso nos estudos no seu âmbito familiar?

H - Tem uma prima minha que, ela mora na Paraíba, ela é filha da minha tia que mora no Rio, aí ela fez o IF também no IFPB e ela também ingressou, acho que ela vai terminar ano que vem também o curso, ela faz engenharia de software lá na UFCG, aí ela ta sempre participando de competições de programação essas coisas, ta sempre, ela ta tipo, como se fosse estágio pela universidade ela ta sempre indo pra eventos grandes assim de programação, convenções, é muito massa eu fico olhando assim as fotos é muito interessante, ela já foi pra São Paulo, Rio de Janeiro e tipo, tudo financiado pela empresa que ela trabalha eu achei muito legal isso, ela ta terminando, vai terminar ano que vem.

P - Seus primos são todos muito jovens?

H - Tem as filhas do meu tio, que duas, ele tem 3 filhas aí todas tem, acho que a mais velha deve ter uns 28 anos por aí e as mais novas tem uns 23, 24 e elas estão, uma está terminando psicologia na UF e a outra terminou recursos humanos e a outra ta cursando letras, inglês e português.

P - Seus avós estudaram mais do que seus pais?

H - Não, pelo menos a parte dos meus avós paternos eu creio que não porque me pai nunca falou assim da escolaridade deles, sempre que eles trabalhavam muito e da conta dos meus avós maternos eu também acho que se eles frequentaram a escola foi só o ensino básico mesmo, porque tipo, eles sabem ler, sabem escrever, sabem algumas coisas assim mas não sabem nada muito aprofundado então acho que eles não chegaram a fazer tipo, ensino médio, só terminaram o básico mesmo.

P - Eu percebo que, no Brasil, as famílias que têm um baixo capital cultural dizem, quando fazem o ensino médio, que terminaram os estudos. Isso acontece na sua família?

H - Eu acho que sim, minha avó, acho que ela já até falou isso, meu avô também, uma coisa assim, porque, mas acho que é mais porque eles não entendem muito tipo, dessa relação ensino médio e terminar os estudos pra eles é só isso aí terminar o ensino médio, tipo, eles não tem essa visão de que tem a faculdade, você precisa se especializar em alguma coisa pra começar a trabalhar naquela área.

P - A que você atribui isso? Como você vê isso?

H - Eu acho que tipo, é uma visão meia errada das coisas porque tipo, a gente nunca para de aprender a gente está sempre aprendendo alguma coisa, independente se é de estudo ou alguma coisa, ta sempre convivendo com as pessoas e aprendendo uma coisa nova, e é isso quando uma pessoa vai ingressar numa faculdade assim ela nunca para de aprender mesmo quando ela conclui doutorado assim que é tipo um dos últimos estágios ela está sempre aprendendo mais porque tem outras especializações tipo, pós-doutorado e existem outras linhas de pesquisa que a pessoa pode se interessar e continuar pesquisando aquela área, eu acho que a gente nunca para.

P - Esse entendimento você traz da sua família? É comum? Tem outras pessoas que tem esse mesmo entendimento que você?

H - Acho que o que tem mais assim é o meu irmão que está na polícia militar, e o que terminou, agora, arquitetura, porque são os mais velhos assim em relação com o meus outro irmão, meu irmão o mais novo deles tem 28 anos, a mesma idade da minha irmã, aí ele tipo, ele terminou o ensino médio, eu acho que ele terminou mas tipo

ele não seguiu a faculdade, ele ficou tipo, fez cursos técnicos, alguma coisa assim, e ficou tipo, meio que trabalhando aqui ali, tentando arrumar algum trabalho e hoje ele tem tipo uma lanchonete, tipo um bar que ele trabalha lá, e acho que não tem essa visão assim de voltar ele não quer voltar por mais que dê tempo dele voltar, meu pai até fala pra ele que se ele quiser fazer algum curso e tal ainda tem tempo pra ele fazer porque ele ta meio que novo ainda, mas, ele não se interessa, ele não tem essa visão, já o meu irmão que está na polícia ele já tem o trabalho dele, já é policial militar, mas, ele mesmo assim tem essa visão de fazer um concurso ou algo mais assim e pra isso ele vê que ele tem que ter uma estrutura acadêmica mais avançada, tanto é que ele ta fazendo agora faculdade particular de direito ele ta tentando terminar pra ele conseguir fazer alguns concursos, porque tem alguns concursos da polícia federal essas coisas que demandam a área de direito então ele ta terminando agora esse curso.

P - E esses seus familiares que moram fora do país, o que eles trazem quando eles vêm aqui? Você costuma entrar em contato com essa sua tia?

H - É bem raro eu falar assim com ela, porque ela sempre demora pra vir assim pra cá e tipo, quando ela vem são poucos dias que ela tem aqui, tipo, uma semana, duas, aí ela passa mais o tempo conhecendo porque como o marido dela ele é suíço, aí ele gosta muito de ficar viajando e conhecendo as coisas do Brasil então eles passam pouco tempo aqui aí é meio complicado mas tipo, quando a gente tem tempo de conversar ela sempre fala mais das coisas de lá tipo, como é essa diferença de lá da suíça pra cá, são mais as questões culturais mesmo, ela ta sempre comentando.

P - Você tem primos lá?

H - Não, ela não tem filhos.

P - Os seus pais já tiveram que fazer algum sacrifício, financeiro ou outro, em benefícios dos seus estudos?

H - Eu creio que sim na época que eu estudava em escola particular, tipo, porque o eu sempre estudei em escola particular e sempre foi na mesma escola e tipo, quando eu estava no 9º ano eu fiz a prova pro IF só que aí meu pai pagou o cursinho, né? É particular e tal preparatório pro IF aí eu passei 1 ano todo estudando no cursinho e antes disso quando eu estava no 7º ano eu fazia um curso de inglês lá no centro, aí eu parei o curso de inglês pra começar o cursinho preparatório pro IF no 9º ano aí só que quando foi, quando fiz a prova pro 9º eu não passei, aí tipo, meu pai sempre falava que se eu não passasse na prova do IF eu não ia continuar lá na escola que eu estava não, eu ia pra uma escola pública ou estadual, ele ia me colocar nela, porque tipo uma mensalidade pro ensino médio lá na minha escola aumentava muito aí ele sempre falava e eu não passei no 9º ano aí, mas mesmo assim ele resolveu, "não, vou deixar você no primeiro ano aí você faz de novo a prova no primeiro ano se não passar a gente vai ver se consegue manter você o ensino médio todo nessa escola aí ta bom?", só que aí eu fiz o primeiro ano todo lá ele foi lá pagando e tal, o 1º ano todo do ensino médio na escola que eu estava aí eu fiz a prova do IF aí passei, aí to aqui até agora, aí deu certo.

P - Por meio dos seus estudos você sonha em transformar a sua realidade social e a da sua família? Você já pensou como você faria isso?

H - Sim, tipo, eu não sei muito bem o que eu faria mas tipo, eu gostaria de ajudar em casa, porque às vezes minha mãe quer uma coisa e tal tipo, equipamento pra casa, eletrodoméstico alguma coisa assim eu queria dar pra ela ou então, quando a gente vai no shopping ela vê um sapato, uma bolsa assim ela queria e tal tipo, eu queria dar aquilo pra ela ali, acho que é isso meu pai também tipo ele vai, ele tá passando por alguma dificuldade aí precisa de dinheiro e tal às vezes eu até empresto pra ele quando eu recebo a bolsa ele pega algum dinheiro emprestado, eu to sempre emprestando pra ele, é isso.

P - Então a sua vida familiar, não é tão confortável financeiramente?

H - É mais ou menos, tipo, é até tranquilo porque, porque lá em casa na verdade só painho que como ele é aposentado, né? militar da reserva é meio que ele que sustenta a renda da casa, minha mãe ela tem a lanchonete aí mas tipo, não é tanto assim que ela recebe da lanchonete porque tipo, depende muito do pessoal que compra e tem mais, quando tem jogo lá em casa, lá em casa tem o campo de futebol aí o pessoal quando termina o jogo compra alguma coisa e tal, só que nessa época de chuva é bem complicado porque não dá pra usar o campo, aí ele fica um monte de tempo parado aí fica bem difícil nessas épocas quando é chuvoso, mas como painho fez esses campos na época de sol e tal, aí fica bem mais tranquilo às coisas.

P - Quanto aos hábitos de leitura na sua família, você teve algum espelho ou teve alguém da família, algum dos seus parentes que lhe incentivou?

H - Não, eu acho que não porque eu quase não tenho muito contato com eles porque a maioria mora fora, mora na Paraíba, no Rio, então eu não estou tendo muito contato com eles com muita frequência e na parte daqui só

tem meus avós mesmo que eles tipo, eles não gostam muito de ler, eles tem muita dificuldade ainda e meu tio também não, só minhas primas mesmo que elas gostam de ler, às vezes elas até me emprestam alguns livros e só, tipo, eu comecei a gostar hoje tipo minha prima ela vê isso em mim ela tenta copiar também, ela começa a ler alguns livros ela vai lá em casa pega algum que eu tenha, às vezes eu tenho alguns livros lá que eu já não uso mais tipo, da escola, aí eu dou pra ela porque ela tá no 1º ano agora aí eu tenho vários livros lá que eu tinha, aí eu trago pra ela porque eu já estudei já aquilo lá.

P - Então esse hábito de leitura você atribui a que?

H - Eu não sei acho que foi uma coisa mais de mim mesmo, eu comecei a gostar e continuei, não sei se eu peguei de alguém assim.

P - Seus pais são muito apegados ou eles são tranquilos, pra você sair?

H - Eles já foram mais, tipo, agora como eu fiz 18 anos eles estão liberando um pouco mais, mas, minha mãe ela é mais apegada a mim, tipo, em relação a deixar eu sair assim pra algum lugar assim, ela sempre fica meio receosa, ela não libera muito mas, meu pai ele libera mais, tipo, tanto é que eu não sabia pegar ônibus até esse ano, eu não sabia, e eu moro bem perto aqui do IF, é perto desse posto de gasolina que tem aqui perto aí é muito perto e tipo, eu não sei pegar ônibus, não sabia pegar, pra qualquer lugar eu sempre tinha que vir com a minha mãe tipo, quando meu pai viajava minha mãe não sabe dirigir aí quando meu pai viajava ela tinha que vir comigo de ônibus me trazer até o IF, ela vinha comigo. Todos os dias quando ele viajava, tipo, é muito perto, da nem uns 3 minutos daqui era só chegar aqui e atravessar só que toda vida ela vinha me deixar porque eu não sabia e ela tinha medo também de deixa eu no ônibus e ir porque ela tinha de eu me perder ou pegar ônibus errado ou fazer alguma coisa, então ela sempre vinha. E na volta também ela vinha, pegava o ônibus e pegava de novo pra voltar pra casa, só que esse ano como eu tenho o projeto e tal, conheci mais pessoas lá da minha sala aí a gente tá sempre precisando comprar alguma coisa lá em Natal, então tá, a gente vai, vocês me ensinam aí eu vou com vocês eu vou seguindo, aí pegamos ônibus eu subi, disse mãe eu tô indo no shopping comprar umas coisas com o pessoal da sala, aí ela ficou, vai com quem? Vai pra onde? você vai voltar de que horas? Que ônibus você vai pegar? Eu disse mãe eu estou indo com o pessoal eles sabem, eles andam de ônibus 'constantemente, aí ela, tá bom. Aí de instante em instante ela ligava, tá onde? Já chegou? Aí eu disse, não mãe não cheguei ainda não, quando chegar lá eu ligo, ela tá certo. Aí eu comecei a pegar ônibus esse ano e agora eu já estou sabendo mais às linhas onde cada ônibus para, eu sei que já consigo andar tranquilamente porque ela é muito apegada a mim mas meu pai ele sempre liberou mais ele sempre até incentivava, você tem que começar a ir de ônibus pra escola, a escola bem pertinho aqui e eu tenho que acordar cedo todo dia pra lhe deixar, você tem que ir de ônibus, aí eu tá, é que mainha não deixa, teoricamente ela não deixa, agora ela liberou até bastante.

P - E pra você ir para o cinema, para o teatro, essas coisas, como é que você costuma ir?

H - Eu sempre ia com meu pai, sempre, às vezes até ele não gostava de assistir o filme a maioria ele nunca gosta muito de cinema mas ele sempre vai porque eu tô lá então ele te que me deixar, aí vamos lá e ele ficava assistindo comigo, ele até aprendeu a gostar de assistir alguns filmes que eu assisto aí ele começou a ir comigo mas, agora nas férias eu fui com o pessoal da sala eu fui, ele me deixou no centro aí do centro, pronto ele foi pra casa eu fui pra parada o pessoal estava lá aí a gente foi pro cinema e assistiu aí quando foi pra voltar eu peguei o ônibus lá e voltei pro centro quando eu cheguei eu liguei e pai, pode vir me pegar aqui no centro, aí ele pegou.

P - Então não é comum eles dois irem ao cinema ou então ao teatro?

H - Não, é eu sempre vou mais com meu pai, pra sair em algum canto assim é sempre mais com o meu pai.

P - Por que sua mãe não vai?

H - Eu não sei, tipo, ela diz que não gosta muito de sair e tipo, às vezes eles brigam muito e é como se eles já estivessem separados mas moram na mesma casa, tipo eles não se falam muito aí é meio complicado, é basicamente isso, eles não se falam muito mas, ela é por isso que ela não vai muito, mas ela diz que não gosta de sair e tal, mas eu chamo, tipo, eu nunca fui pro cinema com a minha mãe aí eu mãe, vamos pro cinema comigo, desde o começo do ano, desde o ano passado eu tô insistindo muito pra ela ir assistir, eu acho que ela nunca foi pro cinema assim como a gente conhece hoje em dia esse tipo de cinema que é no shopping e tal, porque na época dela ela ia pra outro tipo de cinema que era mais a céu aberto, negócio assim, aí eu mãe vamos pro cinema comigo, vamos pro cinema comigo, aí ela disse, "tá certo, vamos eu vou, marque um dia, aí tá certo", aí toda vez que eu pergunto mãe a senhora vai pro cinema? Aí ela, "eu não gosto de shopping não, tem muita gente eu, muita zoada", mãe vamos a senhora nunca foi pro cinema comigo ela disse "tá bom, eu vou", aí até ontem de noite eu estava perguntando isso pra ela, mãe quando é que a gente vai pro cinema? "Não sei, quando tiver um filme você me diz aí a gente vai", aí eu, tá certo, aí hoje eu até perguntei o pessoal lá da sala qual ônibus

eu pegava pra ir pro cinema que tem lá no, em ponta negra que é bem barato o cinema lá, aí eu perguntei a eles qual era o ônibus, hoje eu vou falar pra ela, mãe vamos pegar esse ônibus aqui e só to esperando lançar algum filme legal pra a gente ir assistir.

P - Por que ela não dirige?

H - É porque, acho que ela nunca aprendeu, meu pai antes, bem antigamente ele tentou ensinar a ela, só que quando ela estava aprendendo eu não sei, ela pisou no acelerador errado e o carro meio que desgovernou um pouquinho aí ela ficou com medo de dirigir, virou tipo uma fobia aí ela não quis mais.

P - E você quando é que vai aprender?

H - Eu até aprendi, meu pai estava me ensinando só que ele parou, mas esse ano, acho que esse ano não vai dar mas, acho que ano que vem eu vou entrar na auto escola, mas ele já me ensinou, como lá em casa, ainda não é calçada, a rua, aí ele deixa eu levar do final da rua, até lá em casa, porque é no final da rua a minha casa, aí eu levo de vez em quando, aí ele me ensina assim umas coisas, eu consigo dirigir um pouquinho.

P - No bairro onde você mora já houve casos de adolescentes envolvidos com criminalidade, álcool ou drogas?

H - Não, no meu bairro não, assim, que eu conheça não, porque tipo, eu não saio muito de casa, eu fico mais em casa tipo, eu não convivo muito assim na rua falando mais com o pessoal então eu não sei dizer se teve ou se tem porque eu não convivo muito.

P - E como é o seu relacionamento com os vizinhos?

H - Não, porque tipo, no meu bairro é tipo como se fosse aqueles bairros meio de interior, sabe? Tipo, as casas um pouco afastadas uma das outras aí a casa mais perto tipo, tem uma rua depois aí tem a casa, que é a casa da minha madrinha aí tem a casa dela, em frente a minha casa tem uma escola, um colégio municipal e tem o restante do bairro, aí tipo, é só tem uma rua principal e tem umas duas ruas assim depois, aí é um bairro pequeno assim então tipo, a maioria do pessoal conhece todo mundo mas tipo, já começou a crescer um pouquinho mais mas, eu tipo não tenho muito conhecimento, mesmo pequena mesma eu não brincava muito, costumava sair na rua tipo, brincar com as outras crianças, até porque não tinha muitas da minha faixa etária aí eu ficava mais em casa mesmo sozinha, brincava mais no quintal e tal, eu não tinha muita convivência com as outras pessoas da rua.

P - Você tem assim convivência com seus primos?

H - Eu tenho mais com a minha prima que mora na casa da minha avó, tipo, que mora do lado da casa da minha avó, no caso e ela tem 16 anos, tipo, ela é mais nova do que eu então ela tem mais ou menos a minha faixa etária então ela foi sempre mais próxima assim de mim tipo e quando eu ia pra casa da minha avó que é mais no centro aí perto da casa da minha avó tem uma praça, uma pracinha aí tipo, vinha bem mais crianças então quando eu ia passar o final de semana lá na casa da minha avó eu brincava na pracinha eu ia com a minha prima, a gente brincava de bicicleta eu brincava de esconde-esconde lá na praça e era bem mais assim, dinâmico, em relação as outras crianças porque tinha mais gente lá da nossa faixa etária e tinha espaço lá propício pra a gente brincar e era mais isso.

P - Você conhece algum adolescente que tem esse envolvimento com o álcool ou outras drogas?

H - Não chega a ser uma questão de dependência alcoólica mas tipo, que já bebem álcool eu conheço, tem alguns colegas meus aqui da escola que, da minha sala que eles bebem e tal o álcool mas, não é frequente assim, só de vez em quando então tipo, não é uma dependência mas, eles já bebem.

P - Você conhece no seu bairro adolescentes que tiveram sucesso escolar?

H - -, sim, eu conheço tipo, porque são mais amigos do meu pai eles estão sempre conversando aí meu pai sempre tá me contando essas informações, que são filhos de um pessoa que tem mais no final da rua assim, que tem 3 filhos aí os filhos dele, são duas meninas e um menino aí eles já estão na faculdade tipo, a filha dele ela terminou direito tá cursando, ta fazendo outro curso que eu não sei bem qual é e a outra ela se formou em letras aí foi mestrado, doutorado e ela passou recentemente pro concurso do IF aí ela ta dando aula acho que em Nova Cruz, aí eu tenho esse contato assim e como ela é professora de português teve uma época do IF que meu pai antes de eu entrar aqui é, ele pediu pra ela dar umas aulas pra mim de redação pra reforçar, então eu tenho esse contato assim mais ou menos com ela e é, e tem outra pessoa também perto lá no finalzinho da rua que, tem um rapaz que ele é formado também em contabilidade e acho que só.

P - Como você classificaria, ou como você considera seu bairro no que diz respeito a classes sociais?

H - Hoje em dia está na classe média tipo, quando no começo quando eu era menor já era mais ou menos assim, tipo, não era tanto, não tinha tanta gente assim, tinha poucas casas tal mas, com o passar do tempo foi crescendo

muito e tipo, principalmente com a escola lá que construíram em frente de casa aí tá bem mais movimentado, tá crescendo bastante até.

P - Então são casas que tem um determinado padrão, porém, todas em um padrão classe média?

H - Isso, tipo, tem algumas que são mais ou menos porque, é tipo, como o bairro é pequeno e tem tipo a rua principal aí na rua principal tem as casas que são assim tipo, nesse padrão, aí descendo umas duas ruas assim mais ou menos aí tem as casas que são tipo, mais é, tipo, é classe, tipo, mais classe baixas, tipo, umas duas ruas depois assim, tipo, mais na rua principal e tal que as casas são mais classe média.

P - Mas lá não tem favela?

H - Não, não chega a ter favela.

P - Você considera que às pessoas mais pobres recebem tratamento diferente pelo fato de serem pobres?

H - Eu acho que na sociedade que a gente tá atualmente sim, eu acho que isso é bem frequente e bem assim, marcante, até teve um caso que meu pai tipo, ele foi com bermuda assim, sandália e tal com camisa e entrou numa loja tipo, o cara começou a seguir ele aí tipo, ele ficou mau assim, só porque ele estava vestido assim com uma sandália e o calção o cara começou a seguir aí eu fiquei tipo, meu Deus.

P - Mas no seu cotidiano você percebe isso? Como você sente isso?

H - Eu acho que isso é tipo, uma coisa muito, muito antiga assim, muito arcaica, tipo uma coisa tão errada tipo, a pessoa discriminar a pessoa porque ela tem um nível financeiro abaixo dela é muito errado tipo, porque a pessoa não sabe tipo, aquela pessoa sente ela é um ser humano além de tudo, ela tem os mesmos sentimentos da gente, ela passa pelas mesmas coisas tipo, ela ser discriminada só porque tem a condição monetária inferior é tipo, muito, é muito primitivo isso.

P - Mas na escola você convive com pessoas de várias faixas etárias e de várias classes sociais. No que diz respeito ao poder aquisitivo, aqui existe pessoas de um poder aquisitivo muito variado. Você sente muito isso aqui?

H - Aqui eu acho que --, creio que um pouco menos porque, tipo, como é mais diverso, tem várias pessoas assim, que vieram de um mesmo contexto de uma mesma realidade tipo, meio que já se misturou tanto tipo, a gente já meio que tá é tipo, misturado mesmo, todo mundo consegue meio que equilibrar às coisas, acho que não é tão forte aqui na escola.

P - Mas no seu bairro você percebe isso?

H - No meu bairro, assim, eu creio que não porque tipo, como é pequeno o bairro todo mundo fala com todo mundo assim, todo mundo se conhece mais, principalmente o pessoal mais velho tipo, eles já se falam muito então não tem muito isso.

P - Pensando na questão social, na questão de classes, quando falamos em saúde, escola, cultura, você pressupõe que todas às classes têm o mesmo acesso?

H - É, tipo, eu acho que tem muita coisa que tipo, falta pra essas pessoas ter acesso, principalmente no quesito cultura porque tem muito poucos espaços que são propícios pra isso tipo, teatros, não tem muito teatro público assim que tipo, a maioria das pessoas possam ter um acesso não tem tipo, muitos bairros que não tem quadra de esportes pras crianças praticarem alguma coisa e até mesmo bibliotecas públicas não tem tanto pras pessoas terem acesso, com a leitura, com livros e tipo, isso é bem precário mesmo no Brasil como um todo.

P - Então mesmo você tendo essa percepção de que às pessoas não deveriam ser tratadas diferentemente, você percebe que existe?

H --, sim.

P - Fale sobre às suas principais dificuldades socioeconômicas com relação a moradia, renda familiar, você já teve algum desses problemas?

H - Acho que nunca a gente passou tipo, por um período de dificuldade, dificuldade em si tipo, sempre deu para as coisas caminharem muito bem, sempre foi muito tranquilo, só de vez em quando que tipo, como painho tem um campo de futebol como eu tinha falado antes aí tipo, o dinheiro do campo já ajuda muito só que nessa época que está tendo chuva e tipo, não está tendo jogo aí fica com essa meio que dificuldade porque tipo, como ele fez o campo aí teve que fazer alguns empréstimos e tal pra tipo, terminar os campos aí ele ficou contanto com tipo, esse dinheiro do campo só que aí quando não está rodando não tem aí fica meio que nessa dificuldade mas tipo, dificuldade em si em casa assim, nunca teve.

P - Você utiliza internet? Conversa com amigos? Isso é frequente?

H --, é sim, sim, todos os dias assim tipo, tem wi-fi lá em casa e eu to sempre conversando com o pessoal, principalmente aqui da escola mesmo.

P - Você tem contato com pessoas que estão mais distantes?

H - Não, acho que só meus irmãos mesmo, meu irmão no caso, que está no Rio e só, tipo, mais pra saber do meu sobrinho e tal ou quando teve alguma coisa ele sempre manda foto do meu sobrinho aí eu to sempre falando com ele e com o pessoal aqui da escola e minha prima mesmo.

P - Você conhece outras cidades?

H - -, eu já fui pra São Paulo, pra o Rio de Janeiro, porque meu irmão mora no Rio e eu to sempre indo lá e em Recife porque eu fui fazer uma prova uma vez aí a gente teve que ir pra lá, aí foi só uns dois dias assim mas deu pra conhecer pelo menos o centro da cidade mas bem rapidamente, só essas três.

P - E aqui no Rio Grande do Norte, você conhece o que?

H - Aqui, tipo, sim eu também conheço a Paraíba eu já fui porque a família do meu pai é da Paraíba aí a gente já foi.

P - Conhece João Pessoa?

H - Sim, a gente foi uma vez a gente foi até na, naquele farol que tem na ponta do seixas a gente foi, mas faz bastante tempo já isso, mas aqui no Rio Grande do Norte, ultimamente a gente não sai muito por aqui a gente vai só sempre vai mais pra Paraíba que é mais próximo assim, por causa de família mas pelo IF a gente já foi pra uma apresentação de artes, uma peça a gente já foi pra São Paulo do Potengi que foi lá no campus lá de São Paulo do Potengi e esse ano a gente foi pra Macau, campus de Macau e também tive outra viagem esse ano que foi pra aula de campo no caso que foi pra Pedra Grande que foi pra ver o parque eólico, foi perto de João Câmara assim, aí foi assim mais nesses lugares assim, a gente não costuma muito viajar pro interior, não daqui do Estado.

P - Você costuma ir pro teatro?

H - Eu nunca fui, tipo, só aqui mesmo no auditório da escola quando tem alguma peça, mas teatro em si eu nunca fui.

P - Por quê?

H - Eu não sei, eu não sei.

P - Mas já foi várias vezes pro cinema?

H - É, pro cinema eu sempre vou, eu não sei por que [nunca foi ao teatro], vontade até tenho, mas, não sei assim por que eu nunca fui. Contato com artes mesmo foi auditório foi só aqui na escola mesmo e nos outros campus que a gente foi pra assistir algumas peças e só.

P - Mas tem vontade de ir?

H - Sim, eu tenho muita vontade, principalmente depois de a gente ter passado por, pelo processo de apresentar as peças eu queria muito ver, tipo, ficar lá na plateia e ver tipo, atores profissionais mesmo fazendo uma peça, eu tenho muita vontade.

P - Você já pensou em viajar para outro país? Qual lugar você gostaria de conhecer?

H - Acho que em outro país seria Liverpool que é uma cidade da Inglaterra, porque é a cidade onde os Beatles nasceram então tem tipo, toda aquela cultura dos Beatles lá e eu gosto muito dessa cidade porque eu gosto muito dos Beatles, até o time da cidade que é o Liverpool FC eu gosto muito, comecei a torcer pro Liverpool e até hoje eu estou torcendo pro Liverpool, desde o ano passado mesmo que eu descobri que tem um time lá chamado Liverpool eu comecei a torcer e eu sempre, eu acho muito legal assim essa cultura inglesa em alguns aspectos e a cidades mesmo porque tipo, a Europa como um todo, porque tipo, é um estilo bem medieval que remete muito às fantasias tipo, dos livros que eu gosto de ler, tem castelo, essas coisas, tenho muita vontade de conhecer e a Escócia também porque tem castelos e essa cultura mais medieval tem bastante lá então eu queria muito conhecer.

P - Com relação a personagens, das heroínas qual que você mais gostou?

H - Das heroínas? Tem da Marvel, porque tipo, eu não costumo muito assistir a DC Comics que é a tipo, empresa que faz a Liga da Justiça, eu costumava assistir dos Vingadores que é do lado da Marvel então é, eu gosto muito da Feiticeira Escarlata que é ela mexe com esse negócio de magia e tal e eu acho muito legal e eu quando era pequena eu gostava muito da Mulher Maravilha muito porque eu não conhecia muito bem os super-heróis então ela era tipo, a referência feminina no mundo dos super-heróis era a Mulher Maravilha, não tinha muito conhecimento das outras personagens aí quando eu fui tipo, crescendo mais e vendo que tinha mais personagens assim, muitos universos cinematográficos e eu fui conhecendo eu comecei a gostar e eu gosto muito da Feiticeira Escarlata e da Capitã Marvel que lançou um filme recentemente dela esse ano aí eu assisti e eu achei muito, muito legal.

P - Eu gostaria que você falasse sobre às suas preocupações, suas alegrias, suas tristezas, suas dificuldades, suas esperanças, me fale de você.

H - Assim, esperanças eu espero, terminar o IF e conseguir ingressar numa faculdade, principalmente de tipo, ou engenharia elétrica ou física e eu vi que tipo, com a nota do ENEM dá pra conseguir ingressar na faculdade de Portugal tipo, eu to tentando ver muito isso e eu espero que dê muito certo, tipo, nesse quesito porque quando eu fizer o ENEM e tal mas tipo, também tenho insegurança em relação a isso, é, de fazer o ENEM tipo, não sei como vai ser tipo, se eu vou ficar muito nervosa quando for pra valer mesmo porque tipo, eu sempre vim treinando nos ENEM passados e tipo, eu não sei porque a pessoa ficar treinando é uma coisa mas tipo, na hora tipo, seu futuro tá ali em jogo e eu não sei muito se eu vou mais nervosa então tem esse peso assim pra mim.

P - Você já fez outros ENEM mesmo? Já pra entrar na Universidade?

H - Sim, não pra entrar, mas tipo, pra treinar mesmo, eu fiz 3 vezes, aí esse ano vai ser --.

P - Como você se saiu?

H - Eu fui bem tipo, principalmente a nota da redação eu fiquei bem surpresa porque eu tirei uns 720, eu achei caramba, foi bom e eu sempre me saio melhor na parte de ciências da natureza e linguagens que é o que eu saio melhor, matemática eu sou mais ou menos.

P - Os seus pais não se incomodam de pagar esses ENEM? Porque são pagos, certo?

H - Não, meu pai nunca se incomodou muito não, e tipo, esse ano foi até eu mesma que paguei porque tipo, como eu estou recebendo a bolsa da escola aí eu mesma paguei o ENEM e é, e tem também outro concurso que eu queria fazer que eu acho que eu até tinha falado que eu queria fazer o ITA aí esse ano também eu tenho até que fazer a inscrição e mas tipo, já meio que perdi essa vontade porque eu teve uma época que eu tava muito, muito afim de fazer o ITA, de passar e tal, fazer ele mas não pra seguir na carreira aeronáutica mas por causa do curso aí eu tava muito, muito assim, no hype de fazer o ITA aí depois com o passar do tempo aqui na escola eu fui desenvolvendo mais, e tipo, me espelhei em alguns professores e fiquei vendo tipo, caramba como é massa assim, deve ser muito legal ser professor aqui do IF e esse sentimento foi começando a ficar no lugar de fazer o ITA aí eu não, quero ser professora do IF, cada evento que tem aqui, cada alguma coisa assim que junta todos os professores eles ficam lá reunidos fazendo alguma coisa eu acho muito legal tipo, caramba eu quero fazer parte disso, eu quero fazer parte da família do IF aí eu já fui meio que esquecendo e hoje em dia assim eu não to nem com tanta vontade de fazer o ITA mas, acho que vou fazer só porque tipo, por painho ficar falando que eu não faço nenhum concurso e tal eu vou fazer só pra ele parar de falar alguma dessas coisas mas, eu to mais com esse foco agora tipo, de fazer a faculdade e mestrado, doutorado pra tentar conseguir fazer o concurso pro IF pra ser professora.

P - E suas dificuldades, quais são?

H - É, dificuldades eu acho que tá na área acadêmica é, em algumas matérias da ciências humanas, eu tenho um pouco de dificuldade tipo, filosofia, sociologia essas coisas tipo, eu tenho muita dificuldade de entender eu até entendo alguns tópicos mas tem outros que ficam muito confusos aí quando vai ter prova eu vejo as questões eu fico meu Deus, o que é isso? Eu fico lá pensando, eu fico, caramba, eu sou, eu acho que eu sou burra eu não entendo isso aqui, tem umas coisas de matemática que são tão difíceis e às vezes eu consigo entender e isso aqui eu não consigo e é tão simples, tipo, quando eu vejo o pessoal mais na sala falando muito sobre aquilo eu fico, caramba todo mundo entende isso aí por que que eu não consigo entender? Aí eu fico meio tipo, frustrada comigo mas, eu sei que tipo, é só uma dificuldade varia de pessoa pra pessoa como tem gente que não entende tipo, não se dá tão bem assim com matemática ou com física mas são muito boas tipo, em filosofia, português, línguas e eu fico nesse dilema tipo, eu não entendo muito bem essas coisas mas eu sei que eu sou boa em outras mas, tem horas que tipo, quando eu vou fazer alguma prova que exige física, matemática ou química e eu não consigo fazer uma questão eu fico, como assim eu não estou conseguindo fazer essa questão? Eu sei fazer isso, aí eu tenho que ficar lá, um monte de tempo, pensando, pensando aí tem, quando eu não consigo mesmo eu chuto eu fico com muita raiva ou então quando eu faço uma questão que era muito fácil e eu erro eu fico, caramba eu sabia disso eu fico olhando meu cadernos do ano passado do 1º ano eu caramba, eu era muito boa nisso como é que eu não lembro mais disso? Aí eu fico meio assim, mas eu sei que tipo, tudo é um processo é mais isso.

P - Você só falou de dificuldades acadêmicas e dificuldades extra acadêmicas?

H - Dificuldades assim, eu acho que não tenho tantas porque como eu passo a maior parte do tempo aqui então eu me apeguei mais às dificuldades que eu tenho na escola fora às que tipo essas outras atividades extra curriculares a UBR que tem que fazer o carrinho e tal pra competir aí tem que às vezes não dá às vezes dá problema aí a gente fica tentando resolver, tem às peças também que eu to participando que um pessoal tá, que a gente vai reapresentar no caso que a gente vai até apresentar em Macau, que é Hamlet aí às vezes não dá pra eu ir pros ensaios aí porque eu tenho algum, ou tem aula tarde ou tem uma coisa dá, dá UBR aí tipo, não dá pra eu ir pros

ensaios, não vou poder ir hoje gente desculpa, eu fico mal porque não vou poder tá lá nos ensaios aí mas não dá pra eu conciliar mas, eu to tentando esse semestre e tem também o projeto da gente o CVT que a gente participa dele 2 dias por semana a gente tem que ir pra lá então eu fico meio limitada nesses 2 dias e tipo, isso às vezes meio que acumula algumas coisas por causa desses 2 dias que tipo, eu fico à tarde lá aí eu deixo de fazer alguma coisa dá escola que poderia estar fazendo mas, mesmo assim eu sei que é importante que é o projeto que a gente tem e tem que tá lá e tal e às vezes tipo, principalmente semanas de provas fica muito sobrecarregado mas sempre dá certo sempre dá tudo certo.

P - Mas na sua casa é tudo tranquilo? Nunca tem dificuldades? Como é que você contribui na sua casa? Qual é a sua participação na rotina familiar?

H - Isso, eu sempre tô ajudando em algum serviço em casa minha mãe quando eu tenho tempo, geralmente ajudo mais no final de semana porque é quando eu tô sempre em casa e tipo, varro a casa, lavo louça e tal, ajudo nesse quesito das atividades domésticas e às vezes parte de dificuldades quando tem alguma briga alguma coisa ou falo alguma coisa e painho não concorda muito e fica brigando e tipo, essas coisas mais brigas mas depois passa tipo, não é uma briga que fica alí e fica tipo, com rancor guardado é tipo uma briga só momentânea e depois volta tudo ao normal, é mais isso.

P - Quais são às suas preocupações?

H - Preocupação? Eu acho que eu me preocupo muito justamente com o futuro porque eu como eu falei, acho que eu tinha falado eu tenho ansiedade então eu me preocupo muito com o que pode acontecer às vezes eu fico até com paranoia, se eu for pra certo lugar pode acontecer tal coisa, posso me machucar ou pode fazer alguma coisa, pode ter acontecido alguma coisa comigo com a minha mãe ou com meu pai tipo, eu fico muito receosa nesses quesitos porque tipo, como é, até na questão de violência mesmo quando meu pai sai pra algum lugar e tipo, ele demora muito pra chegar e, e ele não liga tipo, não dá nenhuma mensagem aí eu fico muito preocupada de ter acontecido alguma coisa com ele, justamente pela questão da violência aqui no Estado ser tão alta então eu fico muito preocupada, minha mãe também até quando ela vai no bairro mesmo, ela tem telefone mas não costuma sair com o telefone aí tipo, eu não sei onde ela tá e tipo, eu fico preocupada com isso eu fico esperando ela chegar logo em casa é mais essas questões mesmo que eu fico assim mais ansiosa.

P - Vamos falar das tristezas, das alegrias, o que te deixa triste? O que te dá alegria?

H - Acho que triste tipo, tristeza mesmo só tipo, quando eu fico lembrando de algumas coisas que já aconteceram tipo, a morte de algum parente ou tipo, de um cachorro, de uma cachorra no caso que eu tinha tipo, eu era muito apegada à ela e tipo, de vez em quando eu fico lembrando dela tipo, como era quando ela tava lá aí tipo, não tá mais e eu fico lembrando da morte dela e da minha tia avó também que ela faleceu faz umas duas semanas aí eu fico sempre lembrando tipo, eu não era tão próxima dela como eu sou da minha avó mas tipo, eu sempre tinha um contato eu estava sempre na casa dela, é junto com a minha avó também aí eu fico pensando nisso, como é que minha avó deve estar sofrendo porque era a única irmã dela e eu fico imaginando porque ela deve estar sofrendo muito, que elas eram muito próximas aí eu fico imaginando e tal, eu fico tentando me colocar no lugar aí eu fico meio triste por isso e quando eu fico mais é lembrando mesmo, isso é o que me dá mais tristeza ou de alguma coisa que aconteceu, sei lá, uma briga com um colega na escola ou uma coisa que eu falei assim que pode ter magoado alguém eu fico pensando, será que aquilo magoou alguém? Aí isso fica me deixando triste. Alegrias é tipo, coisa de todo dia a gente á meio que feliz assim, vai oscilando muito ao longo do dia tipo, quando o pessoal faz alguma brincadeira na sala a gente costuma rir bastante mas nesse tipo, nos últimos anos tem mais alegrias do que tristezas mas tristeza mesmo só quando tem alguma morte assim ou alguma coisa muito forte até de cientistas que eu gosto tipo, quando eles morrem eu fico, meu Deus, ou até personagens de livro que eu gosto, de filmes aí eu fico pensando assim mas alegria é tipo quase todos os dias tem alguma coisa pra estar sorrindo e tal pra estar agradecendo e tal tipo, na escola, em casa eu fico conversando com meus pais aí eu conto alguma piada e eles ficam rindo aí eu fico achando muito legal porque eles tão rindo, aí eu fico feliz tipo, por isso até mesmo na escola eu faço umas algumas coisas assim o pessoal acham engraçado e começam a rir eu fico, eu fico né? Tipo, eles estão rindo de mim mas tipo, eu fico feliz porque eles tão rindo na verdade eu faço até algumas coisas assim meio lerdas aí eles ficam rindo e tipo eu acho muito legal porque eles estão rindo ver aquelas pessoas sorrindo me traz felicidade do mesmo jeito aí eu acho que é isso, também como eu falei tipo, quando eu torço pro Liverpool eu sempre gosto de estar assistindo jogos aí tipo sou bem apegada ao time aí quando ganha tipo, fico feliz e tal.

P - Vocês seguem alguma religião?

H - Sim, meu pai, minha família toda é católica, todos eles, tipo, eu, eu não me considero muito católica eu acho que sou agnóstica tipo, tem algumas coisas que eu acho que que podem ser daquele jeito mesmo mas tipo, eu não tenho essa certeza então eu fico meio na dualidade nessa, meio que na dúvida mesmo aí eu me considero meio agnóstica mas tipo, toda a minha família é bem religiosa mas muito católica principalmente meus avós, eles são bastante e minha mãe e meu pai eles são católicos mas eles não vão tanto pra igreja só de vez em quando tipo, quando tem algum feriado religioso que eles vão indo pra igreja, mas é mais isso.

P - Como você ocupa seus finais de semana?

H - ultimamente, nesse mês mais ou menos foi bem corrido porque esse mês de agosto foi tipo, todas as olimpíadas aconteceram nesse mês aí to sempre, sexta tinha alguma coisa, no sábado tinha a olimpíada aí eu estava sempre indo fazer, acho que foi uns três sábados seguidos nesse mês que teve alguma coisa assim e esse próximo sábado vai ter a olimpíada de robótica então esse mês foi muito cheio mas quando não tem nada eu fico em casa ou minha prima vai lá pra casa eu chamo ela pra ir lá pra casa aí a gente fica conversando a gente assiste filme, aproveito muito pra assistir filme, tipo, no sábado eu assisto 1 e no domingo eu assisto outro e como tá tendo jogo de futebol do Liverpool é sempre no final de semana aí eu fico assistindo jogos e aí também tem, a gente aproveita de vez em quando, quando tem algum filme legal no cinema a gente vai assistir, eu meu pai e minha prima ou de vez em quando de noite do domingo a gente sai pra lanchar em alguma lanchonete e é isso.

P - Você me falou das dificuldades com as ciências humanas, trazendo para aulas de sociologia, como que você sentiu essas aulas? O que fez você ter dificuldade de compreender, que você lembra?

H - Eu assim, no começo tipo, no primeiro ano eu até entendia bem o começo do assunto e tal mas quando começou a entrar na parte de alguns sociólogos e filósofos até tipo, ali no pensamento deles era muito complicado pra minha cabeça entender, principalmente no primeiro ano, você entender como aquela pessoa ela tá pensando e colocar aquelas coisas, fazer aquela análise da sociedade você saber que aquela pessoa pensou aquilo, analisou daquele jeito e outra pessoa que já analisou de outro jeito a mesma sociedade, tipo, aquilo era muito confuso pra mim, até hoje ainda é, alguns tópicos eu não consigo entender direito tipo, nessa questão mesmo dos sociólogos e dessa visão que eles tem à respeito de cada coisa, tipo, é meio confuso tipo, várias pessoas analisando a mesma sociedade com visões tão diferentes eu acho que isso é bem complicado pra eu entender.

P - Mas, como você percebeu o que você viu em sociologia?

H - Eu até entendo mais sociologia do que filosofia, acho filosofia mais dificuldade ainda porque sociologia é bem mais tranquilo, dá pra eu entender vários conceitos, vários tópicos porque tipo, como é muito mais próximo da sociedade que a gente tá vivendo então dá pra estabelecer relações com o presente então torna alguns pontos mais fáceis só que filosofia tem várias coisas assim que é muito mais confuso, pra mim, tem várias correntes de pensamento e tal que é bem mais complicado.

P - Este é o nosso último encontro e aproveitaremos para tirar algumas dúvidas. Quem lhe ajudava a fazer as tarefas escolares?

H - Os dois, mas na parte de matemática essas coisas era o meu pai, mas na parte mais de história, geografia era minha mãe. O professor passava a revisão e aí tinha várias perguntas e tinha as repostas, aí eu dizia "mãe a senhora pergunta para mim e eu vou respondendo", aí ela ficava lendo, fazendo as perguntas e eu ia respondendo, aí eu conferia se estava certo, na parte de matemática, quando precisava fazer cálculo, fração essas coisa era o meu pai, os dois me ajudavam.

P - Considera-se um bom aluno? Que resultados tem obtido?

H - Eu acho que sim, eu me considero, no quesito das notas me classificam como boa aluna, tipo, eu tiro notas acima da média, então acho que isso é bom, eu me considero. Todos os resultados são bons. Esse ano só teve um que foi baixo, foi biologia, tirei nota baixa e só, mas o resto é acima da média da escola, acima de seis, acima de sete.

P - De quantas olimpíadas você já participou?

H - No primeiro ano eu participei da de química, da de física e da de geografia aí eu ganhei medalha nas três, no segundo ano participei também da física da química, da de física eu fui só até a segunda fase e a de química eu ganhei medalha também. A de física foi a nível nacional eu ganhei bronze, as de química eu ganhei prata estadual. Aí tipo, quando a pessoa ganha, a pessoa vai para outra fase, na de química, a pessoa vai tipo para norte nordeste e para olimpíada nacional que é do Brasil todo, eu participei das duas só que não consegui medalha, mas eu fiz as provas. Ano passado eu fiz a de química, a de física e de astronomia também, mas só consegui medalha na de química, de prata também. Esse ano eu participei de muitas foi o ano que mais participei de olimpíadas, sim as de matemática eu sempre participava, mas eu não sou muito boa nas de matemática não, esse foi matemática,

física, física tipo todas as escolas, física das escolas públicas, a de química que ainda vou participar mas fiz norte nordeste e a brasileira, e a de astronomia que ganhei bronze, esse ano eu consegui e a de robótica, não medalhei mas os meus amigos que fizeram junto comigo eles ganharam, a minha amiga ganhou medalha de prata e o meu amigo de bronze, o professor disse que só mais um pouquinho eu teria conseguido, o ano que vem vou tentar de novo.

P - Como você se senti participando dessas olimpíadas?

H - Eu gosto muito porque, tipo, é muito variado o nível das questões e até ajudam a gente estudar pro ENEM, pra essas coisa, tem vários tipos de questões envolvendo vários assuntos, tipo às vezes, assuntos que até que a gente já estudou faz tempo e serve até pra gente lembrar aquele assunto e ver aqueles que a gente tem dificuldade para reforçar, então eu gosto muito acho muito legal.

P - Nas aulas, os professores costumam recomendar a frequência da biblioteca?

H - Mais ou menos, tipo só nas primeiras aulas, que é aquela aula mais introdutória, eles mostram slides e mostram as referências bibliográficas, tipo, matérias técnicas, tipo comandos elétricos, usinagens, desenho técnico, aí eles sempre mostram as referências bibliográficas e dizem "esse livro tem na biblioteca, esse livro aqui também se vocês quiserem podem dá uma olhada" mostram as capas dos livros e os que tem na biblioteca, mas não de falar mesmo de ir para biblioteca e tal, acho que não só talvez português por que nesse semestre a gente está estudando romance e tem uma lista de livros que a professora disse esses tem na biblioteca podem ir lá pegar, por que faz parte do trabalho desse bimestre.

P - Você conhece casos de adolescentes envolvidos com drogas ilícitas?

H - Eu -, eu acho que um primo meu, mas eu não tenho certeza assim, mas acho que sim. Aqui na escola não.

P - Muito obrigada por ter colaborado com esse estudo.

ANEXOS

Anexo 1 – Carta de Anuência



Ministério da Educação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

REITORIA

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, NATAL / RN, CEP 59015-300

Carta de Anuência 28/2019 - RE/IFRN

01 de novembro de 2019

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Wyllys Abel Farkatt Tabosa, Matrícula Siape nº 1110378, Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, localizado no endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol – Natal/RN, CEP: 59015-300, venho através deste documento, conceder a anuência para a realização da pesquisa intitulada "**A performatividade acadêmica do usuário da biblioteca escolar: um estudo de caso num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro**", no âmbito deste Instituto Federal, submetida pela aluna MARISE LEMOS RIBEIRO, sob a orientação do Prof. Dra. Leonor Maria de Lima Torres, vinculada ao Programa de Mestrado em Ciências da Educação no Instituto de Educação da Universidade do Minho – UMINHO/Portugal, área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas. Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução 466/12 CNS/MS;
- 2) A garantia do participante em solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Liberdade do participante de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade ou prejuízos.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento das determinações éticas propostas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS e suas complementares. O descumprimento desses condicionamentos assegura-me o direito de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa.

Documento assinado eletronicamente por:

▪ **Wyllys Abel Farkatt Tabosa, REITOR - CDI - RE**, em 01/11/2019 16:24:55.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/11/2019. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifrn.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:



Anexo 2 – Declaração de uso do nome da Instituição



Ministério da Educação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

REITORIA

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, NATAL / RN, CEP 59015-300

Fone: (84) 4005-0768, (84) 4005-0750

DECLARAÇÃO 27/2019 - RE/IFRN

Declaro, para os devidos fins, que estou de acordo com a utilização do nome do INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE, por mim representado legalmente, nos termos do Decreto Presidencial de 15 de abril de 2016 (Diário Oficial da União Ano LVII Nº-73), na pesquisa intitulada "**A performatividade acadêmica do usuário da biblioteca escolar: um estudo de caso num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro**", submetida pela aluna MARISE LEMOS RIBEIRO, sob a orientação da Profa. Dra. Leonor Maria de Lima Torres, vinculada ao Programa de Mestrado em Ciências da Educação no Instituto de Educação da Universidade do Minho – UMINHO/Portugal, área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas.

Wyllys Abel Farkatt Tabosa Reitor

Reitor

(assinado eletronicamente)

Documento assinado eletronicamente por:

▪ **Wyllys Abel Farkatt Tabosa, REITOR - CDI - RE**, em 01/11/2019 16:31:59.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/11/2019. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifrn.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

